

YOUNG

Vergonha dos pés

FERNANDO

ROCCO ITALIA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a Obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



VERGONHA DOS PÉS  
Fernanda Young

**ROCCO ITALIA**

Copyright © 1996, 2011 by Fernanda Young

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

[rocco@rocco.com.br](mailto:rocco@rocco.com.br)

[www.rocco.com.br](http://www.rocco.com.br)

Conversão para E-book

Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Y68v

Young, Fernanda, 1970-

Vergonha dos pés [recurso eletrônico] / Fernanda Young. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.  
recurso digital

Formato: e-Pub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-087-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

12-4423

CDD-869.93

CDU-821.134.3(81)-3

*Esse livro é seu, Alexandre.*

*“O Homem moderno aperta botões, girando  
camas. Surgem luzes, descem tevês, ligam-se  
músicas, trocam-se discos, apagam-se luzes.  
Quando os botões não servem mais para os  
dedos cansados, cria-se tédio.”*

*Tia Té*

# 1

“Quando o Homem pisa o chão, da maneira que o faz, já diz quem é. Há quem demonstre ser forte ao colocar-se em pé. Os pés desses são como tábuas bem firmes, grudadas no chão. Conduzem as batatas das pernas e, logo em seguida, elas inteiras e o resto do corpo. É comum, nas ilustrações dos livros mitológicos, vermos os heróis gregos com os seus pés protegidos por sandálias que lhes sobem em tiras até os joelhos. Pés grandes, sustentando corpos musculosos e alongados. Outras imagens exemplificam o poder dos pés bem colocados ao chão, ou não, pés em descanso. Até mesmo pés pousados para esculturas. Os pés dizem muito das pessoas. Porque eles aguentam os seus corpos. Todo o corpo fala sobre seu dono, mas os pés, os pés denunciam. Fraquezas e forças, caso elas existam. Há pés que contradizem o corpo que sustentam. Um homem forte pode conseguir disfarçar suas fragilidades, se calçar os sapatos certos. Se esse homem tiver pés pequenos, finos – principalmente quando são brancos, pois esta cor realça as veiazinhas azuis – e usar botinas grandes, com bicos metálicos, ele poderá conduzir com firmeza o seu caminho. Mas uma vez tiradas as armaduras, ele será desmascarado e prontamente veremos a sua real personalidade: um frágil e pequenino rapazinho. Quase um bebê. Essas características podem até agradar algumas mulheres, mas só por um curto tempo. Nenhuma fêmea quer um macho semelhante a ela. Homens com pés de bailarina virgem devem escondê-los, caso pretendam impressionar as mulheres. E mesmo elas, quando não possuem pés adequados para o seu porte, se patetizam, como se tivessem crescido e esquecido dos pés lá embaixo, pequenos e sofridos. Pés que esqueceram de crescer. Pés que foram abandonados na infância. Exemplo disso são as japonesas que, ao amarrarem seus pés quando crianças, até o final do crescimento, conseguem atrofiá-los de tal forma que comprometem o seu andar para sempre. Tornando-se ridículas. Parecem umas tontas, amarradas e empoadas. Olhamos para uma mulher japonesa

vestida tipicamente e não conseguimos imaginá-la fazendo nada que não seja caminhar com os seus pezinhos atrofiados e rir, colocando as mãos sobre a boca pintada de vermelho sangue. Na verdade, elas são como qualquer mulher: tomam-se por achaques menstruais e maquinam vinganças quando se sentem traídas.

Compreende-se que, quando pequenas, as pessoas possuam os pés pequeninos também. Mesmo assim, são imperdoáveis quando mínimos em demasia. Nada de pés miúdos. Exagerando, nada de membro nenhum miúdo. Os Homens devem ser grandes para se aproximarem melhor de Deus. Os Homens devem voar.

Não consigo deixar os pensamentos de lado. Queria voar.”

Ana está procurando dormir. Não consegue e se esforça para levantar da cama, mas sua cabeça não convence o corpo a tentar qualquer tipo de movimento. Ela apenas fica ali, entregue ao calor insuportável de quase quarenta graus. Ou já quarenta graus, não sabe ao certo. “Eles nunca informam corretamente a temperatura. Porque, quando passa dos limites humanos de tolerância, todos teriam que deixar as ruas e o que estão fazendo, para se recolher em casa. De preferência, num ambiente com ar-condicionado.” Ana está deitada em seu quarto, com as janelas abertas. De nada adianta as janelas estarem abertas, não venta e tudo está impregnado de calor. No quarto dela não tem ar-condicionado. Não tem ar-condicionado em lugar algum da casa. E isso é desestimulante para Ana. Quando pode, ela não sai da cama durante todo o dia. É o que tem feito, desde que entrou de licença na universidade. Fica ali, ora assistindo à tevê, ora tentando ler. Mas não consegue. Não tem sido capaz de se concentrar em livro algum. Já a tevê é mais fácil, pois não é necessária muita atenção. O controle remoto está sempre à mão para qualquer emergência, e sempre acontece. O dedo aperta com experiência os botões, já conhece cada canal e sua programação. Ana nunca chega a assistir a um filme até o final, sua cabeça se desconcentra e ela se levanta, vai até o banheiro, faz xixi, molha as mãos, o rosto, conserta a sobrancelha que cresce todo dia um fio indesejado e volta para a frente da tevê. Mas aí o filme já não diz mais nada. Ela tenta dormir, só alcança

a vigília e sempre sonha coisas estranhas nesse momento. Outro dia sonhou com uma mulher que tinha uma perna mais curta que a outra e os tornozelos tatuados. Essa mulher atraía os homens casados, nenhum fugia aos seus incomuns encantos e um deles dizia serem os seus seios, pequeninos e pontudos como flechas, aquilo que mais desejava. Ana acordou suada e foi ao banheiro. Aproveitou para olhar os seus seios. Eles são belos, apesar do tempo. Não que Ana seja velha, mas já podia ter os seios caídos, caso sua natureza não fosse generosa. Afinal, ela usa sutiã há bem pouco tempo. Antes, não estava nem aí para sutiãs ou outro cuidado qualquer. Era como se a juventude tivesse feito uma promessa de eternidade com ela. Olhando para Ana há alguns meses, era possível crer que ela jamais deixaria de ser aquela jovem esquisita. Uma mulher de idade indefinida, corpo grande, e sem grandes belezas, mas também sem nenhum defeito marcante. Com longos cabelos, um rosto pequeno e bem-feito, que não causaria nenhuma estranheza se não fossem os olhos. Esses, sim, estranhos e belos. Os olhos de Ana são o termômetro de seu rosto. Neles, ficam públicos seus sentimentos. Se olhassem profundamente para seus olhos, poderiam mesmo enxergar o que ela está pensando. Mas nem é preciso tanto. Para disfarçar a força dos olhos, o rosto de Ana já informa, a quem o contempla, aquilo que ela sente. Se não está gostando, é impossível esconder. Da mesma maneira, anuncia a sua alegria. Seu rosto continua explícito como antes, mas de alguma forma ela parece ter rompido com a juventude e avançado num caminho que a levará ao amadurecimento. Não à velhice, mas sim a um estágio onde algumas mulheres permanecem divinas, um pouco cansadas e um tanto ou quanto confusas. Quando estão entre vinte e trinta anos, depois de terem vivido e dito tantas verdades, já não sabem direito de mais nada. E ficam misteriosas para si mesmas, porque o enigmático não é mais charme e, sim, constância. De uns tempos para cá, Ana passou a se preocupar com os seus seios e comprou três sutiãs. Não tem entendido muito bem o que deseja do futuro. Depois de um ano e meio estudando Letras, não sabe o que fará com isso quando se formar. Ao mesmo tempo que questiona a

necessidade do curso, conclui que, a essa altura do campeonato, é seguir em frente. E tentará fazê-lo, mesmo que com pouca convicção. Na verdade, o que ela queria ultimamente era ser uma aristocrata ociosa. Mas ela não é. Precisa cumprir com louvor todos os semestres, pois tem uma bolsa integral que financia seus estudos e torna possível sua permanência na cidade. Ela não gosta desta cidade. É quente demais no verão, um quente sem brisa e com “chuvas esquizoides” que duram uma hora e inundam tudo. Ana se aborrece com essas chuvas, porque as deseja no calor insuportável do dia, mas sabe que as chuvas noturnas derrubarão casas e trarão mosquitos para o seu quarto.

Ana pediu licença da faculdade. Ainda é início de período, mas já não aguentava mais ir às aulas, precisava de quinze dias de descanso. Por isso fingiu sofrer de dores na coluna. Era a única doença que não daria para ser comprovada ou desmentida. Foi até a médica da universidade, gemeu um pouco, ao ser tocada, gemeu mais forte, e conseguiu um atestado alegando que sofre de lombalgia. Ganhou a licença, com o preço de inoportunas horas marcadas de fisioterapia. Acha que valeu a pena. E por isso não estava aborrecida quando teve que se levantar da cama para ir à primeira sessão. “É até bom ter motivo para me arrumar.”

Assim que saiu de casa, Ana se lembrou que havia previsão de chuvas antes do anoitecer e que esquecera de levar um guarda-chuva. É certo que odeia este objeto, sempre o esquece em algum lugar, mas como anda um pouco cansada, receia gripar-se. E ela não suporta as dores na garganta. Algumas doem-lhe apenas as cordas vocais, ou o céu da boca, bem antes de chegar à garganta propriamente dita. Essas são menos piores que aquelas que tomam todo o caminho entre o céu da boca e a laringe. Desde menina sofre de dores de garganta. Já ouviu falar que se trata de uma fragilidade de seu signo. Ana não acredita nisso, mas não custa nada levar na bolsa pastilhas para garganta.

Quando entrou no ônibus, foi logo sentar no único lugar vazio ao lado de uma janela. Gosta de andar de ônibus quando

consegue a janela. De lá, pode ver as pessoas que vão nos carros. Ana sente um certo prazer de imaginar a vida das pessoas dentro dos carros e também dentro dos apartamentos. Fica olhando tudo, enquanto aguarda um sinal abrir ou um engarrafamento andar. Dos prédios, os primeiros três andares são os seus prediletos. Imagina as pessoas que moram ali – pouco consegue realmente enxergar, mas os lustres e alguns quadros já dão a ideia de seus donos. Uma vez, indo para a universidade, ela viu uma velha na janela de um prédio antigo. A velha penteava os ralos cabelos brancos e parecia rir bestialmente. O ônibus foi embora e aquela imagem ficou em sua mente. Agora, enquanto ia para a fisioterapia, tornava a pensar na velha. Terá ela morrido? “Tomara que sim”, pensou, logo depois se arrependendo desta maldade. “Se bem que, para que viver, sendo velha daquele jeito?” O ônibus mais uma vez parou em um cruzamento. Ana olhou para o carro ao lado, nele estavam duas moças. Elas riam, jovens e satisfeitas por serem belas. “Ficarão velhas e nenhum homem mais vai olhar para elas. Nem para elas, nem para mim.” Ana não está errada. Os anos destroem o poder mais forte e fugaz das mulheres, a juventude. Depois de perdida, restam as fofocas, o tricô; para as mais cultas, a arte, e mais nada. “Acho que é por isso que a natureza deu a maternidade para as fêmeas, para nos compensar e matar o nosso tempo. Os machos não envelhecem tão brutalmente, talvez porque, de certa forma, eles não precisam da beleza para terem amor. Bem verdade que a natureza feminina é assim, mais suscetível, por causa das suas mudanças hormonais, tão bruscas. Talvez se o nosso corpo não tivesse que se responsabilizar pela procriação, as coisas não fossem tão cruéis. Nunca terei filhos.” Pensa nisso quase que diariamente, como que para se lembrar de jamais permitir que sua natureza imponha a formação de um novo ser. Odeia olhar para as grávidas. Acha-as esnobes em seu posicionamento de “deusas da vida”. Todas ficam com um ar patético de “sublimes”. Como se o fato de procriarem lhes desse sabedoria. Ana, que é uma mulher culta, odeia aquelas que passam a vida inteira acreditando que a coisa mais difícil do mundo é tirar cutícula sem

arrancar um bife e, depois que parem, sentem-se Kants. Verdadeiras filósofas do existir. Assim foi com sua mãe e até com Elisa, sua melhor amiga.

O ônibus chegou. Quase que ela se deixou levar pelos pensamentos. Isso sempre acontece quando anda de ônibus. – Para falar de Ana, é preciso repetir com frequência certas palavras: sempre, nunca, odeia, ama, não. É difícil narrar uma pessoa tão extrema. A literatura poderá tornar-se quase juvenil e fervorosa. Apesar do tédio em que vive, até ele, Ana defende. Pois ela defende aquilo que gosta ou não com o mesmo ardor. – Desceu do ônibus e, já atrasada, entrou no prédio médico da universidade. Teve que esperar meia hora para que chegasse sua vez. Depois, mais quarenta e cinco minutos, levantando pesinhos e recebendo choques no local “doente”. Só então Ana pôde se vestir e ir ao encontro de Jaime. Tinham marcado no refeitório. Antes, porém, ela se sentou por alguns minutos no banco diante da biblioteca. Sentia-se desanimada para encontrar Jaime. Há apenas dois meses estavam morando em casas separadas, depois de quase um ano juntos. Ana tinha achado melhor ir embora. A questão é que ela nunca foi exatamente feliz, não entende muito bem o que as pessoas querem dizer com isso. Acha um certo exagero esta procura insana pela felicidade. Para Ana, a felicidade é algo meio cafona. Felicidade é coisa para casais românticos das comédias americanas da década de 1950, tipo Doris Day e Rock Hudson. Felicidade é contar o dinheiro da família no fim do mês e ver se dá para uma viagemzinha até o campo. Ou soltar pipa com os dois filhinhos pequenos na praia. Isso, para Ana, é simplesmente um pesadelo. E se alguém pergunta para ela o que é felicidade, Ana responde que felicidade é um jantar com um casal amigo – e ela detesta isso também. Porque Ana sabe que felicidade não tem variantes. Não adianta a conversa mole de que cada um tem a sua versão do que é ser feliz. Ana sabe que a felicidade é, para todos, a mesma coisa, só que não está interessada nela. Não há estímulo algum em correr pelas areias molhadas de uma praia deserta, nem em olhar para o rostinho assustado de um filho que é a sua cara, nem beijar na chuva de madrugada. Não que ela não viva

alguns momentos ditos felizes, e até os aprecie. Mas não existe, para Ana, o “estou feliz”. Porque ela despreza ilusões.

Assim que conheceu Jaime, pensou tratar-se de um desiludido. Esta palavra, “desiludido”, pode soar um tanto rancorosa. Mas não é neste sentido que Ana a utiliza. Ser desiludido é não esperar muito, é eliminar a euforia e a ansiedade. Quando Ana encontrou Jaime, tinha cursado um semestre na universidade. Não havia feito novos amigos e nem pretendia fazê-los. Geralmente parece uma pessoa chata para aqueles que não a conhecem, e até para os que sim. Distante, sempre desligada dos grupos, pouco comunicativa com quem não tem intimidade. Mas capaz de conversar por horas a fio com os poucos amigos e de dançar noites inteiras numa boate.

Fazia seis meses que Ana morava na cidade. Chegou em junho, para prestar os exames, e em agosto começaram as aulas. Foi em dezembro que conheceu Jaime. Era o último dia do ano e, mesmo constrangida, ela aceitou ir a uma festa na casa em que morava uma colega de turma. Era um enorme casarão, um pouco maltratado pela juventude desleixada de seus habitantes. Duas moças e três rapazes, dentre eles, Jaime. Ana ainda não o conhecia, porque ele já estava finalizando seu curso.

A noite de ano-novo foi bela. Havia uma enorme lua cheia iluminando o jardim, onde umas cem pessoas brindavam e dançavam felizes – como é de costume estar, nesses dias comemorativos. Algumas meninas haviam tirado suas roupas e se banhavam num chuveirão. Ana adora chuveirões. Ela os prefere a qualquer mar ou piscina. O enorme jato, pesando sobre o corpo, dá a sensação de estar eliminando todos os “micro-organismos invasores”, cada sujeirinha mal vinda e todos os tormentos que a pele porventura possa estar sofrendo.

Ana ficou observando as meninas tomando banho, com uma vontade enorme de fazer o mesmo. Mas achou que seria muito ousado de sua parte agir desta forma, entre estranhos. Ao lembrar que estava entre estranhos, recobrou o ânimo exatamente por estar entre estranhos. “Faz calor. Logo ali, tem um chuveirão como há muito tempo eu não vejo. Não conheço ninguém aqui. Ou melhor, não conheço ninguém o suficiente para

me constranger. Não devo nada a nenhum deles e estou vestindo roupas de baixo novas. Eu vou!” Mas não foi de imediato. Aguardou que as meninas saíssem dali e, “agindo naturalmente”, se encaminhou até o chuveiro. Próximo a ele, havia algumas cadeiras, e ali deixou seu vestido e sapatos. Estava de calcinha e camiseta brancas. Sua pele, também branca, dava-lhe a impressão de estar nua. Antes de se molhar completamente, Ana umedeceu primeiro os pulsos e depois a nuca. Um dos poucos hábitos herdados de seu pai, que dizia ser esta a única maneira de evitar um choque térmico muito grande entre a temperatura ambiente e a água. Assim o fez, logo depois se entregando maravilhada àquele jato forte e restabelecedor. Seu corpo foi rapidamente encharcado pela água gélida. Sentiu-se da mesma forma que se sentira em todos os banhos tomados em chuveirões. Essas sensações únicas e iguais durante toda a vida, que dão a impressão de que nada mudou. “Farinha Láctea, por exemplo.” Ana ali ficou, deliciando-se com a possibilidade de ser eterna, de estar com qualquer idade que desejasse ter e viver assim para sempre. Sua alegria durou pouco, pois outras pessoas pareciam estar querendo usar o chuveiro. Mas foi imensa em sensações, deixando Ana limpa de tudo o que havia vivido no ano anterior. Assim que saiu da água, lembrou-se de um detalhe que, imbuída no espírito do desejo, não havia pensado: toalha. Como se enxugar, agora? Não havia a menor chance de ela incomodar sua colega, atrás de algo para se secar. Não é do feitio de Ana incomodar alguém. A única solução era se vestir e partir, mesmo não tendo chegado a meia-noite. Imediatamente colocou o seu vestido e seus sapatos. Irritou-se por estar calçando sapatos fechados. “Essa minha mania de sapatos. Preciso comprar um par de sandálias.” Ela volta e meia pensa em comprar sandálias – como se nunca tivesse tentado encontrar alguma que coubesse em seus pés e não fosse infantil. Ajeitou os cabelos e, antes de partir, achou melhor ir até a cozinha procurar um copo de água, para tomar uma pastilha de vitamina efervescente que tinha em sua bolsa. “Iniciar o ano resfriada por causa de uma atitude intempestiva seria o fim.”

Foi na cozinha que conheceu Jaime. Depois de ter lavado um copo e esperado pacientemente a pastilha se desmanchar, Ana se preparou para levar o líquido à boca. Mas fogos de artifício a assustaram, fazendo com que retornasse o copo à pia e olhasse o relógio. Era meia-noite. Pegou o copo novamente e brindou em voz alta: “Feliz ano-novo. Um brinde a tudo que não quero mais viver!” Jaime, que assistia à cena, levantou o copo de champanhe e se intrometeu: “Um brinde a tudo que não quero mais viver e a tudo que quero viver e ainda não vivi!” Logo em seguida, beijou Ana nos lábios.

Mal tiveram tempo para as apresentações e outras pessoas entraram na cozinha, tornando o lugar por demais pequeno e barulhento. Ana, vendo que Jaime era requisitado para uma dança no jardim, retirou-se sem se despedir. Achou melhor partir, antes que a roupa molhada trouxesse uma gripe.



Um dia, Ana leu em um livro que o acaso é como pássaros que pousam juntos nos ombros de São Francisco de Assis. Aquela imagem ficou marcada, por causa da sua poesia e também pela raridade que são pássaros pousando ao mesmo tempo nos ombros de um santo – ou seja, impossível. Então não se deve esperar pelo acaso? O acaso pode ser forçado? Ou ainda, somente do acaso ocorrem coisas relevantes? Ela não sabe ao certo. Alguns dizem que é bom esperar; outros, que é melhor esperar sentado. Enfim, nada cai do céu, e se cair, dificilmente ainda vai bater na sua porta.

Incentivada por estas filosofias pouco profundas, mas completamente realistas e populares, Ana resolveu procurar Jaime, após passar uma semana pensando naquele beijo de meia-noite. Como não tinha ninguém para se aconselhar além de Elisa, que morava a centenas de quilômetros dali, fato que rendia mensalmente uma pequena fortuna de conta telefônica, Ana sentiu-se obrigada a comentar, “como-quem-não-quer-nada”, com sua colega de turma. Soube, com alguma dificuldade, uma vez que a menina desconfiou das intenções de Ana, que o misterioso rapaz cursava o penúltimo ano de Letras e que suas

aulas eram noturnas. Aquilo tudo, de indagar discretamente e fazer-se de tonta, fez com que Ana se sentisse ridícula. Ainda mais quando, dias depois, percebeu a gafe que havia cometido. A garota era namorada do sujeito – inclusive moravam juntos no casarão, com outros estudantes.

– Agora você veja, Elisa, que ridículo! Eu que não abro a boca para dizer um “oi” e de repente começo a questionar o que o cara faz, onde ele mora e o cacete. Não, quase que tenho um treco quando passo pelos dois de mãos dadas e ela ainda me cumprimenta como se nada tivesse acontecido.

– Mas nada aconteceu. Eu fico é boba de ver como você é atrasada. Só por causa de um beijinho e algumas perguntinhas sobre o bofe para a própria namorada, você fica assim? Ah, não, você está parada e perdida no tempo.

– *Perdidos no espaço*. Você se lembra?

– O quê?

– Aquela série que passava na tevê, com uns caras vestidos com camisa cacharrel de helanca.

– Sei lá o que você tá falando. Pirou?

– Não. Elisa, a gente via juntas e brincava depois de ficção científica. Pib-pib-bibi ou bubu, pupu.

– Que é isso, agora?

– A nave-mãe fazia uma barulho assim, sei lá, algo como upu... pupu...

– Olha, acho melhor a gente desligar. Se tiver alguma novidade sobre o sujeito e sua namoradinha, me liga.

Mas Ana se esqueceu disso e tratou de levar sua vida. Durante aqueles dias, a preocupação era arrumar seu pequeno apartamento quarto e sala. Sua mãe já havia avisado que não ajudaria em nada. Helena tinha estranhas técnicas de criação – dentre elas, nada ajudar. Alegava que, assim, a filha aprenderia a “ganhar a vida”. “Ganhar a vida” é um termo típico da mãe. Ana prefere apenas levá-la.

Helena teve sua filha com dezessete anos. Mal sabia o que estava acontecendo, realmente. Enjoou nos três primeiros meses, depois só fez engordar. Na trigésima sétima semana,

nascia uma menina que não queria sair de jeito algum, por isso foi necessária uma cesariana. Três anos após, Helena se viu sem marido e com uma filha asmática a lhe dar trabalho. Nunca havia trabalhado fora, vivia para o lar e para sua família. Até que o marido informou que estava indo embora, não aguentava mais aquela vida, queria sentir a liberdade e fazer tudo o que bem entendesse. Helena disse que queria o mesmo. Ele riu. E ainda estava rindo quando Helena o viu entrar em seu carro e partir.

Deste acontecimento, Ana se lembra de seu pai explicando que iria embora, mas que amava a filha. Se lembra também de sua mãe, chorando na cozinha enquanto fazia algo para o jantar.

Do pai, herdou os olhos e a pele muito branca. Sua mãe sempre acusa Ana de ter o mau gênio do ex-marido. Na verdade, a filha puxou muito mais à personalidade materna do que à paterna. Se isso de fato existe. Percebem-se semelhanças no conceito moral das duas. Embora Ana não suporte a ideia de se parecer com a mãe, nem minimamente. Ana não gosta muito de Helena. É difícil para ela assumir que intimamente preferia nunca mais vê-la. Ao mesmo tempo que se sente culpada por não procurar a mãe mais amiúde. É que Helena se tornou, depois do abandono do marido, uma mulher dura e teimosa. Tudo o que diz tem que estar certo. Um conselho de Helena é, na verdade, uma praga. Caso ela diga “Ana, coloque um casaco, porque vai chover”, mesmo que a meteorologia afirme que a noite será sem chuvas, chove torrencialmente. Helena gosta de falar: “Eu avisei.” Parece que conta com o pior, só para afirmar “Eu sabia”.

Aos seis anos, Ana foi para um colégio interno. Muito diferente daqueles que viria a ler na literatura clássica ou veria nos filmes sobre aristocracias abastadas. O colégio em que estudou nada tinha dos internatos suíços. Estava mais para orfanato do que para qualquer outra coisa. Lá, passou cinco anos seguidos. Foi quando completou onze anos, e sua mãe resolveu colocá-la num colégio melhor, para cursar o ensino fundamental. Tudo lhe pareceu pior do que antes. Afinal, Ana já estava acostumada a conviver com suas colegas pouco afortunadas, assim como ela. Mas Helena havia melhorado sensivelmente de vida. Com sua determinação, conseguiu crescer rápido na profissão de

comerciante. Adquiriu vários bens e, antes de Ana chegar aos quinze anos, fez questão de que a filha conquistasse costumes elegantes e frequentasse ambientes mais requintados. Ana parecia viver à parte deste sonho da mãe, pouco se interessando por festas e roupas. Sua alma estava contaminada pela tristeza do internato e ela preferia se comparar às meninas pobres e desgraçadas dos livros. Quanto mais sua mãe desejava vê-la em ambientes mais sofisticados, mais Ana parecia enveredar para uma vida filosoficamente socialista e desprezada. Helena era generosa para aquilo que a convinha. Mas se negava a alimentar os verdadeiros desejos da filha, acabando por deixá-la viver feito pobre, muitas vezes sem ter dinheiro nem mesmo para ir ao cinema.

Com o passar do tempo e da adolescência, Ana não devia absolutamente nada à sua mãe. Nada havia recebido e nada haveria de oferecer. Não realizou os sonhos de Helena, que queria a filha casada e compenetrada nos negócios familiares. Por isso não recebeu colaboração alguma na realização de seu sonho. Tornar-se escritora. Ambas se decepcionaram. Possivelmente por praga materna, Ana não consegue escrever. Pelo menos, nada que ela própria reconheça como bom. Desistiu. Coisa que trouxe uma certa amargura para Ana, uma velhice um tanto precoce. Era como se tivesse vivido a vida inteira em função de sua biografia e nem mesmo isso ela conseguisse transcrever. Tem, portanto, a vida de um artista sem sê-lo. E esta é a maior crueldade que tem de se lembrar. Sabe-se medíocre. Por um triz, poderia não ser, mas sabe-se medíocre.

## 2

“A mediocridade é, decerto, um privilégio. Ser um Homem médio já traz suportes suficientes para que ele possa viver bem localizado dentro de seu universo. O universo, inclusive, é permeado por medíocres. São medíocres aqueles que reconhecem uma música de Mozart, admiram um filme de Fellini, já leram Machado de Assis. São, os que vão ao teatro uma vez por mês e leem o jornal todos os dias, até o caderno econômico. Portanto, podemos nos dizer medíocres sem grandes constrangimentos. Até mesmo porque nada impede um medíocre de ter talento.”

Por alguns minutos, Ana consegue se esquecer do encontro marcado com Jaime. Lembra. E mesmo constatando estar atrasada, resolve permanecer ali, sentada, por mais um tempo.

### 3

Sobre o pai, Ana pouco sabe. Depois que ele partiu, voltaram a se encontrar mais umas cinco vezes. O suficiente para a filha admirar o pai e perdê-lo de vez. Parece que por desejo dele, nunca mais se viram. Por mais que Ana se sinta culpada de vez em quando, como se tivesse feito alguma coisa errada de que não se recorda, ela conscientemente afirma que tudo se trata de uma imensa incapacidade do seu pai de ser pai, e pronto. Não gosta de falar sobre o assunto. Mas é fácil reconhecer nela um traço marcante, herança de tudo isso. Uma certa sensação de desprezo, que faz Ana agir duramente. Já pensou bastante nos motivos que levaram seu pai a não a querer. Por quê? Por que, afinal de contas, uma pessoa não iria querer uma filha como ela? Tão bonitinha e inteligente. Qual seria o motivo vil para tanto descaso? Ana não sabe, mas seu pai é um doente mental. Nem ele próprio sabe, pois leva uma vida normal e isso encobre sua verdadeira personalidade deformada. Diferente de Helena, que age dentro dos seus princípios, mesmo que eles magoem os que estão próximos, o pai simplesmente se ausentou de todas as premissas. Vive emotivamente cercado apenas de seus próprios sentimentos. O mundo do pai de Ana é uma redoma de egoísmos. Ele quis partir e partiu, quis aparecer cinco vezes e o fez. Quando não mais se interessou em ter uma filha, ele sumiu. Não que tenha esquecido da existência de Ana, mas sua mente inverte toda a história. Para ele, foi Ana quem o deixou e não o quer como pai. A sua doença consiste em ter a necessidade de ser o sofrido e o rejeitado. Todos os fatos são, por ele, vistos de maneira inversa. Mas todos convergem para si, para o seu umbigo, pois ele apenas enxerga meio metro diante dos olhos, e meio metro para cada lado. Para trás, ele enxerga de memória – tudo de forma errada. O pai de Ana é um doente, ela até desconfia disso, mas teme aproximar-se.



O acaso fez com que Ana encontrasse Jaime novamente. Foi engraçado. Ela estava indo para a cidade de Elisa, passar alguns

dias na casa da amiga. Elisa, nesta época, ainda não havia se casado e adorava noitadas. Dedicava-se a elas com verdadeiro furor e não poupava esforços para se divertir. Ana costumava dizer que Elisa era capaz de achar maravilhosa uma noite ao som de rádio de pilha, com muitas cervejas e um canto para dançar. Contanto que também houvesse, obviamente, rapazes. Elisa era uma verdadeira tarada. Homens e homens, era tudo em que pensava. As coisas mudaram para Elisa, principalmente o seu corpo, que, após a gravidez, nunca se recuperou totalmente.

Ela havia ligado para Ana quase quinze dias antes da bendita festa. Tudo para que a amiga não tivesse desculpas sobre a impossibilidade de ir.

– Sei lá. Acho que umas cinquenta pessoas.

– Então será um festão.

Pausa.

– Sim. Uma festa imperdível. Você vai ter que vir.

– Não sei. Tenho tanta coisa para estudar.

– Menina, você está decididamente se tornando uma chata.

– Sempre fui chata.

– Olha, eu não vou ficar gastando um telefonema inteiro para te convencer do óbvio: você não pode perder esta festa! Ana, você tem que abrir, ficar “open”, destampar este corpo. Nossa, uma tampa de cimento, que você colocou sobre si mesma. Está totalmente “closed”. Desse jeito, minha filha, daqui a pouco só com britadeira. Um horror!

– OK, OK, vou tentar ir. Não garanto. Depois volto a telefonar. Tchau.

– Tchau.

Elisa não conseguiu esperar nem dois dias para voltar a ligar.

– Ana, Elisa. Estou ligando para dizer que já sei que roupa você vai vestir na festa.

– Sei...

– O Vestido da Fornicação.

– Nossa! Que é isso?

– O nome da roupa, Ana. Um deslumbre.

Depois disso, Ana foi obrigada a dizer que iria ao seu encontro. Mesmo um pouco cansada para pegar um ônibus e ficar tanto

tempo sacolejando numa estrada malconservada. No dia da viagem, Ana se sentiu inclusive um pouco abatida. Mas sabia que Elisa jamais a perdoaria se ela desistisse de viajar na última hora. Foi para a rodoviária, tentando se convencer de que tudo correria realmente às mil maravilhas. Sentou-se num banco e ficou aguardando a saída do ônibus. Folheou uma revista, passou os olhos num livro que estava lendo, e nada. Depois de quinze minutos de atraso, Ana resolveu ir até o guichê se informar do que estava acontecendo. Lá, soube que a estrada estava bloqueada devido a um terrível acidente com um caminhão que carregava produtos tóxicos. Ana achou engraçado. Para não se sentir culpada de ter desistido tão facilmente de viajar, perguntou se havia previsão para a liberação da estrada. O sujeito disse que possivelmente isso só aconteceria mais para a noite. O que impossibilitava Ana de chegar a tempo de se arrumar e ir à festa. Adorou. Dali mesmo ligou a cobrar para a amiga e desencavou toda uma encenação de como estava chateada e que sentia muito por não poder ir. Mal desligou o telefone e deu de cara com Jaime. Ele aguardava a vez de usar o aparelho público.

– Oi! Como vai?

Reagiu assustada pela surpresa de encontrá-lo ali, tão próximo.

– Um pouco aborrecido.

Jaime deu a sua vez na fila para conversar com Ana. Ana estava nervosa pelo acaso.

– Eu ia viajar e acabei de ficar sabendo que a estrada está bloqueada.

– O mesmo aconteceu comigo. Para onde você ia?

Jaime iria viajar para uma cidade um pouco depois da de Elisa. Provavelmente pegariam o mesmo ônibus.

– Muito chato, realmente. Mas o que fazer? – indagou Ana, fingindo-se aborrecida.

– Viajar para outro lugar.

– O quê?

– Sim. Aproveitar a mala e partir para uma outra cidade qualquer. Venha – puxou Ana pela mão, até um mapa que havia

por ali. – Bom, vamos ver...

– Você está brincando?

– Não! Olha, aqui tem uma cidadezinha que pode ser agradável. Você conhece?

– Não. E acho que...

– Desculpe, devo estar assustando você. É que eu achei que poderia ser interessante uma aventura não programada.

– Então, tá. Vamos até o guichê e o primeiro ônibus que sair, a gente pega.

Jaime sorriu, satisfeito. Enquanto ele resolvia a questão das passagens, Ana foi tomar uma Coca-Cola. Estava um pouco arrependida, mas havia uma excitação que dominava seus sentidos e fazia com que ela se sentisse animada. Esperava que o açúcar do refrigerante a acalmasse, pois não queria demonstrar o quanto tudo aquilo a estava perturbando. Lembrou-se de que, possivelmente, ele nem sabia qual era o seu nome. Não recordava se havia dito na noite de fim de ano.

– Ana! Está tudo certo. Vamos para a serra.

– Como sabe o meu nome?

– Acho que alguém me disse. Bom, podemos nos apresentar formalmente, já que seremos companheiros de viagem – ele estendeu a mão. – Meu nome é Jaime.

– Prazer. O meu é Ana.

Apertaram as mãos. Ana temeu que ele percebesse que estava suando de nervosa e, para disfarçar, logo em seguida ofereceu a Coca-Cola.

No instante em que sentou na sua poltrona, ela concluiu ter agido precipitadamente. Para onde estava indo, afinal? Quem era aquele homem ao seu lado? Pensamentos desagradáveis frequentaram sua mente por uns dez minutos, até que o ônibus partiu. Ana decidiu, então, deixar pra lá – o que acontecesse era porque o destino assim queria. Tomou-se de uma coragem aventureira, teve vontade até de gritar. Estava ao lado do homem no qual pensara nos últimos dias, havia desejado rever este homem e agora estava tão próxima dele, indo para algum lugar que desconhecia. Se ele fosse um assassino, assim deveria ser:

morta por aquele que desejou. Ao menos havia escolhido o seu assassino. Achou graça disso.

– De que está rindo?

– Da possibilidade de você ser um assassino.

– Tenho cara de assassino?

– Não. Mas acho que eles nunca têm exatamente uma cara, uma aparência específica.

– Sei. E se for você a assassina?

– Eu? – riu. – Imagina ...

– Não, para desencanto seu, nunca matei ninguém e nem pretendo.

– Também nunca matei, mas acho que se deve experimentar de tudo na vida.

Riram. Estavam começando a se divertir um com o outro. Era um bom sinal. Durante a viagem, não falaram sobre suas vidas. Ficaram imaginando a cidade que os aguardava. Primeiro, com uma boa expectativa – depois, seduzidos pelo humor negro, tornaram-na terrível. Sem nem uma pousada minimamente decente para se pernoitar. Apenas uma pensão horrorosa, com um único banheiro para mais de quinze pessoas. Além de ter percevejos, baratas e ratos por todos os cantos. E assim o tempo passou rapidamente. Quando avistaram a rodoviária, os dois pareciam não saber exatamente como agir. Ana sugeriu uma cerveja bem gelada, para melhorar os ânimos. Jaime pegou as bagagens e eles se encaminharam para a saída do pequeno galpão. Já estava anoitecendo e a cidade até que pareceu agradável. Não foi difícil encontrar um bar. Sentaram-se numa mesinha e pediram uma cerveja ao rapaz que estava no balcão.

– Pronto. Agora a gente bebe umas dez cervejas e depois pega o ônibus de volta.

– Sim. Viemos aqui só para tomar cervejas.

A bebida caiu maravilhosamente bem. Ana se sentiu bastante animada com o decorrer dos acontecimentos. Foi tomada por uma vontade enorme de beijar aquela boca. Desejou-a tanto e agora ela estava ali, falando coisas engraçadas e divertindo seus pensamentos. Queria muito aquela boca. Percebeu que estava estranhamente apaixonada. Demorara tanto para rever este

sentimento. Havia sido, durante toda a sua vida, tão desconfiada e exigente. Agora, de forma rápida e juvenil, sentia-se tomada por um desejo enorme de beijar aquela boca. E o fez. Jaime pareceu se assustar com a volúpia impetuosa de Ana, mas retribuiu a sofreguidão da moça. Também estava desejando aquele beijo. Ela começou a sentir um forte calor, por dentro. Chegou a tremer, e suas mãos passaram a percorrer as costas de Jaime, até alcançar a nuca e os cabelos. Ana cravou os seus dedos nos cabelos crespos do rapaz, puxou-os com força. Ele gemeu. Ela queria sexo inadiavelmente, e o corpo de Jaime denunciava que ele concordava.

– Espera. Vou pagar a conta e vamos sair daqui.

Enquanto Jaime acertava com o garçom, Ana foi até o banheiro. Precisava fazer xixi urgentemente. Enquanto urinava, de novo sentiu um enorme desejo, quase gozou. Estava lívida e tonta. Enxugou-se e notou que a umidade que tinha em sua vagina não era líquida e, sim, pastosa. Estava louca para dar e insanamente o fazia em qualquer lugar. Lavou o rosto e foi ao encontro daquele que fizera com que perdesse totalmente os pudores, pudores que nunca a largavam. Sua face estava vermelha e, logo que olhou para ele, ficou envergonhada, por saber estar divulgando publicamente os seus intuitos.

Jaime já havia se informado com um rapaz sobre um lugar que parecia ser razoavelmente agradável. E, Deus existe, realmente o era. Assim que chegaram, tomados pela sorte dos amantes incontroláveis – que não tropeçam, que acertam o lugar do interruptor –, conseguiram uma suíte. Entraram no quarto e cada um tirou sua própria roupa.

No dia seguinte, bem cedinho, Ana levantou e tomou banho. Estava com o corpo marcado em algumas partes. Acima do seio esquerdo, via-se um chupão de tom avermelhado, quase roxo. Com calma, lavou-se duas vezes. Não conseguia pensar sobre o ocorrido. Na verdade, tudo o que queria era comer. Pensou em uma dezena de coisas que comeria de bom grado. A maioria delas, certamente, não estaria disponível naquele momento. Assim que terminou o banho, voltou ao quarto cuidadosamente, para não acordar Jaime. Vestiu as meias de lã e uma camiseta

larga. Olhou-se pelo espelho e percebeu que estava sendo observada por Jaime. Notou que ele estava excitado. Excitou-se. Não compreendia de onde vinha tanta vontade de transar. Mas não se dedicou muito ao assunto. Apenas tirou as meias e voltou para a cama.

Ana tinha uma tia, falecida já há alguns anos, que pedia a todos para rezarem para os inimigos invisíveis. Pois todos possuíam os seus. Para a tal tia, cada pessoa tinha um exército de malfeitores que, escondidos dos seus sentidos, a levavam a cometer atitudes ruins. Eram eles que guiavam aqueles que não recorriam a rezas e, assim, se protegiam do mal. Ana ficava horas tentando imaginar como eram os seus inimigos invisíveis. Seriam seres pequenininhos, como átomos, invisíveis a olho nu? Haveria algum aparelho ampliador que fizesse com que ela enxergasse os serezinhos? Costumava imaginá-los de forma bem humana. Eram minúsculos, mas tinham todos os órgãos iguais aos seus. Mulheres, homens e crianças, um bando deles infernizando os humanos normais.

Quando descobriu sentir-se excitada com as cenas de amor dos filmes a que assistia na tevê, percebeu que era a mesma sensação de quando se tocava na vagina. Notou, através dos beijos falsos dos atores, que existia no seu corpo uma excitação ainda sem nome. Essa ação ingênua, mas já sexual, com o tempo – talvez por repressões familiares ou por sua própria personalidade – passou a parecer coisa do mal. Não se continha em tocar-se, mas, logo que terminava de fazê-lo, se arrependia a ponto até de adoecer. Uma noite, sonhou com o Demônio, exatamente como eles são nos filmes de má qualidade: com chifre, vestidos de vermelho cetim e com um tridente na mão. Tudo pareceu muito claro e verdadeiro. No sonho, estava sentada no hall do prédio em que morava, quando Ele se aproximava lentamente e dizia coisas. Não de forma aterrorizante – simplesmente falava como se estivesse conversando com alguém íntimo. Ana não escutava o que o Demônio dizia para ela, apenas via a cena, de fora. Quando acordou, estava transtornada, como fica a maioria das pessoas quando tem pesadelos. Mas acabou esquecendo o ocorrido. Até que mais

uma vez sonhou com Ele, e também mais uma vez não escutou o que Ele dizia. Assustou-se, acordou apavorada. Tinha certeza de que aquilo estava ligado à excitação que sentia quando se tocava. Era daquela forma que o exército estava lutando para destruí-la e conduzir seus atos ao caminho do mal e da desgraça. Tudo parecia muito claro para Ana. Só não entendia por que logo o Diabo é que estava avisando a ela que o que fazia era errado. Não deveria ser Deus? Ou, ao menos, o seu anjo da guarda?

Durante algum tempo, Ana tentou conter o seu desejo de se masturbar, mas acabou por desistir de seguir os conselhos do Diabo e por aceitar que estava inevitavelmente dominada pelos inimigos invisíveis.

Jaime e Ana foram tomados por uma fúria incontrolável. Durante os dois dias que passaram na cidade, quase não saíram do quarto. Nada foi dito sobre a vida particular de cada um – nada que os identificasse, como idade, sobrenome, amores, compromissos etc. Apenas falavam sobre coisas, coisas sem sentido, lembranças tolas e desejos esquecidos. Viraram crianças, mexiam com os seus sexos sem pudor. Mostraram os seus corpos. Ana falou sobre seus pés.

– Sim. Confesso. Eu sou decididamente uma pessoa cruel.

– Não acho – disse Ana, enquanto tentava abrir um vinho.

– Por exemplo: você está tentando abrir esta garrafa há já uns quinze minutos. E sou incapaz de ajudá-la.

– Esse exemplo não vale. Você está esperando que eu abra por delicadeza.

– Então, tá. E o que você acha do meu horror a japoneses e afins?

– Coreanos, chineses e vietnamitas?

– Sim. Eu tenho verdadeiro pavor dessa gente amarela. São feios, misteriosos e repugnantes. Recentemente, pude observar um espécime do gênero bem de perto. Na sauna, precisava ver os pés do sujeito, que nojo!

Já com a garrafa aberta, Ana serviu dois copos e, antes de entregar um para Jaime, beijou sua boca.

– O que tinham os pés dele?

– Eram feios, com os dedos esganiçados. Acho que nunca vi pés mais horrorosos.

– Não fale assim.

– Dos japoneses?

– Não, dos pés. Odeio os meus pés.

– O que têm os seus pés? – Jaime foi até a cadeira em que Ana estava e tentou pegá-los. Estavam calçados com meias grossas de lã.

– Não! Larga. Não gosto que ninguém olhe para eles.

– Que besteira! Deixa eu ver.

– Para! Não gosto. – Ana chutou Jaime, ele caiu no chão.

– Nossa! Tudo bem...

– Desculpa. Achei que você já tivesse notado.

– Estou morto de curiosidade.

– Eles são muito pequenos, é isso.

Jaime se aproximou e olhou para os pés cobertos de Ana.

– Quanto que você calça?

– Trinta e três. É pouco para o meu tamanho.

– Eles são queimados? Faltam dedos?

– Não. São apenas mínimos para o meu tamanho.

– Esse é o seu maior trauma?

– Acho que sim.

– Que existência fácil e maravilhosa! Queria que os meus problemas fossem tolos assim. – Bebeu todo o vinho de seu copo. – Quer casar comigo?

– Se eu aceitar, os meus pés crescerão?

– Não vai precisar mais deles. Você viverá de meias de lã e eu te carregarei no colo para todos os cantos.

– Então, aceito.

No dia de voltar, acordaram cedo. Jaime acertou a conta e comprou um souvenir para Ana, um chaveiro de madeira cravado com o nome da cidade. Ana achou graça e colocou as chaves de casa nele. Jaime disse que não era preciso, bastava que guardasse como lembrança dos ótimos dois dias que passaram juntos. Por alguns segundos, Ana tentou crer que o que acabara de ouvir não seria um adeus. Mas, como a sua natureza é triste e pessimista, acabou por achar que, decididamente, ele não iria

querer revê-la. Obviamente era compromissado, e aquilo tudo não havia passado de uma aventura deliciosa para ele. Para ela, passava a ser uma vergonha, já que se entregara com tanta liberdade. Ficou triste. Calou-se. Jaime acreditou que ela estava apenas cansada e deixou Ana permanecer silenciosa durante toda a viagem. O que, para ela, era sinal do desprezo de seu fervoroso amante de dois dias. Pensou no quão grosseiros são os homens – deveriam ter a mínima consideração com as mulheres com quem trepam. Afinal, ela não era uma prostituta. Ou ele pensava que sim? Uma puta, certamente.

Quase chegando à rodoviária, Ana ainda estava de olhos fechados, fingindo dormir. Sentia-se realmente mal. Tudo o que desejava era voltar para casa e tentar esquecer o que se passou. Assim é Ana, sofre por antecipação. Acredita demais nas suas conclusões precipitadas, leva tudo muito a sério. Jaime, enquanto isso, descansava feliz, tinha muito no que pensar. Aquela mulher linda, ao seu lado. Com um corpo grande de camponesa, cabelos longos tão pesados e lisos. Poderia se lembrar de seu rosto para sempre, mesmo que nunca mais a visse. Mas veria. Jaime a desejava intensamente para si. Queria aquela mulher. Ana. Que nome lindo! Simples e forte. Esperava poder chamar muitas vezes por aquele nome. Ana. Assim que chegasse em casa, falaria para Alexandra que tudo estava terminado entre eles. Sem dor, nem culpa. Seria sincero, diria que estava apaixonado por outra pessoa. Difícil seria continuar morando no mesmo lugar. Mas daria um jeito, se mudaria caso fosse necessário. Jaime achava que sua namorada não sentiria tanto o rompimento. Era um namoro de poucos meses. Apenas tinham algumas afinidades, que poderiam ser mantidas com a amizade. Estes eram os pensamentos de Jaime, enquanto Ana se corroía de arrependimento e ódio.

O ônibus parou. Jaime perguntou se ela se sentia bem. Ana respondeu que estava um pouco cansada por causa da viagem, mas que estava tudo OK. Desceram do ônibus, pegaram suas malas. Sem jeito, Ana tentou aparentar normalidade.

– Bom. Foi um prazer conhecê-lo.

Jaime achou estranho a polidez da moça. Imaginou ser timidez, ou senso de humor, ou os dois juntos.

– Para mim também, senhorita.

– Então, até um dia.

– Até um dia.

Ao ouvir isso, Ana se deu por satisfeita e virou para ir embora.

– Ei – chamou Jaime. – Qual é o seu telefone?

Ana sorriu.

– Você não precisa ser gentil na hora da despedida.

E foi embora. Jaime novamente achou estranho, mas já estava apaixonado e o comportamento singular daquela mulher o intrigou.

Quantas vezes é possível perder algo ou alguém por um simples mal-entendido? Quantas e quantas vezes a palavra não serve para nada, ou pior, presta-se apenas para piorar o estado das coisas? Não que o silêncio seja esclarecedor. O silêncio, num rosto inexpressivo, é um túmulo.

Por uma fração de segundo, as coisas tomam rumos inexatos. Perde-se o fio da meada. Seria possível salvar vidas se esses “frames” pudessem ser revistos. O tempo não volta. Quanta obviedade!

O fato é que a compreensão dos fatos está sempre sujeita a erros tolos, que deformam o decorrer da história.

– Merda!

Por que tanto pessimismo? Ele nada fez, apenas deu para você uma lembrança do fim de semana. O que há de errado nisso?

– Merda! Sempre estrago tudo!

Ainda xingava quando se deitou no sofá. Ali, ficou por uns quinze minutos. Possivelmente, se presenciasse todo esse mau humor, Jaime acharia que Ana era louca. Uma mulher descacetada, que dá compulsivamente para um estranho e depois emburra a cara sem mais nem por quê. Simplesmente emburra a cara. Uma louca, desvairada, merecedora de uma solidão eterna. Assim sentia-se Ana. Deitada no sofá, pensou as maiores autopunições para sua atitude. Passados os quinze

minutos, achou melhor reagir. Agora não adiantava chorar diante do leite derramado – foi até a secretária eletrônica e escutou os recados. Vários de Elisa, querendo saber do seu paradeiro, e um de sua mãe. A voz de Helena tinha aquele tom usual de descaso por algo perdido. Ana se indignou. Afinal, por que a mãe tem que telefonar, já que faz isso com tanto esforço?

– Merda de vida de merda.

Tirou a roupa e, sem tomar banho nem nada, dormiu. Um sono pesado de quem se forçou ao recolhimento.

Acordou com o telefone tocando. Por alguns segundos, não conseguiu entender muito bem o que ocorria. Quando deu pela situação, a secretária já havia sido acionada, era Elisa. Ana correu para interceptar o recado da amiga no aparelho.

– Elisa!

– Meu Deus! Enfim apareceu! Onde você estava?

– A história é longa. – Bocejou.

– Você estava dormindo?

– Sim. Olha, vou tomar uma ducha e depois te ligo. OK?

– OK.

Contou tudo para Elisa. A amiga ficou boquiaberta com a ousadia de Ana. E muito mais com suas maluquices e mania de perseguição. Mesmo com Elisa dizendo que certamente ele não havia reparado nisso, Ana sentia-se terrível. Tinha agido feito uma tonta. Ainda que ele realmente não quisesse mais vê-la, não a havia forçado a nada, e ela deveria se dar por satisfeita de ter tido um ótimo fim de semana. E como disse Elisa: “Enfim tinha dado, antes que voltasse a ser virgem.”

– Devia estar contentíssima, em vez de ficar inventando toda essa história para sofrer.

– Você acha? – indagou Ana, cética.

– Ana, pensa bem, há quanto tempo você não trepava?

– Sei lá, uns sete meses... Não sei, não costumo marcar no calendário quando essas coisas acontecem.

– Pois devia.

– Sei. Bom, vamos mudar de assunto, já estou com a cabeça fervendo. E você? Como foi a festa?

– Um estouro! Acho que estou apaixonada.

– Você acha isso todo sábado.

– Não, dessa vez é diferente. Ele é lindo, se chama José Maurício. Não é maravilhoso?

Definitivamente, Ana não conseguia enxergar nada de maravilhoso no simples fato de um cara se chamar José Maurício.

Elisa não se parece em nada com a amiga. É impressionante até o fato de serem amigas, afinal há um enorme antagonismo entre as duas. Mas, de alguma forma, são tão íntimas, se conhecem tão profundamente, que acabam por esquecer as diferenças e se comunicam feito irmãs. Basta um olhar para que saibam o que está acontecendo. Assim foi há dois anos, quando Elisa perdeu o irmão num acidente de carro. Ana tinha marcado de dormir na casa dela, e assim que Elisa abriu a porta, Ana viu em seus olhos que Vinícius estava morto. Imediatamente perguntou o que tinha acontecido com ele e Elisa a abraçou, chorando. Nada foi dito, apenas um olhar e muitas lágrimas. Ana sofreu, não só pela amiga, mas também porque um dia amara Vinícius. Havia sido ele o primeiro homem de sua vida, eram adolescentes quando se conheceram. Tinham a mesma idade e estudavam juntos. Um dia, Vinícius chamou Ana para passar o dia na praia, lá ela fumou maconha pela primeira vez e fez sexo. Achou incrível perder a virgindade ao ar livre, sua cabeça girava e sentia uma certa dor no ventre. Mas não se importou, gostou da ideia de ter aquele membro dentro de si. Sentiu-se poderosa e, mesmo não tendo gozado, percebeu que haveria de gostar bastante da coisa. Assim que tudo acabou, Vinícius beijou Ana ternamente e disse que desejava toda a felicidade do mundo para ela. Que ela tivesse muito prazer e que amasse muito, pois viver sem amar é muito ruim. Ana jamais se esquecerá disso. Vinícius beijou-a com carinho e desejou para ela uma vida com o coração amando. “Porque amar é mais importante até que ser amado, amar faz com que a gente tente ser melhor para conquistar o outro e acaba conquistando o mundo.” O que ele não conseguiu prever foi que aquela adolescente, um tanto desengonçada, o amaria desesperadamente. Mas Vinícius parecia saber que duraria pouco e não podia viver preso a uma

só pessoa. Durante cinco anos, manteve uma complicada relação com Ana – ela se consumia de ciúmes dele, enquanto ele a aconselhava a conhecer outros homens, pois considerava monogamia uma grande estupidez. Ele nunca mentia para ela, mesmo que ela preferisse às vezes não saber de nada. Tentava educar-se à maneira dele, mas sua natureza possessiva fazia Ana agir de forma quase homicida quando o via com outras. Jurava que não mais queria Vinícius, porém seu amor era maior que sua autoestima. Adorava aquele rapaz, adorava o seu jeito de andar, os seus cabelos louros. Adorava principalmente a forma como Vinícius conduzia o sexo. Pois era ele que guiava, deixando Ana louca, a ponto de trepar em qualquer esquina, ou dentro da própria casa, com sua mãe dormindo no sofá da sala. Ele a chupava com tanta delícia, como se quisesse bebê-la por completo. E não era somente o sexo que a encantava, Ana gostava de dormir ao lado dele. Era tão bom abraçá-lo, era confortante e pacificador. Estes momentos de prazer e calma eram compensadores. Mesmo que ela soubesse que ele não era só dela, sabia que ele a amava. Quando Ana tentava conversar sobre a importância de um ser somente do outro, Vinícius dizia que ninguém era de ninguém, nem de si mesmo. “E de quem nós somos?”, Ana perguntava, tentando entender o seu amado. Então Vinícius tragava profundamente o seu baseado e dizia que as pessoas pertenciam ao destino, “o destino era dono de todos nós porque era ele que nos guiava”. O destino de Vinícius levou-o cedo. Ana tentava acreditar que ele pudesse estar num lugar lindo, como um campo verde cheio de borboletas. Mas ela é muito dura para acreditar em lugares lindos depois da morte, e acabou por achar que Vinícius afinal de contas era “um grande babaca, comedor compulsivo de mulheres e um hippie cafona”. Ana é assim, depois que o amor passa, ela costuma achar ridículo aquele que amou.

Depois de Vinícius, Ana se entregou ao amor feminino. Não que se sentisse de todo atraída pelas mulheres, mas achava que era natural experimentar. A geração de Ana é pós-sutiã-queimado, não sabe se defende, ou se quer ganhar joias. Ficou entre o “Avante, patota” e um cartão com rosas vermelhas. O que

na verdade Ana sempre quis é descansar. De certa forma, ela se sente como se houvesse participado de mil passeatas e agora quisesse apenas ser bem tratada, porém sem abandonar os direitos conquistados. Mas se for preciso escolher entre uma carreira e um casamento, Ana não ficará com nenhum dos dois. E para disfarçar a sua total incapacidade para ambas as coisas, se dedica à vida universitária. Após graduar-se, Ana irá fazer mestrado, depois doutorado e depois... Depois não consegue enxergar.

## 4

Ana já está bem atrasada. Mesmo assim, suas pernas parecem pesadas demais para conduzi-la até Jaime. Um calor insuportável faz com que o seu corpo esteja molhado. Correm por ele discretos filetes de suor, que Ana enxuga com as costas da mão. Seus cabelos longos dão a sensação de estar vestida com um mantô peruano. São macios, os cabelos de Ana, mas neste calor estão pesados e piniquentos como lã. Nada pior que lã no calor, mais parece castigo. Ana pensa nisso, acha engraçado uma punição na qual o punido deve se vestir de lã em pleno sol quente. Dependendo da sua culpa, a pena poderá ser apenas segurar um pulôver de lã nas mãos. Arrepiou-se só em pensar. Lembrou-se novamente de seus cabelos, eles, neste instante, parecem uma imensa punição.

“Para que ter essa cabeleira toda sobre mim? Acho que, atualmente, cabelos longos não condizem com a vida de uma mulher. Por que devo eu ter essa cabelada grudando em minhas costas? Os homens gostam. Que se fodam os homens. Resolverei isso rapidamente. Essa porra pesa, um peso físico e metafísico, coisa morta na cabeça.” Riu, lembrando-se de um ensaio que lera sobre as mulheres – como são capazes de se empetecar e enganar, assim, os homens. Em certa parte, o autor diz que alguns penteados mais parecem perucas feitas com cabelos de cadáver chinês. “Quantas perucas meus cabelos dariam? Acho que pelo menos umas três. Três perucas de um cadáver de mulher jovem. Que nojo! Nossa, simplesmente estou enjoada com estes restos mortos em minha cabeça. É como se nunca cortássemos as unhas. Enormes unhas. Quem é que tem enormes unhas mesmo? Porra, eu sei que existe alguém famoso que tem enormes unhas... Odeio quando não me lembro das coisas.”

Não que isso seja de alguma importância, mas são de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, as unhas enormes de que Ana tenta se lembrar. Ela teve um lapso de memória, fenômeno comum a todos, e que particularmente a irrita bastante. Nestes

casos, ela remexe rapidamente as lembranças e empilha vários fatos que poderão conduzir ao nome esquecido. Agora, era o do tal cineasta, cultuado por Ana quando ela era adolescente. Antes, já foram de outros. Como sempre, Ana consegue se recordar primeiro do rosto. Mas ainda não se lembra do nome do dono das nojentas unhas imensas. Lapso dos grandes, esse. Afinal, além de cultuá-lo e obviamente assistir a todos os seus filmes, Ana chegou mesmo a ir a uma festa de aniversário feita para José Mojica, numa boate modernosa, não tantos anos atrás. Ela foi vestida de morta, com uns falsos olhos caídos entre os seios. Um broche, pendurado numa corrente que escorria pelo vasto decote.

José Mojica Marins, Ana finalmente se lembrou. Um absurdo ter se esquecido, ela desconfia seriamente que deve ter queimado todos os seus neurônios fumando maconha.

– Oi!

– Ui! Que susto! Nossa, eu estava distraída.

– Desculpe.

– Não, está tudo bem.

– Pensava na vida?

– Em Zé do Caixão.

– Ahn?

– Nada, nada. Estava pensando em nada.

– Você não tem assistido às minhas aulas. Anda sumida.

– É que estou de licença. Problemas de coluna, não posso ficar muito tempo sentada.

– Sei. Gostei muito do seu trabalho.

– Ai, desculpe, qual trabalho?

– A monografia sobre a culpa.

– Ah! Que bom, fico feliz.

– Você escreve bem.

– Em comparação ao resto da turma, talvez, mas não acho que eu escreva realmente bem.

– Escreve, sim. Você tem luz própria, não é como os receptores. Acho que você não assistiu à aula que eu dei sobre os camelos nietzschianos.

– Não, acho que não.

– Há os que refletem e os que receptam a luz.  
– E os camelos?  
– Ana! Estou há quase uma hora te esperando no refeitório!  
– Jaime! Desculpe, é que estava conversando com o professor Paulo sobre umas aulas que perdi.  
– Bom, Ana acho que já vou. Depois te explico a Teoria de Nietzsche.  
– Sim, sim, os camelos...  
– Você pode me dar o seu telefone, para que possamos conversar sobre as aulas que perdeu.  
– OK. Deixa eu anotar.  
– Não fique tanto tempo sentada.  
– Ah, sim, aqui está. Obrigada.  
– Tchau.  
– Tchau.  
– Poxa! Não dava para se livrar deste idiota?  
– Que é isso, Jaime? Ele é meu professor.  
– Esse cara está é com interesse em você.  
– Acho muita grosseria sua, dizer isso. Inclusive acho muita grosseria alegarem que todo e qualquer homem que se aproxime de uma mulher é por interesse.  
– Quase sempre é assim. Ou você acha que esse cara pegou o seu número por quê?  
– Porque acha que escrevo bem, sei lá. Olha, é melhor trocarmos de assunto. Não é para me perturbar que você quis me ver, é?  
– Não. Eu queria te ver porque... Toma, comprei pra você.  
– Que é isso?  
– Um ventilador.  
– Um ventilador? Você comprou um ventilador pra mim?  
Ana abaixa a cabeça, está comovida e triste. Este homem a ama. Não fez nada que desmerecesse o amor de Ana. Mas amor não é questão de merecimento. Só algumas pessoas muito avançadas emocionalmente conseguem compreender que é civilizado amar aqueles que merecem. O coração parece ser um órgão independente, às vezes age tão tolamente, que parece ser feito como nos desenhos infantis. Uma bundinha redonda para

cima, fechada em “v” embaixo, de preferência com uma seta espetada dentro. São muitas as pessoas que têm no peito este coração infantil e desprovido de contato com a razão. Amar errado é tão comum! Então não é por merecimento que se é amado – caso fosse, Ana deveria amar Jaime. Ele não é perfeito, como todo mundo, mas a ama ternamente e tem um bom caráter. O que faltou para o coração de Ana aceitar um forte afeto por Jaime? Mesmo as qualidades mais fúteis, ele possui. Ela lembra que em algum momento acreditou amá-lo, amando-o então. Lembra de forma meio vaga deste sentimento. Ela recorda, mas não consegue sentir o que acredita ter sentido um dia. Porque “o passado é uma névoa natural de lágrimas falsas”. Ana compreende que as lágrimas deste verso português não são falsas no sentido adjetivo da coisa. Ela pensa nas lágrimas como que de plástico. O passado é plástico, uma maquete acrílica. Fecham-se os olhos e vê-se tudo. Sabe-se ter vivido aquilo visto, mas não se vive mais nada. Sabe-se ter sentido, mas não se sente mais. Ana amou Jaime, acredita nisso e poderá dizer: eu amei este homem. Mas é tão distante falar que amou, odiou, sentiu algo, um dia. É como se a maquete de suas lembranças pudesse quebrar a qualquer momento e ela nem mais veria que amou, pois o sentimento é inexistente, resta-lhe apenas a memória dele.

- Não era preciso.
- Não?
- Quer dizer, não precisava se preocupar.
- Achei que você deve sentir muito calor naquele apartamento.
- Às vezes.
- Então...
- Olha, Jaime, realmente obrigada, mas eu preferia que você não se preocupasse se tenho sentido calor ou não.
- O desamor é tão ingrato.
- Agora já compreí.
- Tão tá, era isso? Obrigada. Agora preciso ir, sinto dores nas costas.
- Vou levar você em casa, é pesado para carregar.
- Você está de carro?

– Estou.

Como Jaime se tornou um pequeno homem frágil, pensou Ana. “Ele me irrita com o seu amor rastejante. Não quero este amor, ele é como lã num dia quente.”

A universidade não é exatamente longe de onde Ana mora. Alguns dias, quando se sente animada, ela costuma fazer o trajeto a pé. O que é mais rápido do que ir de ônibus, mas requer realmente ânimo, devido às inúmeras ladeiras.

No carro, Ana e Jaime pouco conversaram. Ele perguntou sobre as dores na coluna, ela, acostumada a responder sobre o assunto, disse que se sentia melhor, apesar de não conseguir ficar muito tempo na mesma posição. Ele sugeriu shiatsu. Ana nada disse. Se dissesse, falaria que achava tudo isso uma grande palhaçada. “Essa mania cabeça de cultuar o Oriente. Logo você, que diz odiar os amarelos, na hora de ficar comendo aquelas gosmas de arroz com peixe cru em cima, não se lembra de quem faz a nojeirice. É porque é moderno comer em restaurante japonês, assim como é alternativo fazer tratamentos orientais” – pensou Ana, logo em seguida se lembrando de Elisa, que também tem esta mania engajada de achar que agulhinhas e movimentos imitando animais irão curá-la de todos os males. Certa vez, ela conheceu um homem que alegava ser filho de chinês com indiano. Ana, quando foi apresentada ao sujeito, avisou a amiga de que ele tinha cara de boliviano ou paraguaio. Elisa retrucou, dizendo que Ana era muito preconceituosa e que nada entendia de raças. Passou a fazer tudo que o sujeito dizia. Só comia beterrabas quando estava menstruada. Descobriu-se “yang”, por isso alimentava-se basicamente de alimentos “yin”. Todo dia, antes de se levantar da cama, ficava meia hora dizendo “om” e, ao deitar-se à noite, produzia uma série de ruídos, que variavam entre um porco sendo estripado e uma muda gozando. Ana alertou a amiga de que, se continuasse assim, perderia o que lhe restava de razão em tempo recorde. Disse também que pessoas como ela eram presas fáceis para falsos gurus, por isso deveria tomar cuidado, caso o homem tentasse induzi-la a coisas mais estranhas do que as que já estava fazendo.

Dito e feito: um dia, Ana estava em casa escrevendo um trabalho em grupo, quando Elisa iniciou o seu recado na secretária, que estava ligada para evitar interferências.

– Ana. Ana! Sou eu, Elisa. O cara queria que eu mijasse na cara dele, Ana. Imagina, estou assustadíssima...

Ana tentou ser mais rápida que a amiga e correu para atender, mas de nada adiantou, todos já haviam escutado. Mais tarde, quando retornou a ligação, curiosa para saber o desfecho da história, Elisa disse que eles acabaram trepando e que o oriental, em dado momento, pediu-lhe urina, dizendo ser este o líquido mais energético que existe – faz ficar mais forte e “iluminado”. Ana insistiu em saber se ela havia realizado o fetiche do cara, ela disse que não, mas Ana não acreditou. Era a cara de Elisa fazer esse tipo de coisa e depois se dar conta da gravidade da palhaçada.

Assim que chegou em casa, Ana foi tomada por uma imensa preguiça. Das que fazem com que a pessoa se sinta um traste inútil e doente. Nos olhos, um peso de papel em cada pálpebra. A boca seca de sono e uma tontura de viagem de carro em estrada sinuosa. Ana quase que começa a acreditar que sente dores na coluna. Joga-se, esgotada, no sofá. Jaime só observa. Ela se esqueceu totalmente da presença dele. Quer apenas tirar os sapatos e o leve vestido, que agora parece pesar quinze quilos. Está morta! Jaime pergunta se ela quer que ele ligue o ventilador. Ana diz que sim, mas nem sabe o que está aceitando. Não consegue mais ouvir nada. Começa a se entreter com as imagens confusas da vigília. O melhor momento, aquele que antecede o sono profundo, quando os pensamentos são ordenados confusamente. Ana pensa em patos e no bebê de Elisa, precisa visitá-los. Acha graça, mas não tem forças para rir, dorme.

## 5

Graças ao acaso, Ana passou o final de semana com Jaime. Mas sabia que não seriam novamente as forças do destino que cuidariam de um novo encontro. Ao mesmo tempo, não acreditava que ele iria procurá-la, porque – por mais que Elisa tentasse convencê-la de que Jaime não havia percebido que ela era uma doida varrida – Ana se sentia insegura e desconfiada da despedida que tiveram na rodoviária. Teria que fazer alguma coisa. Não é do seu feitio querer algo e simplesmente cruzar os braços. Se bem que preferia mil vezes que ele lhe telefonasse. Seria muito mais fácil para ela, marcariam um encontro e ela se comportaria normalmente dessa vez. Estava decidida a ter Jaime e não parava de pensar nisso um só minuto.

Sabia que acabaria cruzando com sua colega que namorava Jaime, faziam uma cadeira juntas, seria inevitável. Por isto, preparou-se para agir com seriedade. Caso a menina engrossasse, tentaria contornar as coisas com calma e segurança. Mas na verdade estava tensa. Ana não suporta situações constrangedoras e receia sempre que sua agressividade a leve a tomar atitudes extremas nesses momentos. Chegando o dia da tal matéria, concluiu que o melhor era ligar para Jaime e indagar diretamente sobre tudo que acontecera e sobre como deveria agir diante da garota. Dava tempo, a aula era a última da manhã. Teve vergonha quando se viu indo até a casa dele para pegar o número e procurar o telefone na lista. Há situações na vida que sempre farão com que se sinta ainda uma adolescente. Assim se sentiu, enquanto se esgueirava atrás de uma moita para anotar o número. Era 13, achou por demais clichê esta situação, mas ficou feliz, pois este é o seu número de sorte. Não acredita nisto na maioria das vezes, somente quando tem que recorrer a apoios externos para agir com mais segurança. Voltou para casa, não encontrou a lista telefônica, começou a crer que tudo aquilo era decididamente uma palhaçada. Pensou em desistir e ir para a aula, como se nada houvesse acontecido. E se esforçou para acreditar que o

melhor era esquecê-lo, aquilo já estava consumindo muito as suas atenções. Deveria retornar à razão e voltar a levar sua vida, sem esta adrenalina apaixonada. Deitou-se por alguns minutos para pensar se era essa, realmente, a melhor solução. Tentou falar com Elisa, mas ninguém atendia na sua casa. Achou que isto era um sinal para que desistisse. Deitou-se novamente. O telefone tocou. Pensou ser Elisa, que devia estar no banho quando ligara anteriormente. Sentiu esperanças. Correu para atender, deu uma topada com o dedinho mindinho do pé numa mesa. Atendeu o aparelho quase em prantos. Era Jaime.

Acabou não indo à aula naquele dia – mas não porque queria evitar aquela que considerava sua rival. Não foi, para se encontrar com Jaime. Marcaram o encontro num pequeno restaurante, para um almoço tardio. Ainda era cedo para que Ana se arrumasse, mas ela estava muito ansiosa. Sentia-se tão feliz, estava elétrica com a ideia de rever aquele homem. Colocou um disco, sentou-se no sofá e ficou imaginando como seria tudo. Queria ser genial neste encontro, se esforçaria para ser engraçada e inteligente. Não que precise deste esforço, mas, naquele dia, Ana queria ser a melhor de todas as mulheres do mundo. A mais fascinante, a mais talentosa. Diria para ele que era escritora, falaria de suas conclusões filosóficas sobre o homem e suas vestes. Daria um jeito de contar que cozinha muito bem. Não aguentou ficar sentada por muito tempo e foi tomar banho. Achou de bom-tom raspar-se. Apesar de pretender não fazer sexo com ele naquele dia. Concluiu que, já que haviam trepado com tanta liberdade naqueles dois dias, seria mais charmoso que se mantivesse mais polida naquele encontro. Não cogitou a possibilidade de Jaime estar querendo vê-la por gentileza, para explicar-se e dizer que era comprometido. Por mais educado que um homem seja, nunca marcaria um encontro com estas intenções tão castas, principalmente com uma mulher com quem havia passado momentos tão prazerosos. E, caso esta fosse sua intenção, Ana estava preparada para conquistá-lo, mesmo que só tivesse cinco minutos para fazê-lo. Não perderia mais ninguém nesta vida. Estava animada e convicta da vitória.

Toda esta convicção quase se esvaiu, depois de umas dez trocas de roupa. Queria parecer casual, mas ao mesmo tempo literária e sedutora. Por fim, optou por uma camiseta preta, que, apesar de simples e velha, lhe deixava com os seios bonitos, e uma saia longa, azul com florzinhas vermelhas. Estava bela, prendeu os cabelos num coque baixo e usou um pó facial para disfarçar as olheiras. Nada de batom. Ana tem a boca delicada e levemente carnuda, e ela sabe que o batom constrange beijos.

Quando ficou pronta, ainda faltavam quarenta e cinco minutos, e, mesmo o restaurante não sendo perto, ainda era muito cedo para sair de casa. Receou que a espera ociosa a abatesse. Pegou um livro de poemas e leu os seus prediletos, estava tão desatenta que em alguns poucos minutos já havia acabado a leitura. Foi até a geladeira e tomou uma latinha de cerveja, que jazia esquecida há algumas semanas. Num só gole, eliminou a bebida. Quando saiu de casa, estava levemente alta. Sentiu-se bem, especial. No meio do caminho, foi tomada por uma enorme vontade de fazer xixi. Agradeceu aos céus quando chegou ao restaurante e notou que Jaime ainda não havia chegado. Correu para o banheiro. Estava tão feliz! Faltavam cinco minutos para o horário marcado, Ana achou melhor dar uma volta e fingir-se atrasada. Andou até uma rua paralela à do restaurante, lá parou diante de uma loja de luminárias. Reteve-se num lustre especialmente kitsch. Achou absurdo que uma mente fosse capaz de conceber uma peça daquela em plena sala de estar. O lustre era de cristal, com umas dez camadas que pendiam em cascatas e terminavam numa última série de pequenos pingos de cor azul. Não eram exatamente as gotas de cristal que chamavam a atenção de Ana, era o suporte de metal que sustentava todos os balangandãs do lustre. Havia uma circunferência dourada com brocados grosseiros na borda – esta era a parte que prendia o dantesco objeto ao teto. Desta circunferência, vinha uma corrente grossa que acompanhava o fio, ambos envoltos por uma espécie de arranjo de flores, de metal dourado fosco. As pétalas eram retorcidas, o que dava um triste aspecto ao que inicialmente deveriam ser antúrios. E para arrematar a cafonice, o nome do lustre exposto na vitrine: “Flores

de Foz do Iguaçu.” Ana não se conteve e gargalhou, tão natural quanto apenas os jovens podem ser. Sua gargalhada pareceu uma canção, daquelas que invadem o ambiente com tanta força, vinda de algum lugar distante, e contaminam a todos que a escutam. Dentro da loja, havia um senhor e uma moça – ambos olharam para Ana. O mais velho, com rancor da juventude e da liberdade dela, a mais nova, com o cansaço de quem fica o dia inteiro em pé dentro de uma loja que nada vende. Ana sentiu-se constrangida e mesquinha. Mesquinha com os seus conceitos cultos do que é belo, feio, cafona, moderno, antigo... Sentiu-se boçal. Olhou no relógio, já haviam se passado dez minutos. Retornou ao restaurante. Jaime estava sentado em uma mesa tomando um drinque.

– O que você está bebendo? – perguntou, tentando parecer natural, enquanto sentava.

– Gim-tônica. Como vai?

– Bem. Desculpe pelo atraso, eu estava vendo umas luminárias.

Como são difíceis os primeiros encontros de um casal apaixonado.

– Vai beber o quê?

– Gim-tônica. Não sou nada autêntica.

Dois drinques foram pedidos ao garçom. No terceiro copo, Ana estava de novo confiante da conquista. Como fazem os que nunca bebem, nestes momentos?

– Não entendo as pessoas que não bebem. Inclusive, não confio nelas. Acho desagradável tê-las por perto numa festa. Sempre olham tudo, lembram das besteiras que fazemos. Um horror! Por que não ficam em casa, assistindo a um videocassete?

– Você é estranha.

– Eu? OK, talvez um pouquinho só. Mas por que você me diz isso?

– A primeira vez que vi você, te achei tão séria. Você estava sentada, sozinha, tomando vinho branco. Isso me parece um tanto ou quanto careta. Pra mim, quem toma vinho branco numa festa não bebe. Depois você tirou a roupa e tomou banho

seminua na frente de dezenas de pessoas, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

– Eu achei normal.

– Não para quem estava tomando um cálice de vinho branco.

– A questão é que naquela noite não havia por que eu tomar um porre. Encher a cara sozinha, na véspera do ano-novo, é uma idiotice.

– Fiquei chateado de você ter ido embora.

– Mesmo?

Ana começava a ficar tímida e isto não é muito instigante para o seu raciocínio.

– Sim. Fiquei muito impressionado com você.

Duas pessoas se conquistando. A ninguém mais interessa aquele momento, somente para eles há um valor especial. O mundo, com suas diferenças mais profundas, parece ser o mesmo, quando duas pessoas tentam impressionar uma à outra. A cultura, o dinheiro, a religião: nada resta além da pieguice natural da paixão. Todas as pessoas apaixonadas são tão cafonas quanto o lustre “Flores de Foz do Iguaçu”.

– Eu pensei que você fosse namorado da...

– Vocês estudam juntas, não é?

– Numa matéria.

– Ela não tem mais nada a ver, nunca teve.

– Então vamos falar de outras coisas.

Ana se aproximou de Jaime e beijou-lhe a boca. Não havia por que se controlar, como tinha desejado antes. Estava tão excitada, não queria mais ouvir nada, dizer nada, apenas beijar e beijar e beijar. Poderia ficar uma hora beijando, feito uma adolescente. Queria se levantar, beijar de pé, sentir o pênis rijo daquele homem. Era como se tivesse quinze anos e desse o seu primeiro “amasso”. O pênis, duro dentro da calça jeans, era o mesmo de anos atrás. Naquele instante, sentia-se poderosa. O pau de Jaime era o prêmio merecido por ter seios, nádegas, vagina e, por isso, menstruar, usar sutiã e lutar contra a força da gravidade que tudo impulsiona para baixo, principalmente as bundas femininas. Era o troféu, por todas as centenas de anos sendo discriminada, pelo salário menor que sempre receberia, por ter

que tomar pílula ou ter um ser em transformação durante nove meses dentro da barriga. Esse pau era a gratificação que meteria entre as pernas, colocaria na boca, comandaria o seu tamanho. O prêmio por ser inferior aos homens – não mentalmente, mas por deformação natural do *Homo sapiens*, que a fez mais frágil, em desvantagem física, como todas as mulheres.

– Garçon! Mais dois.

– Você tem certeza de que aguenta mais um? – perguntou Jaime, ainda estranhando a súbita retirada de Ana. Da mesma forma que ela quis seus lábios, de repente cansou-se deles.

– O que você acha? Que vou desmaiar? Pois saiba que eu sou descendente de piratas. Tenho o fígado de um marujo.

– OK.

– Espero que você não seja daqueles que não suportam uma mulher com resistência masculina.

– Espero que você não seja feminista.

– Eu? Jamais. Nunca queimei sutiã, sou totalmente a favor de ligas, meia taça, meia arrastão. Penhoar, baby-doll...

– É o que vocês sempre dizem.

– Não acredita em mim? Tenho horror de cheiro de lingerie queimada. Imagina se eu iria colocar fogo nas minhas peças francesas. Sabe de uma coisa, sou totalmente a favor dos homens pagarem as contas, carregarem as malas, trocarem os pneus...

– E das mulheres lavarem as louças, cuidarem das crianças...

– Alto lá! Eu não disse isso! Tsk, inclusive nem me lembro do que disse. O que eu disse?

– Que quer sair daqui e ir para um lugar mais sossegado.

– Nossa! Como você é cafajeste!

– Não, desculpe, você entendeu mal.

– Só estou brincando. Acho que estou meio alta. Que bom!

– Quer ir embora?

– Não. Sabe qual é o meu signo?

– Não.

– Não consegue imaginar? Tente!

– Não entendo nada de astrologia.

– Nem eu, mas tente. Todo mundo “saca” os astros. Vamos brincar que sabemos.

– Bom, acho que você é de gêmeos.

– Errou.

– OK. Você é libra com ascendente em leão e lua em peixes.

– Nossa, você é um gênio!

– Acertei?

– O ascendente.

– Sou um gênio por isso?

– Não, por tudo.

E beijou Jaime novamente. Desta vez, ele conseguiu conter um pouco a empolgação dela, para mandar fechar a conta. Ana estava decididamente bêbada. Quando o garçom trouxe o troco, pediu a ele um cigarro e fumou-o inteiro. Esta é a ação mais denunciante do estado etílico de Ana. Toda vez que se embriaga, fuma um cigarro. Elisa acha que é a pombagira Maria Mulambo da amiga que se pronuncia. Ana não acha nada, sempre que faz isso prefere se esquecer.

Já era noite e os dois ainda não haviam comido. Ana estava animada e propôs que fossem até uma praça próxima à universidade, mas antes teriam que comprar cervejas em lata. Queria encher a cara. Disse isso ao encantado Jaime, que acolheu a ideia com ardor. Aquela mulher, grande e forte, trouxe para ele uma agradável sensação de descanso. Pretendia se comportar como um cavalheiro e sabia que era o que Ana desejava, mas notava nela uma masculinidade singular. Algo que o deixava tranquilo para agir naturalmente. Como se estivesse com um amigo. As outras mulheres sempre tinham um “quê” de defesa do meio ambiente, defesa do aborto, defesa da bandeira nacional. Nunca sabia exatamente em que momento elas começariam a falar sobre as suas opiniões irredutíveis a respeito do socialismo francês ou da mística dos druidas. Com a maioria esmagadora das mulheres, Jaime precisava ponderar, medir palavras. Jaime as adorava, era um convicto apreciador das fêmeas. Mas nunca havia se sentido tão à vontade ao lado delas, como se sentia com Ana.

Compraram quatro latinhas bem geladas de cerveja. A temperatura havia caído e poderiam tomá-las sem pressa, pois não esquentariam tão cedo. Na praça, havia os usuais frequentadores: humildes namorados, um pequeno grupo de adolescentes e um ou dois mendigos estatelados nos bancos.

Ana gosta de praças, desde quando morava na sua cidade e ia com frequência até uma pracinha em frente ao velho cinema. Lá, escutou uma bela declaração de amor. E, na hora, Ana não notou a beleza das vulgares palavras do rapaz. Ele disse rápido e baixo: “Eu sou apaixonado por você.” Uma moto passava e Ana olhou para ela. Havia adquirido este hábito por causa do irmão de Elisa, que tinha uma barulhenta motocicleta. Durante anos, Ana pensou no moço sincero e decididamente apaixonado, que sussurrou alguma coisa no seu ouvido enquanto uma moto passava. “Por que não o amei?” Esta é uma pergunta tão sem resposta quanto “Por que não sou Greta Garbo?”.

– Você me acha parecida com a Greta Garbo?

– Não. Não acho.

– Nem um pouquinho?

– Deixa eu ver. Levante um pouco a cabeça.

– Olha, assim com as sobrancelhas arqueadas.

– É, talvez um pouquinho, o nariz.

– Por que eu não sou a Greta Garbo? Acho uma grande merda não ser ela.

– Você é muito mais bonita. E bem menos chata. Não gosto daquela mulher, muito cheia de empestações.

– *Leave me alone!*

– Nossa, ficou igualzinha. Só falta encapar os dentes. Você sabia que os dentes dela eram falsos? Não exatamente dentadura, mas algo similar.

– E daí, dane-se. É como se lembrar da plástica na testa de Rita Hayworth. Qual mulher não faria uma cirurgiazinha pra mudar um defeito qualquer? Mesmo que ele seja imperceptível. Inclusive os homens, duvido que, podendo, você não mudava algo.

– O quê? Você acha que preciso de uma plástica?

- Não. Eu não disse isso.
- Agora fala!
- Juro que não reparei em nada! Mas e eu? O que você acha de uma levantadinha aqui nos olhos? São caídos, sei lá...
- De jeito nenhum!
- Óbvio que não! É o que tenho de mais parecido com a Greta Garbo.

Levantou-se e, num gole grande e afetado, terminou sua cerveja.

- *Leave me alone!*
- Então tá. Adeus.

Jaime ameaçou ir embora. E foi andando para o outro lado da praça. Ana nada fez, sentando-se calmamente no banco e abrindo mais uma lata de cerveja. Jaime diminuiu os passos, percebendo que Ana não havia ido atrás dele. Parou e virou-se para se certificar. Ela estava sentada, plácida, com a latinha dourada na mão. Se Jaime naquele instante olhasse fixamente para aquela mulher, veria que, um dia, ela o faria sofrer. Da mesma maneira como fez com o jovem da praça da sua cidade. Mas ninguém congela um instante na memória tempo suficiente para compreendê-lo de fato. E o fato é que, brincando, Ana avisou a Jaime que não pretendia se cansar por mais nenhum amor. Seus esforços nunca seriam grandes em função de nenhum sentimento, pois se acostumara a esquecer aquilo que amava, caso fosse muito custoso se lembrar.

Ele voltou ao banco e tentou agir naturalmente ao desprezo sofrido. Por seu espírito pacífico, Ana o presenteou pegando em seu pênis. Esta imoral liberdade levou Jaime às alturas. Estava apaixonado.

No dia seguinte, Ana estava com uma enorme ressaca, mas nada que compromettesse a feliz sensação de estar enamorada. Pois mesmo ela sendo um antídoto contra a pieguice, é difícil não se deixar empolgar pelo começo de um namoro. O amor deveria ser somente o início. Haveria um alarme interno que lembrasse: acabou. Antes de virar rotina. Antes do tédio, este tumor moderno. Bem antes de se tornar uma areia movediça que deixa a todos com apenas o nariz de fora. “O reverso inevitável da

paixão.” Fim. *The end. Finito.* Ou uma campainha aguda no cérebro, que acordasse da letargia irracional que a maioria dos amantes adquire com o passar do tempo. Tudo, porque o Homem deseja a eternidade. Ele não tem fé suficiente para acreditar em vida após a morte, por isso quer durabilidade. Prefere se agarrar ao eterno em vida. E, para a grande e extensa maioria, a eternidade não virá em forma de obra-prima. Por isso, o casamento. Por isso, centenas de leis, promessas, amarras, justificativas. Que levam os amantes para um só lugar, o umbral dos corações, o nada. Toda pessoa que amou sabe o que é isso, e suspira profundamente, tentando expelir este vazio pela boca. Mas já tem a alma como uma blusa de seda furada por um broche. Não há nada o que se fazer a respeito. Nada. Pois o vazio está tão presente quanto o oxigênio que os pulmões bombeiam. É o estado terminal alcançado pela desvalorização de um grande amor. Quando está morto feito um boneco suspenso por fios de náilon. E é deixado assim, com o cadáver à mostra, para que todos vejam. Permitindo e aguardando o final mais triste, quando a carniça tomba depois de ser mordida por centenas de urubus. A metáfora poderá parecer por demais exagerada, mas que seja. É essa a correta descrição de um amor carregado pela comodidade. E para ratificar a feiura deste costume tão humano, pode-se comparar o fim do amor com uma feira que começa cheia de flores e frutas perfumadas e termina com lama de restos de peixe a feder.

Mas, por quê? Por que não ensinam às pessoas, desde bem pequenas, que elas são indivíduos preciosos? Que devem amar não por carência, acreditando que desta forma a solidão de suas existências cessará. Mas amar com o coração em paz, com a ideia de que nem a pessoa mais íntima pode compartilhar a sua dor. A dor de não ser hermafrodita, de não ter com quem partilhar as suas entranhas.

O Homem deve cultivar a si mesmo com amor e cuidado. Acreditar-se eterno. Ser para si próprio eterno, afinal é certo que você será aquele quem mais tempo lhe fará companhia. E deixar o amor livre desta obrigação. Deve o Homem acreditar na durabilidade do amor, mas nunca forçá-lo a isso.

Era o desejo de “para sempre” que excitou as mentes de Ana e Jaime durante aqueles dias. Como todas as mulheres, com algumas exceções, é claro – será a exceção o senso de humor de Deus? –, Ana desejava encontrar alguém para viver, alguém que cuidasse dela e a fizesse descansar. Entrar de férias.

Na época em que começou a namorar Jaime, Ana ainda sustentava o sonho de ser escritora. Acreditava que, com determinação, acabaria por escrever bem. Não genialmente – nem há nos tempos atuais espaço para um gênio –, mas com suficiente eficiência para transcrever o que pensa. E, caso ela conseguisse, certamente escreveria coisas bastante interessantes. A cabeça de Ana é invadida compulsivamente por diversos pensamentos. Foi premiada com uma enorme capacidade de inventar histórias e ela tem prazer em se embrenhar na intimidade dos personagens. Sabe que qualquer pessoa poderia inspirar um livro – não há uma melhor ou pior história. Pode-se escrever sobre Lady Di com a mesma qualidade que sobre o Zé das Couves. Basta ser verdadeiro. A genuinidade – não a genialidade – é a condição para se fazer qualquer coisa que preste. E é o que falta às pessoas neste fim de século, onde, pela ausência de talento ou estímulo, todas resolveram ser artistas. Ana sabe disso, sabe que tem que ser honesta e única. Reconhece que esta é uma época em que a responsabilidade com o genial não mais existe, facilitando aqueles de boa-fé a cumprirem o seu papel.

Desde pequena se dizia escritora. Sabe-se lá de onde tirou esta ideia, mas antes mesmo de aprender a escrever, quando perguntavam a ela sobre os planos do futuro, Ana respondia: poetisa. Com a chegada da puberdade, notou que falar poetisa era cafona e diminuía a grandeza da ação. Passou a se dizer poeta. E escreveu belos poemas até o fim da adolescência. Versos que jorravam toda a sua tristeza. Gastou grande parte destes anos falando em morte, Caronte, Inferno e derivados. São indiscutivelmente bons, estes poemas. Mas nada que qualquer adolescente na situação adequada não pudesse escrever. Depois que amadureceu e que decidiu não mais se matar, foi-se

embora a inspiração. Deixava, então, de ser uma sofredora diletante para tornar-se uma adulta.

Sendo boa para a arte do ócio, aproveitando com sabedoria o hábito de não fazer nada, Ana sempre gostou de ficar horas deitada, pensando. Este exercício resultou em vários cadernos com anotações. Textos sobre assuntos diversos, que em algum momento deveriam se transformar em livros de ensaios, partes de romances ou qualquer outra obra, enfim, findada. Mas sempre havia um desvio daquilo que pensava para aquilo que acabava indo para o papel. Ela domina com primor a língua portuguesa, conhece suficientemente bem os estilos literários, mas não consegue ser tão boa na escrita quanto o é nas ideias. Caso sua mente pudesse ser transcrita num papel sem qualquer interferência, seria uma escritora. Mas isso não acontece e, assim, Ana acabou por desistir de seu sonho. Talvez um dia ela entenda que há nela um talento que talvez nunca será compartilhado, mas que não deixa de ser arte. Ana escreve livros na mente, que somente ela pode ler.

Quando conheceu Jaime, ela ainda aguardava o dia em que uma frase perfeita a conduziria ao término de uma grande obra. Acreditava seguir os passos de seu escritor moderno preferido, Ernest Hemingway, que narra, no livro *Paris é uma festa*, o seu método de escrita durante a década de 1920. Para ele, a grande dificuldade era justamente o começo: deveria ser decisivo. Para Ana, seguir o mestre já seria ao menos um início, até descobrir suas próprias regras. Outro ensinamento é o momento de parar de escrever – isto deve ocorrer somente quando o escritor sabe exatamente o que irá se passar depois dali. Pode então fechar sua máquina até o dia seguinte, com a certeza de que retomará o fio da meada. Por fim, para Hemingway, era fundamental não levar o trabalho para casa. Ou seja, não tornar o livro o centro de suas atenções. Com estes conselhos, mais os livros que sempre consumira vorazmente, e umas tantas ideias originais, estava pronta para a criação. Mas não bastou tudo isso para a consumação da grande obra. É mais ou menos como assistir a um jogo de tênis a vida inteira, compreender cada jogada, mas, quando se pega na raquete, percebe-se que não é assim tão

fácil. E que grande será a sorte de acertar uma vez sequer na bolinha.

A paixão por Jaime incentivou Ana a mais uma vez idealizar um romance. Haveria de ser um bestseller – queria poder se realizar comercialmente para, depois, ter a liberdade de criações menos adequadas aos meios editoriais. Passou a se dedicar integralmente à idealização do livro. Durante as aulas, simplesmente se ausentava mentalmente de tudo. Era capaz de sentar na primeira fila, olhar fixamente para o professor e conduzir seus pensamentos às tramas dos personagens. Vivia tão intensamente a história que em alguns momentos se emocionava e, caso estivesse em casa, chegava a chorar. Decerto este exercício sempre era um tanto perigoso, apesar de ter feito isso durante anos e anos. Ainda corria o risco de acabar se confundindo com essas emoções mentirosas. Ana é uma mulher desconfiada, odeia se sentir enganada. Ao tratar de sentimentos dramáticos, como a traição e o abandono, acabava por se transportar para estes acontecimentos. Não de forma direta e esquizofrênica, mas, ao lidar com essas dores, sofria também, ficando deprimida e agressiva com Jaime.

O nome do livro já estava decidido: *Traição das sombras*. A história era sobre uma mulher chamada Lívia, de trinta e quatro anos, casada com um famoso arquiteto, um ano mais velho que ela. Ambos eram cultos, belos e divertidos. Moravam numa casa desenhada por ele, em frente à praia. O nome do marido era Jonas e, apesar de ser ainda um homem novo, já havia alcançado status profissional. Era o principal arquiteto de uma famosa firma. Seu escritório ficava a quarenta minutos de casa, distância que o obrigava a dormir num hotel quando o trabalho era muito. Jonas tinha casos esporádicos com jovens mulheres. Jamais havia se envolvido emocionalmente com alguma e Lívia vivia sem ser atormentada por esta natureza infiel. Ela era formada em Belas-Artes e mantinha um pequeno ateliê de pintura, construído no mesmo terreno da casa. Ocasionalmente, fazia exposições e já tinha um certo nome no meio artístico. Mas não era uma mulher vaidosa pelas coisas fúteis, orgulhava-se de viver há dez anos com Jonas uma vida agradável e amorosa.

Queriam ter filhos, mas Lívia não havia conseguido engravidar. Durante um tempo, isto foi um sofrimento para ela. Depois, Jonas convenceu a esposa de que o amor deles era grande o bastante para sobreviverem àquilo, e esqueceram.

Um dia, Lívia recebeu a ligação de uma mulher que dizia ser amante de seu marido. Ela tentou se manter calma e desligou o telefone. Só poderia ser uma brincadeira de mau gosto de alguma estagiária da firma. Mas era bem pior do que imaginava. De fato, tratava-se de uma jovem recém-contratada na empresa, mas não se tratava de brincadeira. A moça tinha apenas vinte anos, o caso com Jonas já durava três meses e o pior: estava grávida. Lívia tomou conhecimento de tudo através de uma carta, enviada a seguir pela moça. Dentro do envelope ainda havia fotografias do casal – aquela que mais aborreceu Lívia foi a que mostrava Jonas segurando uma caixa, com um colar de pérolas. Não exatamente pelo valor da peça, mas pelo valor que tem uma mulher para o homem que a presenteia com pérolas. A amante, de nome Alexandra, aproveitara que Jonas estava num congresso em outro estado para pôr tudo às claras com a esposa. Lívia passou o dia inteiro chorando, vendo aquilo que mais amava desmoronar e se sentindo não só traída, mas assassinada. Pois Jonas era tudo para sua vida e de repente não mais reconhecia o homem que amava. Não que ela não desconfiasse que ele poderia ter estado, uma ou outra noite, em companhia de uma jovem mulher. Mas jamais acreditou que ele poderia traí-la assim, de maneira tão vil. Com a chegada da noite, as coisas haviam serenado – não a sua tristeza – e decidiu que deveria manter-se calma. Analisou toda a sua vida. Seu pai morrera quando ela tinha três anos apenas e sua mãe, com o passar dos anos, havia perdido a razão. Conheceu Jonas aos dezessete anos e, desde o primeiro instante, o amou. Ele era um rapaz sem dinheiro, mas que se dedicava integralmente à ideia de tornar-se arquiteto. A mãe de Lívia era contra este namoro e enviou a filha para a Europa – lá passou seis anos e cursou a universidade. Foi no curso de Artes Plásticas que conheceu Mirna, sua mais íntima amiga. A pessoa em quem Lívia mais confiou em toda a sua vida e com quem manteve a relação mais

pura e fiel. Quando Mirna abandonou o curso para viajar pelo mundo, com um cineasta francês que conhecera, Livia quase enlouqueceu e cortou os pulsos. Mirna adiou a viagem até a recuperação completa da amiga. Antes de partir, jurou que estaria com ela nos momentos que precisasse. Livia se formou e retornou ao Brasil, logo em seguida sua mãe faleceu, deixando para ela uma boa fortuna. Neste momento, Livia reencontra Jonas, agora formado em Arquitetura, mas ainda sem ter conseguido um bom trabalho numa grande firma. Livia se propõe a ajudá-lo, coisa que faz imediatamente. Começam a namorar e meses depois se casam. Agora, acontece isso – e Livia se lembra da mãe, dizendo que aquele homem a faria sofrer, que era o seu dinheiro que ele queria. Terrível ter que concordar com a mãe. E não devia fazê-lo. Não podia jogar dez anos harmoniosos e felizes fora, por causa de umas fotos. OK, ele havia tido um caso, mas ela devia esperar o retorno de Jonas para escutá-lo. De qualquer maneira, estava se sentindo só, precisava de um ombro, um acalento solidário. E somente se lembrava de Mirna. Fazia anos que não se falavam. Depois que retornou ao Brasil, Livia mandou para ela umas quatro cartas, mas só recebeu de volta um telegrama, parabenizando-a pelo casamento. Não era desinteresse – Livia sabia que a amiga a amava, mas era a maneira de Mirna viver que a impedia de manter correspondência com ela. Estava sempre tão ocupada, havia se tornado uma cenógrafa conceituada e viajava muito por toda a Europa. Há três anos, quando teve o filho, enviou fotos para Livia e prometeu que ela seria a madrinha da criança, mesmo que isso fosse demorar para acontecer.

Livia e Jonas foram muitas vezes à Europa, mas nunca conseguiram encontrar Mirna. Um ano atrás, Livia conseguiu com um amigo em comum o número do apart-hotel onde ela estava vivendo em Paris. Telefonou-lhe imediatamente, mas teve a triste notícia de que o filho de Mirna havia falecido, depois de cair do quinto andar do prédio em que morava, em Londres. Livia queria imediatamente partir ao encontro da amiga, mas esta disse que não era necessário e que estava de malas prontas para ir até o Japão, realizar um curso de pintura de painéis.

Achava que desta forma seria mais fácil se refazer da dor. Ficaram horas no telefone e juraram que sempre seriam amigas.

Agora, tudo o que precisava era ver Mirna. Aguentara todos esses anos a distância só por causa de Jonas – ele sempre havia demonstrado ciúmes da amiga de sua mulher. Não iria abandoná-lo. Estava disposta a conversar e tentar consertar toda esta terrível situação. Mas era certo: estava decidida a ir até onde Mirna estivesse. Foi ao seu gabinete e procurou desesperadamente a agenda que tinha o telefone de Paris. Talvez, com sorte, ela tivesse voltado a morar lá, pois tinha dito que Londres se tornara impossível para ela após a morte do menino. Conseguiu achar a agenda e ligou imediatamente. O telefone tocou com insistência até que uma voz afeminada atendeu – era tarde na França e o rapaz parecia aborrecido. Livia explicou-se, no seu fluente francês. E teve, sim, uma certa sorte: a amiga havia emprestado sua casa para um ator desempregado. Ele deu o número de onde Mirna estava morando, em Nice. Antes de desligar, ela perguntou as horas – era tarde. Livia resolveu esperar até o dia seguinte. Tomou um banho antes de dormir, foi para a cama e, mesmo deprimida, sentiu-se excitada o suficiente para se tocar. Gozou.

Logo que acordou, recebeu o recado que Jonas havia deixado com a criada. Ele dizia que estava com saudades e que chegaria à noite. Livia ainda estava abatida, mas a ideia de rever Mirna era maior do que o seu cansaço. Caso pudesse, ela viajaria naquele dia mesmo. Queria agir impulsivamente e começou a apreciar a ideia de viajar sem Jonas. Correu para o telefone e discou ansiosa os números. Foi uma grata surpresa ouvir a voz de Mirna, não imaginava que seria tão fácil encontrar a misteriosa amiga. Ambas ficaram bastante emocionadas. Livia contou sobre o desejo de vê-la, falou que faria qualquer coisa para estar ao seu lado. Mirna notou, em sua voz, a tristeza que estava vivendo. Livia tentou disfarçar, mas a amiga a conhecia demais para se deixar enganar. Então, Livia narrou parte da história. Mirna achou que seria covardia da amiga fugir a este problema, que mesmo ela não concordando com uma vida voltada para um casamento, achava que Livia não podia jogar

fora os anos bons que havia vivido. Prometeu que, assim que as coisas estivessem esclarecidas, ela iria ao Brasil passar um mês em companhia da amiga. Isso foi uma alegria para Livia, era como se dali por diante ela devesse se esforçar para consertar aquela situação o mais rápido possível. Queria a amiga ao seu lado, clamava por isso.

À noite, quando Jonas chegou, trazia um presente para a esposa: uma caixa de madeira com dez pequenos potes de prata cheios de chá chinês.

“– Eu prefiria um colar de pérolas.

– Mas você já tem dois.

– E daí? Queria mais um.

Jonas beijou a testa da esposa.

– Menina mimada. Pode deixar que papai lhe dará outro.

– Eu quero o que você deu para aquela mulher.

Não era assim que Livia gostaria de abordar o assunto. Ela era chique demais para agir com rancor. Mas isso estava além de suas possibilidades.

Jonas, por sua vez, não era burro o suficiente para agir feito um sonso. Sentou-se abatido em sua poltrona. Livia ficou parada diante dele, olhando, silenciosa – ela estava linda nesta noite. Vestia um longo vestido pêssego que tinha uns dez anos. Esta era uma roupa especial, e Livia a usava em raras ocasiões, exatamente por ser tão antiga.

– Você já sabe?

– Do quê? De sua safadeza e mau-caratismo?

– Por favor, vamos manter a calma.

– Diga-me, se você estivesse no meu lugar, você conseguiria estar calmo? Feche os olhos e me imagine trepando com outro homem.

Por alguns segundos, Jonas viu sua mulher de pernas abertas com um macho sobre ela fazendo movimentos bruscos. Arrepiou-se. Mal conseguia ouvir a palavra “trepando” dita por Livia. Livia, tão elegante, uma mulher que por educação nunca se permitiu trepar e, sim, fazer amor.

– Você tem razão para estar chateada. Mas tudo será contornado. Eu te amo.

– Porque você me ama, acha que nada disso terá consequência? Mas já tem. Não em mim, mas nela. Na vagabunda da sua amante.

Essas palavras não cabiam na imagem de Lívia. Uma mulher magra, branca, com cabelos louro-claros, acima dos ombros. Ainda era a mesma menina que cortara os pulsos, anos atrás.

– Não! Eu já falei com ela. Está tudo terminado. Inclusive ela não vai mais trabalhar na firma.

– Quer dizer que agora, depois de ter conseguido o que queria, vai despedir a menina? Você é pior do que eu pensava. Quantas outras você colocou no olho da rua depois de ter levado pra cama?

– Fique calma, não é isso que você está pensando. Não fui eu que a despedi. Nem fui o único com que ela se deitou.

– Que nojo! Você só está piorando as coisas. Quer dizer que vocês revezam putas. E de quem é o filho que ela está esperando?

– Filho?

– Não se faça de tonto. Por favor! Mais do que você, eu quero esclarecer tudo isso. – Pôs as mãos no rosto. – Tenho vontade de morrer.

Neste momento, Lívia tombou de joelhos no chão e começou a chorar. Quanta dor no coração, num coração traído. Jonas se levantou e pegou a mulher pelos ombros, tentando levantá-la.

– Me larga! Me larga, pelo amor de Deus! Você não sabe a dor que estou sentindo.

Jonas foi até o bar e serviu-se uma dose de uísque. Voltou a sentar na poltrona.

– Me dê um drinque.

Ele estendeu o dele para ela.

– Não! Quero puro.

Foi o que ele fez.

– Lívia, você está coberta de razão por estar magoada.

– Magoada? – Riu.

– Não seja irônica. Esta é uma situação difícil para todos nós. Você acha que estou feliz vendo você sofrer?

– Por que não pensou nisso antes?

– Eu pensei. Só Deus sabe como pensei.  
– Não ponha Deus no meio de suas pernas!  
– Você está descendo o nível.  
– Filho da puta! Você quer que eu continue chique, dentro de uma roupa assinada, com um sorriso lexotan nos lábios, ouvindo você contar que se arrepende de ter engravidado uma puta qualquer?

– É mentira! Esta mulher não está grávida. Ela quer se vingar, por ter sido despedida.

– Você acha que ela mandou a mesma carta para cada esposa traída? Quantos colares de pérola ela deve ter ganhado?

– Eu não vou mais conversar enquanto você não tiver voltado ao normal.

Lívia virou o uísque num só gole e depois zuniu o copo numa parede, espatifando-o.

– Normal? Aquela otária traída. Vou lhe dizer uma coisa. – Levantou e serviu outro drinque. – Você acha que nestes anos todos nunca desejei ninguém? Que ninguém me desejou? Então presta atenção nesta história. – Sentou-se no sofá. – Um dia, eu estava aqui em casa e me deu uma enorme excitação. Sabe o que eu fiz? Não, não dei para o jardineiro. Eu meti um vibrador dentro de mim. E fiquei imaginando um homem sobre o meu corpo, um homem que eu já tinha visto algumas vezes. Um homem humilde, um segurança de banco que certa vez olhou para mim com tara. Jonas, você não tem ideia de como gozei. Gozei mais que em todas as vezes com você. Deve ter durado uns dez minutos, o meu orgasmo. No dia seguinte, fui ao banco, não para ver o rapaz, eu já havia esquecido. Mas ele estava lá e novamente me desejava. Por alguns segundos pensei em seduzi-lo e ir a qualquer motel barato que tivesse por perto. Eu o levaria em meu carro e ali mesmo botaria a minha mão dentro de sua calça de tergal azul-marinho. Sabe por que me lembro da cor da calça? Porque olhei para o pau dele no banco e ele percebeu. Eu podia ter dado para aquele estranho. Um sujeito qualquer beijaria o meu corpo refinado. Eu não fiz isso. Por quê? Me responde!

– Porque você não é uma puta.

– Sou, sim! Sou, porque o desejei. Desejei aqueles lábios grossos. Eu não fui para um motel com aquele homem por causa do meu amor por você.

Jonas estava petrificado com as confissões da mulher.

– Você está me olhando como se eu tivesse lhe confessado uma traição.

– O desejo já não é uma traição?

– Se fosse... Bom, não estou aqui para ser julgada. Não fui eu que mantive um caso de três meses com uma mulher que acusa você de ser o pai do filho que ela espera.

– Eu já lhe disse que ela fez isso para se vingar. Ela não está grávida.

– Como você sabe?

– Dois dias atrás, estive na cama com ela e ela estava menstruada.”

O telefone tocou, era Jaime, Ana atendeu mal-humorada. Estava debaixo dos cobertores olhando para o teto, compenetrada demais para ser interrompida. Tentou disfarçar a irritação. Jaime queria que ela fosse até a casa dele para tomarem uns drinques. Ana só havia ido até lá na festa de fim de ano. Estava curiosa para saber se a ex-namorada dele ainda morava no casarão, mas não queria dar bandeira, perguntando. Desligou o telefone, era cedo e ainda dava tempo para ficar um pouco mais na cama.

“Depois de ouvir esta revelação, Livia achou melhor ir para o quarto. Antes, avisou ao marido que ele deveria providenciar um lugar para dormir, pois não o faria ao lado dela. Jonas perguntou se ele poderia ter esperanças de que ela o perdoasse. Livia disse que sim, mas que não seria agora.”

O telefone tocou novamente. Era engano. Ana já estava impaciente, achou melhor ir tomar banho. Inventar histórias a esgotava fisicamente.

Após um mês dormindo no outro quarto, Livia permitiu que Jonas voltasse ao leito comum. Neste momento, Ana transcreveria uma fantástica cena de sexo entre os dois. O casamento deles havia rejuvenescido depois da crise. Não que Livia tivesse esquecido

tudo, mas achava “o perdão a vingança mais refinada”. Enquanto Jonas não tirava da cabeça a ideia de que a mulher poderia traí-lo, se vingando da maneira mais humana. As mulheres e as bichas são muito vulgares quando querem se vingar.

## 6

Estava tomada de curiosidade quando rumou para a casa em que Jaime morava. Tinha certeza de que a menina iria estar lá. Os homens são assim, acham tudo normal. E algumas mulheres assumem esta normalidade por acharem “cabeça” serem civilizadas. Ana não é deste tipo de mulher. Nada mais desagradável para ela do que essa civilidade entre dois ex-namorados. Acabou, acabou, não tem mais papo. Mas, não: eles querem agir racionalmente, afinal viveram uma história juntos “e isso não pode acabar assim, de repente”. A questão é que nada acaba assim, de repente. Sempre estão envolvidos interesses frustrados, sentimentos disfarçados. E, além do mais, duas pessoas que treparam não podem fingir que está tudo normal depois que terminam. “Nós somos amigos.” Amigo não vê xoxota nem peru do outro. Quanta palhaçada a cultura leva os homens a cometerem. Isso é um advento moderno que surge junto com o cinema francês.

Envolvida nestes pensamentos, Ana chegou à casa de número 13. Estava bem-vestida, com seu velho vestido pêssego que havia comprado há dois anos, num brechó. Tinha os cabelos soltos e pouca maquiagem. Jaime atendeu a porta e beijou levemente seus lábios. Vozes vinham da sala, e tocava uma versão decadente de Chet Baker cantando “My Funny Valentine”. Antes de entrarem, Jaime chamou Ana de “minha Valentine”. Estranhamente, ela se sentiu enciumada. Pensou que Jaime certamente já havia colocado esta música para dezenas de mulheres e chamado todas de “minha Valentine”. Assim que chegou à sala, deu de cara com a sua colega de turma, a tal ex-namorada. Tentou, num esforço sobre-humano, parecer natural, mas não se saiu lá muito bem. Jaime apresentou Ana ao resto do grupo, tratando-a como sua namorada. Mas de nada adiantava, pois para ela a situação estava irremediavelmente insustentável. Precisava beber. Não era sua intenção, afinal Jaime só a vira em estado de leve ou total embriaguez. Mas não tinha outra solução. Sentia-se travada, excluída daquele universo, que imediatamente

deduziu ser “cabeça”. Pessoas letradas, gente da universidade. Pelo amor de Deus! Ana não suportava o meio universitário. Não era apenas uma estudentezinha de Letras, era uma escritora. Estava agora trabalhando num romance que seria traduzido em vários países – era o fim da picada ter que ficar ouvindo um bando de idiotas fazendo considerações sobre Proust e os seus biscoitinhos amanteigados.

Tentou conversar com um senhor que parecia, de longe, ser a pessoa mais interessante dali. E, naquelas circunstâncias, Ana fez tudo para acreditar que ele era decididamente interessante. Desatou a tomar uísque com água e a dissertar sobre a inferioridade dos atores, um dos seus temas prediletos.

– Não, fale a verdade. Você não concorda que esse povo de teatro é um bando de gente que não tem nada pra fazer, e fica se chafurdando no chão e grunhindo, experimentando novas formas de expressão?

O tom de Ana fica especialmente jocoso quando resolve falar mal dos atores. Torna-se intolerável para quem não tem um grande senso de humor. Mas, nesta noite, ela havia encontrado o ouvinte certo para o seu discurso. O sujeito havia sido casado oito anos com uma atriz e compartilhava da mesma opinião de Ana: atores são definitivamente uma gente de qualidade inferior.

– E só gostam de porcaria – lembrou, animado, Sérgio. – Todos, são todos iguais. Adoram ficar agachados naquelas mesinhas ridículas de restaurante japonês.

– Nossa! Mas enfim encontrei alguém que pensa como eu. Sérgio, você é o máximo!

Nisso, Ana já estava com a mente vertiginosamente acelerada pelo uísque. As outras pessoas tentavam não dar ouvidos para a conversa dos dois, algumas outras riam. Jaime oscilava entre achar Ana decididamente genial ou uma nazista inconveniente.

– Vamos falar mais. Há anos eu aguardo o momento de dizer tudo sobre esta ralé.

– São pessoas afetuosas, é claro. Inclusive, as mais afetuosas que eu conheço. Se abraçam, se beijam na boca, deitam um no colo do outro...

– Esta é a parte que mais me incomoda. Gente grudenta. Tudo suado. No final das peças, ficam beijando quem vai no camarim.

– Mas também vai quem quer. Eu fujo disso como o diabo da santíssima trindade. E como você aguentou todos esses anos?

– O amor tem dessas coisas. É lógico que tudo isso já me incomodava, mas tinha também uma certa vaidade.

– Vaidade? Ficar olhando sua mulher fazendo macaquices na frente dos outros?

– É. Era amor, só. Até hoje fico tentando encontrar desculpas para esse lapso.

– Relaxa. O pior já passou. Por exemplo: as festas. Existe coisa mais cafona do que festa de gente que faz teatro? Eu já assisti a cenas vergonhosas. Gente cantando e encenando música de Rita Lee. Sabe aquela que fala da Torre de Babel?

– Não me lembro.

– Eles cantavam e fingiam que estavam subindo uma torre, ou algo parecido.

– Pior, pra mim, é ter que comentar alguma coisa depois da estreia. Depois destes anos, descobri que a melhor coisa a dizer é: “Estou impressionado.”

– Não, perfeito!

– É. Porque você não está mentindo. Estou impressionado com a merda a que acabei de assistir. Estou impressionado como você é péssima atriz...

– Estou impressionada como você tem coragem de pagar mico. Ótimo! Agora não vou mais passar aperto.

– Aperto eu passei uma vez que um conhecido meu disse que só se sentiria “estreado” quando, enfim, eu fosse assistir à peça. Lá fui eu, constrangidíssimo. Porque eu acho constrangedor todo o ritual do teatro.

– Eu também.

– Então. Só uns minutos antes de terminar é que eu consegui descobrir qual dos mascarados era o tal cara. E mesmo assim estava sujeito a erros.

– E aí?

– E aí que eu tive que ir falar com ele no final. Estava disposto a dizer o de sempre, mas o cara insistiu. Então eu disse que ele

havia me remetido ao poema “O Corvo”, de Edgar Allan Poe. O sujeito urrou de alegria. Chegou a me dar um beijo na boca. Disse que enfim alguém conseguia definir corretamente sua encenação.

– Ótimo. Mas de onde você tirou a ideia do corvo?

– Da roupa, que era preta.

A ex-namorada de Jaime estava conversando com ele num sofá de três lugares, mas ela fazia questão de se sentar bem próxima. Os dois fumavam um baseado e conversavam animados a respeito de uma “viagem” qualquer. Ana começou a se desinteressar pelo assunto com Sérgio. E o tempo passou a contar como numa bomba-relógio. Porque quando Ana fica com ciúmes, sua mente vai sendo lentamente inundada pela emoção irracional. E a qualquer momento ela pode cometer as mais estranhas atitudes. Foi o que aconteceu. Afinal, achava um desrespeito Jaime tê-la abandonado ali, “com aquele velho escroto”.

– Bom, desculpe incomodar. Jaime, eu já vou embora.

– Mas como?

– É. Estou cansada e vou embora. Tchau.

Estava se dirigindo para a saída. Jaime foi atrás dela.

– Mas por quê? Nós nem ficamos a sós, esta noite. Queria tanto ver você.

– Pois já viu. Tchau.

Ele segurou o braço dela.

– Larga o meu braço, por favor.

– Que é isso? Você está aborrecida com alguma coisa?

– Não tenho motivo?

– Acho que não.

– Então volta para aquele sofá ridículo para fumar maconha com a sua namoradinha.

– Você é minha namoradinha.

– Sua namoradinha, o cacete. Me deixa ir embora.

– Não, por favor. Vamos até meu quarto.

– Você não divide ele com ninguém?

– Não.

– Porque isso parece mais uma gaiola de papagaios.

Ana não compreendeu por que disse aquilo, mas tinha que manter sua pose. Foram para o quarto.

– Não fica assim. Não estou te entendendo.

– Poxa, eu venho para cá sem saber que encontraria milhares de pessoas. Não dava para me avisar?

– Desculpe. Eles são amigos dos caras que moram aqui.

– Você não acha que está velho demais para morar em república?

– Isso aqui não é república. É uma casa grande que as pessoas dividem.

– O que você acabou de me descrever é uma república.

– Pensei que você estivesse se divertindo com o Sérgio. Todos acham ele meio chato.

– Eu achei a pessoa mais divertida desta noite. O resto é um bando de porcarias.

– Não fale assim. Me dá um beijo.

Jaime abraçou Ana, ela continuou firme e emburrada. Por que os homens são tão tolos?

– Vem, me dá um beijo.

Beijaram-se. Era estranhamente arrebatador o poder físico de Jaime sobre Ana. Ele abriu os botões do vestido dela, deixando seus seios à mostra. Começou a beijá-los com calma. Ana olhou para ele – achou-o tão belo chupando seus seios. Estava de olhos fechados, parecia bastante compenetrado e feliz em fazer aquilo. Ela também fechou os olhos e relaxou o corpo, para aproveitar melhor a sensação. Jaime abriu o resto dos botões, fazendo com que o vestido caísse no chão. Ana puxou seu rosto e beijou-o na boca. O beijo na boca é, para ela, o ingresso para o resto. Só a partir dele é que poderão vir ou não a ocorrer mais coisas. Quase um vestibular. Já havia se desinteressado por muitas pessoas somente por causa do beijo. O que definitivamente não era o caso de Jaime. Deitaram-se na cama, ele ainda estava vestido. Tirou então a camisa e, antes que tirasse as calças, Ana o impediu. Queria que Jaime a comesse de calça jeans, como nos filmes americanos. Quando terminaram, Ana estava satisfeita, apesar de não ter chegado a gozar. Para ela, o orgasmo nem sempre é necessário. Gosta da

ação em si, da movimentação. Depois que o homem ejacula, é como se tivesse recebido a sua cota de proteínas. Acha que aquele líquido faz bem à pele dela. Faz bem a todas as mulheres, dando-lhes viço.

Ana se vestiu e, contra a vontade dele, quis ir embora.

– Eu te levo, então.

– Não. Eu chamo um táxi.

– Mas eu quero levar você.

– Não. Prefiro ir sozinha.

Ana contava em ter que esperar o táxi na sala e cruzar novamente com “aquela riponga”. Queria mostrar para ela quem era a poderosa e quem tinha Jaime nas mãos e em outros lugares. Quando foi fazer sua higiene, fez questão de molhar um pouco os cabelos. Desta forma, diria para aquele bando de otários quem era ela, afinal. Hoje em dia, Ana acha tudo isso ridículo e preferiria mil vezes que ninguém a tivesse visto naquela noite, com “cara de trepei”. As pessoas fazem tantas coisas de que se arrependem que, se tivessem vergonha na cara, não fariam mais nada na vida.

No caso de Ana, conforme os anos vão passando, tudo que fez, aos seus olhos, parece ridículo. Quando se lembra das cartas de amor que já escreveu, tem vontade de se jogar do mais alto prédio da cidade. Dos ataques de ciúmes, ela comprime a cabeça com as mãos, tentando massacrá-la. Odeia lavar louça, pois este é o momento das piores lembranças. Costuma uivar para tampar a própria memória. Assim como quando se lembra das passagens tristes, aperta um gatilho imaginário no meio da testa.

Gostaria de esquecer muita coisa. Não se esquece nem do que deveria ir para o lixo. Acontecimentos que o cérebro, com toda a sua sofisticação, deve tacar na latrina. Por isso, quando está sem fazer nada, mesmo seu estado de intenso ócio criativo nem sempre consegue sossegar Ana. Ocorrem, nessas ocasiões, “visitas”. Mais ou menos como os inimigos imaginários de sua tia esquizofrênica. São pensamentos realmente depressivos, que a conduzem a se imaginar nas piores situações. Pode ser desde estabacar-se em festas, até ser

assassinada com torturas mirabolantes. Não há nenhuma satisfação mórbida nisso, apenas fuge ao seu controle. Quantas e quantas vezes imaginou Jaime com outra. Ou que ele um dia diria para ela: não quero mais ver você, não te amo. Uma espécie de masoquismo sem prazer, que ainda por cima faz Ana reagir com doenças crônicas, que nunca a abandonam. Muitas foram as noites tomadas por insônias e hipocondrias inteiramente descabidas, mas verdadeiramente sofridas – sintomas imaginários que, por fim, a levavam sempre para uma crise asmática.

Jaime sempre disse para Ana que ela gasta muito tempo pensando besteiras. Ele tem razão. Quando não inventa histórias ou se imagina morta num acidente de ônibus, Ana pensa em vestidos. É como se fosse a hora do recreio mental. Quando precisa de um mirabel de chocolate com guaraná. Aí, ela se esbalda: vestido de canutilho preto e vinho, vestido longo com um decote esplendoroso atrás, vestido de seda azul-petróleo, vestido...



“Quero me levantar. Será que estou fadada a continuar fingindo que durmo para o resto de minha vida? O que ele ainda está fazendo aqui? OK, queria me ver. Comprou um ventilador para mim. Quanta gentileza! Mas tá bom. Vai embora. Se quer conversar, eu não quero. Que merda! Serei forçada a tratá-lo mal, dizer coisas que irão magoá-lo. Coitado. Ele acha que me perdeu por ter me traído. Para mim, é melhor que continue pensando assim. Bem feito. Esses filhos da puta são todos iguais. Menos ou mais escrotos, nada mais. Há aqueles que armam descaradamente e os que a ocasião faz o ladrão. Jaime é um escroto de ocasião. Não faz o gênero de passar bilhetes debaixo da mesa, mas jamais negará uma *fellatio* de uma loura vulgar. A mulher tava ali, naquela hora, ele, bêbado, e pronto. É só um orgasmo, sem amor, sem beijo na boca. Coisa de caminhoneiro solitário, na estrada há quinze dias, longe da mulher que ama e dos filhinhos. Na hora da justificativa, são todos caminhoneiros. Por que pensei nisso, agora? Foda-se. Eu

acho muito engraçado, tudo isso. Depois que peguei o escroto sendo chupado por aquela mulher sem classe, cheguei a me sentir culpada. Afinal eu não tinha nada a ver com aquilo, não me dizia respeito se o cara tava ou não sentindo prazer, se depois ele ficaria se sentindo bem ou uma merda. O meu ciúme dura o mesmo tempo que o amor, talvez até menos. Naquela noite, agi muito mais por agressividade natural e vontade de meter a mão na cara de alguém, do que por ciúmes. Coitado. Era o motivo que eu precisava, para dar fim ao nosso casamento. Sou uma atriz do caralho. Se eu fosse americana, seria atriz de cinema. Do estilo Scorsese ou David Lynch. No Brasil, jamais. No Brasil, cinema é beijar cavalo nua, pintar a cara de vermelho e comer barro. Deus me livre e guarde! Mas que eu sou boa, sou. Bem feito! Quem mandou cair em tentação? Que nojo! Imagina se eu iria deixar um estranho se meter entre as minhas pernas?

Peguei ele com a boca na botija, ou melhor, com a botija na boca da puta. Ridículo! Não tenho que ter consideração nenhuma com este escroto traidor.”

– O que você ainda está fazendo aqui?

– Esperando você acordar. Precisamos conversar...

– Não temos mais nada pra conversar. Vai embora.

– Você tem razão de estar chateada. Eu entendo que você queira ficar sozinha. Estou achando até legal morarmos em casas separadas. De certa maneira, é a primeira vez que moro realmente sozinho. Estou me acostumando, acho que vou acabar gostando... Mas preciso te ver, te beijar...

– Jaime, acabou. Você não consegue perceber?

– Você disse que apenas daríamos um tempo.

– É o que se diz quando tentamos ser gentis com aqueles que não queremos mais.

A cara de Jaime está inchada, cinza e brilhosa.

– Você tem que entender que aquela mulher, naquela noite, não significou nada. Eu estava bêbado.

– E cu de bêbado não tem dono. Sei. Sabe de uma coisa, Jaime? Foda-se. Você e quem mais você tiver trepado.

– Eu não te traí nenhuma outra vez. Você tem que me perdoar.

Ele está sendo sincero. Coitado. Sente-se culpado, mas a culpa não é dele.

– A culpa é sua! Não fui eu quem colocou o seu pau na boca daquela francesa fedorenta.

Ele não merece, mas vai escutar o que Ana quiser dizer. Agora ela quer magoá-lo.

– Sabe o que aconteceu? Você é um índio sul-americano. Um latino vestido de linho braspérola e com sapatos brancos. Você é um espécime em extinção. Um tipo excêntrico para gringo ver. Para esta puta *mon amour*, felar você é o mesmo que visitar a Amazônia. É como abraçar uma árvore centenária que será derrubada para virar gibi. Ela saiu do seu país, onde vive entre louros, olhos azuis, museus e romances no original, para oferecer colares de miçangas para otários como você. Ela poderá dizer que, no Brasil, viu o Cristo Redentor, bebeu água de coco e meteu dezoito centímetros de um latino-americano na boca. E ainda levou como cartão-postal um olho roxo que ganhou de uma terceiro-mundista ignorante. Eu! Uma louca paraguaia, que assiste novela mexicana o dia inteiro. Uma boliviana do cartel de Medellín, uma vendedora de cuscuz. Foi nisso que você nos transformou. Eu, numa histérica sangue quente, e você, num aborígene com uma pena no cu.

Jaime se contorce para não rir. Sabe que Ana odeia quando está dizendo algo sério e alguém ri. A questão é a maneira como diz as coisas, quando está com raiva. Suas metáforas vão do hilário ao devaneio total. Jaime adora Ana por isso, por sua sagacidade. Quer beijá-la. Vai tentar fazê-lo.

– Me larga!

– Só quero um beijo.

– Não!

Ela se sente agoniada com aquele corpo, exigindo o seu. Jaime mete a língua dentro da boca de Ana. Ela tenta expulsá-lo, mordê-lo, mas não consegue. Sente-se sufocada, quer cuspir essa saliva invasora, vomitar. Ele agarra com mais força, está com o pênis duro. Ana não sente isso como um gracejo. Agora, acha tudo muito grosseiro. Não quer excitar ninguém e muito

menos se excitar. Tenta afastá-lo novamente. Empurra o seu tronco, mas está presa pela cintura.

– Para! Por favor.

– Eu te amo, Ana. E você também me quer.

“Será que ele acredita realmente que é isso que eu quero?” Jaime deita Ana no sofá. Ela se debate, mas receia fazer barulho. “Neste prédio velho, tudo se ouve.”

– Jaime, eu não quero.

Ele mete novamente a língua na boca de Ana. Jaime está tomado pelo seu desejo. Tira a calcinha de Ana. Ela não acredita no que está acontecendo. É por demais clichê, isso não acontece na vida real. Não na vida de Ana. Isso é literatura, é coisa para Lívia viver, ou outra personagem qualquer inventada por ela. Mas não com Ana. Não Jaime.

– Você está me machucando!

– Quero te dar prazer. Sei que você também quer.

– Não!

Agora Jaime está dentro dela. Estava sem cueca, bastou descer a calça comprida. “Será que ele veio preparado para isso?” Ana fecha os olhos, ele beija seu pescoço enquanto se movimenta. Vai e volta. Ela não sente mais nada, nem dor, nem prazer. Apenas deseja que ele acabe, por isso tenta distrair a mente. Queria lembrar uma música qualquer, bem idiota. Não consegue. “Pelo menos ele não é gordo. Homens gordos não estupram.” Jaime diz coisas no ouvido de Ana, diz que ela é gostosa, quente, e que ele a ama. Calou-se. Somente a sua respiração e o barulho do sofá denunciam a ação. Ana, também calada, pensa num quadro de humor que Jô Soares fazia há alguns anos, a Bo Francineide. Tem vontade de rir, Bo estaria adorando esta situação. Ana não sente nada. Jaime goza.

– Agora vai embora.

Jaime ainda está em cima de Ana. Ela o empurra, não com agressividade, apenas precisa respirar. Consegue sair do sofá.

– Por favor, quero ficar sozinha. Você entende?

Sente a sua vagina molhada, latejante, o esperma começa a descer pela perna direita. Acha estranho a escolha do líquido por esta e não a outra perna. “The other.” Precisa se lavar.

– Você não gostou.

Jaime está sentado no sofá, catatônico. Parece que acabou de acordar e não sabe onde.

– Você não gostou, não é?

– Deixa isso pra lá. Vai embora, por favor.

Ela não está aborrecida. Tem pena dele. Do desespero que o levou a isso. Algumas vezes, é mais difícil abandonar que ser abandonado.

– Estou envergonhado.

– Esquece.

Ana não está sendo falsa, nem compreensiva. Ela quer que ele a deixe em paz e siga sua vida da melhor maneira possível. Não lhe deseja mal.

– Já vou. Desculpe.

Ela vai com ele até a porta. Coitado.

– Vá com Deus.

Por que ela disse isso? Não é um hábito, nunca havia desejado a ninguém a companhia de Deus. Cada um sabe com quem deve andar. Mas deseja verdadeiramente que Jaime esteja com Deus. Não quer que ele faça mais nenhuma besteira.

## 7

No começo do namoro, estavam sempre juntos. Jaime buscava Ana na universidade, para almoçar. Depois iam para o pequeno apartamento dela, ler trechos de algum livro ou fazer sexo, ou os dois. Quando ele terminava suas aulas, à noite, sempre dava um jeito de driblar a zeladora do edifício universitário onde morava Ana, que não permitia entrada de homens após as dez horas. Jaime insistia para que fossem à sua casa, mas Ana estava irredutível, não queria encontrar “aquela riponga”. Apesar de fazê-lo de vez em quando, dentro da classe. Mas ali era diferente, não passavam de duas conhecidas. Já no casarão, eram inimigas. Isso era a única coisa que a aborrecia naquele tempo – achava intolerável a presença daquela mulher, “sempre arrastando aquelas chinelas fedorentas”.

– Você não tem nojo?

– Para com isso, Ana.

– Não, não tô implicando. Quero apenas saber se você tem nojo. Porque qualquer pessoa normal teria. E preciso saber se você é normal.

– Coitadinha, ela não é suja.

– Com aqueles dentes cinza, com limo.

– Ela tem problema nos dentes, não é culpa dela.

– Eu conheço um monte de gente que tem dentes frágeis e não é por isso que não limpam eles direito.

– Tá bom. Vamos ficar falando dos dentes de uma pessoa que não me diz respeito?

– Mas que mora com você.

– Já morava antes de eu ir pra lá.

Pronto, estava feita a confusão. Ana fechava a cara e passava horas sem abrir a boca. Recolhia-se no mundo de Lívia, um mundo que dominava e onde não precisava conviver com repúblicas, hippies, universidades etc. Nesse universo de ficção, os problemas eram sofisticados. Havia punhos de rendas em pulsos cortados, e não simples ataduras. Nos pensamentos de Ana, tudo é poético. Os dramas criados por ela são permeados

pelo lirismo. A vida de Lívia é a sua vida, em proporções variadas. Ela inventou uma outra possibilidade para si própria. Pode fechar os olhos e ressuscitar todos esses personagens, ou outros. Não importam o nome, a idade, onde vive. Não importa se é o homem ou mulher, mas sim que vai partir dela e nela vai se espelhar. Porque sempre bastará fechar os olhos para viver uma outra história.

“Lívia, uma jovem mulher. Passou a vida inteira sendo levada ao seu destino, sem se debater contra nada. Ela nasceu para ser aquela Lívia, frágil, educada. A mulher perfeita. Aquela que na segunda-feira já tem toda a semana agendada. Todos os seus hábitos são sagrados, apesar de conduzidos com discreta amenidade. Assim que acorda, faz a sua impecável higiene e, com cuidado, aplica no rosto uma série de produtos. Começa por lavar o rosto com uma pequena escova de cerdas macias e, com movimentos circulares, espalha o sabonete com glicerina, feito especialmente para ela. Depois da pele limpa, com um chumaço de algodão embebido em loção tônica sem álcool, retira as mais persistentes impurezas. Por fim, aplica creme hidratante, também em movimento circular. Isto é feito no início da manhã. De tarde, após uma hora de bicicleta ergométrica, Lívia toma outro banho. É quando se dedica a cuidar do corpo, passando um creme especial para o combate da gordura localizada e um óleo perfumado nos seios. No rosto, passa apenas uma loção com ácido glicólico, para eliminar possíveis manchas e sinais. Antes de dormir, repete os cremes da manhã, adicionando um outro, para as pálpebras.

Quem não conhece Lívia, poderá pensar que se trata de uma mulher tomada pela futilidade. Não é bem assim. Ela nasceu para os mimos restritos a poucos. Cuidar-se é uma regra da sua higiene. Ter a pele jovem, o cabelo sedoso e o corpo em forma é uma questão de educação social. Mas ao mesmo tempo que cultiva estes hábitos com disciplina, jamais veremos Lívia, entre mulheres, falando sobre tal e tal creme, sobre a última palavra em combate à celulite. Assim como é incapaz de frequentar clubes e academias. Prefere exercitar-se sozinha, não aguentaria ter que se vestir e se maquiar, para que a vissem fazendo

bicicleta ergométrica sem despentear o topete. Isso fez com que Livia se deslocasse das mulheres de sua classe social, tornando-se solitária.

Houve uma ocasião em que tentou se integrar às sócias de um clube, do qual possui um título. Intrigou-se com as conversas catárticas dessas mulheres. Todas tagarelando sobre suas desgraças, competindo pela posição dramática de 'a mais fodida'. Viu desfilarem na sua frente cânceres, perdas de filhos, traições, vícios, tudo isso vestido de Cotton Lycra e perfumado com Poison. Mesmo assim, ousou experimentar uma aula de ginástica localizada. Durante o aquecimento, correndo em círculos dentro de uma sala ampla e iluminada, não se sentiu bem. Eram quinze mulheres vestidas com roupas coloridas, refletindo suas imagens nos vários espelhos espalhados pelo ambiente. Tornaram-se trinta, depois sessenta. O rosto de Livia ficou vermelho, começou a sentir sua língua dormente, suas pernas bambas. Arrastou-se dali até o vestiário e se trancou num estreito banheiro. Ajoelhou no chão e vomitou. Uma ação que depende em todos os casos da total solidão, visto tratar-se de algo humilhante, devido à posição, o estrago e os ruídos que são produzidos. Ali, num cubículo de um banheiro de clube, Livia expeliu tudo o que havia comido. Pensou em sua última refeição: salada e peixe, preparados com finas ervas e azeite. Agora estava ali, tudo transformado em gosma malcheirosa. Toda comida, seja ela light e sofisticada, ou uma marmita de operário, acaba por se transformar na mesma papa nojenta ao ser vomitada. Possivelmente, já dentro da barriga, sofrendo o processo de digestão, um raro caviar fique com a mesma aparência de língua de boi.”

Ela se levanta, impaciente.

– Jaime, como é que se diz quando as coisas têm a mesma forma, não, melhor, o mesmo corpo coloidal?

– O quê?

– Musse de chocolate tem a mesma... que purê de batatas.

– Não tô entendendo.

– Porra! Deixa pra lá.

“Um raro caviar fique com a mesma consistência...”

– Consistência!

– Uma musse de chocolate e um purê têm a mesma consistência?

– Talvez, depois de digeridos, quem sabe?

– Ana, muita gente sabe como fica a comida depois de digerida.

– Você sabe?

– Não.

– Então não me atrapalha, que estou pensando no meu romance.

“Vomitada, toda comida tem a mesma consistência. Lívia apertou a descarga. Merda fede igual no mundo inteiro e em qualquer latrina. Abriu a porta e neste instante se deu conta do público auditivo que teve o seu mal-estar. As mulheres tagarelavam, indagando o que havia acontecido. Algumas tentavam tocá-la. Lívia queria apenas lavar o rosto e, em silêncio, se recompor. Tolerou a barulheira, até que uma mulher flácida e esticada ousou molhar o seu cabelo. E ela não suporta que a toquem na cabeça, por motivos vários, dentre eles os penteados repuxados que sua mãe fazia quando ainda era menina. Lívia se virou e empurrou a mulher flácida no chão. Ela berrou, com o apoio dos berros das outras catorze (ou vinte e oito) mulheres. Lívia, indignada com a infernal barulheira produzida pelas tagarelas, disse calma e fortemente:

– Isto aqui é uma gaiola de papagaios!

Pegou as suas coisas e saiu correndo, como uma jovem que foge do inspetor do colégio, pelas escadarias do clube. Depois disso, passou uma semana de cama, com febre. Nunca mais foi ao clube. Nunca mais foi a academia alguma.

Mas esta é uma história distante. Distante da época das descobertas, quando a fantasia rompeu a sua fina casca. Aquela bruma leve que envolvia a vida de Lívia, perfumada e repleta de sensações, que na verdade a sufocava. Porque a mentira é gentil, às vezes, mas não produz oxigênio. É coisa morta, como um cadáver maquiado. Enquanto Lívia vivia com a mentira, ela

acreditava em Jonas, mas não em si mesma. Achava-se uma criminosa por desejar outra vida. Talvez existisse nela a famosa intuição feminina, fazendo Lívia perceber que era lindo, mas falso, tudo aquilo que a cercava. Mas se tivéssemos a condição de escolher – talvez tenhamos – para decidir entre a realidade dura e crua e a mentira envolta por brumas perfumadas, qual delas escolheríamos? Qual é a sua escolha? Jonas, durante anos, a protegeu. Escondendo a sua natureza infiel, fez Lívia feliz na mentira. Esta questão tem dois aspectos interessantes. A esquizofrenia que é viver algo irreal. E a presença de uma fidelidade totalmente inexistente em ambos os lados. Sendo que Jonas realizou os seus desejos, enquanto Lívia calou a sua natureza.

O Homem não é biologicamente monogâmico. Mas poderá vir a ser, caso tenha esta vontade. ‘Quero ser somente dela – ou dele.’ Desejar é determinar uma vontade, e isto nenhum outro animal, além do Homem, possui. (Porque, diferente dos outros animais, ele possui vontade.) A traição é uma necessidade, não intencionalmente, mas forçada pelo corpo primitivo e irracional. Como há níveis que diferenciam, formando indivíduos, uns sentem mais fome que outros. Intensificam sua natureza infiel, enquanto outros são determinados por seu espírito leal. A mulher, socialmente educada a rejeitar qualquer natureza não ligada à procriação, apegou-se à monogamia. A sua necessidade e vontade são de eternizar, seja pelo ventre ou pelo casamento fiel. Ela carrega no corpo o sentido das religiões. Por isso as igrejas estão lotadas de fêmeas. As tagarelas de Deus.”

– Eu gostaria de entender melhor os homens. Apesar de reconhecer que já sei bastante.

– O que você sabe?

– Muito. Bem mais do que você sabe sobre nós.

– “Nós”, essa mania feminina de ter sempre que sustentar as opiniões numa multidão em coro. “Nós, mulheres...” Você é muito mais bonita que Beth Friedman, não precisa destas coisas.

– Meu filho, tenho certeza de que eu sou a mulher menos feminista que você já namorou. Estes tipinhos ripongas que fazem questão de dividir a conta e, por isso, vendem bolsas de

miçanga em praça pública: – mudando a voz, com ironia – são artistas, trabalham várias expressões diferentes de dizer “te amo”.

– Ana, não estou entendendo esse humor.

– Sabe o que eu quero, Jaime? Que as mulheres se fodam!

– Que é isso?

– E que você se foda junto!

– Para com isso, você se descontrola.

– Não, é que eu acho um absurdo tudo isso. Eu aqui, filosofando sobre um tema importantíssimo, e você dizendo que eu sou feminista.

– Desculpe, vai, fala.

– Não, não falo mais nada.

– Deixa disso, Ana. Poxa, tava gostando tanto do assunto.

– É, vai conversar com a sua ex-namorada sobre chá de camomila, vai.

– Por que você insiste tanto em falar sobre Alexandra? Chega, acabou.

– Acabou? Uma mulher que fica andando de calcinha no corredor, dormindo no quarto ao lado. O que você faz quando escuta ela se masturbando? Vai lá, dar uma mãozinha?

– Que é isso? – Jaime não tinha mais o que dizer, além daquilo que Ana queria ouvir. – Vou me mudar daqui, pronto. Essa semana procuro um apartamento. Satisfeita?

Estava. Mas não podia demonstrar. Fingiu não ligar para a decisão de Jaime. Por dentro, dançava – apesar de duvidar que ele fosse mesmo procurar um apartamento na semana seguinte.

– Agora conta sobre suas conclusões...

– Antropológicas!

– Sim, antropológicas. Vai!

– As mulheres sabem bem mais sobre os homens do que o contrário. E não digo isso para enaltecer as mulheres. Eu preferia ser uma “porta” com pênis a uma sábia do Tibete.

– Nossa!

– Deixa eu continuar. Vocês, homens, são uns bobos. Se fôssemos tão infiéis quanto os homens, a humanidade seria feita de cornos felizes. Porque ninguém saberia que é corneado.

– E então?

– Calma! O homem, quando trai, tem o apoio total da sociedade. Se um cara casado é visto entrando num motel de merda, com uma estagiária da empresa, todo mundo acha lindo. É um pau latejante comendo uma boceta disponível. O contrário, se for uma mulher casada entrando com o boy da empresa, “Ohhhh, que filha da puta, essa tem que apanhar na cara”. Por isso, a mulher sabe esconder suas traições. Enquanto o otário sai pra tomar um chopinho com a fulana antes de ir trepar, a esposa tem um encontro num estacionamento abandonado e ruma para um bairro distante, para foder com o office-boy.

– Sem-vergonha!

– Eu?

– Sim.

– Não estou me descrevendo. Há diferentes níveis de fome, a minha não é tanta assim. Gosto do que tenho, se faltar... E não é só sexo, não. É carinho, atenção, generosidade. Mulher é assim. A maioria delas só trai depois de se decepcionar e, às vezes, infelizmente, nem mesmo assim.

– E nós?

– “Nós”? Que coisa mais plural.

– OK, os homens, por que traem?

– Vocês não misturam amor com sexo e sempre estão esfomeados.

“Lívia e Jonas voltaram a dividir o mesmo quarto e as coisas naturalmente pareciam ter retornado aos seus lugares. Só que, agora, um desconfiava do outro, se esgueirando feito sombras. A normalidade havia voltado a casa, mas, caso pudessem se ver da sacada do segundo andar, não se reconheceriam. Estavam atentos como nunca às ações do outro e, assim, fizeram do casamento um tipo especial de prisão. Uma guerra fria entre russos e americanos em plenos anos 1980, ambos com os dedos apontados para os botões detonadores.”

Em meio a este clima, de dissimulada normalidade, Lívia procurou novamente a amiga. Mirna, sabendo que tudo tinha sido contornado e que Jonas não seria pai, nem mais mantinha

nenhum relacionamento com Alexandra, teve que cumprir a promessa de fazer uma longa visita ao casal. – E enquanto a história se desenrolava inteira na cabeça de Ana, ela fazia apenas algumas anotações num pequeno caderno de capa azul. Durante aquelas semanas, que antecederam a mudança de Jaime para o seu novo apartamento, Ana estava iluminada pela certeza de que, depois de tudo resolvido, poderia se sentar e colocar suas ideias no papel. Definitivamente. Passava por uma ótima fase, alegre de ver Jaime cumprindo sua promessa de sair do casarão. Ana ajudou a encontrar o apartamento “perfeito” para ele e, depois de um mês fazendo pequenos ajustes no local, Jaime se mudou. Antes disso, comentou com Ana o seu desejo de que morassem juntos. Ela apenas sorriu, mas aguardava que este desejo fosse real. Também gostava da ideia de viver com ele.

Duas semanas após a mudança, o apartamento continuava praticamente vazio. Jaime tinha levado consigo apenas uma cama e a escrivaninha onde escrevia sua monografia de graduação. Em um dos dois quartos, ficaram suas roupas e livros. Ana ajudou na arrumação, colocando tudo sobre um lençol estendido no chão. Este foi um dia especial para ela – por enquanto, jamais o esquecerá. A beleza de não esquecer é o instante em que se acredita nisso.

– Que lindo! – exclamou, arrumando os sapatos.

– O quê? – perguntou Jaime, do outro quarto.

– Essas pantufas de urso. Onde você arranjou?

– Comprei quando fiz a viagem de navio cargueiro. Acho que na Coreia – disse, já no quarto.

– Fofíssimos.

Jaime se aproximou e beijou-a na boca. Ana se levantou para receber melhor o beijo. É igual gato: depois de tocada, quer mais e mais carinho. Enquanto ele beijava seu pescoço, Ana começou a rir, chegou a gargalhar.

– O que foi? Está sentido cócegas?

– Não – respondeu, às gargalhadas. – Me lembrei de Elisa. Você precisa conhecer.

– Conta. Por que você está rindo?

– Elisa namorou um cara que tinha acabado de se mudar pra um apartamento de três quartos – interrompeu para rir de novo.

– E daí? O que há de engraçado nisso?

– Elisa, superpantera-do-sexo, como ela mesmo costuma se denominar – riu mais um pouco –, fez questão de “fazer amor”, como ela diz de vez em quando, em todos os ambientes do apartamento. Para batizar, com “as secreções do sexo”, o local. – Riu. – Isso é decididamente a coisa mais ridícula que eu já escutei em toda a minha vida. Até hoje eu morro de rir com esta história.

Riram juntos. Jaime estava muito apaixonado, riria da história do Chapeuzinho Vermelho se Ana a contasse e assim o quisesse.

– Coitado do cara. Já imaginou?

– Se você vier morar comigo, eu te dou os pés de urso.

– O quê?

– Os chinelos de pelos de pelúcia. São seus, se você casar comigo.

– Eu aceito. Mesmo se não quisesse, aceitaria somente pela beleza do pedido. Mas eu quero. Te amo.

Era 20 de fevereiro, chamado por eles como “o dia dos pés de urso”. Dias depois, o apartamento recebia tevê, geladeira, fogão, sofá e Ana. Mais suas roupas e centenas de livros.

## 8

Outra sessão de fisioterapia. Ana começa a se aborrecer com esta palhaçada toda. “O tipo de mentira que se alimenta do ridículo.” Ela tira sua roupa, logo depois veste um roupão de tergal grosseiro. Entrega seu vestido dobrado a uma funcionária mal-humorada, que joga a peça num armário de metal enferrujado. Ali, Ana é tratada como uma miserável tísica. Parece estar num cenário da cinza ex-Alemanha Oriental. Uma das atendentes chama Ana de “meu bem”. Ela respira fundo, teme esbofetear a mulher, mas sossega. Foi Ana mesmo quem inventou tudo isso e desde o início estava ciente dos inconvenientes. Deita de bruços na maca, para receber a massagem. Tem nojo daquilo. Sente o óleo deslizar na sua pele. “Que constrangimento.” Tenta se distrair, quase adormece. O roupão está aberto nas costas, para que a enfermeira possa aplicar arnica na área “doente”, com dedos ásperos e pesados. Depois da massagem, colocam uma bolsa térmica na região lombar. Este é o melhor momento de “toda a palhaçada”, quando se vê livre das funcionárias da clínica. Perto dela, em outra maca, há uma criança com as pernas fininhas. Sua aparência assemelha-se à de um boneco de caroço de manga. O tronco estufado e de cor amarelo girassol, com pernas iguais a palitos de dentes. O rosto de Ana está voltado para a maca da “criança manga”. Ela não quer olhar para ele, mas teme que, ao mudar de posição, seu coleguinha enfermo se sinta repelido. “Esta criança deve conviver diariamente com caras de nojo e espanto. Eu jamais vou saber que sensação é essa.”

– Qual é o seu nome?

– Edison.

– É o nome de um grande inventor.

A criança não diz nada. “Será que não sabe o que é inventor?”

– Você gosta de cinema?

O menino fez que sim com a cabeça.

– Edison inventou o cinetoscópio.

– Que é isso?

- Um tipo de cinema, bem antigo.
- Faz tempo que eu não vou ao cinema.
- Por quê?

Ana estremece ao imaginar as inúmeras respostas tristes que poderá escutar.

- Não sei.

Calaram-se. Ana está deprimida. Sente-se mal por se fingir doente, ocupando as enfermeiras com mentiras. Não aguenta ficar mais um minuto encenando esta doença. “Vou contar até vinte, se ninguém aparecer, vou embora.” A criança está olhando para ela. “Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte.”

- Tchau! – disse, levantando-se.
- Tchau!

Veste-se rapidamente, não quer encontrar ninguém. O menino olha. “Devem ser os primeiros seios que vê na vida.”

- Você pode andar?
- Sim.
- Se eu lhe der dinheiro, você dá um jeito de ir ao cinema?
- Sim.

Ana entrega a ele uma nota de cinquenta. É muito, mas quer se desculpar por tudo aquilo que já fez.

## 9

“A convivência é, sem dúvida, um exercício árduo. Essa situação de bando é uma forção de barra da herança primitiva do Homem. O Homem de hoje vive em sociedade por obrigação. Vai ao trabalho rezando pela hora de retornar para casa e se enfiar na cama. Agrupa-se, mais por medo que por prazer. Se tivesse mais pelos, como os ursos, talvez fosse capaz de andar mais solitário. É o frio que une as pessoas. O frio metafísico que gela os ossos e as almas. O Homem receia a solidão, sente-se desprotegido, precisa de alguém para alimentá-lo. Quer que lhe mastiguem a comida. Quer comida em forma de papa.” Ana se refugiava em seus pensamentos, enquanto assistia a mais uma aula de Linguística. Odeia esta matéria. Simplesmente não consegue entender como alguém ainda tem coragem de ficar “nesta punheta, de signo e significante, que diz e desdiz ao mesmo tempo, que é e não é nada”. “Ficam debatendo sobre essa lenga-lenga de Saussure, que não passava de um viajandão, que não tinha nada o que fazer e por isso ficava punhetando essa porcaria de merda. Porra! Não aguento essa aula.” Ela não entende e nem se esforça para tal. Considera estas horas as mais inúteis da semana. Tempo precioso jogado fora. Com o agravante de ser obrigada a olhar para a cara da ex-namorada de Jaime. “Petulante! Insiste em me cumprimentar, como se nada tivesse acontecido. Gente, eu roubei o namorado dela! Reaja, me odeie! Deve odiar, é que se faz de moderna. Odeio essa gente. Gente que se agrupa. Um horror!” A aula interminável terminou. Ana saiu da universidade e foi se encontrar com Jaime. Era um momento de rejúbilo. Costumavam comprar alguma coisa para comer no apartamento, que a cada semana se tornava mais aconchegante e adorado por ambos. Ana ainda não havia contado à mãe sobre sua última decisão. Sabia que a mudança não seria do agrado de Helena, mas não temia nenhuma represália. Afinal, de tudo o que aconteceu entre ela e seus pais, o melhor era a liberdade de não dever nada a eles. Poderia até dançar canção nua, na praça da igreja, que

ninguém tinha nada a ver com isso. Era livre! Desejava realizar sua devoção a Jaime, e o fazia por vontade própria. Estava preparada para não se deixar dominar, caso não quisesse desta maneira.

Mais ou menos nesta mesma época, Ana recebeu a notícia da gravidez de Elisa. Demonstrou seu espanto com a novidade, falou sobre isso durante uma semana inteira. Elisa, grávida? Jamais chegaria a imaginar.

– Jaime, Elisa é totalmente porra-louca! Se bem que a notícia de eu estar morando com você deve ser, para ela, tão chocante quanto a gravidez dela, para mim.

– Por quê?

– Ah, não sei... Eu não sou exatamente uma pessoa com alma “casadoira”. Sempre gostei de ficar sozinha.

– Mas agora não vai ficar sozinha nunca mais.



Gargalhadas. A paixão, quando se cristaliza e se fortifica, perde qualquer constrangimento. Assume-se. Deslança em situações quase ridículas, onde somente as duas pessoas em questão compreendem de fato o que se passa. E nada passa. O mundo inteiro pode se acabar lá fora, que nenhum estilhaço alcançará o universo da paixão. No caso de Ana, o apartamento que agora dividia com Jaime. Aquele lar, com cada detalhe escolhido a dois, era enfim uma caixa na qual Ana poderia se fechar. Trancou-se lá dentro e cada “não fazer nada” ao lado de Jaime era uma festa. Não queria saber de perder tempo diante de um livro, não queria ir a um cinema, não queria encontrar pessoas, visitar Elisa, conhecer ninguém. Para Ana, ela já tinha em casa a melhor opção no mundo, o seu marido. E, realmente, aqueles primeiros meses, mesmo pontuados por algumas demonstrações estranhas da complexa personalidade de Ana, podem se dizer perfeitos. Ana e Jaime. Mil gargalhadas. Estavam inspirados pela vontade de conquistar, cada dia mais. Cada frase, mais brilhante que a anterior. O exército de amantes de Platão não poderia ser mais forte, se eles fossem seus soldados. Eram corajosos, destemidos, sonhadores, crianças, adultos. Foram um para o

outro mãe, pai, filho, filha, cachorro, amigo, marido, mulher. Estavam completos. Podiam ficar – como ficaram – horas sentados num banco de um shopping center acimentado, que não trocariam o lugar por toda a Manhattan.

Era domingo e, somente muito apaixonada, Ana aceitaria ir até um shopping assistir a um filme. Fila longa, gente estranha, cinema sem ar-condicionado.

– Vamos embora.

– O quê?

– Cinema sem ar-condicionado, fila... Olha esse casal atrás de você.

– Nossa.

– Eu, se pudesse, matava. Se me garantissem que eu não ia presa, dava um tiro na testa de cada um.

– Primeiro tiro, nela.

– Não. Primeiro, nele. Ninguém pode usar um cabelo desse em público.

– Tem razão. Primeiro, nele.

– Vamos sentar naquele banco?

– E aquela mulher ali. Eu matava aquela mulher.

– Merece. Cara de preconceituosa porca, daquelas que são ignorantes por preguiça.

– Piul! Matei. Com a minha arma metafísica de morte instantânea.

– Aquele ali, você mataria?

– Qual?

– O de pochete.

– Com uma bala no peito.

– Eu mataria aquela ali, com o cabelo repicado. Escrota, filha da puta!

– Por quê?

– Conheço aquele tipinho, sonsa, leva a vida na flauta.... Vai fazendo merda e depois diz que não percebeu.

– É. Você tem toda razão. Ela merece ser morta a chutes.

– Aquele velho ali?

– Não. Aquele eu deixo, deixo. Mas se vacilar, morre também.

– Ih, olha lá, olha lá! Aqueles moderninhos. Eu matava com choque. Que ridículos. Olha lá, eles leram em algum lugar que é moderno usar essas calças “caga na saca”.

– Eles são “clubbers”.

– Eles são “cybex”.

– É de dar porrada, não é não?

– Piulllll! Matei, meu amor. Não se preocupe que eles não vão mais te incomodar.

Ana e Jaime se beijaram. Já não tinham mais nada a fazer naquele lugar e voltaram para a “caixa” deles, viver a certeza de um amor eterno.

“– Eu nunca irei deixá-la sozinha – disse Mirna, certa vez, para Lívia. E agora iria rever a sua amiga, que de alguma maneira sempre esteve ao seu lado. Estava nervosa enquanto aguardava sua chegada ao aeroporto. Jonas tentava disfarçar o mau humor. Perdeu um importante encontro com homens do governo, só para ir buscar a amiga de sua esposa. Mas não podia contrariá-la. Sabia que este era um momento que Lívia aguardava há muito tempo. Era um bom ator, sabia representar as emoções que fossem necessárias. Aprendeu esta arte com as dificuldades da vida. Até casar-se com Lívia, nunca havia sentido um afeto verdadeiro, experimentara somente o desprezo e a dureza. Assim que se formou, notou que não poderia carregar sua origem para sempre, demonstrando rancor ou tristeza. Para qualquer pessoa, Jonas é um homem de berço, que só viveu alegrias na vida. Ele encena um passado perfeito, pois sabe que, no meio em que vive, ninguém quer escutar lamentos de pobreza e abandono.

Agora, ali, estava vestido impecavelmente com seu terno cinza. Sabia utilizar-se de sua aparência. Era um homem decididamente bonito. Alto, esguio, com os cabelos negros que contrastavam com sua pele branca. Seus olhos eram castanhos bem claros – não esverdeados, mas mel.

Assim que desembarcou, Mirna procurou com os olhos a amiga. Encontrou-a, mas teve que esperar suas malas para poder, enfim, abraçá-la. Enquanto isso, Jonas pôde observá-la. Pelas suas roupas, gestos, cabelos e tudo o mais, ele esperava

ter uma prévia sobre quem era essa mulher. Sabia que a opinião de Lívia estava sobrecarregada de lembranças juvenis, e que a adolescência não é exatamente a melhor época para conhecer o esqueleto emocional de uma pessoa. Lá estava uma mulher de aparência incomum, apesar de vulgar, mas não no sentido da mediocridade e, sim, de uma certa sexualidade aparente. ‘Uma putinha’, constatou Jonas nos quinze minutos que pôde vê-la sem que ela estivesse preparada para isso. ‘Uma putinha mimada, metida a besta.’ Pronto, estava feita a sua análise profunda. Dificilmente Mirna conseguiria desfazer esta imagem na cabeça dele. Jonas é um homem observador e tem um alto número de acertos em suas primeiras opiniões. Aprendeu a ganhar no jogo desta forma, analisando detalhes do adversário.

Enfim, Mirna conseguiu livrar-se da fila que a conduzia para o salão onde se encontrava o casal. Estava esfuziante por ver Lívia. Assim que se aproximou dela, largou seu casaco e bolsa no chão, abraçando-a fortemente. Jonas achou tudo aquilo ‘ridículo, sem a menor compostura, uma original novela mexicana’. Depois de um abraço de pelo menos cinco minutos, Jonas enfim foi apresentado a ela. Mirna o beijou carinhosamente no rosto. Jonas disse estar comovido por conhecê-la, depois de tantos anos de expectativa. Era um falso, mas não demoraria por deixar claro a sua antipatia por Mirna.”

Ana não mais anotava a matéria, nem sequer escutava o que os professores falavam. Odiava ter que estar ali, achava tudo aquilo completamente inútil. Sua implicância com o curso fazia com que se sentisse realmente ultrajada ao ter que acordar para ir às aulas. Quando ingressou na universidade, ela pensava que estudar Literatura seria algo bem diferente do que na verdade se revelou ser. Preparou-se com animação para o vestibular. Seu maior desejo era cursar Letras, e exatamente naquela faculdade. Passou em quinto lugar. Depois de fazer a matrícula, inscreveu-se para ganhar uma bolsa. Teve que atravessar longas entrevistas até provar que não tinha meios de financiar o curso. Alegou ser filha única de mãe solteira – que não apoiava a mudança de cidade. Sua única fonte de renda era o aluguel de duas pequenas salas, que o avô passou para o nome dela antes

de morrer. Conseguiu uma bolsa integral. Começou a assistir às aulas com algum entusiasmo. Mas rapidamente notou que o seu grande sonho era, na verdade, um grande fiasco. Achou um crime o que os professores falavam sobre poesia. Tudo tão cheio de regras e nomenclaturas burocráticas. Sentiu o desprezo dos professores por seus alunos. Como se todos fossem um bando de iletrados, que estavam neste curso porque ele tinha mais vagas que as outras profissões. “Um curso para moças normalistas e bichas de subúrbio.”

Já no primeiro semestre, Ana estabeleceu para ela mesma uma rígida disciplina que ajudaria a cumprir aquele “castigo”. Saiu-se bem, até que foi morar com Jaime. Ele, um bom e aplicado aluno, ao contrário do que se podia esperar, fez com que Ana sentisse ainda mais antipatia pelas aulas. Acordava, como agora, às seis horas da manhã. As aulas começam às sete – e ela costuma ser exageradamente pontual. Mas o faz tomada de ódio e convencida de que nada vai aprender além de regras antiquadas, conceitos socialistas defasados e ideias equivocadas sobre o que é literatura. Quando ainda se dedicava ao romance, era mais fácil aguentar as cinco horas que passa dentro da sala de aula. Pois se o professor era maçante, sua mente se encarregava de distraí-la. Hoje, não mais. Hoje, é aproveitar a licença e depois voltar ao seu tédio, à sua tristeza e solidão. Voltar aos salgadinhos da cantina, à Coca-Cola, aos banheiros. Sentar-se no pátio, olhar as roupas vulgares das mulheres paulistas, todas vestidas iguais e sem se importar de se parecer umas com as outras. “Milhares de fuscas brancos.” Daqui a alguns dias, quando a mentira tiver cumprido seu intento, Ana terá que se sentar novamente na sua carteira, abrir seu caderno vazio e tirar várias xerox de textos que não lerá. Vai voltar a estar sozinha entre milhares de fuscas, silenciosa, como um carro velho abandonado no estacionamento. Não anda mais, não buzina, só fica ali, esperando que o tempo seja clemente e acabe corroendo logo sua lataria.

Enquanto Jaime preparava sua tese sobre Nelson Rodrigues, Ana tentava acordar diariamente sem experimentar um terrível mau humor. Despediam-se, e ela ia automaticamente para a

aula. Foi numa dessas manhãs que aconteceu o pior: o professor de Grécia Antiga resolveu ousar e dar suas aulas de forma aristotélica. Ou seja, “fazer uma releitura do estilo peripatético de ensinar”. Ana chegou na sala e havia um enorme rebuliço. Pessoas arrumando os cadernos, excitadas, com caneta em punho. Ela nada fez – sentou-se e ficou calada, observando. Até que alguém solidário e simpático se aproximou, esclarecendo o que ocorria.

“Não! Não estou acreditando. Eu vou ter que me expor com essa gente horrorosa, pelos pátios da universidade. Que vergonha! De jeito nenhum.” Já estava se preparando para ir embora, quando o professor informou que “os mais espertinhos que ousassem partir” teriam os nomes anotados em sua lista negra. “Cacete! Esse merda leu meus pensamentos.” E lá foi ela, entre outros quarenta alunos e o mestre, perambular pelo campus. O sujeito, realizado por ter o poder de controlar o seu exército de alunos, esbravejava o *Mito da caverna*, *A poética*, *A república*, *O banquete*, com a boca cheia. Enquanto isso, os mais eufóricos faziam perguntas tolas, enaltecendo o ego do patético professor. Ana, esgueirando-se no meio da pequena multidão, tinha vontade de morrer. Sinceramente clamava pela justiça de Deus – que a levasse dali para uma outra realidade. Que a carregasse para uma dimensão qualquer, até o Inferno servia, pois achava impossível que fosse pior do que aquilo. Fazia um dia quente e sua pele branca ia se tornando cada vez mais vermelha, enquanto grossos filetes de suor corriam-lhe pelo corpo. Não conseguia mais ouvir direito, apenas um burburinho insistente, que magoava os seus ouvidos. Aquelas mulheres de “calça bailarina, babucha, camisões e bolsas tipo sacola da Victor Hugo” começaram a ficar maiores do que ela, crescendo por todos os lados. Suas bocas já eram bocarras pintadas de vermelho e seus cabelos “repicados com luzes” tornaram-se serpentes, como na cabeça de Medusa. Lembrou-se de Monteiro Lobato, lembrou-se da Cuca, do Visconde de Sabugosa e da Emília. Lembrou-se de tia Marta, uma amiga de sua mãe, que a chamava de Narizinho quando criança. “Tia Marta morreu de câncer.” Lembrou-se da morte. Desmaiou.

Quando recobrou a consciência, estava na enfermaria de mãos dadas com Alexandra, a “riponga”. Tentou fingir que continuava desmaiada, mas a moça percebeu que Ana havia acordado.

– Está melhor?

– Estou ótima.

– Ótimo.

– Como é que eu cheguei aqui?

– Seu Carlos.

– Ah.

– Eu liguei para Jaime. Ele está vindo.

“Como essa escrota sabe o nosso telefone?”

– Não era preciso – largou a mão de Alexandra. – Estou ótima. Preciso ir embora.

Levantou-se com pressa. Sua cabeça girava, sentiu-se fraca, mas manteve a postura. Queria ir para casa. Talvez, com sorte, ainda encontrasse Jaime. Queria vê-lo. Sentia medo.

– Você devia esperar por ele.

– Não. Já disse que estou bem.

– Você que sabe.

– Tudo bem, obrigada, mas preciso ir.

Pegou sua bolsa e saiu do ambulatório. Já no corredor, teve a nítida impressão de que todos estavam olhando para ela. Uns cochichavam, outros apontavam para ela. Mas tudo isso realmente não passava de impressão. As pessoas sempre acham que todos em volta estão reparando nelas o tempo inteiro. Que o seu problema é o maior de todos – na verdade, o único, e que o mundo está atento a ele. Naquele instante, Ana teve a certeza de que toda a universidade estava comentando o show que tinha dado. Cada um, no entanto, cuidava da própria vida, preocupado com suas próprias gafes, tentando esconder suas próprias fragilidades. Ana tinha tentado o mesmo, diante da sua “rival”. Era a última pessoa no mundo a quem gostaria de dever um favor. “Ela fez de propósito.”

Pegou um táxi, desceu correndo e, ao entrar no prédio, perguntou ao porteiro por Jaime.

– Ele saiu faz um tempinho.

“Merda! Está tudo errado. Que dia horrível. Por quê? Por quê?” Porque era outubro. Ana ainda não havia se dado conta de que o mês mais cruel de todos já tinha começado. Estes são, para ela, os trinta dias mais difíceis do ano. Sempre foi assim. Depois que cresceu, disseram que tudo não passava de “inferno astral”. Mas ela não acreditou, pois não acredita em muitas coisas. Prefere imaginar que, por ser outubro o mês de início da terrível expectativa do final do ano letivo, há um “cansaço colegial” que invade o corpo das pessoas. “Março é a largada e outubro é a reta de chegada.” Mas não é nada disso. Na verdade, Ana teme a chegada da data do seu aniversário – quando o telefone ora toca e ora não. Até que o dia acaba, e Ana conclui mais uma vez que poucas pessoas se lembraram dela. E que seu pai novamente se esqueceu.

Assim que chegou em casa, Ana tirou a roupa que vestia e jogou dentro do tanque. Era um vestido leve, de tecido vagabundo. Teve ódio daquela estamparia cretina. “Florzinhas.” Lembrou-se do seu Carlos, o supervisor do prédio quatro. “Agora, veja que ridículo: eu carregada, sabe-se lá como, pelo seu Carlos.” Olhou para a sua calcinha, era branca, já velha. daquelas que ela jamais vestiria se soubesse que seria exposta em público. “Bem que minha mãe diz que, se eu sofrer um acidente na rua, é melhor eu morrer, pois minhas calcinhas são tão vergonhosas que até uma enfermeira de hospital público repararia.” Ana tirou também a calcinha e jogou em seguida no tanque, junto ao vestido. Depois se sentou num banquinho na área de serviço, diante das duas peças de roupa. “Estou tão triste. Não entendo por que essas coisas acontecem comigo. Devo ser má, devo ter sido horrível na minha outra encarnação. Acho que fui Hitler, ou aquele cara que matou a Sharon Tate. Não, esse não, o cara ainda está vivo. Devo ter sido Herodes. Porra! Que vergonha. E, além de tudo, ainda sou traída. Por que Jaime deu o nosso número para aquela mulher? Quando esteve com ela? Ai, que tristeza!”

Pronto: todas as dúvidas e pensamentos negativos começaram a vagar pela cabeça confusa de Ana. Sentada ali, nua, diante de suas roupas velhas, ficou com uma enorme raiva de Jaime.

Queria matá-lo. Naquele instante, ela tinha certeza de que Jaime estaria tomando um chope com “aquela cretina”, no bar em frente da universidade. “Mas isso não vai ficar assim. As pessoas pensam que eu sou uma idiota, mas elas vão ver uma coisa. Cansei dessa vida miserável! Quero que todo mundo se foda.” Ana se levantou do banco, pegou a garrafa de álcool e esguichou o líquido dentro do tanque. “Quero ver o circo pegar fogo!” Acendeu um fósforo e jogou. Acendeu outro, e outro. Ficou diante do fogo, sentindo um calor gentil em seu púbis nu. Esqueceu de tudo, olhando as labaredas. “Tão lindo é o fogo. O fogo é verde.”

– Ei! Maluca! Quer botar fogo no edifício?

Ana olhou pela janela. Era o velho sem dentes do andar da frente. Ficou com nojo daquela boca. O velho atrapalhou a beleza da cena. A vida trouxe um personagem vulgar e sujo para lembrá-la de onde estava. Estava no seu pequeno apartamento, queimando sua roupa velha, depois de ter desmaiado diante de toda sua turma e ser carregada por seu Carlos. E fogo não é verde. Abriu a bica e deixou a água correr, apagando o fogo, até que sobraram apenas restos de tecido chamuscado e fumaça.

Quando Jaime chegou, após sua aula, encontrou Ana deitada nua no sofá. Estava dormindo. Jaime não quis acordá-la, pois a achou tão linda e calma. Colocou sobre ela um lençol e fechou as cortinas. Ana despertou de madrugada, sem saber ao certo onde estava. Percebeu que Jaime já havia chegado pelo lençol. E, para ela, o fato de ele não tê-la acordado era uma confissão de sua traição. Não existia nada que pudesse provar o contrário. Ana foi até o quarto e sufocou Jaime com um travesseiro. Ele acordou assustado, empurrou o travesseiro com força, Ana caiu no chão e bateu com a cabeça na mesinha de cabeceira.

– Ana! O que é isso?

– Você me machucou!

Gritou, mostrando o sangue que havia em sua cabeça.

– Mas você estava tentando me matar.

– É lógico que não! Olha o que você fez, seu monstro!

– Calma, meu amor. Deixa eu ver.

– Não toque em mim. Eu te odeio.

Jaime foi até a cozinha e pegou um copo de água com açúcar.

– Toma. Agora fique calma. O que aconteceu hoje?

– Aconteceram milhares de coisas, mas você estava muito ocupado com a sua amante.

– Ana, o que é isso?

– Isso é falta de caráter.

– Você está falando da Alexandra?

– Tem mais alguém?

– Pare com isso, eu já te disse que não existe nada entre mim e aquela figura.

– Jaime, eu já tenho uma vida muito difícil para ficar sofrendo por causa de um homem. Eu vou deixar de te amar.

Coitado. Havia sido um dia difícil também para Jaime. Quando chegou esbaforido na universidade e não encontrou Ana, tentou telefonar para casa – mas só dava ocupado. O destino, esta máquina de pequenas felicidades e grandes equívocos, fez com que Jaime deixasse o fone fora do gancho, depois da ligação de Alexandra. Procurou a ex-namorada e foi informado de que Ana tinha passado mal e desmaiado, mas que não quis esperar por ele. Alexandra alertou que, possivelmente, a “sua esposa” não estava atravessando uma boa fase.

– É perceptível. Ela não fala com ninguém, vive quieta num canto. Sua aparência anda estranha. Desculpe, mas acho que ela tem sérios problemas emocionais.

– Quem é você para dizer isso? Ana é uma pessoa mais sensível, só isso. Parece que o mundo não consegue compreender quando aparece alguém tão delicado quanto ela.

Jaime passou horas no telefone, sem conseguir falar com a sua adorada Ana. Pensou em voltar para casa, mas a maquineta do destino já estava fora de controle: fez com que tivesse uma reunião marcada com o seu orientador. E essas coisas são inadiáveis. O encontro durou horas, pois era um dia importante para Jaime decidir os caminhos de sua tese. Assim que conseguiu se desvencilhar do professor, correu de novo para o telefone. Ainda estava fora do gancho. E o destino... Teve que ir para a aula, havia uma prova – onde, inclusive, não se saiu nada bem, devido ao seu nervosismo. Assim que pôde, foi embora. E

agora, isso: Ana, descontrolada, tentando sufocar sua respiração com um travesseiro. Não era justo, embora compreensível. Ana entendeu tudo errado. Na cabeça dela, Jaime chegou na universidade e a “riponga” correu para contar de seu desmaio – “exagerando, claro”. “Talvez tenha dito até que eu tive convulsões, ataques epiléticos.” Aí Jaime sentiu saudades da ex-namorada, comparou as duas e decidiu optar pela outra. Convidou-a imediatamente para uma cervejinha no bar. Chegou em casa de cara cheia, e preferiu não acordá-la, para evitar brigas. Pronto. Um mal-entendido puxa outro, que puxa outro. E duas pessoas acabam sofrendo. Duas pessoas que se amam e sofrem por nada.

– Ana, pelo amor de Deus!

Jaime abaixou a cabeça e começou a chorar. Ana nunca tinha visto sequer uma lágrima sair dos seus olhos. Pensava até que jamais veria, pois assim é com os homens. E agora ele estava ali, de cabeça baixa, chorando. Tinha sido acordado pela mulher que ama, em pleno ataque de loucura. Machucou-a para se defender, e agora chorava. Para ele, era uma vergonha se mostrar tão frágil. Mas amava Ana e ela não estava entendendo nada, estragando tudo com sua desconfiança. Jaime compreendia que Ana não tinha os seus sentimentos em ordem, como a maioria das pessoas que ele conhecia. Ela é diferente. Ele sabia disso. Entendia seus temores e que ela faria tudo para se defender dos sofrimentos de um abandono. Jaime conheceu Ana profundamente enquanto estavam juntos. Sabia o porquê dessa fobia neurótica por qualquer tipo de traição.

– Eu te amo! Não faça isso comigo – ele disse.

Ana sentia-se pior, nesse momento. Não podia fazer tão mal assim a um homem, a ponto de fazê-lo chorar feito uma criança. Não é cultural, o choro masculino. E é tão triste vê-los assim, sabendo o quanto custa para eles, para seus orgulhos, chorar. Ela se sentiu um monstro, ruim, perverso. Era por isso que não tinha ninguém. Só mesmo a louca da Elisa era sua amiga. E a única pessoa que realmente a amava, ela fazia chorar.

Pegou a cabeça de Jaime e a segurou entre os seus seios nus. Sentiu suas lágrimas quentes correrem até a sua barriga.

Imaginou uma delas caindo dentro de seu umbigo.

Dormiram abraçados. Quando Ana se levantou, de manhã, encontrou a mesa posta e uma rosa sobre ela. Jaime tinha saído para a universidade, andava às voltas com a formatura. Mas antes preparou uma bela surpresa. Com frutas, pães, queijo e iogurte. Ana adora iogurte. Ficou emocionada, chorou. Mal começou o dia e já estava chorando. Havia algo de errado com ela. Talvez pressentisse o fim de seu amor, e estivesse sofrendo por esta incapacidade de ser feliz. Porque alguém que decididamente foge da ideia de felicidade precisa ser muito ruim, muito miserável. Este não é o caso de Ana. Ela gostaria de viver feliz, se houvesse uma felicidade diferente das que ela conhece. Ana olha, de fora, e não entende o que significa *ser feliz* – o que é isso lá por dentro, o que acontece com os órgãos de uma pessoa que vive com as cores, com o vento no rosto, que fica olhando um céu estrelado. Ela não sabe o que é ter sido uma criança leve, com sua pequenina existência livre para assistir à tevê até tarde, e comer um saco de biscoitos na hora do almoço. Ela não sabe o que é ser amada, não por não ter sido, mas porque não conseguiu aproveitar amor algum. Sua mãe a ama, mas ela não sente este amor. Elisa a ama, mas ela não valoriza este amor. Vinícius? Ela não sabia mais se queria este tipo de amor. O que leva Ana a ser assim? O mesmo que leva as outras pessoas a serem como são. Um misto de coisas, a sua natureza, o seu passado, uma certa falta de talento para conviver com os outros. O inverso dessas coisas é o que faz Jaime ser tão espontâneo, tão feliz. E isso começou a perturbar Ana. Chegou a invejá-lo, ao mesmo tempo ficava entediada com toda essa alegria. Olhava Jaime, enquanto ele conversava com os amigos do curso, impressionada com a sua capacidade de gostar daquilo tudo. Ana achava tudo “uma grande merda sacal”. Ao vê-lo satisfeito, graduando-se com tanto aproveitamento, cogitou que talvez fosse ela a “merda sacal”. E antes que começasse a acreditar decididamente nisso, passou a crer que Jaime é que era um idiota. Todo dia, quando acordava e ia para a aula, com um cansaço imenso, lembrava de Jaime, sorridente, animado com cada “livro estúpido” que tinha que ler. Adorado pelos

professores, sem bajulá-los. Suas críticas eram ouvidas e respeitadas. Quando ele, incentivado por Ana, fez um seminário sobre Semiótica – no qual metia o pau na linha seguida pelo corpo docente da universidade –, foi aplaudido. É certo que Jaime já estava trilhando uma brilhante carreira catedrática. Enquanto Ana estava cada vez mais distante de tudo aquilo, e de Jaime também. Depois daquela noite, quando tentou sufocá-lo com o travesseiro, passou a agir de forma extremamente carinhosa e compreensiva. Jaime deveria ter desconfiado daquelas atitudes não genuínas. Pois era “o reverso inevitável da paixão” de Ana. Ela percebeu que o seu coração estava endurecendo e, com medo de perder Jaime, passou a tratá-lo como um rei. Quando acordou naquele dia e viu o amor de Jaime tão bem representado por aquele café da manhã, imediatamente tratou de se alimentar dele. Sorveu amor com açúcar, farináceos, leite e derivados de vaca em geral. Comeu amor no iogurte com sucrilhos. E sentiu-se gorda. Teve vontade de meter o dedo na boca e se forçar a vomitar. Voltou para a cama.

“É compreensível que, com o tempo, as pessoas deixem de me amar. Eu as afugento. Acho que, primeiro, eu é que não gosto mais delas, e faço essas coisas ruins, grosseiras. Sou uma chata. Perco as coisas porque quero. Devo ter um espírito de porco qualquer dentro de mim. Não posso ser assim. Não posso ser de novo assim. Vou salvar Jaime do desamor por mim.”

Levantou-se. Tinha que fazer algo para demonstrar que o amava. Ele tinha que acreditar nela de qualquer maneira. Arrumou a casa. Depois, foi até o supermercado e fez compras. Comprou as comidas prediletas de Jaime. Seu sabonete, sua pasta de dentes e Neve, o seu papel higiênico preferido. Não gostou de se lembrar do papel preferido de Jaime – não gosta dessas intimidades. Mas lutou bravamente contra os pensamentos cruéis e continuou a empurrar o carrinho. Comprou vinho, amendoins. Chegou em casa e preparou-lhe uma massa. Jaime adora comida italiana. Teve o cuidado de bater no liquidificador a cebola, pois Jaime é capaz de morrer se morder um pedaço. Ele não suporta a textura da cebola, o barulho que faz ao ser mordida. É a coisa que mais odeia na vida. Ana cuidou

para que nenhum pedaço sobrasse. Fez uma papa de cebola e a dourou na manteiga, do jeito que ele gosta. Quando terminou, ainda era cedo. Jaime chegaria tarde para o almoço. Guardou o prato no forno. “Depois é só gratinar com queijo ralado.” Ana foi tomar banho. Debaixo do chuveiro, pensou que toda aquela confusão do dia anterior se devia à sua demora em começar a escrever o livro. “Mas é melhor que eu me dedique primeiro a idealizar a história. Depois, é só sentar à máquina e mãos à obra. Jaime vai se orgulhar de mim. Vou dedicar o romance para ele. ‘Este livro é teu.’ Vou dedicar para ele, ele irá me amar para sempre. Afinal, sou uma ótima escritora. Para um mestre em Literatura, ser casado comigo é um orgulho. Sou uma tonta em imaginar coisas erradas a seu respeito. Fico atrás de sarna para me coçar.”

Vestiu-se com um pijama de seda, presente de Jaime. “Preciso mostrar a ele como sou talentosa. Para que me servirá a faculdade depois de publicado o meu livro? Nada.” Pegou um bloco de anotações e sentou-se à escrivaninha. Não se sentiu confortável, largou o bloco e foi se deitar no sofá.

“Logo na primeira semana, Jonas começou a demonstrar o seu verdadeiro sentimento por Mirna. Com pequenas implicâncias, passou a deixar bem claro que ela não era bem-vinda. Mirna se fez de tonta, enquanto Lívia tentava disfarçar o mal-estar, alegando que Jonas andava aborrecido com todo mundo, devido a um projeto que tinha sido engavetado.

As duas aproveitavam as horas em que ele não estava para lembrar das histórias do passado. Durante este período, começou a acontecer uma coisa intrigante: o tempo que passaram longe uma da outra tornou-se como que inexistente. Uma vez que tudo estava sendo contado, era como se tivessem ficado juntas desde então.”

Ali estava Ana, deitada, pensando na morte do filho de Mirna. O menino conhecia Lívia por fotos, e era uma criança tão adorável que já a chamava de tia Lívia. Choraram juntas e beberam vários copos de vinho – desde a chegada da amiga, Lívia passou a beber muito mais. Algumas vezes, Jaime, quer dizer, Jonas as

acompanhava. Foi numa dessas tardes, quando estavam os três no jardim, que pingou enfim a gota d'água entre Jonas e Mirna. Mas, antes disso, é bom lembrar que o sentimento de Lívia pela amiga havia começado a se transformar num amor mais intenso. Passou a existir desejo pelo corpo de Mirna. E Jonas, “gato escaldado que era”, percebeu tudo. Desenvolveu, assim, ainda mais ódio por aquela amizade. No dia fatídico, a polêmica girava em torno das crendices telúricas de Mirna. Em um dado momento, ela disse acreditar em duendes. Jonas retrucou imediatamente, dizendo acreditar em anões. Lívia, já conhecedora daquele humor ferino, acusou o marido de ser um brutamontes.

“– Um brutamontes sem nenhum senso poético!”

Jonas, incomodado pela defesa cega de Lívia pela amiga, saiu furioso de casa. Mirna tentou acalmá-la e sugeriu uma vodca, para animar os sentidos. Quando Ana pensou em “vodca para animar os sentidos”, imaginava as duas fazendo sexo. Mas, com o decorrer da bebida, notou que isso seria óbvio demais. E preferiu que elas apenas se embriagassem com o líquido gelado, imaginando uma enorme conversa sobre o quanto os homens são cruéis e tal e tal.

“... Lívia, você ainda tem a sorte de ter conhecido poucos.

– Não sei, dedicar toda uma vida a um só escroto machista é terrível.

– Bom, isso, *chérie*, lá é verdade. São todos uns brutais. Nos acusam de sermos histéricas. Não compreendem a menstruação. Pensam que é fácil ter um corpo tão cíclico, que muda de temperatura, de peso, de ânimo para o sexo. Tudo em função do aparelho reprodutor.

– Eu é que sei. Porque tenho que estar sempre à disposição. Eu o odeio! Quero a separação. Quero cantar em boates e fazer topless em Ipanema.”

Ana pretendia dar a este diálogo um tom patético e, enquanto pensava nele, divertiu-se bastante.

A frase sobre o topless em Ipanema emociona Mirna, por sua poesia. As duas se beijam na boca. Lívia, tomada pela bebida, toca nos seios da amiga – sem deixar de notar que eles estavam flácidos demais para a pouca idade dela. “É essa vida desregrada da Europa. Muito sexo faz os peitos caírem.” Mirna a leva pela mão até seu quarto, tira a sua roupa e depois a de Lívia. “Nossa!” Lívia perde a excitação, parte por estar embriagada e com sono, parte por causa dos seios caídos da outra. Deita-se na cama e em minutos cai em sono profundo. Mirna a abraça carinhosamente e dorme também. Jonas chega em casa bêbado e vai para o seu quarto. Quando não encontra a esposa, pressente que algo aconteceu. Vai até a última gaveta de sua cabeceira, abrindo-a. Dentro dela há um revólver. Mas ele não pega a arma, apenas olha para ela. Fecha a gaveta. Cambaleante, entra no quarto de Mirna e vê as duas nuas, dormindo abraçadas.

A partir da manhã seguinte, Jonas muda completamente a maneira de tratar Mirna. Torna-se mais afável e envolvente. “Elas, idiotas como todas mulheres, caem na sua encenação. Acreditam-no mudado por causa da briga do duende versus anão.” Há um instante em que os três parecem estar platonicamente apaixonados uns pelos outros. Mas Jonas, crendo-se traído, não quer apenas ser um voyeur da situação. “Deseja comer Mirna, meter-lhe o pau na boceta, no cu, na boca. Esporrar-lhe o rosto. Para que ela sinta o que na verdade é: uma putinha mimada e engajada, que lê Paulo Coelho em francês.” E os dias transcorrem. Eles vão a boates, bebem, dançam e falam mil besteiras espirituosas, do tipo “A Era do Jazz”. Leem poemas no fim das tardes. Nadam nus no mar. Falam sobre cinema, comidas e todos aqueles assuntos, para preencher com charme páginas brancas. Pois Ana pretendia escrever um livro grande.

Achava que neste romance poderia falar sobre coisas em que acredita e sobre outras em que nem tanto. Durante aqueles vários dias em que se dedicou à *Traição das sombras*, sentiu-se especialmente ligada em tudo à sua volta. Era como se qualquer acontecimento, por mais corriqueiro e vulgar, pudesse se transformar em páginas de sensatez e, por que não dizer, poesia.

Ela gostaria de poder escrever com liberdade e dizer tudo o que pensa sobre bichas, sutiãs de ombreira, Klimt, crianças, felicidade, morte, linguística... A história de Lívia era uma desculpa para falar o que bem quisesse sobre qualquer assunto, sem que fosse exatamente ela, ou a sua biografia. Não, aquele romance não era sobre Ana. Não tinha nada a ver com a sua infância, seus sofrimentos e suas alegrias. Simplesmente porque ela não acha que a sua vida em especial mereça ser narrada. Mesmo consciente de que todas as vidas são curiosas, e que um romance é um livro fofoqueiro que trata de esmiuçar a intimidade dos outros, para ela sua vida é chata. Ana acha-se chata, ou sabe-se chata. No romance, ela poderia ser outra pessoa e ainda manter algo dela. Os pés de Lívia eram pequenos. Não que Ana admire seus pés minúsculos, mas, em Lívia, ela consegue enxergá-los. Falando desta forma, poderá parecer que os pés de Ana são microscópicos. São e não são. Não são, pois um pé trinta e três é visível a olho nu. E são, pois, para Ana, vistos de onde ela os vê, é como se não tivessem crescido. Ela olha para baixo e vê os seus pezinhos, os mesmos da infância, lá embaixo. Parecem avisar que Ana ainda é a mesma do colégio interno. Aquela menina sem nenhuma característica marcante, uma mocinha de cabelos longos, que senta na sexta fila da sala de aula e que nunca tirou uma nota maior do que sete. E, depois, aquela adolescente que adorava Fernando Pessoa e escrevia como ele, falando sobre a casa da infância, mesmo que esta casa não fosse nada marcante, e até mesmo fossem vários apartamentos pequeninos e vulgares. Sua vida não tinha nada de especial, ainda não tem, talvez nunca tenha. É quase certo que Ana continue a mesma pessoa comum, que apenas tem os pés menores que a maioria dos seres humanos de seu tamanho. Ela não anda mais com um livro do poeta português dentro da bolsa, ela já não gosta mais de Caetano Veloso, mas continua olhando para baixo e vendo aquela Ana que um dia gostou. Por isso, Lívia também tem os pés pequenos. Ana então pode enxergá-los de longe, passeando por Paris, dançando em boates, descansando, pousados numa cadeira de praia. Lívia também tem os pés pequenos, mas compra lindas sandálias numa loja especial em

Nova York. E Ana adora sandálias, embora tenha imensa dificuldade de encontrar um par que lhe caiba e não seja infantil.

## 10

No decorrer daquele mês, as coisas entre Jaime e Ana se ajustaram, apesar de ela demonstrar claramente estar sofrendo do “mal de outubro”. Principalmente no sentido místico, foi possível observar em Ana sutis alterações. Com os nervos estressados, ela concluiu que a humanidade precisava de mais bondade e boa vontade. Até aí, tudo bem. Mas Ana, comovida com um programa de tevê sobre um banco de sangue e a carência de doadores, resolveu doar o seu. E o fez, tomada de emoção e medo. Poucos dias depois, após folhear uma revista e ver uma campanha sobre doação de órgãos, ligou para a central de doações e ofereceu suas córneas, seu fígado, seu coração, seus rins, seus pulmões e tudo mais que pudesse vir a servir após sua morte. Durante aqueles dias compulsivos, falou bastante com Elisa ao telefone inclusive sobre suas “boas ações”.

– Você doou para saber se tem Aids.

– Que horror, não foi isso! Primeiro, porque eu sei que não tenho. Segundo, que não preciso desse miserê. Posso muito bem pagar um exame. E olha, só se eu for mesmo muito azarada para ter Aids.

– Minha filha, até quem nunca trepou tem medo. Basta ter ido à manicure ou feito uma tatuagem.

– Pior é pegar no dentista.

– Sei lá, eu não acredito mais que alguém saiba realmente tudo sobre esta doença.

– Elisa, estou brincando. Que pegar no dentista, o quê! Parece ignorante. É lógico que as coisas não são assim.

– Sei, mas você é virgem santa, e não tem chance alguma de ter o vírus?

– Puta que o pariu, Elisa. Eu ligo pra você, pra você botar essa pilha em mim?

– Não! Ana, eu, que sou eu, fiz o exame por causa da gravidez e não deu positivo. Vai dar em você, uma quase carmelita dos pés descalços?

– É, eu fiz uma boa coisa e não vou entrar em paranoia agora. Tenho um sangue saudável e é muito triste pensar que existem centenas de pessoas precisando dele, e não fazer nada a respeito. Por que então não doar?

– Porque vicia.

– Que é isso, Elisa? Quer dizer que existem *junkies* de bancos de sangue? Associações anônimas de ajuda, fazendas de recuperação...

– Eu li isso em algum lugar.

– Sei. Além de viciada em doar sangue, então eu também corro o risco de me viciar em doar rins, córneas...

– Você fez isso?

– O quê?

– Doou as coisas?

– O que dá para doar, sim.

– Na próxima encarnação, você vai nascer mula sem cabeça!

Elisa sempre teve um senso de humor bastante peculiar e genuíno. Costuma até dizer coisas bastante sensatas, misturadas a uma capacidade ingênua de criar metáforas. Faz Ana rir com suas histórias, desde o dia em que se conheceram, e sempre demonstrou um grande amor pela amiga. Sincero, respeitoso e divertido afeto. Elisa é mais velha que Ana cinco anos, conheceram-se quando Ana ainda era menina. E apesar de Elisa já ser uma moça – e das mais animadas –, brincava com Ana sempre que ela passava os fins de semana com a mãe. A família dela morava no mesmo prédio que Helena, e este era um bom motivo para que a tímida Ana se animasse em visitá-la. Era divertido brincar de boneca com uma adolescente. Elisa colocava pitadas de sexo e outras confusões do mundo adulto, principalmente nas brincadeiras de Susie e Beto. Susie era uma Barbie primitiva, com uma cabeçona redonda. E Beto era o antecessor dos bonecos Ken e do Falcon. Enquanto Falcon era a Barbie dos meninos e Ken, o namorado perfeito da Barbie, Beto era “uma bicha com cabelos de Roberto Carlos e pau em forma de xereca”. Esta singela definição foi dada por Elisa, quando uma das brincadeiras descambou para o tédio conjugal. Ana até hoje se lembra disso e ri. Da mesma forma, ainda sente medo de uma

brincadeira que durou um dia inteiro, onde o tema era “Satanás, o rei das trevas e dos porões”. A criatividade de Elisa era infinita quando se tratava de brincadeiras esquisitas. Numas férias de julho, as duas ficaram quase uma semana brincando de “extra, extra”, que era uma história sobre dois moleques que vendiam jornais e desvendavam crimes. Um dos crimes era sobre a morte de Angela Ro Ro. Elas nem sabiam de quem se tratava a tal da Angela Ro Ro, era só um nome. Até hoje, quando Ana escuta o nome da cantora, recorda toda a trama deste capítulo de “extra, extra”. Nessa mesma época, a mãe de Elisa fez uma viagem para os Estados Unidos e trouxe para a filha uma Barbie vestida de caubói. Aquilo causou um tal rebuliço em Ana que a amiga acabou por dar a boneca de presente para ela. Assim é Elisa, generosa até não poder mais. Quando ela começou a ter relações sexuais, muitas vezes Ana escutou a amiga dizer que havia “dado” para fulaninho “por pena”. E assim, ainda muito jovem, já havia alcançado uma razoável fama de vadia. Isso não tinha a menor importância para a já púbere Ana. Ela adorava tudo que era de Elisa: sua casa, suas roupas, sua família – que, por sinal, era bastante confusa. A mãe tinha outros dois filhos do segundo casamento, mais jovens do que Ana. E o pai ainda tinha um filho, mais ou menos da idade dela. Era Vinícius. Durante sua infância, Ana pouco viu Vinícius. Só quando ficou adolescente passou a conviver com ele. Além de estudarem juntos, o irmão decidiu morar com Elisa, num pequeno apartamento que a mãe havia alugado para ela. Era uma festa constante, aquele lugar. Ana vivia enfurnada lá dentro, apesar das implicâncias de Helena, que já estava bem de vida, tinha mudado para um bairro melhor e tirado a filha do internato. A mãe reclamava da reputação daquele apartamento, que, em pouco tempo, atingira fronteiras quase estaduais. Ninguém da família de Elisa parecia se importar com isso. Alguns diziam que ela havia puxado à mãe. Para Ana, a mãe de Elisa era maravilhosa, tudo que ela queria que Helena fosse. Mas reconhecia que a própria mãe não era das mais repressoras – afinal, depois de Ana insistir quase uma semana inteira, Helena acabou por permitir que a filha

pernoitasse na casa da amiga. Claro que ela não estava a par da existência de Vinícius.

Elisa é mesmo uma grande amiga. Mas do tipo que se enquadra perfeitamente na definição de porra-louca. Criadora de máximas inesquecíveis, como “Não tenho inveja de pau, eu tenho é ódio de menstruação” ou “ Eu conto mais com um bom garçom do que com uma boa trepada”. Um tipo *mignon*, não muito bonita, mas realmente charmosa. Dezenas de rapazes choravam por ela. Elisa conseguiu namorar os caras mais bonitos da cidade, nunca havia sofrido por amor. Recuperava-se do término de um namoro arrumando outro. Foi um susto quando Ana soube da gravidez, seguida pelo casamento. Aquilo não era coisa de Elisa. Inclusive, para evitar uma tolice como essa, ela já havia feito três abortos. “Pois quando eu gozo, o bebê já entra no terceiro mês.”

Tudo começou naquela festa em que Ana não foi por causa da estrada bloqueada. Elisa diminuiu as alças do “vestido da fornicção”, que havia arranjado para a amiga. Era vermelho fosco, com um grande decote e duas fendas, que deixavam as pernas de fora desde as coxas até os tornozelos. Não satisfeita, Elisa ainda tinha separado um par de botas pretas, que batiam acima dos joelhos. Ana somente vestiria tal figurino depois de ser exaustivamente encorajada pela amiga – mesmo assim, jamais com as botas. Elisa não teve qualquer receio. Vestiu a roupa e, apesar do exagero, ficou decididamente atraente. Durante a “incrível e imperdível festa”, só houve olhos, sussurros e convites para ela. Como mais tarde narrou para Ana: “As bichas e mocreias se juntaram num canto para me fulminar. Mas eu, protegida pelos meus santos, não levei *um* tombo.” Elisa, no entanto, estava decidida a não se entregar a nenhum homem, por mais maravilhoso que ele fosse. Estava menstruada e não queria “pagar o mico de esconder o o.b. debaixo da cama”. Mas o mesmo destino que se intrometeu naquele dia entre Ana e Jaime conduziu as atenções de Elisa a um determinado rapaz. Alguém que, se disputasse com outros quatro para dormir com ela, não ficaria em terceiro lugar. Como a hipótese do sexo era improvável – Elisa não estava mais na idade de repetir o velho

truque de tomar uma cartela de pílulas com vinagre e suco de limão, para conter o fluxo menstrual –, ela teve que se contentar em buscar uma boa conversa. Afinal, para Elisa, “em primeiro lugar, o sexo; em segundo, a futilidade; e em terceiro, a cultura, para garantir a qualidade dos dois anteriores” .

O nome do sortudo rapaz que fez companhia a Elisa naquela noite é José Maurício. Sorte, aliás, discutível. Na opinião de Ana, por exemplo, ser casado com a amiga deve ser tarefa das mais difíceis.

Quase tão difícil quanto enfrentar aqueles dias de outubro que se seguiram ao sufocamento de Jaime. Enquanto os problemas de Ana eram de âmbito puramente emocional, pode-se dizer que até estavam sob controle. Mas outubro é outubro. Depois que fez a doação de sangue, Ana não se preocupou com o resultado dos exames – até que passou o prazo de dez dias para a chegada de sua carteirinha de doadora. Ela notou que as pessoas da sua faculdade que haviam doado sangue no mesmo dia – era uma campanha que percorria várias universidades – já estavam recebendo os exames na data prevista. Todo dia, por volta das duas da tarde, ficava esperando que o porteiro enfiasse a correspondência por baixo da porta de serviço. Esta expectativa silenciosa estava mexendo com os seus nervos, e não mais por motivos metafísicos. Ana passava a se preocupar com sua saúde física. Por mais que tentasse se acalmar, calculando as reais possibilidades de estar contaminada pelo HIV, começou a se sentir triste e fraca. “Afinal, por que todo mundo já recebeu, menos eu?” Comentou o assunto por alto com Jaime, que estava às voltas com mais preparativos para a formatura. Ele disse que Ana não devia se preocupar, pois certamente era um problema dos correios, ou uma greve no hospital. Ela conseguiu recuperar um pouco da calma perdida. Mas a ansiedade fez com que passasse a comer bem menos e começou a emagrecer rapidamente. Perdeu três quilos que, na verdade, não lhe faziam falta. Há algum tempo, Ana se queixava de um pequeno excesso de peso. Acontece que esta não foi uma época feliz para que o excesso fosse embora. Sempre que alguém comentava sobre seu repentino emagrecimento, ela imediatamente se imaginava

“aidética”. E o pior: cada vez mais o seu aniversário se aproximava. Fazia tempo que Jaime tentava convencer Ana a fazer uma festa. Desta forma, poderiam finalmente apresentar o apartamento para os amigos. A questão é que Ana não se lembrava de ninguém que realmente quisesse convidar, além de Elisa. A amiga, porém, já estava com uma enorme barriga e possivelmente não iria poder comparecer. Só para ter com o que se distrair, Ana cedeu às investidas do marido e iniciou os preparativos para o aniversário. Realmente, nos dias que antecederam a data do seu aniversário, ela conseguiu tirar o HIV dos seus pensamentos, já naturalmente compulsivos.

Jaime deu uma boa soma de dinheiro para que ela comprasse bebidas, comidas e o que mais quisesse. A lista dos convidados foi feita com certa dificuldade, pelo simples motivo de Ana conhecer muito pouca gente. A solução encontrada foi convidar algumas pessoas que não eram exatamente amigas, mas com quem mantinha uma gentil convivência, misturadas com alguns colegas do “popular” Jaime. E implorar para que Elisa e o marido viessem.

“Lista da festa:

Elisa

José Maurício

Sérgio

Prof. Paulo

Sílvio

Janine

Carla (secretária)

Carla

Prof. Adélia

Prof. Rubens

Cristina

Aníbal

Sérgio Medeiros

Sarita e marido

Miltinho

Vera”

## 12

Para alegria e alívio de Ana, Elisa aceitou o convite. Não viu o menor inconveniente, aliás. “Porque, querida, gravidez não é doença, ao contrário do que você costuma pensar.” Chegado o dia, Ana estava realmente animada. Comprou um vestido azul-marinho muito bonito. Às sete da noite, já estava se arrumando. Queria estar pronta quando Elisa chegasse. Antes das oito, serviu o seu primeiro uísque. Eram oito e meia quando Elisa chegou. Fazia tempo que Jaime não via Ana tão alegre. E agradeceu a amiga pela feliz mudança de humor da esposa.

– Obrigado por vocês terem vindo.

– Ana, eu precisava te mostrar a minha barriga e o meu marido. Ela não é a cara dele? – perguntou, apontando para a barriga.

– Elisa, você não tem ideia de quanto Ana fala de você.

Jaime começou a servir três uísques.

– Querida, não acho que você devia beber.

– Zé, o meu bebê precisa de todos os elementos para se formar. Conheço muito bem este assunto.

– Desde quando?

– Ana, me admiro você duvidar de mim.

– Brincadeira. Elisa realmente entende muito sobre as necessidades de um bebê em formação. Tem uma tia dela, inclusive... Posso contar aquela história da tia Edinha?

– Não! – esperneou Elisa.

– Agora vai ter que contar.

– Elisa, que história é essa? Não conheci nenhuma tia Edinha no nosso casamento.

– Querido, você se lembra qual foi o trato para nos casarmos?

– Que eu me lembre, foi a barriga o nosso único e inesperado trato.

– Engraçadinho. Gente, meu marido é tão divertido, vocês não acham?

Ana procurou e conseguiu enxergar um certo clima de desarmonia entre Elisa e José Maurício. De início, achou que a

amiga não estava tão feliz com a situação quanto devia. Observação duvidosa – mas, para Ana, aquele era decididamente um triste quadro a se assistir. Sua melhor amiga, a pessoa mais interessante que já conhecera, proprietária de uma enorme sabedoria a respeito de liberdade e coisas afins, estava ali, reluzentemente inchada, ao lado de um homem totalmente estranho. Não que Ana tenha achado José Maurício insuportavelmente chato, ou um grosseirão, ou terrivelmente feio. Mas era óbvio que Elisa havia se precipitado, com seu natural entusiasmo. Só que desta vez as consequências pareciam irremediáveis. Claro que Ana estava julgando o caso com os olhos parte ciumentos e parte invejosos. Não notava que, entre os dois, havia um amor verdadeiro.

– Qual era o trato, afinal? – quis saber Jaime.

– Que nos casaríamos num cartório, sem a presença indesejável de tios distantes com ternos mal cortados, Tias Cotinhas vindas de Sussuapé do Barro. Esses totens familiares que surgem sabe lá Deus de onde.

– E tia Edinha?

– Jaime! Chega de perguntas.

– Ah, sim. Bom, acho que os convidados já devem estar chegando.

– Foi uma pena vocês não terem ido, mas eu compreendo. Para tirar Ana de dentro de casa precisa de um reforço ancestral. Venha para os meus olhos – pediu Elisa, batendo com a mão no sofá.

“Reforço ancestral”, “venha para os meus olhos”, estes são alguns exemplos da linguagem peculiar de Elisa. Às vezes, Ana tem a impressão de estar conversando com um personagem proustiano e, em seguida, pode ser conduzida para uma periferia que, se Marcel Proust conheceu, preferiu amenizar em seus livros.

Enquanto Jaime costurava uma conversa com José Maurício, Ana se sentou ao lado da amiga para escutar algumas reclamações.

– A questão é que eu não posso xingar um homem com um nome desse.

- Como assim?
  - “José Maurício, seu filho da puta!” Não cola, entendeu?
  - Gente, mas vocês acabaram de se casar!
  - E daí? Ai, Ana. Não que eu tenha me arrependido, mas...
  - Que é isso, você tem me falado tão animadamente dessa gravidez, o que aconteceu?
  - Se lembra de quando eu comprei um cachorro e depois entrei em pânico?
  - O Chopp?
  - É, então, é a mesma coisa. Fiquei louca de felicidade para ter o cachorro, depois quase que morri de arrependimento.
  - Você adorava aquele cachorro!
  - Sim. E eu adoro este bebê. Mas, bom, eu me arrependi. Quer dizer, eu adoro a ideia de ter o bebê, mas estou cansada deste primitivismo de ter que ficar gorda. Estou horrorosa!
  - Não, não está.
  - Estou sim, Ana, deixa de ser falsa. Estou uma porca Pig. Que horror! Não tenho nem vontade de trepar.
  - Calma. Daqui a pouco isto passa.
  - Ana, o que eu tenho não é cólica, não. Depois de nascer, vai ser pior que o Chopp. Chopp chegou com quatro meses. Isso, para um cachorro, é como se fosse dois anos e meio. Ele me irritava, mas eu trancava ele na área de serviço e pronto. Depois era só colocar dois tufo de algodão no nariz e limpar a merda que ele fazia. Quando eu queria brincar, eu ia e brincava, depois tacava um osso na boca do bicho e pronto.
- Ana riu. Não tinha chegado nenhum outro convidado e ela já estava meio alta.
- “Depois tacava um osso na boca do bicho e pronto.” Menina, que sonoridade maravilhosa.
  - Outra boa é: “Aquela caminhada acabou com meu cabelo.”
  - E “mutuca na calcinha”? Eu amo “mutuca na calcinha”! Ou “tira o beise do bico”.
  - Não, “tira o beise do bico” tem que falar com ênfase: “Tira o beise do bico!”
  - Cara, se lembra daquela outra também...? Ai, uma que a gente inventou quando passamos uma tarde inteira na praia

cantando Roberto Carlos e aqueles conjuntos de rock nacional que havia na década de 1980...

– Gente, tá confuso isso, hein?

– Não! Você vai se lembrar. A gente vivia falando, virou uma gíria na época...

– “Quicúcara”! Era isso: “quicúcara”!

Riram alto. Estavam juntas e era a mesma coisa de anos atrás. Uma grávida e a outra acreditando-se aidética, mas ainda as mesmas meninas que brincavam de Susie no corredor do prédio. O que diziam era “que cu, cara”. Unindo as palavras, achavam que ficava parecido com uma expressão indígena. Essas brincadeiras duravam tardes e tardes, passadas à beira de copos de cerveja, numa barraca de praia ou em qualquer boteco perto de casa. Centenas de horas dedicadas a besteiras, invenções, fofocas e sonhos.

– Ana, estão chegando os convidados.

Era Jaime, após atender o interfone.

– Os convidados! – repetiu Ana, irônica.

Sérgio entrou no apartamento, acompanhado de uma moça gorda, vestida com um enorme sobretudo. Ana recebeu os dois na porta e não conseguiu prender o riso quando viu a gorducha. Mas conseguiu disfarçar, dizendo que tinha se lembrado de Sérgio “outro dia, quando fui assistir a uma peça de um conhecido”.

– Era sobre o quê?

– Sobre um cachorro chamado Chopp.

– O quê?

– Era uma peça infantil, dessas que os atores se vestem de bichos.

– E o que você foi fazer lá?

– Rir. Querem beber o quê?

Ambos queriam cerveja. Ana os serviu, e aproveitou para colocar mais uma dose de uísque para ela.

Antes das onze, quase todos já tinham chegado e a aniversariante estava esfuziante. A excitação de estar com Elisa transformou Ana na mais simpática das anfitriãs, para surpresa de todos. Jaime olhava para ela curioso e apaixonado. O vestido

que usava era azul-marinho e, apesar de longo, deixava Ana bastante sensual. Era uma noite fresca, não tão quente para as alças do vestido de Ana, nem tão fria para o sobretudo da acompanhante gorda de Sérgio. Lá pelas tantas, quando José Maurício já havia desistido de se importar com a bebedeira da mulher e Jaime começava a se preocupar com o estado de Ana, as duas amigas foram dançar. Todas as danças possíveis e imagináveis. Houve momentos de êxtase, como o passo “*flashdance*” lembrado por Elisa, ou a “guitarra imaginária” que Ana tocou, enquanto se sacudia ao som de “Cocaine”. Algumas pessoas assistiam à cena estupefatas, outras aderiam timidamente. Essas, mais corajosas, tiveram que enfrentar um batalhão de coreografias cretinas que Ana e Elisa foram inventando. Do tipo “um, dois, três, vira, um, dois, três, pro lado”. Mas nada superou o momento “chacrete” de Elisa. Ela levantou a barra da saia comprida, deixando à mostra as suas grossas pernas de grávida, deu um nó e disse: “Eu sou a Fátima Boa Viagem. Sou eu que guio as outras chacretes!” Dito e feito. Ela se posicionou na frente, enquanto o resto do grupo, induzido por Ana, ficou atrás imitando os passos. “Roda, roda, roda e avisa, um minuto de comercial.” José Maurício, sentado com um copo de uísque na mão, assistia a tudo, em parte constrangido pelos excessos da esposa, mas ao mesmo tempo achando aquilo muito engraçado. Uma grávida inchada conduzindo um bando de otários a dançar.

José Maurício, um homem ponderado, de aparência ponderada. Uma pessoa correta, que fez tudo na sua vida de maneira calma e calculada. Nunca perdeu um ano na escola, nunca chegou em casa bêbado. Seus pais jamais tiveram um motivo de aborrecimento e preocupação. O filho não se envolveu com drogas, não fez tatuagem, nem se meteu com pessoas estranhas. Um rapaz nota dez.

Daqueles que qualquer mãe gostaria de ter como genro. Formou-se em Odontologia. Especializou-se em tratamentos reparatórios e abriu um consultório bem localizado, num shopping center novinho. Rapidamente, conseguiu uma boa clientela. Arranjou uma namorada. Ótima menina. Estudante de

Medicina. Nunca deu problema para os pais. Foram feitos um para o outro. A moça, ainda virgem. Uma graça. Tudo certo. As coisas devem ser assim: tudo certo. Nos lugares definidos. Ocupando espaços perfeitos. Cada coisa em seu lugar. Como peças de um quebra-cabeça. A harmonia da imagem só é possível com o encaixe perfeito das pecinhas. Cada pedaço encaixado num outro pedaço. Sem dúvidas, nem buracos. Nada fora do lugar. Os pais de José Maurício estavam montando um perfeito quebra-cabeça. Quase completo, faltando poucas peças para poder ser emoldurado. Um quadro de cinco mil peças, daqueles enormes, que mostram um mapa da Europa medieval. Uma belezura.

Quando José Maurício viu Elisa pela primeira vez, ficou atordoado. Seu entusiasmo pelas mulheres costumava se manifestar de forma morna e amena. E ele se descontrolou completamente por Elisa. Ela, com sua vulgaridade, desorganizou a mente do rapaz. Era a derrocada da vida perfeita do maravilhoso filho – o quão Freud é genial e óbvio. Uma peça estranha tinha se intrometido no quebra-cabeça. Faltava só um pedacinho para completar a Europa e encaixaram uma orelha de Mickey no lugar. Elisa era um ruído estridente que fugiu à orquestração. Uma disritmia. Um ataque epilético. Quando José Maurício rompeu com a estudante de Medicina, sua mãe quase teve um troço. Mas era tarde demais. Seu filho já havia feito sexo com a “máquina de prazeres”, Elisa. E a biologia cuidou do resto. Conduziu um espermatozoide incauto ao seu óvulo esfomeado. E nada mais determinado que um óvulo esfomeado de uma mulher de trinta anos. Cuidado!

Sem que percebesse, José Maurício cavou sua cova ou fez sua cama – Inferno ou Céu – na cavidade úmida e quente de Elisa. O quebra-cabeça ruiu. Ele se apaixonou por aquela mulher louca, que lhe aplicou o universal e secular “golpe do bucho”. E ele sabe disso. Mas homens como José Maurício pedem esta estratégia. Sua complacência só podia levá-lo a duas alternativas: um “casamento perfeito”, com uma virgem, ou um “casamento forçado”, com uma mulher cansada da vida pregressa.

Agora o Zé está afundado num sofá, com um uísque aguado na mão, observando a sua esposa, com o seu bebê dentro da barriga, imitando Fátima Boa Viagem. E isso o alegra. Isso é a melhor coisa que ele já viu na vida. Sabe que foi vítima de um golpe, talvez nem calculado, mas José Maurício ama Elisa. Aceitará todas as crianças que nascerem daquele corpo, agora não tão encantador quanto antes, mas ainda cheio de viço. Ele agradece a Deus por ter quebrado sua monotonia. Pois poderia estar até hoje vivendo a sua vida banal. O quadro que seria feito com o perfeito quebra-cabeça de cinco mil peças e depois pendurado na parede foi substituído pelo retrato de uma mulher. Que se veste com exuberância, rindo um sorriso safado. A mãe dele ainda chora. Ela não conhece uma antiga filosofia de sua nora: que, afinal de contas, “todo cachorro tem o cu pra cima”.

O *dancing* esmaeceu. Entre uma música e outra, as pessoas foram sendo tomadas pelo senso de autocrítica, que denuncia e reprime o ridículo. Elisa sossegou ao lado do marido. Enquanto Ana conversava com Sérgio, sob os olhares intrigados de uns e indignados de outros. O assunto era “o único possível a ser conversado com aquele velho idiota que bate palma para qualquer impropério que eu falar, feito uma foca gorda e amestrada”.

– Teatro é tão defasado quanto um curandeiro. A medicina evoluiu, as artes cênicas também: taí o cinema e a tevê. Mas esse pessoal de teatro insiste em viver no passado, encenando os mesmos textos há séculos.

A eloquência de Ana contava com o total apoio do seu interlocutor embriagado.

– Eu concordo.

– Sérgio, eu acho um absurdo um homem como você concordar com uma besteira como essa – disse a gorda, indignada. – Só pode ser louco alguém que fala mal dos textos clássicos. E Shakespeare?

– Shakespeare é um pentelho!

Ana matou a conversa e foi dançar Smiths sozinha. Elisa, tombada do sofá, chorava no ombro do marido. Os outros convidados começaram a se despedir de Jaime. Enquanto Ana

dançou o lado inteiro de uma fita, Elisa parou de chorar e passou a divertir Jaime e José Maurício com uma história sobre pintos, hamsters e pombos. Não tinha mais ninguém na festa.

– Ih! Esqueci do bolo!

Eram cinco horas da manhã quando os quatro cantaram: “Parabéns pra você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida.”

Será mesmo? Como seriam os próximos anos de vida de Ana? O que aguarda as pessoas no dia seguinte? Alegrias ou catástrofes? Vale a pena torcer por algo? Pessimismo? Não. Quando se dorme à noite, o amanhã parece razoavelmente seguro. Tanto, que se dorme. Mas, no entanto, ele é tão incerto, que talvez nem exista. Ana estava viva no dia seguinte ao seu aniversário – sabe-se lá como –, e ainda o está hoje. Hoje, ela sente muito calor, não tem Jaime ao seu lado na cama e finge ter lombalgia para não ir às aulas. Vive entre pessoas que não lhe importam muito. Leva a sua vida nada excepcional. A vida que lhe cabe viver.

No dia após a festa, Ana acordou junto com as dores da bebedeira. Ressaca. Nada além das reações naturais de seu corpo aos litros de álcool ingeridos. Justa resposta à teimosia humana de querer vencer suas impossibilidades. Ana bebeu oito copos de uísque e cinco latas de cerveja. Não caiu bêbada por ser decididamente forte. Poucas mulheres aguentam tanto, sem ao menos falar torto. Ana, não. Há nela uma resistência, digamos, masculina. Apesar de bêbada, somente Jaime foi capaz de julgá-la como tal. O que mudou em Ana depois de tanto uísque? Ela conversou simpaticamente com todos, dançou e dublou várias músicas, dissertou sobre a necessidade de bons cosméticos para o valor existencial das pessoas, disse amar Barbara Cartland e que daria tudo para escrever como ela. E ainda causou um terrível mal-estar, falando mal do teatro e seus derivados, pois havia pelo menos três convidados envolvidos com produções teatrais. Pequenos inconvenientes, que culminaram na hora da performance emotiva da melhor amiga. Elisa estava indo embora, chorosa. José Maurício abraçou a

esposa e disse que a depressão é normal durante a gravidez. Ana não conseguiu se conter:

– É por isso que a vida é uma merda! Como podemos ser felizes se nascemos de uma crise depressiva?

Elisa abraçou a amiga.

– Feliz aniversário e vá à merda você!

Ninguém fica impune a tantas passagens delicadas e tantos uísques. Ainda mais, se misturados a uma natureza já complicada, devidamente alimentada pelo medo de estar com Aids. Ana acordou destruída. Sua vergonha era implacável e aumentava à medida que se lembrava das coisas que havia feito na festa. Um e outro detalhe a floravam a sua sensibilidade. Uivou quando se lembrou de ter abraçado todas as pessoas que chegavam. Quis morrer quando recordou as danças. “Que coisa horrível! Uma festa de cinema nacional!” De nada adiantava Jaime dizer que a festa tinha sido ótima, que ela estava maravilhosa e que não havia feito nada de errado. A cabeça dela girava, acelerada, em ciclos de raciocínios negativos. Jurou que nunca mais colocaria os pés na faculdade. Não poderia rever aquela gente. Lembrou da carteirinha de doadora de sangue. Mas, sobre isso, Ana prometera para si mesma não pensar mais. Ligou a tevê. Passava um programa sobre uma competição internacional de triatlão. Chorou ao ver aquela gente toda correndo. Chorou mais ainda quando viu uma velha de setenta anos ser desclassificada por causa de quinze segundos, depois de ter nadado e corrido durante três horas. E chegou a soluçar quando passou o atleta paraplégico, que gastou não sei quantos mil dólares para construir um triciclo especial para a corrida. Comparou-se a essas pessoas. Elas se dedicam a uma causa árdua, cheia de provações, e se dão por satisfeitas se completarem o percurso, mesmo que cheguem em último lugar. E ela ali, esculhambando Shakespeare. Queria morrer de vergonha. Sua cabeça doía, seu estômago se contorcia dentro da barriga – mas o pior era a ressaca moral, a inimiga número um dos boêmios.

Voltou a dormir. Jaime ficou ao seu lado, fazendo carinho na sua cabeça. Queria sossegar os pensamentos da mulher. A mãe

dele sempre dizia que quem pensa muito desencapa os neurônios e, quando envelhece, fica esclerosado. Para comprovar sua opinião, havia a tia Divinha, que estudou tantas línguas que quando ficou velha não conseguia falar nenhuma. Só fazia babar.

Jaime fazia carinho nos cabelos longos de Ana, retornando sempre ao mesmo ponto da cabeça. O seu “vórtex energético”. Não queria que a esposa desencapasse seus neurônios. Achava incrível a capacidade dela de ficar pensando besteiras. Ele nunca perdeu tempo com inutilidades. Sempre foi um homem adaptado. Quando mais jovem, antes de entrar na faculdade, fez uma viagem de um mês e meio num navio cargueiro. E não tinha nada para fazer além de jogar cartas com os tripulantes e comer. Engordou dez quilos nesta aventura. Comia de quatro em quatro horas, nas refeições de cada mudança de turno. Nos intervalos entre elas, comia biscoito Maizena. O que ele pensava em todas essas semanas no meio do oceano? Nada. Simplesmente estava ali, viajando de graça, jogando carta e comendo. Simples, quase patético. Mas Jaime é assim: simples, adaptável. Tentou ler, mas logo percebeu que o balanço do navio o deixava tonto. Então largou os livros de lado e dedicou-se ao nada. Algumas horas se entediava, mas ficava olhando para o mar e se esquecia do tédio. Jaime é decididamente um sujeito simples. Diferente de Ana, não tem alma entediada. Isso seria complicado demais para ele. Viveu uma infância e uma juventude normais. Sem dramas, sem nenhuma grande falta. Tinha pais, irmãos, avós e cachorros. Podia comer biscoitos no almoço e ver tevê até tarde. Quando fez treze anos, ganhou uma vitrola e ficava o dia inteiro com os bojudos fones de ouvido escutando discoteca nas alturas. Uma vida comum, cercada de sentimentos ajustados. Claro que isso não garante a formação de um bom caráter. Verdadeiros monstros criminosos crescem no ventre das famílias mais ajustadas. Impossível prever se nascerá Caifás ou Cristo. Basta ver aquela foto de Adolf Hitler ainda bebê para desmoronar qualquer teoria de “bom berço” ou “mau berço”. Gordinho, com olhos grandes e puros. Ninguém podia imaginar o que aquele lindo nenenzinho iria aprontar. Porque o mal está a um passo do

bem, ou a um cromossomo. É tão fácil alcançá-lo. “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.” Amém. O Pai-nosso é tão lúcido e justo com os Homens. É como se dissesse: “Posso cair em desgraça, posso matar minha mãe, currar minha irmã e xingar o padre – então me livre deste mal, que não cairei em tentação, e estamos conversados.” O Homem pode tudo, todas as pessoas podem fazer aquilo que bem quiserem. Os limites, que impedem o Homem de cometer erros, são os mesmos que qualificam o que é errado, o que é impedido. Como é o próprio Homem quem cria essas leis, pode derrubá-las com a facilidade de quem muda de ideia ou de roupa. Não há regras naturais, há regras do jogo. E o grande perigo que corre a humanidade é perder o que resta do sentido maniqueísta de bem e mal. Os instintos humanos são selvagens. Uma vez despidos de limites morais, os Homens se esfolarão uns aos outros. Terão filhos de suas próprias mães e irmãs e se matarão sem remorsos. As leis não valem porque são públicas ou bíblicas. Os dez mandamentos de Moisés são metáforas a serem entendidas, não pecados a serem temidos. É – isso, sim – melhor crer nas leis do que viver num estado primitivo sem ter a essência para tal. Faz tempo que o Homem não é mais macaco e não pode viver dessa nostalgia. As chances estão sempre contra, mas por sorte nasce mais gente boa do que má. E, apesar de tudo, a maioria delas cresce e consegue continuar assim.

Jaime é um desses bons sujeitos. Amava aquela mulher que agora dormia e tentava acalmar os seus neurônios trêmulos e desencapados. “Dorme, Ana, eu te amo.” Permaneceu ao seu lado, na cama, fazendo carinho na cabeça dela e assistindo à tevê bem baixinho. Depois dormiu. E tudo parecia calmo para o casal. Um ao lado do outro, com suas respirações alternando entre o silêncio e ruídos fortuitos. Dormiam. Não existe momento mais puro que o sono profundo. E estavam lá, desprotegidos em sua pureza.

Quando chegou a madrugada, Ana acordou, após um sonho estranho. Sonhara que tinha engravidado e sentia muitas dores dentro da barriga. Eram como se fossem unhas tentando cravar suas entranhas. Depois, a criança aparecia – grande e com cara

de demônio. Era o “Bebê de Rosemary”, enfim mostrado. E o bebê era de Ana. De alguma maneira, precisava se desfazer daquele ser horrível, e o fazia, mesmo que viesse a ser acusada de matar o próprio filho. Mas não foi necessário. O bebê, notando que seria abandonado pela mãe, encheu-se de força e ódio. Avançou sobre ela, enquanto descansava deitada na cama. A mãe, para se defender, jogou-se ao chão, fazendo com que o bebê-monstro caísse em cima de um ferro pontudo, que adornava as laterais da cama antiga. Um final feliz num sonho assustador.

Ana acordou esbaforida. Teve medo. Queria acordar Jaime, mas ficou com pena. Tentou se convencer de que não era preciso ficar assustada. Ela não estava sozinha, ninguém iria levá-la dali. Mas sentia a mesma coisa de quando era pequena e tinha pesadelos. Mesmo estando ao lado de alguma colega de quarto, imaginava que ela poderia estar “tomada” pelo espírito de “Carrie, a estranha”, e dar com um machado na sua cabeça. Ficou virada para Jaime de olhos bem abertos. Aguardava a hora em que o seu marido, ou melhor, aquele corpo possuído por um espírito demoníaco, iria atacar. “Mas isso é uma besteira. Esse é o Jaime, que me ama e cuida de mim. Ele não vai me fazer mal.”

– Jaime! É você?

– Hum?

– Se for o Jaime que está aí, diga alguma coisa.

– Hum...

– Eu sei que você está aí, seu demônio maldito... Mas você não vai me pegar!

– O quê?... O que está acontecendo, Ana? Volta a dormir, amanhã cedo você tem aula.

Era Jaime, e lembrou Ana de um pesadelo pior que o anterior. Ir para a aula. Encarar as pessoas que vieram à festa. Fingir prestar atenção nas aulas. Mesmo assim, sentiu-se protegida por saber que era Jaime que estava ali, e não um mutante se fazendo passar por ele. Nenhum monstro visitaria as suas entranhas. Por enquanto. Mas ainda sentia medo. Medo de fantasmas. Sua bexiga estava cheia, quase estourando, precisava ir ao banheiro. Mas não moveria um dedo: o demônio

podia estar debaixo da cama. Poderia ser pega no corredor, a caminho do banheiro. “Sabe-se lá.” Mas a sua vontade de fazer xixi era grande. “Tenho que deixar de ser boba, pensar em coisas amenas.” Levantou-se, era preciso fazer xixi, não tinha outro jeito. Andou até a metade do corredor com calma, depois acelerou os passos, quase correndo. Tremia de medo, medo infantil. Que a maioria dos adultos continuam sentindo, basta aparecer a situação certa, como assistir a um filme de terror sozinho. Quando Ana viu *O iluminado*, ficou uma semana morrendo de medo. Um elevador vazio deixava-a amedrontada. Um corredor comprido, então, era a certeza de que a qualquer momento Jack Nicholson apareceria com os olhos esbugalhados e trincando a dentadura. Até hoje ela tem medo de Jack Nicholson. Mas conseguiu chegar ao banheiro. Não teve coragem para fechar a porta, apenas encostou, fazia xixi rapidamente e voltaria para a cama. Enquanto executava seu plano, Ana olhou-se no espelho. E bastaram alguns segundos para que seus olhos, transtornados pela ressaca e pelo medo, enxergassem uma imagem medonha. Olhou com mais afinco, enxugou-se e se aproximou do espelho. Era certo: “Estou com cabeça de aidético.” Acendeu a luz do espelho. “Não tenho mais dúvidas: pareço cinza, cabeçuda, com os olhos fincados. Estou doente.” Freddy Krueger poderia aparecer naquele instante, com as suas unhas de metal pingando sangue, que ela mal reagiria. Estava petrificada com sua própria imagem. Com sua realidade e destino. “Eu estou com Aids, é isso. Emagreci, estou cinza. Nada mais faz sentido.” Voltou para o quarto abalada e deitou ao lado de Jaime. Queria dormir, não queria mais nada. Dez mil mãos do além poderiam puxar o seu pé. A vergonha da festa sumiu. “Foda-se aquela gente horrorosa da faculdade.” Tinha agora que tentar ficar calma. Mas não estava conseguindo. Sua cabeça explodia em imagens desconexas e todas confirmavam as suas dúvidas. Mesmo que racionalmente não encontrasse uma chance lógica para estar com o vírus. Era muita má sorte mesmo. “Poxa. Eu não fiz por onde. Onde eu peguei essa merda? E agora? O que fazer? Como explicar isso para Jaime? Eu não tenho culpa. Não acredito. Tenho tanta coisa para fazer.” O desespero foi

tomando conta de Ana, estava completamente descontrolada. Mudava de posição para posição, fazendo força para se concentrar e dormir. Dormir para esquecer a sua trágica vida. Ela viu, com os olhos da insônia, claramente a sua desgraça. Porque a insônia é uma jovem senhora rancorosa, que piora bastante o quadro das coisas. Ela viu claramente a sua desgraça. Não tinha mais o que conversar, para ela era certo. Ainda tentou desafiar esta certeza, com lógicas incertas. Tipo, “Fulaninho não pode ser, ele teve filho e é tão regrado; mas tem sicrano; não, seria muito difícil.” Mas a boa-fé não resistiu muito e novamente a sua visão escureceu. “Hoje em dia, a gente nem sabe. Basta não ser mais virgem para qualquer um estar doente. Talvez nem isso, não se sabe mais de nada, sei lá, basta estar vivo para ter Aids.” Começou a chorar. Primeiro, controladamente, depois, soluçando, a ponto de acordar Jaime.

– O que foi, meu amor?

– Essa porra dessa doação de sangue, Jaime. Acho que estou com Aids.

– Que que é isso? Que besteira. Para de pensar bobagem, Ana. Vem cá.

Ana se aconchegou em Jaime. Ainda chorava muito.

– Todo mundo já recebeu sua carteirinha, menos eu. Só pode ser isso.

– Você não acha que se você estivesse com alguma coisa eles não iam te avisar?

– Sei lá. Às vezes, não. Não sei, só sei que é estranho todo mundo receber e eu, não.

– Ana, quem é “todo mundo”?

– O povo lá da faculdade.

– Por que você não faz o exame e tira essa besteira da cabeça?

– Mas e se eu tiver...?

Ana caiu em prantos. Jaime a abraçou mais forte. Era um homem bom para ela.

– Tira isso da cabeça, meu amor. Tenta dormir agora.

Jaime voltou a fazer carinho em sua esposa. Ele tinha o poder de fazê-la sossegar. Ana ainda deu uns soluços, mas acabou

voltando a dormir. Jaime amanheceu acordado.

No dia seguinte, ela foi para a faculdade. Não estava mais envergonhada. Na verdade, não estava nem aí para todas aquelas pessoas. Cumprimentou os conhecidos, e evitou conversas inúteis. Era o momento de pesar sua vida, olhar as coisas de frente, para poder se despedir e, de certa forma, aproveitar os últimos instantes. Era o que achava, que tinha pouco para viver e deveria ponderar sobre o que faria com este pouco. E assim passou sua manhã, calada, sem pensar no seu romance, sem se fingir concentrada na matéria, sem observar as pessoas “ridículas” ao seu lado. Inclusive, a respeito das pessoas, o seu coração parecia ter esmaecido. “As pessoas não são ruins. Elas não se aproximam de mim porque eu não dou confiança.” Uma moça sentada ao seu lado ofereceu chiclete, Ana aceitou e riu. “Se ela souber que estou com Aids, talvez nem queira sentar do meu lado. Coitados, são preconceituosos porque são ignorantes. Se bem que, coitados uma ova! Ser ignorante, tendo todas as possibilidades para aprender, é mau-caratismo. Burrice é preguiça. Se eu estiver com Aids, vou abraçar todo mundo, para eles deixarem de ser escrotos. Preconceituosos escrotos.” Era a mesma Ana de sempre, um pouco abalada, mas ainda com o seu imbatível julgamento sobre as coisas. Era Ana um pouco menos arrogante. Mas era Ana.

Quando chegou em casa, após as aulas, Jaime já havia arranjado uma clínica que fazia o teste.

– Não se preocupe, Ana. Tenta pensar em outras coisas, no seu livro...

– Nem sei se quero escrever livros nos meus últimos anos de vida.

– Que é isso? Olha, eu também vou fazer.

– Ah, coitado, eu te meti nessa encrenca. Estou me sentindo péssima.

– É claro que temos que fazer juntos.

Almoçaram, pegaram o carro e foram para a clínica. Ana estava um pouco mais calma. Agora era Jaime que começava a se preocupar.

– Seu eu tiver Aids, vou largar tudo e me drogar. Quero viver doidão. Gastar todo o meu dinheiro viajando...

– Eu, não. Vou tentar levar uma vida mais zen. Purificar a minha alma.

– Você? Falando em coisas zens?

– Exatamente. Quero viver de uma maneira que nunca vivi.

O assunto morreu por alguns minutos. Estavam pensativos. Estavam em pânico.

– E se só eu estiver com Aids? Homem, é mais difícil de pegar com mulher.

– Aí, eu me corto e jogo o seu sangue em cima.

– Eu prefiro estar do que você. É triste ver a pessoa que a gente ama morrendo.

– Mas não é assim. Tem tempo pra morrer. De repente até descobrem a cura.

– Não acredito. Gripe é vírus e não tem cura.

– Não podemos pensar assim. Temos que ter esperança.

– Sabe, Jaime, eu gostei de viver com você.

– Para! Não estamos com isso.

Ana estava realmente comovida. Esperou que o carro parasse em um sinal fechado para abraçar o marido.

– Foi a melhor época da minha vida.

– Ana, não fica assim. É uma chance em um milhão.

– Mas se a gente não tivesse dúvidas, nem estaria fazendo o teste.

Isso fez Jaime pensar. Não havia sido um homem promíscuo. Nunca usara drogas injetáveis, nem tivera relações homossexuais. Mas essa é uma doença de todos, não de grupos distintos. Ele havia, sim, transado sem camisinha. E mesmo que suas relações tivessem sido relativamente longas, não poderia afirmar com todas as sílabas necessárias: “Tenho certeza de que não tenho agá-i-vê.” Estava realmente preocupado.

– É que eu realmente acho que as chances são poucas.

– Nessa situação, não existe estatística. Você pode ter trepado uma vez só, sem camisinha, e ter pegado.

Ficaram novamente em silêncio. As coisas pareciam realmente pretas.

A clínica era a melhor para tal circunstância. Além de isolada, era calma e discreta. Não que houvesse da parte deles algum constrangimento a respeito do teste que fariam, mas precisavam de silêncio: estavam pesando as suas vidas. Foram chamados e preferiram entrar juntos na sala de recolhimento do sangue. Primeiro, foi Ana.

– Dói mais do que doar sangue?

Ela achou que não doeu muito. Era a vez de Jaime, então. Ele parecia estar mais amedrontado com a seringa do que Ana. Quando a enfermeira enfiou a agulha, ele fechou os olhos. Ana teve vontade de chorar.

Diferente dela, ele ficou pior por ter feito o exame. Para Ana, não. Aquilo era um alívio, mesmo que desse positivo. Estava há dias com este fantasma na cabeça e era melhor colocar tudo às claras. Mas Jaime, que nunca havia pensado com pessimismo no assunto, depois que teve o seu sangue recolhido, olhou para o frasco com receio. Era como se aquele sangue pudesse decepcioná-lo. O corpo inteiro com um sangue contaminado. Um sangue que o mataria. Jaime estava triste e preocupado.

– Desculpa por fazer você passar por essa situação. É minha culpa.

– Não. Você só doou sangue, não fez nada de mau.

O resultado sairia no dia seguinte, o que era outro grande alívio. Elisa, quando fez o seu, teve que esperar uma semana, e, quando chegou para buscá-lo, a enfermeira disse que havia um probleminha e que ela teria que esperar até o dia seguinte. Ela quase que teve um ataque. Voltou para casa e ficou o dia inteiro deitada no escuro, sem querer falar com ninguém. Depois, disse para Ana que ficou recolhida fazendo cálculos, para ver se teria dinheiro suficiente para fugir do país. Porque se ela tinha HIV, metade da cidade estava contaminada. Mas não, o resultado foi negativo. E Elisa jurou que jamais voltaria a transar sem prevenção. “Um orgasmo não vale essa tensão. Ainda mais, porra é uma coisa muito inconveniente.” Alguns anos antes desta afirmativa, Elisa defendia a importância do esperma para uma boa pele, “porque tem proteínas”. Agora, era a vez de Ana experimentar a angústia que é fazer um teste de HIV. Quando

chegaram em casa, ela se recolheu, enquanto Jaime tentou se concentrar nos estudos. Mas não conseguiu, sua cabeça girava. Começou até a encontrar um e outro sintoma da doença. Principalmente, as aftas que andava tendo. Mordeu levemente uma delas, ratificando o resultado positivo de seu exame.

À noite, resolveram que o melhor era dormirem cedo, para que o tempo passasse mais rápido. Estavam ternos um com o outro. Fizeram um pacto de amor eterno. E dormiram à base de calmantes. Mesmo amanhecendo, a angústia permaneceu. O resultado só sairia às seis da tarde. Até lá, Ana deveria ir para a aula, fazer dois trabalhos para nota e ainda cuidar da casa. Não reclamou dos seus deveres, era uma maneira de esquecer o seu penar. Jaime ficou o dia inteiro na faculdade – algumas linhas de sua monografia foram escritas. As horas se passaram em tom funesto. Antes de ir buscar o resultado, Ana tomou um longo banho e se arrumou com dedicação. Passou até um batom, coisa que não costuma fazer. Queria estar bela na hora de enfrentar o seu destino. Faltava ainda muito tempo. Sentou-se na sala e folheou uma revista. Teve uma enorme vontade de falar com Helena. A mãe de Ana é uma mulher dura: diria para a filha que tudo aquilo era uma besteira, que devia parar de ficar enchendo a cabeça de pensamentos pessimistas. Helena não tem tempo para coisas negativas. Não que ela seja exatamente uma otimista – ela simplesmente não se dá ao luxo de sofrer por antecedência. Tentou ligar para a mãe, não a encontrou. Resolveu então sair de casa mais cedo e em vez de pegar um táxi, como sugeriu Jaime, dando dinheiro e tudo, achou melhor pegar um ônibus. E assim o fez. Quando chegou à clínica, eram exatamente seis horas da tarde. “É a hora da ave-maria.” Mas Ana não rezou. Não adiantaria nada, naquele momento. A Virgem não iria mudar as letras daquele papel, que já continha o veredicto para os seus próximos anos. Foi para a fila buscar o envelope. Havia lido em algum lugar que, quando o resultado é positivo, os pacientes são enviados para conversar com um médico. Não foi o que aconteceu. Ana recebeu os dois envelopes na mão. Mesmo assim, tremia quando abriu o primeiro. Era o de Jaime. Negativo. Sentiu os seus olhos começarem a querer

transbordar. Abriu o seu. Negativo. Chorou. Era a sua vida sendo devolvida.

Assim que pôde, correu até um telefone público. Jaime estaria na sala de seu orientador, esperando uma resposta. Ana tremia de emoção e mal conseguiu discar os números. Assim que a campanha tocou, Jaime atendeu. Sabia que era a sua esposa, só não sabia o que ela iria dizer.

– Não! Meu amor, nós não estamos com Aids!

– Deu negativo?

– Sim. Negativo.

– Ai...

– Jaime, eu te amo!

– Eu te amo, também.

Esta foi a última vez que Ana disse para Jaime que o amava. E estava sendo sincera. Naquele minuto, ela amava o mundo inteiro. Sentia-se nova, leve como uma bailarina. Era capaz de sair dançando. Pegou um ônibus para voltar para casa. Teve vontade de beijar todas as pessoas que, cansadas, acabavam de largar o serviço. Pessoas que viviam as suas próprias dores, mas que defenderiam o direito de viver com unhas e dentes. Como fez Ana, segurando forte o seu exame negativo. Ela abaixou a cabeça e, como numa reza, falou: “Isso nunca vai acontecer comigo, nunca mais me permitirei viver esse medo.” Pois, de certa forma, ela havia tido HIV. Durante todos aqueles dias que se imaginou morrendo. E havia tido Aids, nas vinte e quatro horas que esperou pelo resultado do teste. Tinha provado a verdadeira face desta praga, que é, em algum momento, deixar a todos com a certeza de estar doente.

Quando Jaime chegou em casa, trazia champanhe. Os dois beberam até de madrugada. Abraçaram-se, colocaram os exames presos com ímãs na geladeira e dançaram “a dança dos não aidéticos”. Uma dança esquisita, criada por Jaime e pelo champanhe. Consistia em rodar os pulsos das mãos para um lado e depois para o outro, enquanto o corpo era movimentado para trás e para a frente, como que numa dança indígena da chuva. Acharam muita graça e prometeram dançar daquela maneira todo ano, em comemoração à saúde de seus sangues.

“Fazia um dia espetacular. Estava fresco e o sol não incomodava a pele muito clara e sensível de Livia. Ela vestia branco, seu vestido parecia uma nuvem, cobria o seu corpo com carinho e respeito. Estava leve e feliz, principalmente porque tinha ao seu lado Mirna e Jonas, as duas pessoas que mais amava no mundo. Nesta tarde, ambos tinham saído para fazer compras, enquanto Livia ficara em casa terminando uma tela que se chamava ‘amor por dois’. Faltavam apenas alguns retoques. Nos últimos dias, enquanto Jonas fazia companhia para sua amiga, ela vinha se dedicando a esta obra, pois queria surpreender os dois. Foi durante estes dias que Jonas se aproximou de Mirna, com o intento de levar a cabo sua vingança. Era tão falso, que não demonstrou em um só minuto a sua verdadeira intenção. Enquanto maquinava seu plano, foi sendo tomado por um grande desejo por aquela mulher vulgar que, em sua mente, havia roubado a sua esposa. Este sentimento, de ciúme e ódio, começava a ser intensificado pela vontade de ‘comer’ Mirna. Mas não era ainda o momento. De noite, quando se recolhia com Livia ao quarto, oferecia à mulher horas de luxúria. Estava especialmente viril. Muitas manhãs, Livia acordava esgotada, depois de satisfazer os apetites sexuais do marido. Sem saber que toda aquela atividade se devia a um plano maldoso. Jonas estava determinado a terminar aquela amizade a qualquer preço. Um desejo quase animal que, nos homens, é despejado na hora do sexo. Se eles almejam uma promoção, eles vão ficar eretos para sustentar este sonho. No caso de Jonas, era a vingança que o deixava excitado naqueles dias. Houve muitas outras ereções, resultantes da vontade máscula de vencer, de ganhar o campeonato de squash, de conseguir fechar um grande negócio. Agora, era conseguir comer aquela mulher. Ter o seu corpo entre as pernas da melhor amiga de Livia e acabar de vez com aquela amizade. Não que Jonas seja um homem bom, mas por detrás de sua crueldade, nesta situação, ele acredita estar fazendo um bem para Livia. Estava salvando a esposa daquela vampira decadente.

Enquanto Livia terminava sua declaração de amor pelo marido e por Mirna, os dois estavam dentro do conversível de Jonas,

parados num distante ponto da praia. Onde o mar se misturava com um grande rio. Um lindo lugar, perfeito para se nadar e para se fazer coisas escondidas.

Jonas beijava Mirna. Havia naquele homem um magnetismo que estava tomando os sentidos daquela mulher. Seu beijo mexia com todo o corpo dela, deixando-a trêmula, quase sem controle.

– Jonas, você me enlouquece.

Para ele, esta era a pior frase que uma mulher poderia dizer – caso quisesse por ele ser amada. Esse tipo de mulher, que diz este tipo de coisa, significava, dentro da cabeça machista de Jonas, ‘apenas para dar umas e pronto’.

– Você me descontrola.

Mirna insistia, enquanto ele beijava seu pescoço, depois abrindo os botões de sua blusa. Era a primeira vez que Jonas via os seios dela. Assim como Lívia, sentiu-se repellido por aquelas mamas caídas. Mas não era homem de demonstrar a uma mulher suas preferências, e meteu um dos seios na boca. Ela gemia, estava tomada pelo desejo. Jonas sugou um peito, depois o outro. Fazia isso comparando-os aos de uma índia velha. Mesmo com desagrado, não poderia deixar de estar ereto. Afinal, Jonas não faria feio diante da ‘vaca’ que havia roubado sua esposa dos seus braços. Puxou a blusa fina de seda azul, deixando Mirna com o dorso nu. Largou os seios para se dedicar à barriga. Esta, sim, bela, rija e bem formada. Lambeu cada pedaço, dedicando-se ao umbigo e, ao mesmo tempo, abrindo o fecho de sua calça jeans. A mulher estava aos berros. Jonas notou dois pescadores assistindo à cena e não se importou em expor aquela mulher à masturbação alheia. Continuou a lamber, agora um pouco mais embaixo, no ventre. Ali permaneceu alguns instantes, descendo um pouco mais até o púbis. Neste instante, Mirna já não se aguentava mais. Empurrava a cabeça de Jonas para o ponto que desejava. Mas ele queria apenas deixá-la enlouquecida. Não era momento de dar-lhe um orgasmo. Apenas rodeou a parte que a faria gozar. Ela cravou as unhas no estofado, de tanto prazer e impaciência. Mas não gozaria. Ele, também não. Apenas os dois pescadores conseguiram se satisfazer naquela tarde.

Quando chegaram em casa, Jonas entregou as compras para a criada e foi encontrar Livia em seu ateliê. Ela estava dormindo em uma cama de viúvo que havia por perto, para o seu descanso, após longas horas de pinceladas. Mirna subiu para o quarto, para se refazer num banho. Jonas, com a sua mente calculista, esperava surpreendê-la quando ela descesse para ver a amiga. Aguardou mais meia hora para acordar a esposa. E o fez, beijando sua nuca exposta. Depois, mordeu levemente sua orelha. Este carinho costumava deixar Livia acesa. Ela acordou. Conhecia o marido, e sabia que ele queria sexo. Mas estava cansada e tentou dissuadi-lo. Não conseguiu. Jonas estava decidido. Levantou a esposa no colo e colocou-a sentada em uma mesa de madeira firme. Tirou sua calcinha, delicadamente, enquanto beijava a sua boca.

– E Mirna? Ela pode nos ver.

– Acalme-se, ela disse que iria dormir.

Depois abriu a calça, que, sendo de um tecido leve de verão, desceu até os tornozelos com facilidade. Chutou a roupa e, com as pernas livres, aprumou-se para penetrar a mulher. Livia deu um leve gemido. Era assim que Jonas gostava. Como já tinha ficado muito tempo ereto, não demorou para que ejaculasse. Deixaria Livia sem seu orgasmo, numa situação normal. Mas ele já tinha planejado tudo. Então, se ajoelhou e, mesmo sentindo o cheiro e o gosto de seu esperma, coisa que o desagradava, começou a beijar a vagina da esposa. Delicadamente, para que ela demorasse o máximo para atingir o orgasmo. Livia mexia o seu corpo devagar, tentando acelerar o seu prazer. Mas Jonas não queria assim. Três vezes, a mulher quase gozou. Mas Jonas, assim que percebia, mudava de ritmo e de lugar, passando a lambe as coxas. Ficaram naquele vaivém durante uns vinte minutos. Livia estava estrategicamente virada de costas para o janelão, que dava para o jardim e para a casa principal, e não viu quando a amiga se aproximou e assistiu, enfim, ao seu gozo. Jonas fez questão de enxugar os lábios, antes de fingir vê-la pela primeira vez, ali, espionando os dois em sua intimidade. Livia se recompôs como pôde, chutando a calcinha para debaixo da mesa.

- Mirna! Que bom que você acordou.
- Eu não dormi. Apenas tomei um banho.
- Ah, sim. Venha, entre. Quero lhe mostrar uma coisa.

Mirna estava confusa com o que vira. Havia sentido ciúmes de Jonas. Por que ele fez Lívia gozar e não ela?

- Quero que você dois vejam uma coisa. Sentem-se.

Ambos sentaram-se num pequeno sofá.

– Trabalhei dias neste quadro. Quero a opinião de vocês. É muito importante pra mim.

Lívia virou o quadro para os dois. Jonas reagiu com esfuziantes adjetivos. Mirna, ainda chocada com o que vira, disse apenas ter gostado.

- Você não gostou, Mirna?

– Sim, gostei muito. É que estou com um pouco de dor de cabeça. O sol de hoje me deixou levemente abatida.

- Ah, vou pedir uma aspirina para você.

Lívia foi até o interfone para chamar uma criada.

– Está fora do gancho. Elas sempre esquecem de desligar o aparelho.

– Querida, por que você não vai buscar o analgésico, enquanto nós admiramos o seu quadro?

- Sim. Irei buscar. Não fique assim, em breve você estará bem.

Mirna mal esperou Lívia sair para indagar a Jonas o porquê daquela cena.

– Como? Mirna, ela é a minha esposa, tenho que lhe dar prazer. Cheguei aqui, Lívia me contou ter tido um sonho bastante excitante comigo, e me agarrou. Deixe de ser tonta.

– É, estou agindo feito uma tola. Não desejo nada de mau a ela. Eu a amo profundamente. Mas é que faz muito tempo que não sentia nada como sinto por você. Estou ficando louca. Agora, por exemplo, era capaz de arrancar sua roupa com os dentes.

Mirna beijou-lhe fortemente a boca. ‘Deve estar sentindo o gosto de Lívia. O gosto delicado de minha mulher, que ela lambeu descaradamente. Sua vaca escrota!’

- Calma, Lívia deve estar chegando. Não vamos estragar tudo.

Mal terminou a frase, e sua esposa apareceu na porta, segurando um copo d’água.

– Tome, querida. Não gosto de vê-la sofrendo.  
– Já ficarei boa.  
– E então? O quadro?  
– Está maravilhoso! Você é muito talentosa – disse Mirna, depois de virar o copo com sofreguidão.  
– Que bom que gostou! Porque ele é seu. Quer dizer, na verdade, ele é seu e de Jonas. Mas como Jonas nunca irá embora, deixo que você o leve quando partir.  
– Mas não será breve, não é, Mirna?  
– Não, é, ainda posso ficar mais uns dias. Talvez uns quinze.  
– Mas e os seus compromissos em Paris?  
– Lívia, assim ela vai acabar pensando que você quer que ela vá embora.  
– Não! De jeito nenhum, só não quero que ela prejudique a sua carreira.  
– É que... Bom, recebi um telefonema e a produção da peça, que eu ia fazer o cenário, achou que o meu preço é muito alto. E, você sabe, não posso ficar fazendo concessões, porque depois todos vão pechinchar o meu salário. Sendo assim, poderia ficar mais um pouco. Você se importa?  
– Eu? Por nós, você ficaria para sempre, não é, Jonas?  
– Lógico. E vamos ter que comemorar! Que tal sairmos para dançar?  
Mirna vestiu-se de vermelho naquela noite, o que acentuou a sua sensualidade vulgar. Já Lívia, escolheu um vestido verde-musgo, justo ao corpo, mas sem deixá-lo por demais exposto. Antes de partirem para o Le Club 2, todos beberam algumas doses de uísque. As mulheres estavam animadíssimas. Jonas sentia-se levemente cansado. Enquanto elas foram retocar a maquiagem, ele cheirou duas fileiras de cocaína. Assim que voltaram para terminar a última dose, Jonas já estava mais animado com a ida para a boate. Quando chegaram lá, logo tirou Mirna para dançar. A esposa sorria, feliz pela amizade dos dois.  
– Você está maravilhosa!  
– Para você. Estou sem calcinha, sabia?  
Aquilo fez com que Jonas tivesse vontade de chutar a cara daquela mulher. Falsa, como imaginava. Disposta a trair a melhor

amiga, armando situações para seduzir seu marido.

– Não fale isso. Minhas calças vão me denunciar.

– Por mim... Não aguento mais de tanto desejo. Você me deixou louca, hoje.

– Mas não podemos magoar Lívia.

– Não, de jeito nenhum. Talvez ela não ligue, ela sempre foi tão generosa comigo.

‘É, sua vagabunda? E você faz o que com ela? Seduz o seu marido. Lógico que Lívia não aprovaria isso. Só quero mostrar para ela quem você é. Salvá-la de sua falsidade.’

– Talvez. Mas é melhor não deixá-la saber...

– Saber do quê? Nós não fizemos nada.

– Ainda.

– Estou apaixonada por você.

Terminada a música, voltaram para a mesa. Lívia estava tão contente que propôs um brinde.

– À amizade de vocês.

E ingenuamente uniu os lábios dos dois para um beijo.

– Quer dançar, querida?

– Sim.

Lívia e Jonas dançaram três músicas – o que deixou Mirna furiosa. Ela estava começando a perder a razão. Um homem se aproximou da mesa e a convidou para dançar. Mirna aceitou, imaginando que faria ciúmes em Jonas.

– Veja, acho que Mirna arranjou uma paixão.

– Tomara, porque assim poderemos ficar dançando a noite inteira juntos.

– Que é isso, Jonas? Não seja cruel. Você sabe que eu não sou possessiva. Vamos para a mesa, estou um pouco cansada.

Sentaram-se, voltados para a pista de dança. Mirna esperou a música terminar para também voltar à mesa, de braços dados com o seu novo amiguinho.

– Gente, quero apresentar o melhor dançarino que já conheci...

– Que é isso, gentileza sua.

– Lívia, Jonas, esse é o Raul.

– Prazer. Quer beber alguma coisa?

Todos queriam novos drinques, e o garçom foi chamado para trazer mais uma garrafa de uísque. Já estavam todos altos.

– Lívía, você tem que ir dançar com o Raul. Desculpe, Jonas, mas ela não pode passar pela vida sem experimentar este prazer.

– Se ela quiser ir, não tem problema.

Na verdade, não era o que Lívía queria, mas sua educação não permitiria que ela negasse uma dança para o sujeito.

– Caso você não prometa aparecer hoje no meu quarto, eu levo esse cara comigo.

– Mirna, não posso fazer isso dentro de minha própria casa. E Lívía?

– Ela vai estar tão alta que dormirá feito um anjo. Jonas, eu preciso de você. Estou louca! Só penso nisso.

– Se precisa tanto de sexo, eu não me importo que leve este homem para a sua cama.

– Você está brincando?

– Mirna, você não é a minha esposa. Pode fazer o que quiser.

– Você está falando isso, porque duvida que eu o leve para a minha cama.

– Não é da minha conta quem você leva ou não leva para a cama.

Raul conduziu Lívía até sua cadeira e convidou Mirna para a próxima dança. Ela aceitou.

– Não achei que ele dança bem. Acho que Mirna é que gamou. Jonas disse que era melhor que fossem embora.

– Sem avisá-la?

– Talvez ela queira ficar com ele e esteja constrangida. Olha, estão se beijando. Vou deixar a conta paga e vamos embora.

Lívía, como previu Mirna, caiu num sono profundo após tomar um banho. Jonas ficou tomando um drink, sentado na sala escura. Ouviu quando Mirna passou para o quarto, acompanhada pelo sujeito. Ela não o viu. Jonas esperou um tempo e depois subiu atrás do casal. Mirna havia deixado, de propósito, a porta aberta. Jonas pôde vê-la sendo sodomizada. Teve nojo daquela mulher, mas não conseguiu deixar de ficar excitado. E, assim como os pescadores, masturbou-se assistindo à cena.”

Ana não estava muito satisfeita com o livro. De uma forma ou de outra, começava a achar que aquilo que inicialmente seria um “livro aberto” começava a se transformar num romance *à la* Cassandra Rios. “Quando lerem, vão pensar que sou uma tarada. Um sapatão louco e desvairado. Ah, também não devo me explicar pra ninguém. Minha intenção é escrever um livro do tipo que ficaria ótimo se fosse roteirizado por Hollywood e estrelado por Sharon Stone. Ou será que está muito pesado para a moral norte-americana?”

“No dia seguinte, as duas acordaram tarde. Jonas teve que ir para a firma cedinho e só à noite ficou sabendo, por Lívia, que Mirna acordara com um terrível mau humor, chutando o homem da cama dela. Riu bastante, imaginando a cena. Quando o jantar foi servido, Mirna tentava disfarçar sua ressaca moral, conversando sobre temas amenos. É claro que ninguém tocou no assunto Raul. Apesar dos chupões em seu pescoço denunciarem sua aventura sexual.

Assim que terminou o jantar, Jonas sugeriu que fossem dar uma volta na praia, para fazer a digestão e, aproveitando, levar os cães num passeio. Lívia recusou. Queria terminar de ler um livro. Mirna achou que essa era a oportunidade para explicar-se com Jonas.

- Lívia deve ter lhe contado que Raul dormiu aqui.
- Ela comentou por alto.
- Bom, não significou nada. Eu estava bêbada e com ódio de você.
- Você não precisa se desculpar.
- Você não está com raiva?
- Mirna, você é uma mulher livre. Eu não tenho nada a ver com quem você se deita.
- Você não sente nada por mim?
- Em algum momento, eu senti uma forte atração. Mas já me curei. Assim é melhor para todos nós.
- Não! Por que seria melhor? Eu te quero muito. Estou ficando louca.
- Mas não deve. Pense em Lívia.
- Mas ela não ficaria sabendo.

– Eu prometi para minha esposa que não teria mais nenhuma outra amante.

– Eu nunca serei sua amante. Só quero passar uma noite com você. Depois, eu juro que vou embora.

– Impossível. O que diríamos para Lívia? Esqueça.

– Então, tá. Não precisa ser a noite inteira. Me beije. Estamos sozinhos aqui. Se você transar comigo uma só vez, eu juro que vou embora.

– Agora, não.

– Por quê?

– Estou cansado... e além do mais...

– O quê?

– Deixa pra lá.

– Não, o quê? Eu quero saber.

– Não quero trepar por tabela com aquele sujeito.

– Raul?

– Quem mais poderia ser? Teve outro, ontem à noite?

– Não fale assim comigo. Eu sei que agi feito uma adolescente tola. Mas era em você que eu pensava, quando estava com aquele otário.

‘Enquanto aquele otário comia o seu cu. Eu vi tudo, sua piranha.’

– Mas o que você espera de mim? Eu tenho princípios.

– Você está com ciúmes?

– Pense o que você quiser.

– Acho que você está com ciúmes. Então prestou para alguma coisa deitar com aquele porco suarento.

Jonas sentia muito nojo daquela mulher. Mas como era um homem com um grande apetite sexual, aquele nojo facilmente transformava-se em tesão. Enrijeceu. Mirna notou e colocou a mão no membro dele.

– Vamos. Não tem ninguém olhando. Depois eu juro que não vou querer mais nada. Juro que vou embora.

– Deixe de ser boba. Lívia ficaria magoada, se você não ficasse os dias que disse que ficaria. E eu já disse que estou cansado.

– E o que é isso dentro de suas calças, então?

– Isso é um pau duro. Eu costumo ficar assim até olhando para uma cadela vira-lata no cio.

Ele estava adorando magoar aquela mulher sem orgulho algum. Quanto mais ele a maltratava, mais desejo ela sentia por ele.

Voltaram para casa. Lívia havia terminado de ler o seu romance e, como sempre fazia, estava doida para contar a história para Jonas. Era um costume dos dois. Como ele nunca tinha tempo de ler, toda vez que Lívia terminava um livro, resumia para ele, enquanto bebericavam um vinho do Porto na varanda.

– ... foi quando Helena resolveu largar a sua vida miserável, ao lado do marido, e partir com o médico da família, que desde a infância era apaixonado por ela. Não é maravilhoso?

– Não sei como você aguenta ler essas porcarias estúpidas. Lívia, você ainda é aquela boboca que dividia o quarto comigo em Paris.

– Mas, Mirna...

– Deixe ela, meu amor. Mirna está um pouco amarga, por causa da noite de ontem. Parece que se arrependeu de ter trazido um homem que a gente nem conhece para dentro de nossa casa. Melhor dizendo, para cima de sua cama.

– Você não tem nada com isso, Jonas. Mirna é nossa convidada e pode fazer o que quiser nesta casa.

– Sim, querida. Você tem toda razão. Desculpe-me, Mirna. Hoje estou um pouco aborrecido, por causa de uns problemas no trabalho.

– Não tem problema. Com licença, vou me recolher. Boa-noite.

Mirna subiu para o quarto. Lívia o repreendeu mais uma vez.

– Já não basta a vergonha que ela deve estar sentindo? E você ainda diz isso?

– OK. Eu já pedi desculpas. Mas falei o que eu acho. Não é certo um desconhecido circular pela nossa casa, assim, sem mais nem ver. Também acho que uma mulher deve se dar ao respeito, e não sair dando para o primeiro que a tira para dançar.

– Você é muito machista. Se você fosse Raul, faria o mesmo.

– Talvez, se não fosse casado com uma mulher como você.

– Pois saiba que eu invejo a liberdade de Mirna.

- Você faria o mesmo que ela?
- Não. Você sabe que esta não é a minha natureza.
- É por isso que eu amo você e não ela.

A última coisa que Jonas queria era brigar de novo com Lívia por causa daquela mulher. Tinha que agir de uma vez por todas. Já havia feito Mirna ficar de quatro por ele. Agora, era levar a cabo seu plano. Ele se vingaria de Lívia e, ao mesmo tempo, salvaria a esposa daquela má influência. Era aguardar o dia em que ela fosse à cidade, ficar a sós com Mirna e fazê-la rastejar pelo seu corpo.

Esse dia não demorou a acontecer. Lívia precisava comprar algumas tintas e telas, e convidou Mirna para acompanhá-la. Mas a amiga, já com más intenções, disse que ficaria jogando cartas com Jonas. Bastou Lívia sair, para Mirna começar a se insinuar para ele. Jonas já tinha tudo preparado, havia escondido câmeras em lugares estratégicos...”

Ana parou por alguns minutos para pensar. “Será que ‘câmeras’ fica muito impossível? Ah, romance é romance, vale tudo.”

“... para filmar a humilhação de Mirna, implorando para ser comida por ele.

- Você não pensa coisas, agora que estamos sozinhos?
- É a sua vez de jogar.
- Vamos parar. Temos coisas melhores para fazer.
- Você não tem pudor mesmo. Basta Lívia sair para querer me seduzir.
- Lívia é uma boba, você vai ver o que é ter uma mulher de verdade.
- Como você fala isso da sua melhor amiga?
- Ela nunca vai saber. O que que tem eu dar umazinha com o marido da boboca?
- Não fale assim, ela gosta tanto de você.
- Eu gosto dela, mas não posso deixar de ter tesão por você. Eu quero você.
- Mas e Lívia?
- Foda-se Lívia. Por que tudo tem que ser dela, sempre? Sempre a mais chique, a mais culta, a mais rica, a mais isso e

aquilo.

– Não sabia que você tinha tanto ódio dela.

– Eu não tenho ódio dela, eu apenas cansei do gênero boazinha que ela faz. Jonas, se você me experimentar, você nunca mais vai querer me deixar. Sou melhor do que Lívia mil vezes.

– Como você sabe?

– Uma mulher cheia de pudores não pode ser boa de cama.

Terminando esta frase, Mirna foi até a cadeira de Jonas, levantou o vestido e montou em cima dele.

– Estou nua por baixo. Dá para sentir o meu calor, não dá?

– Vamos lá pra cima. Algum empregado pode nos ver.

Jonas levou Mirna para o quarto dele e de Lívia. Também já havia lá outra câmera, estrategicamente escondida.”

Depois de gravar as duas fitas, Jonas se daria ao trabalho de alugar uma ilha de edição por um dia. Lá, Ana imaginava poder render algumas páginas descritivas. Onde narraria com imoral liberdade – para provar que as mulheres não são tão condescendentes com os seus personagens quanto dizem – a transa entre ele e Mirna. Para Ana, essa cena seria muito bem aproveitada por um cineasta americano, quando o seu editor conseguisse vender os direitos para Hollywood. Seria com vários monitores de tevê, cada um com imagens mais picantes que o outro. Enquanto isso, Richard Gere controlaria tudo de uma mesa cheia de botões, como um DJ drogado.

Ana começava a desconfiar de seus devaneios. Mas como voltar atrás, depois de sonhar tanto? Duvidar, depois de acreditar tão forte?

Quando, enfim, a fita editada estivesse pronta, Jonas esperaria o momento certo para mostrá-la a Lívia. E assim que o fizesse, contava que ela entendesse os seus propósitos, cúmplice e parceiro sexual da “cadela miserável”. Afinal, havia se proposto a tudo aquilo apenas para desmascarar Mirna.

Ana já estava cansada daqueles personagens ingratos, que não a ajudavam a cometer a grande frase inicial.

Lívia assistiria à fita inteira, reagindo de maneira catatônica. Sem nenhuma expressão, ela desceria as escadas de sua casa e

passaria por Jonas, que estaria esperando a esposa na sala de estar.

“– Lívia?

- Me deixe sozinha.
- Espero que você entenda as minhas intenções.
- Eu entendo tudo.
- Você está bem?
- Estou.
- Você não quer me dizer nada?
- Eu vi muito mais que aquilo...
- O quê?
- Eu vi a sua sombra.
- Ahn?
- ... a sua e a de Mirna.
- Lívia, você está bem?
- Estou.
- Pra onde você está indo?
- Para o ateliê.
- Quer que eu fique com você?
- Não.”

Ana não sabia exatamente o que queria dizer com “Eu vi a sua sombra”. Mas como a ideia inicial para o título do livro não foi a que surgiu no decorrer da história, teve que encaixar esta frase dramática. É que, no início, quando ela teve a ideia do romance, Lívia assistiria à traição do marido com a sua melhor amiga de uma sacada que dava para a varanda. Ela não veria os corpos dos amantes – somente as suas sombras. E as sombras estariam se beijando.

Jonas deixaria Lívia ir, crendo que a mulher desejava apenas ficar sozinha. Não poderia imaginar o final trágico que seu plano estava por tomar. Lívia chega ao ateliê e tranca a porta com chave. Acende um cigarro e fica diante do quadro que havia pintado para os seus dois grandes amores. Fuma com calma, quase languidamente. Ela está bela. Pálida. Diáfana. Uma nuvem fumando. Termina o cigarro. Apaga cuidadosamente num cinzeiro próximo a ela. Depois, vai até uma prateleira e pega um vidro de

álcool. Taca o líquido no quadro. Despeja o que resta da garrafa em seu vestido azul. Acende outro fósforo. Mas para alcançar o seu intento, precisará acender mais três. Para depois tudo se transformar em chamas. O fogo será verde.

Assim é o fim de *Traição das sombras*. Além do enigma da sombra, Ana também não iria esclarecer o que aconteceu com Jonas e Mirna. Estava esgotada, e não queria mais pensar uma linha sequer deste livro. Achava que os leitores acreditariam que foi proposital, aquele final trágico sem eira nem beira. Ninguém desconfiaria que, na verdade, estava cansada daquela baboseira de acreditar-se uma escritora, simplesmente porque passa horas dos seus dias pensando a respeito de um romance, que não terá nenhum registro sequer para a posteridade. Milhares de romances existiram em milhares de “cabeças escritoras”. Uma pena esses livros nunca terem se tornado concretos. Árvores mortas, impressas palavras, tinta, capa, contracapa, orelha, foto de orelha, epígrafe, resumo, resenha, críticos, editores, máquinas primitivas, noite de autógrafos, vinho ruim, homens fortes, tinta, tinta, livros que não existem. Uma pena.

Ana terminou seu romance. Tentou esboçar alguma felicidade ilusória. Comemorou. Era fim de dezembro. Assim que começasse o próximo ano, ela havia jurado que começaria a escrever. Jaime apoiou seus planos, precisava descansar antes de iniciar o longo trabalho. Ambos sabiam-se mentirosos. Mas a mentira é tão importante. Tão acalentadora, em alguns momentos. Não caberia a Jaime dizer, simples e honesto: “Ana, você é uma inútil, não faz porra nenhuma que preste.” Então ele disse: “Você tem que descansar, a sua cabeça está esgotada. Descansa e depois começa o livro.”

A última semana de dezembro foi especialmente deliciosa para Ana. Ela se deixou acalentar pela mentira de estar em descanso. Não se exigiu a realidade. Estava segura, mas controlando a sua razão íntima, que já sabia da verdade dura: Ana não escreveria livro algum. No dia de Natal, falou com Helena ao telefone. A mãe foi gentil com ela, quis falar com Jaime, desejou saúde e felicidade para a filha. Ana ficou feliz com aquela atitude, sorriu a

noite inteira e foi dormir dizendo: “O Natal é o aniversário de todo o mundo. Parabéns, Jaime.”

– Parabéns, Ana querida.

# 13

Ela acabou de sair do prédio médico. A universidade é um complexo de edifícios feios, espalhados numa enorme área árida. Antes destes edifícios serem construídos, aquele gigantesco pedaço de terra parecia um deserto inabitado. O governo do estado iniciou as obras no começo dos anos 1940 e terminou na década seguinte. Ao redor dali, havia apenas pequenas comunidades esparsas, que com a universidade ganharam uma nova população: jovens universitários. Várias casas foram erguidas para moradia desses jovens, vindos da capital atrás do sonho de morar sozinhos, longe dos pais. Porque é extremamente atraente, esta ideia. Muitos estudantes mal sabem por que estudam Medicina, Veterinária, Filosofia etc. Só querem é fugir de suas famílias, seguindo em bandos para essas cidades, sonhando com todas as dificuldades de uma república e com o direito de se sentirem adultos ao acenderem os seus baseados.

Ana acabou de sair do edifício número quatro. Ainda não está muito certa de ter feito a melhor coisa, a respeito da sessão de fisioterapia. Deveria ter continuado aquela “palhaçada”? Mas “aquilo é tão triste e mentiroso” que não podia mais fingir-se doente. Acabaria por ficar realmente mal. Não achava justo perder seu tempo e o dos outros, com aquela farsa. Enquanto pessoas – o garotinho atrofiado –, verdadeiramente doentes, muitas vezes não tinham como se cuidar.

“Agora, foda-se. Foda-se!” Acabou de sair da universidade. Ela acha aquilo tudo muito feio. “Parece mesmo com a Alemanha Oriental.” Sente-se feliz por chegar à rua, animada por não ter absolutamente nada para fazer, ninguém para encontrar, nenhum trabalho estúpido sobre “a globalização da cultura” para pesquisar. Nada. Ela não tem nada para fazer. “Isso é maravilhoso! Estou me sentindo ótima... Tomaria um chope...” Lembrou-se de um ótimo lugar, um pequeno barzinho, bastante característico, que fica a cinco quadras do seu apartamento. O bar é totalmente genuíno, sem espírito de juventude universitária,

sem dizeres revolucionários defasados. Lá, Ana não irá encontrar nenhum marxista gordo jogando xadrez. Apenas verá velhos conversando monossilabicamente, ovos pintados expostos no balcão e azulejos portugueses gordurosos. “Hum... Que delícia!” Pede um chope. Ele vem servido exatamente como Ana gosta: dois dedos de espuma, com “borbolhas” na superfície. Agradece ao garçom. Toma um longo gole e sente o líquido descer gelado e gentil. Está alegre por tomar este gole. Está alegre por não ter que ir nunca mais àquele lugar e aturar mulheres antipáticas, mexendo em seu corpo saudável. Quase que se propõe a brindar sozinha. Mas, tímida, contém esta manifestação. Sua mente, porém, conclui o texto: “À minha coluna saudável!” Termina de beber todo o chope, pede outro. O segundo não vem tão bem tirado, mas está sendo bebido com satisfação. O terceiro já deixa sua bexiga incomodada. Vai ao banheiro, olha-se no espelho. “Vou cortar o cabelo, e é agora!”

Ana pagou pela bebida e está indo até um cabeleireiro, próximo de sua casa. Nunca cortou o cabelo ali, mas não teme absolutamente nada. Causa um certo rebuliço ao dizer que quer o cabelo bem curto.

– Chanel?

– Não. Curto.

Pessoas se aglomeram para assistir. “Que coragem!”, “Um cabelo tão lindo”, “É uma pena” são alguns dos comentários que Ana é obrigada a escutar. “Menina, guarda esse cabelo, depois faz uma peruca ou vende.” Ana, pensa: “Depois mete esse cabelo todo no seu cu e vai para a puta que o pariu.”

O cabelo está quase pronto. Ana sente-se esquisita, mas não está nem um pouco arrependida. Sua cabeça parece mais leve, e sua aparência rejuvenesceu, como se depois de uma mágica. Gostou. Agradece ao cabeleireiro afeminado e vai embora. Sente-se decididamente bem. As pessoas olham para ela na rua. Os homens percebem nela a disponibilidade de ser solteira. Não que Ana deseje ter alguém ao seu lado, mas isso alegra seus pensamentos. E agora os seus passos estão naturalmente mais insinuantes. Ela sabe que é bela, sabe que atrai. Tem a juventude como aliada inseparável. Por enquanto. Por enquanto

ela pode esnobar o rapaz que acaba de olhá-la nos olhos, pode esnobar Jaime e todos os homens do mundo. Ela é jovem. Quer ficar sozinha.

Ana se sente tão bem que acha uma pena voltar para casa. Já perto de seu apartamento, ela dá meia-volta e caminha na direção de um shopping. O único da região. A praça moderna, empoleirada de gente, feito “papagaios se bicando numa gaiola”. Ela sempre tem esta mesma visão de pessoas em grupo. “São papagaios. Não sabem o que fazem, nem o que falam. Mas estão ali, produzindo ações e ruídos.” Ana chega ao shopping. Está animada, talvez até compre alguma coisa para ela. Faz tempo que Ana não compra uma roupa nova, desde o seu aniversário. Ela vai direto ao segundo andar, ali estão algumas lojas de que gosta. Lojas caras. Ela para diante de uma delas. Olha a vitrine. Gosta de um casaco azul-petróleo. Entra e pergunta para uma moça excessivamente simpática: “Quanto é o casaco?” É caro. É muito caro.

– Por que é tão caro assim?

– É porque ele é forrado.

– É um absurdo! O preço desse casaco deve ser mais do que você ganha e você me diz com essa cara de paisagem, como se fosse normal um casaco de merda custar mais que o salário de milhões de pessoas?!

– Você pode dividir em três vezes.

Ana dá as costas para a moça. Está indignada. Tem vontade de pegar uma pedra e tacar na vitrine da loja. “Todo mundo aceita esse disparate. No Brasil, as pessoas aceitam tudo. Que merda! Tanta gente, tantos pais de família ganham a metade daquele casaco... Três vezes... Pra puta que o pariu, que eu caio nessa! E ninguém faz nada!” Ela queria pegar um megafone e denunciar, acordar as pessoas da letargia em que se encontram. Todas, dominadas por uma organizada política que cega. O brasileiro está cego. Convive há tanto tempo com essas coisas, que não percebe mais. Não percebe que está sendo ludibriado. Engole qualquer coisa. Perderam o sentido de realidade. Eles confundiram tanto, que só uma meia dúzia compreende o que se passa. Ana está chocada. Para diante de outra loja e fica

estarecida com os preços dos sapatos. Começa a se deprimir. Resolve sair dali e ir para o andar de alimentação. A ideia estimula Ana. “Um McDonald’s, é tudo o que quero.” Anda rápido, irá pedir um McBacon, uma McFritas e uma Diet Coke grande.

Com dificuldade, consegue uma mesa. O lugar está realmente cheio. Mas, agora, ela está mais animada. Morde o seu sanduíche. Ele está frio. A carne parece uma borracha sintética japonesa. Em compensação, as batatas estão fumegantes. Dá outra mordida no sanduíche. “Não admito isso. Um McDonald’s, que tem o mesmo controle de qualidade no mundo inteiro, estar assim. É uma esculhambação!”

Ana vai até o balcão. Observa primeiro, escolhendo para quem reclamar. Vê um rapaz com uniforme de supervisor.

– Ei!

Nada. O rapaz nem sequer olha para ela. Ana não quer se tornar uma mulher reclamona. daquelas que não têm homem e passam o dia inteiro defendendo os direitos dos comedores de pipoca de panela, os direitos dos consumidores que preferem mata-barata em refil econômico, coisas do gênero. Mas não suporta esta naturalidade com que as coisas se encaminham para o errado, sem ninguém fazer nada. Ela, que nunca defendeu as focas, que não abraçou a Lagoa Rodrigo de Freitas, que não participa de mutirão de limpeza dos parques, se vê agora no dever de defender a qualidade internacional do McDonald’s. “Que pouca vergonha! Duvido que, se a sede soubesse desse descuido, permitiria que esses incompetentes tivessem a franquia McDonald’s.”

– Ei, moço!

O rapaz para com descaso e impaciência.

– Sim?

– Esse sanduíche está frio e duro.

Ele olha para o sanduíche mordido na mão de Ana.

– Ele esfriou porque você não comeu logo.

– Não, na primeira mordida ele já estava frio.

– Você quer outro?

– Sim. Outro McBacon.

O rapaz fez o pedido. Ana aguarda, já sem vontade alguma de comer o sanduíche. Ele chega. Ela se anima. Volta para a sua mesa. Suas batatas fumegantes já não estão tão apetitosas assim. Ana taca ketchup para disfarçar. Agora, ela se sente no dever de comer aquela gororoba. Morde o sanduíche. Não acredita. Está com o mesmo problema do anterior. Inclusive parece o mesmo, só que sem as primeiras mordidas. Fica enfurecida. Levanta, louca de ódio. Está decidida a lutar pelo seu direito de comer um genuíno McDonald's.

– Ei! Esse sanduíche está uma porcaria.

O rapaz tenta disfarçar.

– Ouviu? Esse sanduíche está tão ruim quanto o outro.

– Você é a única que reclamou.

– Porque todos aqui são sonâmbulos.

Essa é uma típica frase de Ana.

– Qual é o problema agora, minha filha?

Pergunta uma moça vestida de supervisora.

– O problema é que esse sanduíche está com gosto de boceta!

E, analisando com imparcialidade, qualquer pessoa poderia notar que essa afirmativa beirava o correto. A carne do McDonald's, quando fria, tem esse gosto. Mas, agora, Ana é o centro das atenções de toda a lanchonete. Alguns clientes olham para ela curiosos, outros indignados pela sua “falta de educação”. Ana já não quer comer mais nada. Joga o sanduíche no balcão e vai embora, largando as fritas, outrora apetitosas, em cima da mesa.

## 14

Durante as férias da faculdade, Ana se matriculou na natação. Era um desejo antigo, mas nunca encontrava tempo ou disposição para realizá-lo. Na verdade, mal sabia nadar. No primeiro dia, estava especialmente tensa. Parecia uma atriz em dia de estreia. Cuidou para que o equipamento estivesse perfeito. Comprou óculos, touca e tapadores de ouvidos. Estava ansiosa. Nadar sempre foi, para ela, algo literário. Havia neste esporte um “quê” de Milan Kundera. Ana romanceou sua ida para a natação, acreditando-se Teresa, de *A insustentável leveza do ser*. Aquela coisa de piscina pública europeia. A realidade não era tão encantadora assim, mas estava disposta a se concentrar em seus movimentos. Quem sabe, se tornaria uma boa nadadora. E, enlevada nesse espírito, foi para sua primeira aula. O lugar era um clube da década de 1950. Bastante amplo e maltratado. Na área reservada à piscina, havia um espaço coberto, com mesas e cadeiras e uma lanchonete mal equipada, mas simpática. Ana, por ter chegado cedo, foi tomar um suco de laranja. Dali, podia olhar as duas piscinas, uma olímpica e outra menor. A segunda era destinada às crianças ou às pessoas que não sabiam nadar. Ana não contava que seria aquela a piscina em que treinaria. Na hora marcada, ela se aproximou de um rapaz de sunga, que estava perto da piscina olímpica. Ele pediu que Ana nadasse, para avaliar em qual nível ela se encontrava. Depois de sair da água, roxa de frio, ela foi encaminhada para a menor. Realmente, o que Ana considerava braçadas de estilo crawl, não passavam de movimentos desconexos e sem o menor sinal de técnica. Estava, então, no nível um. E nadaria junto com as crianças e os velhos.

As férias quase passaram despercebidas para Jaime. Envolvido com o seu trabalho final, gastava boa parte dos seus dias ainda na faculdade, ou na casa de seu orientador. Para Ana, aquilo era um exagero, uma obsessão universitária sem sentido. Sem perceber, começou a implicar com essa postura do marido. Inclusive, não somente implicava com isso, mas também com a

maioria das coisas que ele fazia. Começava a fase da impaciência, quando qualquer detalhe é motivo para uma cadeia de ironia e má vontade. Desculpava-se intimamente, alegando para si mesma que era desagradável não tê-lo ao seu lado. Tentava acreditar que a ausência de Jaime, sempre ocupado, seria o único motivo da sua antipatia. Na verdade, achava toda aquela ideologia uma grande palhaçada. Qualquer som que Jaime emitisse a respeito de Semiótica – área envolvida com a sua monografia – fazia com que Ana tremesse de enjoo. Ele mal atentava para isso, para a esposa, e ia perdendo pouco a pouco seu interesse no casamento.

Assim que acordava, por volta das sete horas da manhã, Jaime fazia uma rápida refeição e se dedicava à leitura de textos sobre o assunto, até a hora do almoço. Depois, comia o que Ana preparava, descansava um pouco e partia para a faculdade ou para uma biblioteca. Era uma dedicação quase fanática, levando-se em conta que aquele trabalho não passava de uma pequena monografia de fim de curso. Ana reclamava com Jaime por causa disso, alertando que, quando chegasse a tese de mestrado, ele acabaria por ter um troço. O doutorado, Ana preferia nem imaginar a fúria que seria. E então passou a sonhar em estar longe dali, longe dos livros largados próximos à sua cama, longe o suficiente para não escutar os longos telefonemas de Jaime com seu orientador, longe da Semiótica. Ela queria estar só. Ainda restava um forte sentimento por aquele homem, mas começava a desejar que ele sumisse com aquela “baboseira” toda. Odiava ter que receber o orientador de seu marido. Achava o professor uma bicha enrustida, acostumou-se a implicar com Jaime a respeito disso também. Passou a odiar aquele homenzinho, principalmente depois que escutou uma conversa entre ele e Jaime. Os dois tinham acabado de chegar e não sabiam que Ana estava em casa, deitada no quarto.

– Jaime, você tem que se dedicar à Língua Portuguesa como se ela fosse a sua esposa.

– Já é difícil me dedicar a uma mulher somente.

– Pois abra mão dela. Ame a sua língua, sabendo que ela jamais o trairá. Jamais irá lhe dar filhos barulhentos. Sinto que

você poderia se dedicar mais. Você é um rapaz brilhante, poderá ter um futuro acadêmico esplendoroso. Não deve perder tempo com mimos femininos.

Ana teve vontade de sair do quarto com um pau na mão e bater naquela “bicha enfadonha e rancorosa”. Mas conteve-se. Silenciosa. Assim que o professor foi embora, ela foi até a sala.

– E aí? Beijaram-se na boca na despedida?

– Ana?

– É, a sua mulher mimada, que lhe dará filhos melequentos.

– Deixa disso, ele só exagera um pouco nas coisas.

– Estou cansada dessa palhaçada.

– Que palhaçada?

– Essa porcaria de monografia, Jaime. Parece que você está desvendando a morte de John Kennedy, bancado pelo governo americano, para depois ser considerado um herói internacional.

– Não entendi essa comparação sem nexos.

– Não entendeu?

– Não.

– O que eu quero dizer é que essa merda dessa monografia, que não serve pra porra nenhuma, está me enchendo a paciência!

– Ana, eu não preciso te dizer o quanto isso é importante para mim e acho que você deveria se empolgar também, já que estuda esta mesma área.

– Me empolgar? É uma piada.

– Eu acho uma piada é esse seu livro que não existe e nunca vai existir. Essa sua vida inútil, calcada num sonho estúpido. Eu, pelo menos, faço alguma coisa de real.

Antes de finalizar a frase, Jaime já estava arrependido do que acabara de falar. Mas já não havia mais jeito. Não poderia abraçar a esposa e dizer “Não, não é nada disso, você é uma ótima escritora”. Simplesmente porque não aguentava mais deixar Ana viver esta ilusão. Começava a se sentir culpado, por permitir esta perda de tempo e compactuar com ela. Amava Ana, esperava que ela percebesse naturalmente sua incapacidade literária. Mas estava esgotado. Esgotado pelo excesso de estudo e também pelo mau humor e falta de compreensão de Ana.

Ela ficou ali, parada. Estava com muito ódio, mas não sabia como reagir. Sua cabeça girava, sentia uma leve dormência na boca. A adrenalina havia tomado conta do seu corpo.

- Sai daqui.
- Ana, essa é a minha casa.
- Você quer que eu vá embora?
- Não. Eu...
- Então, por favor, sai daqui.

Jaime pegou um casaco, a carteira, e deixou Ana sozinha no apartamento. Ela se sentou no sofá e começou a chorar. Um choro forte e crescente, que rapidamente deixou suas feições inchadas. Estava chorando por vários motivos e, caso tivesse que dizer um, diria que chorava pela dor de sua solidão. Como outras vezes, estava acompanhada e sozinha. Prefere estar somente sozinha, pois a solidão ao lado de outra pessoa é, para Ana, mais dolorosa. Seu choro era uma tormenta de lágrimas por tudo aquilo que sempre viveu. Sua tristeza não era só pelo livro, ou por Jaime. O que estava acontecendo com ela era resultado de muitas outras coisas. Era por causa do seu pai, da sua mãe, por causa dos seus sonhos, que escorriam pelos seus dedos feito água. Seus sonhos perdidos, sua falta de esperança, sua falta de fé. Chorava, também, por seu coração, que mais uma vez tornava-se frio, inabitado. Um aposento úmido, vazio, que expulsa qualquer um que ali tente ficar. Ana estava chorando profundamente. Agora, por pena de Jaime. Culpa, por não apoiá-lo. Queria voltar no tempo e fazer tudo diferente. Sentar-se diante da máquina de escrever e redigir as anotações do marido, trazer um misto-quente para ele, de surpresa. Ser gentil.

Ana passou a noite inteira acordada, esperando Jaime chegar. Assim que amanheceu, resolveu que devia procurar por ele. E depois de permanecer sentada alguns minutos diante da tevê ligada, lembrou-se do orientador. Decidiu falar com o orientador, primeiro. O número do seu telefone estava anotado num bloco em cima da escrivaninha, Ana não teve dificuldades para encontrar. Discou, pensando no que iria dizer para Jaime. “Meu querido, desculpa. Você tem toda razão de estar magoado comigo.” O telefone deu sinal de chamada, mas ninguém

atendeu. Ana discou novamente os números. E novamente chamou e ninguém atendeu. “Eles devem ter ido para a universidade.” Ela largou o telefone e foi se arrumar. Precisava encontrar o marido.

A caminho da faculdade, Ana deixou de se sentir mal e passou a imaginar a liberdade que seria não ter mais nenhum amor para se preocupar. A manutenção das relações é delicada, requer boa vontade e cuidado. Qualquer casamento está sempre a um passo de entrar em declínio, é necessário um senso de equilíbrio digno de malabaristas. Um pequeno tropeção em falso e o amor cai corda bamba abaixo. São palavras que devem ser pensadas, pesadas, medidas. Tratar o outro como uma pilha de cristais finos. Pois o ser humano é um amontoado de traumas. E cada um desses traumas merece atenção e tato, quase tratamento especial. Daí se faz a intimidade máxima: um conhece os problemas emocionais do outro, muito mais do que as suas mães ou os seus analistas jamais conheceram. É, no final das contas, essa sabedoria que sustenta os alicerces de um casamento. Mas mantê-los é tão cansativo que, às vezes, os casais duvidam se aquilo vale a pena. Se não seria melhor viver sozinho, do que ter que estar atento a tudo o tempo todo. Estar ligado às variações de humor do outro, às faltas de interesse físico, ao desânimo com a própria higiene. Estar acompanhado é um trabalho árduo, disfarçado de aconchego.

Ana não pensava mais em pedir desculpas, ou talvez sim, mas não da maneira que antes pensara. Agora queria falar somente: “Jaime, desculpa, não quero mais viver com você.” Simples. Apenas: “Quero ficar sozinha, cansei de dividir meu banheiro com um homem.” E *finito*. Mas é tão difícil terminar um relacionamento. Tão complicado chegar para o outro e dizer chega. São poucas as ocasiões em que isso ocorre sem drama, sem dor. Na maioria das vezes, são necessários uma desculpa, um deslize do outro para servir de álibi, para vencer a sua própria covardia em não assumir o desejo de separação. Há aqueles que arranjam outras pessoas, para fingirem-se de apaixonados. “Aconteceu. Não tenho culpa.” Mas, nesse casos, é certo que o amor já não mais existia, porque senão nada aconteceria.

Quando um amor está latente, não há tentações que valham o sacrifício. Quando uma pessoa ama em estado profundo, os seus sentidos estão bloqueados, o seu corpo está fechado. É preciso ser muito frio para amar e trair. Isso ocorre, principalmente com os homens. Mas somente em homens com fraca formação de caráter.

Os casais deveriam ter mais cuidado com as coisas que fazem no calor da raiva. Durante a certeza do rompimento, uma estranha segurança norteia o coração magoado. E as pessoas cometem imensas besteiras, às vezes irremediáveis. É importante a lembrança das tolices passadas, para silenciar as tolices presentes e evitar que o coração aja de novo em lugar da razão. Deve-se milimetrar todas as palavras enquanto se está imbuído de sentimentos negativos. Isso não é fácil, mas é necessário, uma vez que o corpo está tomado por adrenalina e a mente, pela pior química: os pensamentos incertos. Medir palavras. Quem consegue, tem por mérito o direito de ser um vencedor.

Ana não pensava em mais nada quando chegou ao edifício da faculdade de Letras. Caminhou em direção à sala do orientador de Jaime. Olhou pelo basculante e não encontrou ninguém. Sentia fome. Foi para a cantina, sabia o que queria comer: misto- quente e Coca-Cola. O mesmo lanche que fazia no internato e, depois, em todos os colégios que frequentou. Era a mesma Ana de sempre, que adorava misto-quente de chapa. Somente o refrigerante tinha mudado, era diet. Comeu satisfeita seu lanche. Estava aborrecida de ter que procurar Jaime, não queria que nada daquilo tivesse acontecido, porque não queria magoá-lo. Gostaria de voltar o tempo, mudar suas palavras rudes por outras mais gentis. Não faria nada para aborrecer Jaime naquele momento. Esqueceu-se de seus desejos de liberdade. Voltou a pensar que ainda queria Jaime ao seu lado, mais por compaixão e constrangimento do que por verdadeira vontade. Levantou-se e subiu as escadas que dão na biblioteca. Jaime estava lá, sozinho, diante de um livro. Ana se aproximou e sentou diante dele. Jaime assustou-se de ver Ana ali, como que vinda do nada. Sorriu.

– Vim perguntar se você vai querer que eu faça o almoço.

– Se não der trabalho...

– Não. Não é trabalho algum.

Sorriram, Jaime pegou na mão de Ana.

– Desculpe.

Ela se sentiu culpada de novo. Porque não aguentava mais. Na realidade, não se aguentava mais. Queria dar um tiro na cabeça. Desde pequena, lutou para disfarçar sua insatisfação consigo mesma. Até convenceu-se, em certos momentos. Convenceu outras pessoas também. Lutou para ser amada, mas não se suporta o suficiente, então luta para perder quem a ama. Nunca conseguiu acreditar piamente no amor alheio. Nunca achou que merecesse. Queria, naquele momento, sentada diante de Jaime, dar um tiro na cabeça. Acabar com tudo. Dar um tiro na têmpora. “Dar um tiro debaixo da axila esquerda.” Ana pensava que este era o tiro da morte certa. Uma vez escutou um policial falando isso, quando foi dar parte de um assalto que sofrera. Queria atingir sua axila com um tiro redentor. Colocar fim à sua inútil existência. Pois Jaime descobrira, e todo mundo deveria saber, que ela não presta para nada, além de infernizar a vida daqueles que dela gostam. Sua mãe já lhe havia dito várias vezes que ela era uma “merda mesmo”. Era como ela se sentia, enquanto Jaime segurava sua mão. Uma merda.

A briga entre Ana e Jaime acabou ali, na biblioteca. Ela se sentiu verdadeiramente triste em ser tão instável e emocionalmente malformada. Ele, apesar de todo o seu amor, começava a temer pelo futuro, ficando ao lado de uma mulher tão incompreensiva. Mas estava disposto a tudo por ela e, ali na biblioteca, jurou mais uma vez o seu amor eterno. Ana apenas escutou. E mais tarde fez um almoço delicioso para o homem que tentava fazê-la se sentir, enfim, amada e protegida.

Antes das pazes, antes mesmo de Ana ir atrás de Jaime na biblioteca, e até antes de ela comer o seu “misto-quente do passado”, Jaime havia feito algo que, se não houvesse ocorrido a briga, ele jamais teria pensado: inscreveu-se num intercâmbio universitário. Estava tão irritado com sua mulher, por ela não

entender a sua dedicação ao mundo acadêmico e às suas obrigações, que preencheu o formulário na Secretaria. Afirmou estar disposto a receber um estudante estrangeiro por quatro semanas. Em troca, teria o mesmo tratamento quando se formasse, para um rápido curso no país eleito.

Foi a segunda grande precipitação de Jaime em apenas dois dias. Havia falado para Ana que ela era uma inútil. Uma maneira mais rápida de dizer: “Você não sabe fazer nada que preste, não tem talento algum, não escreverá o romance, pois não sabe como fazê-lo.” Diante da gravidade do que ouvira – “... sua vida inútil...” –, de certa forma, Ana reagiu bem. Ficou irritada, mas não exatamente por ter escutado a verdade nua e crua. Ela estava muito mais aborrecida e enciumada do que magoada. Era a natureza possessiva de Ana se manifestando. Ela é ciumenta. Decididamente ciumenta. Mesmo que o seu amor por Jaime já estivesse esmaecido, Ana não suportava o domínio que o tal professor tinha junto a ele. Sim, isso era uma tolice. Assim como também é sentir ciúmes de amigos, de carros, de *hobbies* ou da profissão. Há, neste sentimento descontrolado, uma reação substitutiva. O ciúme existe, e, quando não existe um motivo real – no caso de Ana e Jaime, uma amante –, ele pode aflorar até diante de uma ingênua aquisição material. Por exemplo, um CD. Uma vez, Jaime comprou um disco de João Gilberto. Assim que chegou em casa, colocou o CD no aparelho de som e sentou-se no sofá. Escutou a primeira música, escutou a segunda e serviu-se um uísque. Pronto, estava feita a confusão: uma tormenta de pensamentos invadiu a cabeça de Ana. “Um cantinho, um violão. Este amor e uma canção, pra fazer feliz a quem se ama” foi o suficiente para que ela assistisse mentalmente à cena de Jaime com outra mulher. Não uma mulher daquele presente, mas uma que ele tenha amado no passado. O fato de ele ter amado outras mulheres era apavorante e certo. Afinal, dificilmente um homem naquela idade não teria amado. E amou: amou Lúcia, uma jovem com quem estudara no ensino médio. Amou Aline, uma moça rica, com quem chegou a noivar. Amou Clara, Paula, e outras de que nem mais se lembra. Desde pequeno era inclinado a amar. E poderá amar uma médica com tanta intensidade quanto ama

uma cantora. Ele é assim e, mesmo agora, sofrendo por Ana, seu coração já começa a se recuperar, esperando um novo amor. Amará Sílvia, Cláudia, Raquel... Amará, acreditando que aquela é a mulher de sua vida. E que nunca amou tanto quanto naquele momento. E que nem Sandra, nem Bel, nem Carla eram merecedoras de seu amor. “Já conheço os passos dessa estrada, sei que não vai dar em nada.” E seu coração acreditará novamente naquelas verdades que ele próprio inventa.

Assim que Jaime se sentou, pela segunda vez, para beber o seu uísque e escutar o seu disco, Ana teve vontade de jogar o aparelho de som pela janela. Possivelmente, Jaime nem se lembrava de nenhuma ex-namorada. Talvez até ouvisse, nas letras, o seu amor por Ana. Mas ela traduziu aquilo como uma traição. Para os ciumentos, lembrança é traição. E, então, passou para lá e para cá, pisando com força. Lavou com uma fúria barulhenta algumas louças na pia da cozinha. Jaime continuou distraído, cantando junto com João Gilberto. Fez, involuntariamente, com que Ana transformasse seu ódio numa profunda tristeza. Largou as louças, algumas ainda ensaboadas, para se sentar numa cadeira da cozinha. Ali, pensou no amor. Percebeu que o amor se repete sem pudor. Ele é sempre o mesmo. Mudam-se os personagens, os textos. Ou até não, se diz: “Te amo como nunca amei na minha vida”, “Você é o meu grande amor”, “Te amarei sempre”, para todos que se ama. Uma música romântica serve para vários amores. Exatamente esta foi a questão que aborreceu Ana. Ela queria inventar músicas para Jaime escutar e lembrar-se somente dela. Ela gostaria de ir a lugares que ambos nunca tivessem ido, para assim criar “lembranças limpas”.

Levantou-se da cadeira, empurrou as louças na pia da cozinha, passou por Jaime na sala, ele a chamou:

- Ana!
- O quê?
- Gostou do disco?
- Eu odeio João Gilberto.

Mentira. Se fosse Milton Nascimento, ela diria, assim que Jaime colocasse o disco: “Tira essa merda!” E nada teria

acontecido de mais doloroso. A questão é que João Gilberto deixa Ana comovida. Possivelmente, até tenha escutado suas músicas enquanto amava Vinícius. Mas não era a imagem de Vinícius que aparecia na cabeça de Ana. Era Jaime amando outra.

Com o tempo e a convivência, Jaime passou a compreender quase todas as idiossincrasias da esposa. Para evitar aborrecimentos, por exemplo, ele deixou de ouvir João Gilberto. Mas nunca esteve disposto a abrir mão de sua relação com o seu orientador e, principalmente, com a universidade. Por isso, naquela noite, depois de ter dito para Ana que a vida dela era uma inutilidade, Jaime foi dormir na casa de um colega de turma e, assim que acordou, foi para o campus, fazer umas pesquisas na biblioteca. E também por isso, no instante em que entrou no prédio de Letras, parou diante do cartaz que anunciava o intercâmbio universitário.



“O fedor é uma punição para os bem asseados. É dele que fogem todos aqueles que não se limitam a uma higiene básica: água nas axilas, ânus, pés e genitais – as partes do corpo humano mais sujeitas a expansões atmosféricas. Para o bem asseado, qualquer chance de mau cheiro é eliminada com precisão por desodorantes, perfumes e outros produtos de limpeza íntima. Os franceses são grandes produtores desse universo ilimitado, que são os cosméticos e afins, principalmente as loções. Perfume francês talvez seja uma das maiores invenções de todos os tempos. São milhares de fragrâncias, centenas e centenas de misturas mágicas, que fazem com que homens e mulheres vivam mais felizes, exalando de seus corpos odores que atraem e dissimulam. Pode parecer ironia mas, no caso dos franceses, mestres da perfumaria, possivelmente nem toda a química do mundo conseguisse dissimular sua vocação odorífica.

Uma carniça ou um esgoto podem feder, é compreensível e admissível dentro de alguns aspectos. Mas permitir que o corpo cheire mal é algo que alcança os limites do intolerável. Porque é

dever do ser humano a autocrítica do corpo. E esse cuidado permanente revela-se de fácil manutenção, uma vez se tendo fartura de água à mão. O resto – águas-de-colônia, talcos, extratos de qualquer qualidade – é firula, perto da primordial água. O Homem poderá, então, finalmente feder, caso se encontre no deserto. Mesmo assim, sozinho. Deve se recolher a alguns metros de solidão e feder. O exercício do fodor deve ser solitário, por respeito e amor-próprio.

A ideia de que a questão ‘feder ou não feder’ é de cunho antropológico mostra-se, aliás, discutível. Poderá ser cultuado o mau cheiro em tribos primitivas, no meio de uma mata virgem, em plenos quarenta graus. Fora isso, não. Não é explicável um francês se deixar feder.”



Durante o tempo que antecedeu a chegada de Antoine ao apartamento de Ana e Jaime, ela estava radiante com a sua nova grande descoberta: a natação. Sua súbita dedicação ao esporte fez com que aprendesse rapidamente a nadar corretamente e passasse para a piscina olímpica. Havia dois inconvenientes nesta mudança: a piscina olímpica não tinha aquecimento e era totalmente descoberta. Ana saía da água com as mãos e os pés roxos, como os de um cadáver. Mas, aquilo passou a ser a sua grande alegria e nada poderia comprometer a confiança de que se tornaria uma grande nadadora. Talvez, até, ser uma campeã veterana. E, desta forma, esmaeceu, mais uma vez, em Ana, a certeza de sua incapacidade de realizar o romance. Nessa época, ela e Jaime deixaram de tocar no assunto. Era estranho, pois, de alguma maneira, aquele silêncio denunciava a falta de intimidade real entre os dois. Ou não, melhor ainda, o tato que tinham a respeito daquilo que era sensível a eles. Jaime sabia que a mulher havia passado os últimos meses dedicada ao romance, tinha conhecido Ana como uma escritora. Com o decorrer do tempo, acabou por perceber que ela não tinha nenhuma obra para apresentar. Havia, sim, lido alguns poemas, algumas prosas e pequenos ensaios. Vislumbrava na esposa um certo talento, mas isso é comum nas pessoas apaixonadas: ver

aquilo que muitas vezes não existe. Mesmo porque, talento é coisa para bordadeiras e não para escritores. Tal arte, para ser bem-feita, precisa de gênio. Afinal de contas, eles não estavam falando de livros sobre anjos, estavam à espera de um grande livro. Calaram-se. Passaram os dias, este assunto morreu. Ana se ocupava da casa e da nataçãõ, enquanto as aulas da faculdade não começavam. E Jaime terminava a sua monografia, totalmente ausente daquilo que o aguardava. O francês.

No auge do calor sufocante de verão, Antoine apareceu no apartamento do casal. Ana só foi avisada desta “invasãõ” uma semana antes da chegada do rapaz. Brigaram. Desde o dia em que o marido tinha preenchido o formulário, declarando-se apto a receber um estrangeiro, que não discutiam. E este segundo desentendimento teve um sentido terminal para Ana. A partir dali, ela somente estaria aguardando um “motivo maior” para acabar seu casamento com Jaime.

– Eu não acredito! Não acredito!

– Ana, não tem o menor cabimento este espanto. É um estudante, vai ser bom este intercâmbio.

– Que coisa ridícula! Ele vai nos chamar de “tio” e “tia”, por acaso?

– Não seja tão irracional... É importante pra gente ter uma chance de um curso na França, isso nos abre uma porta.

– Eu? Eu vou fazer o que na França? Jaime, você está louco, você está completamente fora de si.

– OK. Eu pensei em mim quando aceitei isso. Porra, você não entende, né, Ana? Você não compreende que, por mais que você me ache pequeno e medíocre, eu pretendo ter uma vida acadêmica segmentada. Isso, pra mim... Bom, foi naquele dia... Eu pensei que a gente ia terminar e... Sei lá, porra!

– “Sei lá”? Você se alistou para receber um estranho em nossa casa. Pensava que eu estaria onde? Na puta que o pariu, por acaso?

– Não adianta baixar o nível, agora.

– O que adianta, agora? Um tiro na minha cabeça?

– Para de dramatizar! É só um cara que vai ficar aqui em casa uma semana, mais nada.

– “Mais nada”. Você acha pouco? Queria que fosse o quê? Um paquistanês? Um terrorista sérvio? Já não basta eu ter que aguentar um sujeito estranho, dormindo na minha casa? Falando uma língua que eu não entendo e... E... Porra! Não, não e não!

– Agora não tem mais jeito.

Ana cogitou ir para a casa de Elisa, unindo a necessidade de fuga a uma visita ao bebê, que ela ainda não conhecia. Mas achou muita “petulância” ter que sair de sua própria casa, para que Jaime pudesse hospedar um “idiota qualquer”.



O tipo de pessoa que tira o chapéu da cabeça dos outros. Aquele que não tem a menor ideia da quantidade de coragem e raciocínio que foram gastos por quem vestiu o chapéu. Simplesmente vai até lá e arranca a peça da sua cabeça. Rindo. Achando engraçado. “Maneiro.” “Legal pacas.” Assim era Antoine. Um rapaz de vinte e sete anos, que achava “legal” conhecer o Terceiro Mundo, a “literatura latino-americana, aquela coisa surreal de personagem criar asas e expelir formigas pelo nariz”. Ele dizia sempre que podia que “a literatura daqui tem um Fellini louco desenhando filmes”. Quando Ana ouviu isso pela segunda vez, comprovou a sua dúvida: “Seria melhor que esse panaca não falasse português.” Mas falava. E falava. Havia aprendido com “uma pessoa com que eu me relacionei”, que era de Portugal. Ana desconfiava que essa “pessoa” fosse um homem, um gay. E essa relação rendeu ao francês a paixão pela Língua Portuguesa. Então fazia questão de sobrecarregar, falando feito um papagaio de português. Ana tinha síncopes internas.

No dia em que comemorava uma semana de Brasil, Antoine, num ímpeto de gentileza, comprou algumas garrafas de vinho. “Para compensar o fedor”, alegou Ana, que rapidamente deu cabo das garrafas. Concluiu que a melhor coisa a fazer era ficar bêbada. Levemente. Fazia frio e, pelo menos dessa maneira, era capaz de aguentar “aquele chato”. Ficou ouvindo o que ele dizia com um cálice na mão, rindo, também levemente. Mas pouco ouvia de fato. Só quando o assunto era um enorme disparate

engajado. Do contrário, lembrava de coisas. Algumas lembranças que nunca a deixam. Um repertório de memórias, ao qual Ana recorre quando precisa se abstrair. Como uma matéria que um dia leu num jornal. Dizia que havia sido feita uma limpeza no canal de esgoto do Leblon e que tinham descoberto pés de tomates vivos no fundo da podridão. E que isso se devia aos caroços da fruta, que mais parece legume, vindos dos intestinos humanos. Os caroços do tomate não são digeridos. Ana ficou com aquilo na cabeça. Regularmente se recorda da notícia. Imagina que todos os Homens conseguem reproduzir com as suas entranhas pés de tomates. E, como odeia a ideia de reproduzir, nunca mais comeu tomates sem tirar cuidadosamente os caroços.

Coisas que Ana pensa sempre. Uma centena delas. Algumas aparecem com maior frequência, outras só de vez em quando. Um dia disseram para Ana que antigamente as aeromoças eram obrigatoriamente bonitas. Mas que, com o tempo, perceberam que aquilo não era um boa coisa – afinal, as mulheres bonitas têm mais chances de casar. Péssimo negócio, porque logo as companhias aéreas perdiam suas funcionárias. Tendo que pagar licença de maternidade, rescisão de contrato e outras burocracias que somam quantias enormes. Agora, Ana repara que, de fato, as aeromoças andam bastante feias. Muitas dentuças fazem parte dessa profissão, antes tão encantadoramente representada por belas senhoritas. Quando Ana era pequena, ficava sonhando com a ideia de ser aeromoça. Mas não com afinco. Apenas pensava como deveria ser maravilhosa a vida daquelas mulheres, que pareciam livres, repletas de aventura e belos homens de terno italiano.

Gafes. Ana também adora lembrar-se de gafes. Algumas dela mesma, outras que contaram para ela, ou que até presenciou. Celina, uma amiga de Elisa, contou uma gafe que havia cometido, e que volta e meia faz Ana morrer de rir – ela sente um prazer mórbido em imaginar essas situações, nervosas e engraçadas. Uma noite, Celina tinha saído com uns amigos e, como sempre, ficou um pouco alta. Seguiu o processo que já se tornara tradicional: beber rapidamente, com uma sofreguidão de

náufrago, ficar engraçadíssima e depois entrar em rápido declínio, causando mal-estar e caindo de sono. Justamente entre o estágio “engraçadíssima” e o do mal-estar, ela confundiu Enoli Lara com Sandra Bréa, demonstrando pesar à primeira pela doença da segunda, e oferecendo seu apoio à boquiaberta – tanto na bunda quanto na boca – Enoli, que nada entendeu.

Outra que Ana gosta é da própria Elisa. Mas, neste caso, nem gafe é, e sim uma das muitas histórias que sua melhor amiga simplesmente inventa, com notável talento. Disse Elisa que, no início da década de 1980, havia conhecido Ney Matogrosso. Nesta época, Fagner começava a fazer sucesso e Elisa havia arranjado um emprego de repórter cultural para um jornaleco nordestino – armação do amante, editor do tal jornal, que arrumou um encontro com Ney Matogrosso, num quarto de hotel. O que Fagner tem a ver com isso? Ele estava no quarto, como acompanhante do ex-Secos e Molhados, vestindo um roupão e sem cuecas.

E enquanto isso, enquanto Ana se lembra de tolices que lhe cobrem a mente feito um velho edredom, Antoine despejava na sua frente toda a sua “leprosa cultura europeia”. Ana olhava para aquela cara cheia de marcas de espinhas, de uma cor leitosa, bege, como um café com leite bem fraquinho, e ainda pouco escutava. Apenas se desviava de seus pensamentos para notar que os óculos do palestrante estavam cobertos por uma camada de gordura e impressões digitais. Deixou de lado as mentiras de Elisa e pensou sobre a existência dos óculos em geral, detendo-se naquele em particular. “São tão nojentos, parece que conheço sua cueca amarelada de mijo. Olho para esses óculos e imagino os seus genitais. Vou vomitar.” Mas não vomitou, pelo menos não naquela hora. Abriu outra garrafa de vinho tinto. Serviu-se, somente. Jaime percebeu a má vontade da mulher e serviu o convidado e a si próprio. Ana olhou para Jaime, com os seus olhos vermelhos. Estava toda vermelha. A bebida tinha deixado sua aparência especialmente diabólica. Jaime retribuiu o olhar de Ana, teve vontade de rir, afinal também achava o estrangeiro um idiota. Não com a convicção da esposa. Não tem o fervor de Ana para odiar tanto uma pessoa. Odiar, na verdade, nem seria o

termo certo. Desprezar. Jaime não tem a urgência emocional de Ana. Uma urgência que necessita de diagnósticos. E, para ela, Antoine era decididamente “um porcaria”, “que arrasta essas sandálias porcalhonas de couro e ama MPB”. Nascido em Lyon, mas com postura de parisiense, Antoine já havia publicado um livro. E estava quase convencendo Jaime a traduzir o texto para o português. Ideia que Ana, assim que pôde – enquanto Antoine foi ao banheiro – dissuadiu da cabeça do marido. “De jeito nenhum! Você estará comprometendo a sua inteligência fazendo isso.” Jaime concordou mais uma vez com Ana, mas não estava disposto a ser mal-educado com o rapaz. Passou a fazer “cara de paisagem”, escutando com paciência e falsidade todo o blá-blá-blá a respeito do tal livro. Era algo que envolvia informática: um romance entre quatro pessoas via internet. Mais tarde, Ana resumiria assim toda a história para o marido: “Essa punheta de internet pra lá e internet pra cá.” Porém o romance não parava apenas nisso, tinha também um crime e uma sessão de regressão coletiva por computador, onde todos os personagens descreviam o que haviam sido em outras vidas. Um tinha sido um alquimista na França do século XIV, outro um nobre da corte vitoriana, uma teria passado o pão que o diabo amassou como corista e, por último – talvez em homenagem ao seu amante português –, um poeta dândi lisboense. “Só faltava ele dizer que é a reencarnação de Gérard de Nerval” – ironizou Ana, logo após afirmando que “Isso não seria possível, pois Paulo Coelho já recebe esse santo”.

Antoine retornou do banheiro com a mesma expressão impávida de intelectual, que havia adotado desde que começara a beber naquela noite. Ana estava tentando escolher um CD para escutar. O francês sugeriu “algo baiano”. Ana colocou Prince. 1999. Deixou de lado o seu cálice de vinho e começou a dançar. Dançou e cantou. Cantou tudo errado e bem alto. Jaime se controlou para não rir e puxou um assunto qualquer com Antoine, para disfarçar. Mas Ana cantou mais alto: “*Night, night, night.*” O sujeito olhou para ela, intrigado. Então foi a vez de Jaime, inspirado na esposa, cometer a sua maldade: insistiu que Antoine dançasse um pouquinho. De início, ele relutou, depois teve que

sucumbir timidamente. Ana segurou o hóspede pelas mãos e o fez girar, pateticamente, como se brincassem de “atirei o pau no gato”. Jaime se contorcia na cozinha, abafando os risos com falsas tosses. Precisou tomar um copo d’água sem respirar para conter as gargalhadas. Quando voltou para a sala, Antoine estava sozinho, próximo à janela. Havia em seu rosto um sorriso meio estranho. Jaime somente entendeu de que o sorriso se tratava quando notou que Ana tinha vomitado em cima dele. Neste instante, ela retornou à sala, com o rosto e os cabelos molhados. Vestia uma camiseta velha de Jaime, deixando suas pernas longas de fora. Ana trazia na mão um pano de chão. Jaime ficou em silêncio, encantado e curioso com aquela aparição. Foi rápida, a limpeza que ela fez no chão. Antoine aguardou sua vez de ter o pano e tentou em vão limpar a calça e a blusa. Foi quando, para surpresa de todos, Ana disse que “Faço questão de lavar o que eu sujei”. Não adiantou o “Não, não é preciso”, do desconcertado rapaz. Jaime interveio, tentando convencê-la de que “Amanhã você leva para lavar no Lave-Self”. Nada feito. Ana abriu o cinto de Antoine, depois abriu a braguilha e começou a descer as calças jeans. Ele segurou as calças com força e determinação, enquanto Jaime tentava erguer a mulher, que estava ajoelhada para melhor puxar a fétida roupa. Essa cena embriagada só teve fim alguns minutos depois, com o rapaz cedendo e entregando as calças, depois a blusa. Ana levou as peças imediatamente para a lavadora automática. Colocou sobre elas um copo de água sanitária. E assim amanheceu: a roupa de Antoine, manchada e ainda suja, dentro de uma máquina de lavar desligada.

Jaime e Ana mal conseguiam encarar a visita. Durante o dia, ainda era mais fácil, pois Antoine passava horas enfiado na faculdade. Ou passeando pela cidade. Mas à noite a coisa piorava, o rapaz deitava no sofá da sala e lia durante horas. Livros e mais livros, todos da biblioteca do casal anfitrião. Ana e Jaime. Ambos aborrecidíssimos com aquela presença desinteressante, cada qual buscando mais e mais motivos para odiá-lo. A sua escova de dentes velha, os chás amargos que tomava, a sua curiosidade por tudo que fosse tropical etc. O que

mais incomodava Ana era o fato de ele não demonstrar a menor noção de que estava sendo malquisto. Ela jurava que aquilo era encenação, “Pão-duro como todo francês, jamais aceitaria o fato de ir para um hotel”. Jaime era de opinião contrária, “Ele não percebe, essa gente não se toca de jeito nenhum”.

– Então o que devemos fazer? Cuspir na cara dele?

– Você já vomitou e não adiantou nada.

Riam, essa história acabou por se tornar bastante divertida para os dois. Obrigados a fugir de Antoine, Jaime e Ana voltaram a sair à noite. Numa quinta-feira, quando o francês recebeu um casal compatriota, Ana propôs ao marido que fossem a uma boate. Arrumaram-se, enquanto bebiam duas doses de uísque. Estavam realmente animados. Ana vestiu um minivestido que deixou seu corpo voluptuoso. Era um vestido simples, antigo, mas que a deixava muito bem. Aquelas peças do vestuário a que as pessoas se apegam, devido à sua honestidade. Coisas à toa, que valorizam o corpo e dão segurança a quem usa. O minivestido preto de malha, comprado num grande magazine por uma mixaria. Ana amava aquele vestido velho. Perdeu-o na mudança, após separar-se de Jaime.

Naquela noite, a última vez em que usou o vestido preto, Ana estava disposta a dançar até a boate fechar. Fazia tempo que não dançava, exatamente desde o seu aniversário, e queria se “arrebentar” na pista de dança. Maquiou-se com simplicidade, mas fez questão de colocar com cuidado o batom vermelho-escuro. Depois de pronta, achou a cor um pouco excessiva mas, apoiada por Jaime, manteve os lábios como estavam. Prontos, os dois resolveram tomar uma última dose na sala, com os “convidados”. Ana apareceu, causando um certo rebuliço, e foi direto para o aparelho de som. Não poupou esforços: colocou Madonna. Somente aí, cumprimentou a todos.

– Não, eu não gosto dela.

Afirmou a francesa sobre Madonna, depois que Ana disse-se apaixonada pela cantora.

– Não gosto. Acho-a vulgar.

– Mas aí é que está. Ela é vulgar, e isso é maravilhoso.

Ana estava excitada pelo uísque e danou-se a falar sobre Madonna.

– A mulher é do caralho! A maior feminista de todos os tempos. Ela fez muito bem para as mulheres: colocou cinta-liga, sutiã meia taça, meia arrastão e começou a chupar pau, na cara de todo mundo. Não ficou gritando pelos direitos das mulheres. Fez o que bem quis e mostrou que toda mulher pode fazer o mesmo.

– Você tem fantasias com Madonna?

“Que pergunta estúpida!”, pensou Ana.

– Que pergunta estúpida!

Mal-estar geral. Ana disse o que havia pensado, em resposta à pergunta estúpida da francesa.

– Por que “estúpida”? Te incomoda assumir que deseja uma mulher?

– Eu? Hum, eu acho até engraçado esse assunto tão antigo. Mas se você quer saber, eu já trepei com mulheres, e concluí que o melhor a se fazer com elas ainda é ir ao shopping. Eu adoraria fazer compras com a Madonna. Isso, para mim, seria bastante excitante.

Ana aumentou a música “Like a Virgin”, terminou seu drinque e convocou Jaime a partir. No carro, riram a valer da cara da fulana. A mesma que, dias mais tarde, viria a ser flagrada por Ana vulgarmente felando o pênis de Jaime.

Na boate, Ana cumpriu o que havia prometido: dançou a noite inteira. E, a cada música, ela sentia que mais se aproximava do seu passado, dos seus passos queridos. Seus ouvidos recebiam a música, deixando Ana envolvida por uma onda de ritmo, que conduzia seus movimentos. Não estava interessada em mais ninguém. Nada conseguiria chamar sua atenção. Poderia ocorrer um assassinato na pista de dança que ela não teria nada a contar. Não serviria de testemunha para nada. Dançava. Numa particular leitura das músicas, num tom diferente das outras pessoas ao seu redor. E isso fazia dela a mais bela dançarina dali ou de qualquer outro lugar onde estivesse. Sentia-se a mesma Ana do porão infecto que frequentava na adolescência. Quando fingia ter mais idade do que na verdade tinha. Dançava

sozinha, sem enxergar nada, nem ninguém. Os vários olhares que a seguiam não a distraíam de seu transe. Estava repleta.

Jaime ora dançava, ora assistia à beleza da esposa, ora observava o efeito que a sua dança causava nos outros observadores. Em alguns momentos, entre uma música e outra, ele ia até ela e lhe servia um gole de sua bebida. Era o seu guardião. Jaime adorava aquela mulher e se apenas tivesse que fazer isso – servi-la –, para o resto de sua vida, ele estaria satisfeito. Pelo menos, naquela hora, achava que sim. Assim é a vida: você acha alguma coisa, com muita certeza, em determinado momento, e vaticina como verdade. A vida é feita de verdades fugazes. Como a de Jaime, naquele momento. A vaidade dele começava e terminava em Ana. Ana era um sonho realizado. Pessoas como Jaime podem ser consideradas felizes, pois são volúveis e crédulas de seus amores. Jaime acreditará muitas vezes ter se realizado em muitas mulheres. E, naquele instante, quando Ana dançava com o seu vestidinho roto, ele teve certeza de que aquela mulher era um sonho realizado. Ia até o seu sonho a cada intervalo, para dar-lhe o que beber e ganhar em troca um sorriso ou um beijo. Ele tinha, para si, a mulher mais linda da noite em qualquer lugar do mundo.

# 15

Ana está aborrecida com o acontecimento no McDonald's. Já não tem vontade de olhar mais nada no shopping. Inclusive, sente-se até arrependida de ter ido até lá. “Antes eu tivesse ido pra casa. Não adianta nada sair nesse buraco dessa cidade horrorosa.” Mas não quer ficar chateada à toa, quer aproveitar o cabelo novo e se concentra para esquecer o desgaste da lanchonete. “Ficar me aborrecendo por nada. Se eu continuar assim, antes dos quarenta eu tô com câncer. Credo! Não! Desdigo isso, não estarei com essa doença quando estiver com quarenta anos. Com quarenta anos estarei casada com um homem bem rico.” Acha engraçado este pensamento. “É mesmo, um homem bem rico, bonito, que eu ame. Nossa! Como estou animada, daqui a pouco estarei me imaginando com um homem rico e filhos louros, com olhos azuis.” Ana volta para casa, enquanto pensa no homem-ideal-para-os-quarenta-anos. Não tem mais pensado em Jaime. Nas primeiras semanas, depois da separação, não parava de pensar se havia ou não feito a coisa certa. Chegou até a ficar deprimida, sentindo-se arrependida. Enquanto tirava as suas coisas de dentro das malas, chorou compulsivamente. As suas coisas. As suas coisinhas queridas. Para lá e para cá. Entrando e saindo de dentro das malas, dos sacos de plástico do supermercado. Ficou realmente sentida por ver tudo aquilo jogado no chão. Seus potinhos, suas quinquilharias repletas de lembranças. Deitou-se no meio delas, queria abraçar tudo aquilo. Uma daminha antiga, de porcelana, com o braço quebrado. Um gato de plástico verde-musgo, uma bonequinha nua de cabelos longos, que seu pai tinha dado para sua mãe quando ainda eram namorados. Um monte de cartões-postais com fotos de escritores, bijuterias, um pedaço de madeira que um dia um mendigo lhe dera na rua, dizendo ser mágico. Alguns guardanapos com “frases geniais” que anotara nos bares. Alguns recortes de revistas ou jornais. Dentre essas coisas, jogadas no chão, Ana encontrou uma fotografia que havia recortado de uma revista de turismo. Era uma pequena rua com várias casinhas

brancas, rústicas, todas iguais. Ana não se recordava mais daquela foto e, quando a reencontrou, ficou emocionada. Aquela foto havia, por uns dois anos, ficado colada na parede diante da sua escrivaninha. Toda vez que ela se sentava para tentar escrever ou estudar, olhava para a fotografia e imaginava-se dentro de uma daquelas casinhas. Iria levar uma vida simples. Teria uma cama espaçosa, com lençóis brancos, uma cabeceira com um abajur e uma garrafa de água, uma poltrona e uma grande mesa, onde escreveria os seus livros. Tudo branco. Teria também um aparelho de som. Nele escutaria Satie, Chopin, Chet Baker, Cartola, João Gilberto... Músicas que a conduziram a frases perfeitas. Só não iria haver um lugar para guardar as suas coisinhas. Todos os cacarecos de lembranças. Não haveria, pois pra esta casa – em Málaga – Ana não levaria sua memória. Ali, ela gostaria de estar despida de tudo. Queria o branco. O esquecimento.

Ana ficou olhando aquela foto, que nem fazia parte de um passado, assim, tão distante. Há no mundo sonhadores que carregam fotos de castelos que pretendem conhecer, de praias onde gostariam de morar. Ana havia sido, em algum momento, daquele jeito. Não importava se morava num quitinete, pois havia a fotografia da casa em que um dia moraria em Málaga.

Naquele instante, deitada no chão, teve um ímpeto de rasgar a fotografia e dar fim a todas aquelas coisas que levava consigo há tantos anos. Mas, mesmo sabendo que provavelmente jamais morará em Málaga e tampouco conseguirá realizar algum desejo pedindo ao pedaço de madeira, resolveu guardar tudo aquilo. Como se daquela maneira estivesse preservando, em si, toda a ilusão que já havia sentido. Não o sonho, mas a lembrança dele.

A última vez que viu Jaime, ratificou a sua necessidade de não voltar a vê-lo tão cedo. Não guarda mágoa, apesar de em alguns momentos preferir pensar que sim. Afinal, mesmo que intimamente saiba que não partiu dele o motivo da separação, acha mais cômodo acreditar nisso. O fato é que não quer ser sua amiga, não sente a menor falta de sua companhia, de suas opiniões. De seus hábitos, de sua maneira educada de falar “Bom-dia” para a moça dentro do elevador. “Quem disse que ela

quer ser interpelada por um estranho, a indagar sobre o seu dia, mesmo que seja para desejar sorte?” No final do casamento, Ana incomodava-se até com a respiração de Jaime, achando o processo por demais ofegante. “Odeio gente que faz barulho quando respira.” E assim o amor foi acabando. Caso ela não quisesse que isso acontecesse, seria necessário um pouco de tolerância. Tolerância nem é a palavra certa, talvez, cegueira. Um pouco de cegueira, surdez e silêncio. Quem cutuca, encontra e faz ferida.

Agora, voltando para casa, Ana até que gostaria de encontrar alguém. Mas não Jaime. E o fato de não encontrar com ele traz uma certa alegria, acabando por deixá-la feliz, mesmo que sozinha. Queria, é certo, mostrar o seu novo cabelo para alguém. Porém basta chegar em casa e olhar-se no espelho.

Entra no apartamento, respira fundo o cheiro de sua casa. Gosta do que sente. Reconhece, ali, a sua propriedade. Humilde, pouco espaçosa, mas sua. Pelo menos ainda durante o ano que se seguirá, do contrato. A secretária eletrônica anuncia recados. Ana alegre-se com a ideia de ouvir alguém. Escuta o aparelho. “Ana. Aqui é Elisa. Ana, você não sabe o que minha sogra fez: colocou a foto de Bianca no concurso ‘Bebê De Plá’. Estou morrendo de vergonha. E ainda teve a petulância de mandar escrever ‘Papai e mamãe sentem muito orgulho da filhinha top model’. Não, se algum amigo meu reconhecer essa porra, eu renego a criança. Digo que não é minha filha. É isso. Cadê você? Porra... Tchau, então. Um beijo.” Ana está rindo. Adora os recados da amiga. Adora a amiga. O outro recado é de Helena. Nele, ela diz que estará chegando logo à noite. Precisa contar algo para a filha. “Mas não se preocupe. É besteira. Tchau.” Impossível não se preocupar. Já está preocupada. A mãe? Fazendo-lhe uma visita para contar algo? Ana acha certo que seja algum problema grave. Imagina vários. Sente vontade de chorar. “Será que ela está doente?” Tenta se acalmar, não consegue, sua cabeça está repleta de desgraças e, quando isso acontece, ela tem a certeza de que todo o seu negativismo estará guiando os acontecimentos. Então tenta mudar o pensamento. Vai tomar um banho. Acha estranho a falta de

cabelo, mas sente liberdade na facilidade de tirar o xampu. “Vou gastar bem menos xampu.” Volta a lembrar da visita da mãe. Helena não pegaria um avião para contar algo sem importância para a filha. Ana está realmente tensa. Sai do banho e mal se enxuga. Ainda não anoiteceu. São quase seis horas, mas o dia lá fora ainda é claro. Os bichos de luz, com suas asinhas nojentas, começam a voar em volta das lâmpadas. Ana não suporta esses bichos, teme que eles comam seus livros. Odeia bichos mutantes, que deixam o rastro de seus corpos pelo chão. Está nervosa. Vai até o espelho e se acha bonita. Ana fica bem quando está tensa. Ela acha que sim, que fica muito bem quando está tensa ou deprimida. “Fico um pouco parecida com Debra Winger.”

## 16

Não se pode dizer que Ana tenha gostado de Antoine. De maneira alguma, aliás, isso ameaçou acontecer. Houve momentos em que os dois conversaram amenidades e Ana até conseguiu controlar a sua antipatia. Mas continuava torcendo para que o dia de sua partida chegasse o mais rápido possível. O maravilhoso dia quando não ia mais precisar ter cuidado com as suas vestimentas noturnas, quase sempre maltrapilhas e indecentes. Também torcia para o sumiço das cuecas do rapaz – que eram lavadas por ele mesmo e estendidas no pequeno varal da área de serviço. Durante aquelas semanas, Ana levou as suas roupas e as de Jaime para uma lavanderia próxima do apartamento. Somente para não ter que compartilhar o mesmo varal com as peças íntimas de Antoine. Jaime chegou a questionar se essa atitude não era por demais grosseira. Ana alegou que “O idiota não percebe essas sutilezas”. Jaime: “Não usar um varal vazio, com apenas meia dúzia de cuecas, não é exatamente uma atitude sutil.” Ela prometeu que inventaria uma desculpa. Tentou. Comentou com o rapaz que o cheiro das roupas lavadas em lavadoras automáticas era delicioso, que estava viciada nesse hábito, mesmo sendo um pouco caro de manter. Antoine ficou olhando para ela como se tivesse comprovado uma teoria. Sua anfitriã, definitivamente, não gostava dele. Jaime não aguentou o clima e perguntou ao convidado se ele estava pensando em fazer uma festa de despedida, antes de partir. A situação ficou pior. Ana se compadeceu, foi até Antoine e beijou o seu rosto. “Nós, brasileiros, somos muito estranhos, não é?” O francês respondeu que não e o assunto morreu. Dias depois, talvez por vingança, Antoine participou ao casal que estava disposto a dar uma festa. E fez questão de usar o termo “bota-fora”. Jaime e Ana não trocaram olhares, pois a cumplicidade dos dois podia ser sentida no ar. Mas não havia nada a fazer sobre o assunto. Ana ainda tentou mostrar, “sutilmente”, que talvez fosse melhor fazer o “bota-fora” numa boate, ou num bar amplo. Nada feito. Antoine

queria “Uma festinha no agradável apartamento que tão bem me acolheu”. O casal foi obrigado a consentir, devidamente apoiado numa conclusão de Jaime, que se baseava na hipótese de um dia precisarem de hospedagem na França. Ana sabia que isso era mais uma tolice da cabeça do marido. Afinal, jamais pensou em ir para a França, e muito menos para ficar na casa “desse pentelho”. Mas ela estava cansada de sempre ser “do contra”. Resolveu acreditar que talvez fosse divertido dar uma festa de despedida para um convidado malquisto. Imaginou até um convite: “Venha ao bota-fora deste bosta pentelhudo. Traga cachaça, pois o imbecil acha chique tomar bebidas nativas. E venha acompanhado de um integrante do Ilê Aiyê.” Jaime morreu de rir com essa ideia, mas fez com que Ana promettesse colaborar. Ela jurou que se comportaria. Até se ofereceu para organizar a festa. E organizou: calculou quanto precisaria de dinheiro para as despesas e apresentou as contas ao desconfiado Antoine. “O *chéri* ainda por cima é pão-duro, para piorar as coisas.” Mas acabou dando a quantia suficiente.

A despedida foi marcada para uma quinta-feira, pois Antoine viajaria sexta à tarde. Na lista, havia vinte e sete convidados. Mas depois que Jaime ouviu rumores sobre sua própria festa nos corredores da faculdade, avisou Ana que viriam no mínimo uns trinta e cinco. “O Antoine conheceu mais gente, passando só um mês aqui, do que eu durante todo esse tempo.” A constatação de Ana foi completada a seguir com o seguinte diagnóstico: “Essa mania de brasileiro de ficar chupando ovo de estrangeiro.”

Diante deste dado, e de outros, a despedida foi um verdadeiro festão. Pessoas chegavam a todo minuto, dentre elas alguns franceses. Ana estava atarefadíssima e preferiu tomar apenas cerveja. Jaime, enquanto isso, nervoso de ver tanta gente no seu pequeno apartamento, começou a tomar compulsivamente várias doses de uísque. Ana percebeu que o marido estava bêbado quando ele começou a dançar ritmos caribenhos. Sabia que aquilo seria motivo de uma enorme ressaca moral no dia seguinte e o alertou sobre isso. Disse que ele estava dançando como um mameluco. Jaime, tomado por um espírito latino e embriagado, mandou-a à merda.

– Vai à merda, Ana. Me deixa em paz!

Ana olhou nos olhos vermelhos de Jaime e foi para o quarto. Lá, se observou no espelho. Viu que estava abatida e que seu batom quase havia desaparecido, deixando apenas um contorno vermelho-escuro nos lábios. Dava a ela uma aparência gulosa, como se tivesse mastigado e bebido em demasia. Uma boca manchada. Isso, os lábios de Ana estavam mal pintados, como uma boca manchada após um churrasco. Ela pegou um Kleenex e passou com força no rosto. Lembrou-se de Glenn Close, em *Ligações perigosas*, tirando a maquiagem, arrasada, depois de ter sido vaiada por centenas de pessoas. Muitas delas, que já haviam chupado as suas tetas velhas e caídas. Lembrou-se de outra passagem, que, ao ler o romance, inspirou-lhe um poema. “Foge-me o controle.” Seus olhos se encheram de lágrimas, queria tanto ler aquele poema de novo. Foi até o armário e tentou alcançar as portas de cima. Não conseguiu, mesmo subindo em uma prateleira. Queria ler aquele poema de qualquer maneira. Lembrava-se de um verso, apenas: “São como meias de seda dentro de uma incubadora de vidro.” Queria ler o poema. Queria escrever outros poemas. Queria ser escritora. E sentia-se feia com a roupa que vestiu. Sabia que tinha que se controlar e voltar para a sala, voltar para os convidados que não eram seus. “Mas foge-me o controle.” Olhou-se no espelho, retocou a maquiagem. Estava bela, mas não se sentia bela. Abriu novamente o armário, buscando outra roupa para vestir. Pegou um vestido, mas não era aquele que gostaria de usar. Tirou outro e outro, jogando tudo em cima da cama. Sentia-se feia e nenhum vestido do mundo poderia ajudá-la. Ela, entretanto, não sabia disso – pelo menos conscientemente. Caso soubesse, colocaria um jeans e uma camiseta. E, mesmo ainda se sentindo feia, estaria confortável em sua amiga Levi’s 501. Mas a cabeça não é fiel ao seu dono nos momentos mais delicados. Ana queria ficar bonita e queria que todos achassem que ela estava linda. Jogou na cama e no chão todas as suas roupas. Tinha que ser rápida, para que ninguém sentisse sua falta. Pelo menos, pensava assim. Esquecia que numa festa, principalmente como aquela, ninguém ia se preocupar com sua ausência. Só se fosse necessário

buscar um pano de chão e catar os cacos de um copo quebrado. Ana não sabia disso. Não se lembrou do egoísmo humano, da vaidade que toma conta dos corpos junto com o álcool e outras fontes de poder, químicas ou não. Aquela não era uma festa de amigos. Era uma festa onde nada lhe dizia respeito. Mas Ana se esqueceu desse detalhe e ficou meia hora tirando e colocando roupas. Porque queria agradar.

Retornou à sala, vestindo uma saia preta, com uma fenda lateral, e uma blusa vermelha justa ao corpo. Nada mais inadequado para a insegurança que sentia. Jaime puxou Ana para dançar, assim que a viu. Ela foi obrigada a requebrar ao som de uma música cubana insuportável. Ana reagiu, com o corpo duro e sem ritmo. Jaime largou a esposa e se voltou para a francesa, amiga de Antoine, que por ali estava. A partir desta música, os dois dançaram o resto da noite. Enquanto Ana, enciumada, bebeu uísque.

Certa que de nada adiantaria um ataque de ciúmes, Ana decidiu se divertir. No mínimo, tentar se divertir. E mesmo aborrecida e insegura, jamais estaria desinteressante. É uma mulher atraente, afinal – apesar da preguiça que sente de demonstrar isso. Se Jaime estava se engraçando para a francesa, achou que não havia de ser ela a única comportada. Começou a dançar. Primeiro, tensa e desajeitada. Depois, com toda a sua força e em comunhão com a música. Dançou freneticamente, sambou como se tivesse sido criada numa roda de samba no morro da Mangueira. Chamou a atenção de todos os homens da festa para ela. Fez com que todos ficassem ao seu redor. E ora dançava com um, ora dançava com outro.

Em dado momento, alguém teve a ideia de partirem dali para uma boate de ritmos latinos. Ana, imbuída de raiva e teores alcoólicos, fez campanha para todo mundo ir. Jaime tentou apresentar alguns argumentos contra a proposta, mas sem muita convicção. Disse que Ana não teria como voltar para casa e que a boate ficava longe. Problemas logo solucionados, quando uma colega de turma de Jaime ofereceu sua casa para Ana dormir. “Ótimo! Eu vou.” Pegou dinheiro e um batom, deu para a tal colega colocar dentro da bolsa e se despediu do marido, crendo-

se magnânima. Algumas pessoas resolveram ficar, dentre elas a francesa. Mas Ana, apesar de enciumada, achou que sua atitude era mais ousada do que qualquer coisa que pudesse vir a acontecer. E liderou o grupo que bateu em retirada.

Já no carro, Ana começou a se arrepender de estar ali. A boate era realmente longe e ela não tinha a menor intimidade com a menina que ofereceu hospedagem. Sentia-se um pouco tonta e pediu para que abrissem os vidros da frente. O vento, em seu rosto, recobrou o seu ânimo. E no decorrer da pequena viagem, ela seduziu a todos com sua sagacidade e animação. Ao volante, ia um rapaz que havia estudado com Jaime no primeiro ano, mas abandonara o curso para morar na França. Ana não o conhecia pessoalmente, até aquela noite. Sabia apenas que era um cara do tipo sortudo, por quem todas as mulheres se derretiam, e de quem os homens morriam de inveja. Tinha retornado ao Brasil de férias, mas um problema qualquer com a família o obrigou a ficar mais tempo do que o previsto. Agora, estavam ali, todos dentro do carro importado do “boa-pinta”. Ana, com seu coração pressentindo dores e uma sensualidade vingativa espumando nos lábios. Ainda no carro, ela notou que o rapaz estava encantado. De vez em vez, ele olhava para Ana pelo retrovisor, e ela retribuía o olhar, não se deixando interromper na história que contava. Algo sobre quando se converteu ao judaísmo. Que depois de tanto sofrer perseguições familiares e sociais concluiu que tudo aquilo se devia a uma “Sarah” que ela tinha “nos ombros”. Como se fosse um espírito de sofrimento, que Ana era forçada a carregar. O rapaz ficou interessado, não se sabe exatamente se pelo assunto ou se por Ana.

– Muito interessante. Você acredita que isso deva ser uma reencarnação?

– Provavelmente. Não é possível que eu passe por tantas provações à toa. Qualquer idiota com senso psicanalítico poderá dizer que, na verdade, eu sofro de mania de perseguição. Mas a questão não é essa...

– Bom, talvez eu seja um idiota psicanalítico... Mas qual é a questão?

– A questão é que eu sofro perseguições reais. Por exemplo... Bem... Ah, sim! Quando fui comprar uma tevê. Eu tinha o dinheiro, por incrível que pareça, eu tinha dinheiro para comprar uma tevê. E simplesmente a porra da loja não me vendeu o aparelho. Eu passei quase uma tarde inteira sendo interrogada. Perguntas absurdas, do tipo: “Como que você arranhou esse dinheiro?”, “O que você faz?”, “Quem lhe deu?”.

– Mas eles desconfiaram que o dinheiro era falso?

– É lógico que eu não tinha a grana na mão. Era cheque, eles não acreditaram no meu cheque!

– O que você fez?

– Rasguei o cheque, xinguei a mãe de todo mundo, disse que eu tinha dinheiro porque eu era puta e fodia muito bem!

Todos dentro do carro riram. Pedro, “o boa-pinta”, ainda mais interessado, continuou:

– E onde entra o judaísmo?

– Ao sair dali, fui tomar uma Coca-Cola, bem em frente à loja. Eu fiquei olhando para a vitrine, vendo a tevê que eu podia comprar e não podia. Não podia por quê? Porque eu sofro perseguições sem sentido lógico, que só podem ser resultado de uma Sarah que eu tenho em mim. Um Jacó, um Abraão, sei lá que nome é. Só sei que acabei me convertendo...

– Eu sou judeu. Judeu, mesmo.

– Ah, é? Então podemos nos casar.

Pedro olhou para Ana pelo retrovisor. Ela mais uma vez retribuiu o olhar. É possível que ele tenha enxergado a tristeza daqueles olhos e teve vontade de largar o volante, se virar para trás e abraçar aquele corpo volumoso, mas delicado. Controlou-se.

– Agora que eu me lembrei! Não podemos nos casar...

– Por quê? Porque você já é casada?

– Não, isso seria fácil de se resolver. É porque eu me desconverti durante a Copa do Mundo. No jogo final, na hora dos pênaltis, eu tinha que fazer alguma coisa, e jurei que voltaria a ser católica se os italianos perdessem o gol. E pimba! O Brasil venceu! Graças à minha promessa... É claro.

– Sim, é claro.

Chegaram à boate e o lugar era exatamente da maneira que Ana temia que fosse: “lotado de mauricinhos, com seus carros possantes e suas garotas estúpidas, cheias de celulite e reflexo na cabeça”. Ela já chegou reclamando – apoiada por Pedro, que concordaria com qualquer coisa para agradá-la. O resto do grupo não deu ouvidos aos dois, foi direto para a pista de dança. Pedro e Ana foram para o bar da boate e pediram dois uísques com água mineral gasosa.

– Copo longo e muito gelo.

– Pra mim também. Ana, você é muito interessante.

– Não, não sou. Eu sou chata, entediada e inútil. Inútil, descobri recentemente, antes eu achava que era escritora. E você? Faz o quê?

– Você não vai acreditar!

– Você é *drag queen*.

– Não! Sou médico.

– Que ótimo! Eu pensei que você também tivesse feito Letras.

– Eu fiz, um semestre. Tinha acabado de me formar em Medicina. Acho que eu estava viciado em estudar.

– Estranho.

– Letras não era o que eu imaginava. Eu achei que seria uma coisa voltada para os livros que interessam, para as grandes obras, e não aquela lenga-lenga...

– ... de “significado e significante”?

– E mais umas tantas outras chatices inacreditáveis...

– A *poética* de Aristóteles está incluída nessas chatices?

– Lógico!

– Não acredito! Enfim, Senhor! Eu também não suporto esse livro.

Conseguiram uma mesa, de onde dava para ver a pista de dança. Pediram mais dois drinques.

– Você está casada com Jaime há muito tempo?

– Um pouco.

– Posso me intrometer?

– Um pouco.

– Eu não acho que você ame ele.

– Você acabou de me conhecer e acha que eu não amo o meu marido? Muito interessante.

– E se ele te ama, ele é muito estúpido.

– Por me deixar ir a uma boate sozinha?

– Não, por te fazer chorar. Eu percebi que você chorou, quando você voltou para a sala com essa roupa.

– Eu não chorei por causa dele. Você não gostou da minha roupa?

– Eu gosto de você.

– Precipitado, hein?

– Por que você chorou naquela hora?

– Não quero dizer, porra!

– Desculpe.

– Desculpa.

– Quer dançar?

– Eu chorei porque queria escrever um poema que eu já escrevi. Queria voltar a ter a inspiração, ou o que seja, que um dia me fez escrever aqueles versos.

– Como é o poema?

– Eu não me lembro.

Enquanto Ana tomava um longo gole, tentando conter a vontade de chorar, Pedro passou a mão em seus cabelos. Assim que ela deixou o copo na mesa, ele tentou beijá-la. Ana desviou o rosto, tomou o que restava de bebida em seu copo e foi para a pista de dança. E dançou, dançou, dançou... Como somente ela sabe dançar.

Ana poderia ter beijado aquele homem. Poderia, por ser ele um homem bonito, inteligente, delicado e charmoso. Porém mais ainda, por naquele instante ela estar carente, até mesmo excitada. Ana não beijou Pedro porque ela tem dignidade. Não moral, aquela moral que diz que não se deve trair o marido. Que é proibido desejar outro corpo quando se é casado. Não, não foi a lei dos homens, nem a lei de Deus, nem lei alguma que impediu Ana de beijar os lábios que ela, até, desejou. Foi por ética. Um conceito que, estranhamente, ela aprendeu com o pai. Em algum dia de sua primeira infância, quando o ouviu dizer que um homem pode fazer tudo na vida: ser assaltante, assassino,

traidor. Mas deve se ter ética. Não ter beijado Pedro foi o exercício, demonstrado por Ana, daquela lição paterna. Ela poderia ser infiel, mas a sua ética diz que nunca na frente de pessoas que conhecessem Jaime. Não por receio de que ele viesse a saber, mas por respeito a ele. Jamais iria ridicularizá-lo até aquele ponto – para que, mais tarde, apontassem para ele e dissessem: “Lá vai o corno!” Não, nunca fez isso e jamais irá fazer.

Pedro pediu mais dois drinques, aguardando o retorno de Ana à mesa. Após uma série de músicas, ela voltou a se sentar, agindo com total naturalidade a respeito da investida do rapaz. Como se nada houvesse acontecido. Agradeceu a bebida e voltou a conversar amenidades.

– Quando eu paro de dançar e fico olhando as pessoas na pista, fico até constrangida. Como dançam mal. É por isso que eu danço sem parar, só para não ver os outros dançarem. Eu danço mal?

– Nunca vi ninguém dançar tão bem.

– Ah, não brinca.

– Estou falando sério. Parece uma Isadora Duncan...

Ana achou um pouco ridícula essa comparação.

– Você tem um ritmo estranho...

– Você não dança?

– Preciso estar muito bêbado.

– E você não está? Eu estou.

– Não posso ficar bêbado, porque tenho que levar você pra casa.

– Não se preocupe, eu vou dormir na casa da... Cadê a Carla?

– Ela acabou de ir embora, carregada.

– Mas ela está com minhas chaves de casa! Como eu vou entrar? Jaime vai ficar puto da vida.

– Dorme lá em casa.

– De jeito nenhum!

– Não se preocupe, eu sou um bom rapaz. Não vou fazer nada com você.

– Eu tenho certeza disso, mas...

– Acho que não tem outro jeito.

- Onde você mora?
  - Não muito longe de você.
  - Então vamos fazer o seguinte: a gente passa lá em casa. Se a festa ainda estiver rolando, ou a porta estiver aberta, eu fico. Senão, eu durmo na sua casa.
  - Tomara que esteja fechada!
  - Se você estiver com intenções, é melhor eu tocar a campainha.
  - Eu tenho intenções, sim. Eu adoraria conversar mais com você e que você acreditasse em mim. Eu sou uma boa pessoa. Facilmente, eu me apaixonaria por você, mas se não pode, quero ser seu amigo. OK?
  - Vamos ver se você merece.
- Acertaram a conta e foram embora. De volta ao carro, Ana percebeu que se sentia realmente à vontade com Pedro. Era como se voltasse a acreditar nela mesma. Diante dos olhos encantados dele, Ana de novo se achou genial. Falaram sobre Literatura. Ela contou que tinha uma ideia para um romance. Pedro confessou que adoraria ser escritor, mas tudo que conseguiu foi ser um bom leitor e mais nada. Depois falaram sobre doenças, riram bastante com algumas hipocondrias dela. Coisas que lia e imediatamente sentia todos os sintomas.
- Mas não pense, só porque sou médico, que eu também não tenha as minhas crises hipocondríacas.
  - Por exemplo?
  - Meningite. Eu tenho pavor dessa doença! Sempre que há um surto, pode ser na Espanha, eu deixo de ir a lugares fechados. Cinema, coisas assim...
  - Estranho isso.
  - Eu perdi um coleguinha, quando eu era pequeno. Aquilo ficou marcado, até hoje tenho pesadelos.
  - Sabe do que é que eu morro de medo?
  - Barata.
  - Não, baleia.
  - Baleia?!
  - É, eu tenho horror.
  - Mas, gente, quando você viu uma baleia?

– Nunca. Mas tremo, só em pensar.  
– Isso é loucura!  
– Não mais do que a sua fobia de meningite.  
– Você reconhece de onde vem isso?  
– Dizem que baleia simboliza a mãe.  
– Isso é besteira.  
– Também acho.  
– Você leu *Pinóquio*?  
– Sim. Por quê?  
– Pronto! É daí, esse seu medo. Você ficou com a imagem do Pinóquio na barriga da baleia.  
– Doutor, você é um gênio. Fale mais sobre mim.  
– Deixa eu ver... Bom, você sofre da síndrome de inadequação...  
– O que é isso?  
– Você não se sente bem da maneira que vive. Tudo te insatisfaz, porque nada é adequado a você.  
– Nossa! Você devia ser psicanalista, em vez de ortopedista!  
Pedro parou o carro na frente do prédio de Ana e Jaime. Ana olhou para cima e viu a luz acesa.  
– Acho que a nossa conversa acaba aqui. A luz está acesa.  
– Eu espero, mesmo assim. Talvez ele tenha dormido e deixado ligada.  
– A luz do quarto está acesa. Jaime, por mais bêbado que estivesse, jamais deixaria a luz acesa.  
– Que pena.  
– Quer subir e tomar um último drinque?  
– Jaime não vai se importar?  
– Não, ele certamente está acordado. E se eu bem o conheço, deve estar tomando cerveja, jogando conversa fora com Antoine.  
– Então, tá. Qualquer coisa para adiar a despedida.  
Azar. Azar é uma sacanagem de Deus. Porque o azar não está ligado à punição. Se estivesse, todos os políticos brasileiros tinham ficado aleijados ou coisa parecida. O azar é aquele detalhezinho que faz um enorme estrago. Naquela noite, Jaime recebeu uma saraivada de azares de Deus. Enumerá-los seria trabalhoso, mas alguns não podem deixar de serem ressaltados.

Um: ele incentivou, com sua grosseria e desatenção, a ida de Ana à tal boate. Dois: não pensou na possibilidade de ela voltar para casa. Três: caiu em tentação. Quatro: deixou a luz acesa. Cinco: deixou a porta aberta. Seis: estava sendo chupado na sala. Pequenas sacanagens de Deus, que deixaram Jaime sem escapatória quando Ana abriu a porta.

Ana abriu a porta. A primeira imagem que teve foi Jaime sentado numa cadeira, com as calças abaixadas e um copo na mão. A outra mão segurava a cabeça da francesa, que estava de joelhos diante de sua região pélvica. Ela tinha em sua boca o pênis de Jaime. Ambos estavam de olhos fechados. Ambos se assustaram quando viram Ana e Pedro.

Jaime se levantou rapidamente, tentando fechar as calças. Antes de conseguir, Ana teve tempo de ver o pênis do marido. Ele ainda estava levemente ereto e úmido. A cara de Jaime estava pálida, parecendo o rosto de um cadáver recente. Ana mal conseguiu ver a cara da mulher, já que correu em direção a ela e derrubou-a com um soco. Jaime gritou com Ana, pedindo calma. Mas Ana estava tomada de ódio e subiu em cima da francesa, socando a cara dela com força e golpes masculinos. Pedro ficou parado, estático, assistindo à cena. Jaime tentou tirar a esposa de cima da outra, mas Ana demonstrava uma resistência incomum. Nesse momento, apareceu na sala, vindo do quarto, Antoine. Olhou o que acontecia e mandou Jaime fazer alguma coisa, pois a amiga estava se esvaindo em sangue. Jaime pediu novamente que Ana parasse. Ela continuou a esbofetear a moça. Jaime achou que a única solução era bater em Ana. E bateu. Foi quando Pedro avançou em Jaime, enfiando um soco no seu estômago e outro na cara. Jaime desmaiou.

– Ana! Para! Não adianta.

Ana escutou a voz de Pedro, saindo do estado de surdez raivosa em que se encontrava. Olhou para Jaime, caído no chão, depois olhou para a mulher. Ela estava com o rosto coberto de sangue, parecendo o Stallone em *Rocky I*. Antoine chorava feito uma moça, ao lado da amiga. Pedro pegou Ana pelo braço e a levou para fora. Não havia condições de ela continuar ali, ao menos naquela noite.

# 17

– Você cortou o cabelo?

– Cortei.

“Não, ele encolheu, fiz a bainha... Que pergunta!”

– Não gostei. Você tem a cabeça pequena, não fica bem de cabelo curto.

– Tá bom, mãe. Você pegou um avião, fez esse mistério todo e veio aqui só para me dizer que eu sou feia.

– Eu não disse isso.

– Desculpa. Qual é o motivo da visita?

– Seu pai morreu.

Silêncio.

– Morreu tem um mês.

– Como você ficou sabendo?

– Se lembra de Célia, uma gordona que era amiga da sua avó?

“Como ela quer que eu me lembre de Célia, uma gordona. Não me lembro nem do meu pai!”

– Ela me ligou, para avisar.

– Um mês depois?

– Ela me ligou há quinze dias. Eu não sabia se devia contar para você. Achei que era besteira.

– É, de certa forma... Como ele morreu?

– Atropelado.

Ana e Helena estão em silêncio. Estavam, agora Ana ri. A mãe olha para ela intrigada, e este olhar faz com que Ana ria ainda mais, se encaminhando para o tom crescente da gargalhada. Sente aquele impulso que estimula o sentido histriônico das pessoas, sempre nos momentos mais difíceis. Chamado por Ana e Elisa de “gargalhada de elevador”. Um ataque de idiotice gargalhante, provocado por uma reação nervosa. Mais ou menos como fumar um baseado e entrar num elevador lotado. Daí o nome. Esse tipo de gargalhada costuma levar todos que estão por perto a rir também, mesmo sem entender bem por quê.

Mas Helena sabe por que a filha está rindo. E ri junto, gargalha. Uma gargalhada que transforma o seu rosto, já

envelhecido, numa máscara de juventude. Helena estava rindo, da mesma maneira que ria quando tinha quinze anos de idade. É a Helena de anos atrás, gargalhando da piada de algum colega de escola.

– Atropelado?

– É, atropelado.

Estão rindo há mais de cinco minutos. Helena começa a sentir dores de tanto rir.

– Isso é melhor que abdominal.

– Abdominal?

Quá, quá, quá, quá, quá... Mais risos. Ana já está com a boca cansada. Helena se joga sobre a filha. Qualquer pessoa de fora, que assistisse à cena, acabaria aderindo à gargalhada. Ana tenta se acalmar e deita no chão.

– Atropelado por um Opala.

– Não!

Quá, quá, quá.

– É muito engraçado.

– É triste.

Helena acende um cigarro, engasga com a fumaça.

– Ai, preciso parar de rir.

– Mãe, quer dizer que morreu? Morreu mesmo?

– De manhã, quando foi à padaria.

– Que coisa mais inglória.

– Bem feito.

– Coitado. Enterraram onde?

– Sei lá. Você devia ligar pros seus irmãozinhos.

– Eu nem sei o nome deles.

– Tem cerveja aí?

– Não sabia que você bebia cerveja.

– Ana, você não sabe de nada.

– Nossa!

Ana tem duas garrafas de cerveja na geladeira. Estão bem geladas, ela sente uma imensa vontade de beber aquelas garrafas. Há muito não deseja algo com tanto prazer. Procura as tulipas que sobraram de seu casamento. Desiste. Ultimamente, as suas coisas andam sumidas. Algumas ainda não foram tiradas

das sacolas. Ana não se sentiu animada para arrumar, com dedicação, a sua nova casa.

Serviu a bebida em copos simples, de vidro, aqueles de requeijão light.

– Toma.

Helena tomou um longo gole. Ana observa. “Ela é bonita.”

– Eu herdei alguma coisa?

– Não me faça mais rir.

– Como foi o atropelamento? Morreu na hora?

Está tomada por uma curiosidade irresistível.

– Parece que sim.

– Menos mal.

– Uma morte bem estúpida.

– Por que ele nunca gostou de mim?

– Não sei.

– Nem desconfia?

– Talvez porque ele nunca me amou. Parece que os homens não gostam dos filhos quando eles não amam as mães dessas crianças.

– Por que casou com ele?

– Eu era muito nova e gostava dele.

– E ele? Por que quis casar com você?

– Acho que por causa da minha beleza. Eu era muito bonita...

Alguns homens gostam do status de casar com uma mulher bonita.

– Você ainda é bonita.

– Obrigada.

Helena parece incomodada com o comentário da filha.

– Por que você não se casou de novo?

– Eu não quis. Nem todo mundo precisa de alguém do lado.

“Me pareço com ela. Que estranho.”

– Mas tenho boas lembranças... Uma vez, numa viagem de trem na Europa, um homem me beijou na boca.

“Por que ela está me contando isso?” Porque Helena tem uma vida marcada pela rigidez. Ela é uma mulher dura, mas quer que a filha a ame sem medo.

– E então?

– E então nada, foi só isso. Eu estava fumando um cigarro no corredor, de penhoar, e aconteceu. Ele era jovem, um tipo aventureiro.

– Que história bonita!

– Tem mais cerveja?

Ana pegou a outra garrafa na geladeira e retornou à sala.

– Não posso demorar.

Silêncio.

– Você tem visto o rapaz da faculdade?

– O Jaime?

– É o nome dele?

– Nunca mais o vi.

– Você já tem outro namorado?

– Não.

– Sabe, Ana, eu queria que você me entendesse... você é a minha única filha e eu te amo muito.

“Não, eu não quero ouvir.”

– Bom, deixa pra lá, não sou boa para emotividades excessivas.

“Me pareço muito com ela.”

– Me pareço muito com você.

– Eu sei.

– É uma pena que eu não tenha sido uma boa filha.

– Você é uma boa filha.

– Nunca fiz nada para te agradar.

– Mas me deu orgulho, por ser determinada. Você está precisando de dinheiro?

– Não. Eu vivo de forma simples.

– Eu queria que você fosse à Europa.

– Não tenho dinheiro pra isso.

– Tem sim. Nós temos.

Silêncio.

– Você me promete que vai viajar quando acabar o curso?

– Depende da minha pós-graduação.

– Por que você não faz na França ou na Inglaterra?

Ana está rindo. Algum dia ela chegou a sonhar com isso, mas seus sonhos se perderam. Viver em Londres era, quando tinha

quinze anos, um ideal. Nesta época, costumava jogar na Loto. Todo concurso sorteado, ela tinha certeza de que seriam os seus, os números da sorte. Então, se imaginava pelas ruas londrinas, frequentando pubs. Leria Oscar Wilde nas praças e conheceria o Boy George.

“Por que ela não me ofereceu isso antes? Como deixou que a desilusão de não ganhar na Loto me fizesse nunca mais jogar? Ou querer ganhar alguma coisa. Esqueci Londres, li Oscar Wilde nas bibliotecas e Boy George virou um Hare Krishna gordo.”

– As coisas não são tão fáceis assim.

– Você que sabe. Dinheiro não é problema.

“Tem sido a minha vida inteira.”

– Obrigada... Quando chegar a hora, eu te aviso.

“Nem sei se vou me formar... Com essa mentirada de dor na coluna, a coisa ficou feia. E se eu perder a bolsa?”

– Eu receio não me formar.

– Por quê?

– Talvez eu perca a bolsa.

– Não se preocupe, a gente dá um jeito.

– Como?

– Tudo tem um jeito. É bom pensar assim.

Foi bom ouvir isso. Ana está feliz. É estranho que a morte de seu pai lhe trouxesse a sua mãe. De certa forma, também ameniza tudo. É que, quando as pessoas morrem, de alguma maneira, tornam-se puras. A morte limpa as coisas. É isso. Ana poderá lembrar-se de que teve um pai, e que ele morreu. “E seu pai?” E ela responderá: “Ele morreu.”

# 18

Só quando chegou ao apartamento de Pedro, Ana conseguiu parar de chorar. Estava envergonhada e se sentia suja. De fato, suas mãos estavam com o sangue seco do rosto da mulher nocauteada. Ana percebeu as manchas no momento em que Pedro deu para ela um copo d'água com açúcar. O rapaz estava um pouco assustado e, sem que Ana reparasse, ele próprio tomou essa fórmula caseira de calmante.

– Você está melhor?

Não, ela não estava. Tinha vontade de morrer. Quanto mais se acalmava, pior enxergava as coisas. Melhor compreendia o que havia acontecido. Sentiu nojo de seu corpo, por causa do pênis de Jaime. Lembrou-se de que havia feito sexo com ele, horas antes da festa. Ficou com nojo de homem. Com uma raiva tão grande, que podia dar um tapa em Pedro.

– Posso tomar um banho?

Pedro arranhou uma toalha e um pijama, depois levou Ana até o banheiro. Ela ficou encantada com o tamanho da toalha. Engraçado como a mente arranja tempo para pensar tolices, mesmo diante de situações tão drásticas.

O banho trouxe a calma de volta para Ana, mas pouco fez pelo seu cansaço. Seu corpo estava em frangalhos, como se um pelotão de pernambucanos tivesse passado, dançando frevo, em cima dele. Mal se enxugou, olhou-se no espelho e ficou envergonhada por tudo aquilo. Por Pedro ter assistido “àquela palhaçada”. Precisava imediatamente falar com ele. Saiu do banheiro e foi até a sala, onde Pedro estava se servindo de um uísque.

– Eu não costumo beber tanto, mas...

– Não precisa explicar nada, eu é que devo pedir desculpas. Posso me servir?

– É claro.

– Aquilo tudo evaporou o álcool do meu corpo.

– O mesmo aconteceu comigo.

– Bom, como eu ia dizendo, desculpa.

- Você não me deve desculpas.
- Devo, sim. Eu te coloquei numa situação horrorosa. Estou com muita vergonha.
- Todo mundo já passou por coisas assim.
- Você já?
- Indiretamente.
- Me conta. Preciso acalmar minha vergonha.
- Uma vez, eu conheci uma menina, bastante nova. Na mesma noite, fiquei apaixonado. Mas ela era casada, e o marido não dava a menor atenção pra ela. Ficamos a noite inteira conversando e o marido nem olhava. Estava somente interessado em ficar seduzindo as outras mulheres do bar. E todos fomos ficando bêbados... A garota, tão linda, uns olhos fundos, parecia de outra época. Aí, ela não aguentou mais o desprezo do marido e sentou no meu colo. Apenas isso: sentou no meu colo.
- O que aconteceu?
- Na hora, nada. Mas, depois, quando eu estava em casa, ela bateu na minha porta, chorando. O cara tinha batido nela e deixado a garota na frente da minha casa, sem dinheiro, sem nada. Dizendo que, se ela queria dar pra mim, ele deixava.
- Triste, a história.
- Era triste, a garota.

“Leve

Para meu pai

Ainda pensando em você

escrevo esse poema

sem muita dor, mas

com alguma mágoa no coração.

Mas é leve e leve

são ‘vozes da primavera’

a sua voz distante

falando um adeus

que não ouvi.”

## 20

O dia começava a amanhecer. No rosto de Ana, despontavam, junto com a claridade lá fora, olheiras. Ela estava sentada numa poltrona de veludo puído, de cor vinho, e mesmo sendo uma mulher de porte grande, vestida com o pijama de Pedro, encolhida, de frio e cansaço, parecia uma menina. Uma pequena menina descalça. Sentadinha na grande poltrona antiga, os seus pés lhe pareciam proporcionais. Como se voltasse a ser uma garota de oito, dez anos, que tem os pés pequeninos e maltratados pelas peripécias infantis. Pezinhos que calçam sandálias de plástico. Aquelas que Ana tinha, quando criança: sandálias de plástico cor fumê, transparente, azul e Coca-Cola. Ana era a menina do prédio que mais tinha daquelas sandálias, sua mãe trazia dos Estados Unidos. Assim como foi a primeira menina dali a ter Barbie. Adorava brincar com as suas Barbies. Era com as bonecas que podia fingir-se grande, deixar de lado a infância que tanto odiava. Cresceu, não brinca mais com Barbies, não precisa mais da boneca para fazer-se grande. Agora, Ana já era grande. Adulta. Triste. Mas com os pés pequeninos, a lembrá-la, sempre, de que ainda não deixara de sofrer.

Diante dela, sentado num sofá, estava Pedro. Também parecia abatido. Olhava para Ana, com uma enorme vontade de beijá-la. Mesmo estando ela cansada, mesmo tentando se convencer de que isso era um absurdo: desejar uma mulher que acabou de flagrar o marido em situação sexual. A última coisa que essa mulher poderia querer era sexo. Naquele momento, para Ana, sexo representava tudo de mais nojento e podre. Pedro, com o seu bom-senso, se controlou. Pois, na verdade, não era sentado diante dela que queria estar. Era debaixo dela, ou em cima dela, ou em qualquer outra posição na qual pudesse tê-la. Estava completamente atraído por Ana, por sua cultura literária, sua queda para o romantismo dramático, seus olhos tristes e sua cor muito branca. Podia imaginá-la nua, com um corpo inadequado para os tempos atuais: grande, com os quadris proeminentes e uma cintura muito fina. Seios arredondados, com mamilos

róseos, perfeitos para serem chupados. Pedro olhava Ana, vestida, e os livros que lera narravam-na nua.

Uma música tocava. Uma música erudita que Ana conhecia, mas não lembrava do compositor. Terminada a música, outra começou e esta, mais do que a primeira, lembrou-lhe algo, mas tão distante... Era uma valsa, bastante conhecida, do tipo “debutante”. Mas não era isso que Ana recordava, não havia debutado, apenas soprado quinze velas num bolo de padaria. Parecia com a trilha sonora de algum acontecimento passado, fechou os olhos, queria lembrar.

– Você está cansada? Quer dormir?

– Ainda não. Você quer?

– Não.

– Que música é essa?

– “Vozes da Primavera”, de Strauss. Quer que eu tire?

– Não.

– É um pouco ridícula, mas eu gosto.

– Por que ridícula?

– Sei lá. Talvez porque, na minha adolescência, eu tenha visto muita menina dançar essa música com o pai, no aniversário de quinze anos.

– Eu gosto. É leve.

– É. Da vontade de dançar.

– Valsa?

– Sim.

– Dança comigo.

– Eu não sei dançar valsa.

– Por favor...

Pedro se levantou e pediu a mão dela, à maneira antiga. Ana, assim como uma dama da corte, estendeu sua mão, consentindo a dança. E bailaram em meio a móveis apertados. Ana fechou os olhos e, como se estivesse num enorme salão, entregou-se levemente aos passos. Sua cabeça rodava, mas não porque seu corpo estava rodando, e sim porque estava num redemoinho de sensações etéreas. Meio alucinada, transportada para um outro tempo, sentindo um tipo de alegria não feliz. Uma alegria de debutante, de Cinderela. “Boa-noite, Cinderela.” Pronto, era isso.

Ela, naquele instante, havia ganhado o sapatinho de cristal do programa infantil de Silvio Santos, a que assistia quando era menina. Ela era a Cinderela, que todo o auditório aplaudia.

A música estava terminando e Pedro não aguentava mais a enorme vontade de beijar aquela boca. Esses impulsos masculinos, que não medem hora nem lugar para aparecerem. Era físico, era “homem”, mas era como ele acreditava poder apaixoná-la. Segurou o rosto de Ana e buscou a sua boca. Ela, ainda Cinderela, aceitou o beijo. Mas acordou logo a seguir.

– Não!

– Deixa eu te amar.

“Faz de conta que sou o primeiro”, pensou Ana, descontrolada.

– Não! Não quero. Não me beije na boca. Não quero nada humano entrando em mim.

“Que frase estranha”, pensou Ana, percebendo que estava descontrolada.

– Você quer me ver nua?

– Quero.

– Você me obrigaria a isso?

– Não, de jeito nenhum. Eu nem iria te tocar, juro.

– Onde é o seu quarto?

Pedro segurou Ana pela mão e andou até lá. Era um quarto pequeno e escuro. Nele, havia uma escrivaninha, uma estante com muitos livros e um mezanino, onde ficava a cama de casal e uma tevê presa na parede. Era necessário subir numa escada estreita para chegar à cama. Ela pediu para que ele subisse e aguardasse um instante. O tempo de ela tirar a roupa e ir atrás. Pedro estava deitado e mal acreditou quando viu o corpo nu, que tanto havia desejado naquela noite.

– Tira a sua roupa, também.

Pedro tirou a camisa e a calça, meio desajeitado. Ficou só de cuecas.

– E agora?

– Agora me abrace. Mas, por favor, só faça isso.

Dormiram abraçados. Primeiro, Ana, depois, Pedro. Antes de adormecer, ele ficou sentindo a delícia que era a pele de sua acompanhante. Não precisou acariciá-la, apenas experimentou o

contato estático da posição em que estavam. No dia seguinte, acordou com a voz de Ana. Ela dizia que precisava ir embora.

- Pra onde?
- Eu preciso voltar pra casa.
- Eu não acho que você deva.
- Jaime deve estar preocupado.
- E você se importa?
- Ele não é um monstro.
- Eu não disse isso.
- Mas acha que sim.
- OK. Mas, antes, vamos comer alguma coisa.
- Tá bom. Estou morta de fome.

O apartamento de Pedro era otimamente aparelhado, em se tratando apenas de um lugar onde passava curtas temporadas. Ele explicou que seu irmão havia morado lá, durante um tempo, e que tinha deixado tudo montado. Ana perguntou onde estava ele. Pedro disse que o irmão estava morto e esse era o motivo de sua prolongada estada no Brasil. Ana sentiu-se egoísta. Percebeu que, nas últimas horas, enquanto estava em companhia de Pedro, ela havia pensado e agido em torno de si, de seus problemas, de suas vontades. Pediu desculpas. Ele perguntou por quê. Ela respondeu o que sentia, que era de sua natureza agir sempre conforme suas vontades.

- Mas o que há de errado nisso?
  - Muita coisa. Eu sou incapaz de realizar os desejos dos outros.
  - Você não me negou nada.
  - Lógico que sim. Você queria transar comigo, não queria?
  - Sim, mas não por caridade.
  - Não seria caridade alguma trepar com você.
- Ele riu.
- Por que você está rindo?
  - Você é a primeira mulher que eu escuto falando “trepar”.
  - Não fica bem, não é?
  - Em você, sim.
  - Preciso ir embora.
  - Fica.

- Não posso.
- Você está sendo egoísta.
- Seu chantagista.
- Só até amanhã.
- Tá bom, eu fico.

Acabaram de tomar o café da manhã. Ana decidiu que faria o almoço e, depois de investigar a despensa, notou que era preciso fazer algumas compras. Avisou a Pedro que sairia um instante, ele a fez prometer que não iria embora. Enquanto Ana foi a um supermercado, Jaime ligou para a casa de Pedro. Queria saber da mulher. Não foi hostil, nem demonstrou nenhuma vergonha. Apenas perguntou por ela. Pedro disse que estava tudo bem e que não poderia dizer nada mais além disso. Jaime quis saber aonde Ana havia ido. Pedro informou. E a mente, com seus meandros, fez com que nesse momento Jaime ficasse nervoso. Ana, ir ao supermercado, para outro homem? Ficou enciumado, mas se conteve. Pediu que ela ligasse para casa, assim que chegasse. Pedro pensou em se desculpar pelo soco. Não o fez. Concluiu que Jaime havia recebido o que merecia.

Assim que Ana chegou, foi direto para a cozinha, guardar as compras. Pedro estava no banho e deixou um bilhete preso na geladeira, com o recado de Jaime. Era a hora de ligar para casa. Exatamente como agir, ela ainda não sabia. Resolveu deixar para ver o que aconteceria, e se sentou no sofá para discar os números. O sinal de chamando fez com que tremesse. O que dizer para ele?

- Oi.
- Ana! Vem pra casa.
- Ainda não.
- Eu preciso te explicar...
- Você não tem nada pra me explicar.
- Por favor, Ana.
- Eu não vou voltar hoje, preciso de um tempo.
- Mas você nem conhece o Pedro!
- Eu não conheço ninguém nessa cidade.
- Eu te amo!
- Você não foi meu amigo.

Depois que desligou o aparelho, Ana não sentia absolutamente nada. Estava em estado de letargia emocional. Pensou no que Jaime tinha dito, que não era certo que ela ficasse na casa de Pedro, pois ela não o conhecia. Verdade, Ana nunca o tinha visto até a noite anterior, mas era ele a única pessoa, naquele instante, que poderia ampará-la. Achava tudo muito estranho, como se a festa, e todo o resto, tivesse acontecido muito tempo atrás. E, no entanto, os acontecimentos ainda estavam fervilhando por sobre a chapa. Foi até a janela e olhou para o dia lá fora. Havia acabado de chegar da rua, mas, dali, ela percebeu que fazia um dia estranho. Não era a primeira vez que ela tinha essa sensação. Muitos foram os dias em que Ana olhava e via tudo muito estranho. As pessoas num tom acima ou abaixo, as corriqueiras ações subitamente inadequadas, realmente esquisitas. Talvez fossem os seus olhos. Talvez existam, de fato, dias estranhos. Olhando pela janela, os sentimentos, ausentes por alguns minutos, retornaram pouco a pouco. Ana, pensando em controlá-los, foi para a cozinha.

Estava, agora, tão triste, que a dor lhe era insuportável. O que estava fazendo ali, afinal? Que tipo de impulso, esquizofrênico, fazia com que ela reagisse a essa dor cortando batatas? Não era hora de cortar batatas, mas foi a forma que sua cabeça encontrou para fingir que nada estava acontecendo. Sua vida era tão esquematizadamente fragmentada em deveres – deveres que delimitavam os seus sonhos e disfarçavam a vida porcaria que levava – que Ana se sentia como um cubano em frente ao mar, obrigado a somente olhar para a água, nunca para o horizonte. Era Jaime, para Ana, Fidel Castro. Dava-lhe meios, dominando-a. Contava com a colaboração dos horários ríspidos, que controlavam sua mulher. Com as batatas, que começava a cortar às onze da manhã, com as batatas no forno às onze e trinta, doze na boca, e no Tupperware às doze e quarenta e cinco. Todas as donas de casa são cubanas, presas aos seus deveres do lar. E o marido é o ditador, gentil ou não. Mas todos com poder – mesmo inconsciente – sobre as esposas. É assim, será assim ainda por muitas gerações, até que os gays comecem a reinar soberanos e a virar os maridos. Só então as mulheres

poderão sair das cozinhas, ou parar de dar ordens à outra mulher uniformizada.

É fragmentando o cotidiano de uma pessoa que você a tem em mãos mais facilmente. Fragmentando o seu próprio cotidiano e participando suas ações agendadas a outrem que você se torna dominado. E isso, também, não tem solução. “A que horas você almoça?”, “Quantas vezes por semana você nada?”, “Quando eu te encontro em casa?”...

Ali, enquanto Ana cozinhava batatas para um outro homem, a dor deixava um rastro em sua cabeça, induzindo-a ao ódio. Largou de lado a faca, e nos seus olhos azuis começaram a se formar bacias de água. Em silêncio, as lágrimas derrubaram-se no rosto branco de Ana. Quando ela sentiu esta água, com o gosto do soro caseiro, em seus lábios, Ana deu o primeiro soluço. Depois disso, somente acalmou o pranto quando Pedro foi ao seu socorro, na cozinha. Ele abraçou seu corpo e deixou que ela depositasse todo o seu peso no dele. Esvaída de energia, sem forças para ficar em pé, Ana sentia-se morta. Era como se tivesse morrido e sua agonia, sem corpo, pairasse, de uma forma transcendental qualquer, no ar. E, sem controle algum, fosse flutuar para sempre naquela cozinha. Deve ser isso, aquele lugar que alguns espíritas acreditam ir, atrás das chamas das velas: agonias sem corpos. Atrás de um calor, mesmo não sendo ele humano.

Quando o corpo de Ana começou a pesar demais nos braços de Pedro, ele utilizou as suas também últimas energias para carregá-la até o sofá da sala.

– Eu não quero cozinhar!

– Não precisa.

Pedro não compreendeu o porquê daquela raiva. Ele não pediu para Ana fazer o almoço – jamais pediria. Preferia, até, que ela nada fizesse, só para poder contemplá-la melhor. E acalmou a mulher dos seus desejos, fazendo massagem em seu corpo. Nele todo. Ana fechou os olhos e, pela primeira vez, relaxou ao receber os toques de uma massagem. Sempre, ao contrário das pessoas em geral, ficava incomodada. Como se, ao descobrirem os nódulos de suas tensões, ela se revelasse tal qual

verdadeiramente é: uma mulher nervosa e insatisfeita. Mas ali, no sofá de Pedro, entregue às suas mãos, aos seus toques, Ana relaxou. E quando os dedos ágeis daquele homem tocaram seus pequenos pés, ela dormiu.

Foram duas horas de um sono profundo. Seu corpo permaneceu na mesma posição durante esse tempo e Pedro conseguiu, enfim, observá-la. Ana vestia um blusão que ele havia emprestado e a mesma saia que usara na noite anterior. Sua perna esquerda estava quase toda à mostra, enquanto a direita era parcialmente escondida pela outra, magnanimamente revelada pelo corte da saia. A pele de Ana, branca, bastante branca, deixava à vista suas veias azuis. E Pedro permaneceu duas horas sentado diante daquele corpo, percorrendo cada veiazinha, como se fosse um mapa que o levaria a um lugar esplêndido e inexplorado. Queria seguir o caminho com a língua, mas o autocontrole, que vinha exercitando nas últimas horas, valeu-lhe mais uma vez como reprimenda. Não podia se aproveitar de Ana. Caso o fizesse, teria que assumir a possibilidade de perdê-la, pois a rapidez de suas ações iria fatalmente afugentá-la. Preferiu aguardar a chance de apaixonar. Porque apaixonar é uma ciência que deve seguir várias regras e uma série inesgotável de metodologias. Cada pessoa deve ser avaliada com minúcia, para só depois começar a investida de se fazer apaixonante para ela. Pedro era um homem sensato. Sabia que Ana não era uma menininha tola. Conhecia as mulheres, tinha feito várias conquistas, bem e malsucedidas. Desta vez, ele temia o fracasso. Mas não havia perdido as ilusões. Não era comum, em sua vida, encontrar uma mulher assim, de forma tão rica em acasos. Não podia deixar de estar excitado com tudo aquilo. E minutos antes de Ana acordar, Pedro notou – com um certo constrangimento – que estava com o pênis duro.

Assim que acordou, Ana se sentiu desconcertada com a presença de Pedro na frente dela. Não gosta de ser observada enquanto dorme. Acha covardia, não poder se defender do olhar intruso. Controlou o mau humor, focalizando a mente no desejo de comer algo.

– Podemos pedir pizza ou sair para comer, você que sabe.

– Não, você que sabe. Juro. Eu não conseguiria tomar nenhuma decisão, agora.

– Pizza, então. OK?

– Pizza!

Ana concordou com a pizza, como concordaria em comer cérebro de macaco. Tanto fazia qualquer coisa, naquele instante. Enquanto Pedro pedia a comida pelo telefone, Ana se lembrou de uma frase, que um dia havia escutado no rádio. Foi anotada com rapidez: “Não te dou a mínima, César, nem tento te agradar. Pouco me importa que sejas branco ou preto.” Ela esperava usar essa frase em alguma obra, em algum momento oportuno, que, quando bem utilizado, assina genialidades.

– Pronto, estarão aqui em meia hora.

– Não te dou a mínima, César, nem tento te agradar. Pouco me importa que sejas branco ou preto.

– O que é isso? Eu te magoei?

– Não! Ai, desculpa. Isso é Caio Valério Catulo. Uma citação que eu me lembrei. De um livro que eu li. Nem me lembro de qual... Essa frase foi dita oitenta e quatro anos antes de Cristo.

“Rádio Relógio informa: você sabia?”

– É uma boa frase.

– Vou dizer para Jaime. É mais ou menos a mesma coisa que: “Eu tô cagando e andando.” Ou “Foda-se, seu babaca!”

– Uma vez, fiquei uma tarde inteira pensando no que de pior eu podia dizer para uma pessoa...

– Chegou a alguma conclusão?

– Cheguei. “O melhor que você pode fazer da sua vida é me dar uma boa notícia e morrer!”

– É maravilhoso!

– É terrível. Imagina: o cara vem, fala que você ganhou sozinho na Loto, uma puta grana, e depois morre. Só serviu para isso e mais nada.

– Eu também me dedico a esses pensamentos de inutilidade pública.

– Uma vez, um cara me irritou bastante e eu fiquei na hora com cara de idiota, espumando, mas sem saber o que falar.

– Nada pior do que ficar, depois, “eu devia ter dito isso”...

– Foi o que me aconteceu. Inclusive, várias vezes. Até que eu descobri a grande frase...

– Fala, fala!

Pedro se levantou da cadeira em que estava sentado, foi até Ana e mostrou os dedos da mão direita.

– “Está vendo esses cinco dedos? Pegue os seus, e enfie no cu!”

Ana riu com a liberdade de uma quase gargalhada.

– É muito bom! Eu tenho que anotar...

– Calma! Eu tenho um repertório.

– Quero caneta e papel, preciso anotar...

– Depois eu faço uma lista pra você.

– Me conta outra, então.

– “Enfia o dedo no cu e exploda!”

– Gente, você é o máximo! Essa é para caixas de banco mal-humoradas...

– Caixas de padaria! Existe povo mais grosseiro?

– Caixa de supermercado...

– Trocador de ônibus, funcionários do correio...

– Não, funcionário público no geral. Recentemente, quase fui presa por desacato, quando fui pagar o IPTU que estava atrasado.

– Como?

– É, tem uma lei que se você desrespeitar um funcionário público, vai preso por no mínimo dois anos, sei lá... Uma coisa horrorosa! Eles nos tratam daquela maneira, quando a gente manda eles enfiarem o dedo no cu e explodirem, somos obrigados a fazer trabalhos forçados e o cacete.

Pedro sorria diante de tanta genuinidade.

– Você está melhor?

– Acho que sim... Mas prefiro não falar.

– OK, “Seu cabeça de feto abortado”!

– Que maravilha! Isso é ótimo, ainda vou chamar um professor disso.

– Também tem: “seu vômito!” Essa eu tirei de um filme.

– Você também inventa palavras?

– Algumas. E você?

– Várias. Eu adoro, cheguei a propor pro Jaime da gente inventar um novo dialeto, mas ele ficou com medo.

– Eu topo! Sempre quis uma língua que só eu e outra pessoa dominássemos. Sem aquela obviedade da “língua do i”. “Vici si limbri dissí?”

– É claro. Quem não se lembra? E a do “pê”: “Vopô cepê êpê muipú topô bopô nipi topô.”

– Ibriguidi.

A campainha do telefone interrompeu um momento que Pedro estava considerando importantíssimo, dentro da sua estratégia de conquista. Caso realmente fosse, era mediunidade de Jaime ter ligado outra vez.

– É pra você.

– Alô!... Sei... Não! Não faça isso, vai ser pior para você... Eu não quero saber, Jaime!... Acho melhor você se acalmar... Eu não te devo explicação nenhuma... Tchau. Eu vou desligar na sua cara... Tchau... Por favor, Jaime... Tchau.

Ana bateu com o telefone na cara dele. Metaforicamente, então, Jaime deve ter ficado com outro olho roxo, além daquele com que Pedro o havia presenteado.

O clima novamente entrou em declínio. Os olhos de Ana, com a facilidade que lhes é comum de refletir seus sentimentos, ficaram escuros e tensos.

– Ele está pensando em vir aqui.

– Você acha que ele realmente virá?

– Não sei. Ele me pareceu descontrolado.

– Vamos sair.

– Pedro, acho melhor eu ir embora. Não acho legal ficar aqui, assim, dando trabalho. Tudo isso é muito ridículo.

– Você acha certo me deixar de fora? Ana, desculpe a intromissão, mas eu não posso deixar você, agora. Eu também faço parte dessa história. Não vou deixar que ele te ameace.

– Jaime não é um cara ruim.

– Você não deve defendê-lo e, sim, você.

Aquela frase de Pedro convenceu Ana. Ela estava prestes a se sentir a culpada daquilo tudo. Pois há, nela, uma culpa sem sentido. Uma “culpa kafkiana”, que embaralha os fatos de tal

forma em sua mente que no fim, se disserem que Ana é a única culpada, ela aceita. É o mandado de prisão de *O processo*. Se ela de repente receber um mandado de prisão, é capaz de nem sequer perguntar o motivo e estender os braços às algemas.

- E o que vamos fazer? Fugir? De repente ele nem vem.
- E se vier? Eu não temo por mim.
- Nem eu. Ele não é agressivo...
- Tudo bem, então vamos esperar.

A campainha do interfone tocou. Ambos levaram um susto e ficaram aliviados ao serem informados que era a pizza. Ninguém queria mais comer nada. A comida foi paga e metida dentro do fomo.

- Para onde iríamos?
- Ana, para qualquer lugar.
- Isso é decididamente ridículo. Eu, sem nenhuma roupa, nem dinheiro, nem documentos...
- Esquece isso! Tem roupa o suficiente aqui.
- Sim, cuecas, ternos... Tem umas gravatas bacanas, também?
- Você deve ficar linda de gravatas bacanas...
- Então, para onde vamos?
- Para a casa da minha mãe.
- Não! Eu ia morrer de vergonha.
- Se ela estiver em casa, nós nem a veremos...
- Não! Eu prefiro, sei lá... Ir a um cinema.
- Sei. A quantas sessões nós assistiríamos?

O telefone tocou novamente, novamente era Jaime.

- Pra você.
- Alô!
- Ana, Jaime.
- Eu sei que é você.
- Desculpe, pelo amor de Deus...
- Jaime...
- Escuta! Eu tava bêbado e juro, eu nem...
- Nem percebeu?
- Não seja irônica, por favor. Eu estou acabado.

– Jaime, eu não quero te fazer mal. Você me fez mal, não inverte as coisas. Eu estou aqui, dando um tempo pra minha cabeça. Eu não quero te ver agora.

– Você está dormindo com ele?

– Se você ligou para me agredir, vou desligar de novo.

– Não! Escuta: eu confio em você. Mas cuidado com esse cara, ele tem a maior lábia...

– Não precisa se preocupar, nem a lábia de Clark Gable me atrairia nesse momento.

Pedro não pôde deixar de escutar o que Ana havia falado. Compreendeu que se tratava dele.

– Eu sei, Ana... Eu te amo muito.

– Se me ama, por favor, me dá um tempo.

– Até quando?

– Não sei, amanhã, talvez... Mas não me procure. Você me ouviu?

– Tá bom. Eu não vou até aí. Vou te esperar aqui, na nossa casa.

– Tchau.

– Tchau, meu amor.

– Ana, eu não pude deixar de escutar...

– É claro que não, ouvido não tem pálpebras...

Não, não tem. E seria de grande alívio para o Homem, caso tivesse. O Homem fecha os olhos, o nariz, a boca, mas pouco consegue vedar sua audição. O Homem seria mais feliz se escutasse menos.

– Não, não tem. Bom, sobre se eu vou ou não tentar te seduzir, tenha certeza de que é o que eu tenho feito nas últimas horas. Mas não é à toa, você é a mulher mais interessante que eu conheci e...

– Por favor... Tente me seduzir, se você quiser, mas não me explique nada. Eu estou cansada de vocês.

– Nós?

– Desculpa. Vamos comer a pizza?

A massa já estava fria e, o queijo, com a feia textura que adquire, depois de derretido e esfriado. Mesmo assim, Ana e Pedro comeram com fúria. A fome havia sido desprezada por

ambos, em meio a tantos acontecimentos. Mas ela continuou ali, presente o tempo inteiro, apenas esperando o momento de ser acionada. E foi. Comeram uma pizza tamanho “maracanã”, coberta por ketchup. Para Ana, até esse simples molho lembrava Jaime. Quando um casal se separa, tudo acaba lembrando o outro. Ana pressentia o que viria a sentir, com o frasco de plástico vermelho do ketchup. A partir dali, e até hoje, o seu passado recente a remete para Jaime. Um pombo manco lembra Jaime. Uma barraquinha de pipoca lembra Jaime. É duro refazer as imagens das coisas, depois que se convive alguns anos ao lado de outra pessoa. Vendo as coisas como se elas fossem cenário para o seu amor viver, e não simplesmente frascos, pombos, pipocas.

Durante o lanche, tomaram cervejas. Foi imprescindível a presença do álcool naquelas horas. Para Pedro, como um estimulante, que o tornou mais inspirado. Para Ana, apenas uma maneira de gastar melhor o tempo. Não que estar com Pedro fosse entediante, mas caso não bebesse algo, sua primeira e única vontade seria dormir e dormir.

Terminaram de comer e Pedro propôs que fossem para o quarto, deitar um pouco e ainda tomar algumas cervejas. Ana gostou da ideia. Havia gostado principalmente da cama do rapaz. Cama em mezanino ainda estimula nela um certo desejo juvenil, de albergues ou qualquer coisa parecida. Desde pequena, sonhava com o dia que teria uma beliche em casa. São determinadas infantilidades que algumas pessoas conseguem manter com o passar dos anos. Desejos não realizados, como ter uma casa de boneca no jardim, um autorama gigantesco, e outras tantas coisas, que poucas pessoas tiveram quando crianças. Algumas, felizardas, conseguem – sem constrangimento, nem timidez – realizar esses sonhos depois de adultas.

Ana subiu com destreza a escada estreita que dava na cama. Depois ajudou Pedro a carregar as cervejas até lá. Era realmente aconchegante aquele “buraco” próximo ao teto. Cheio de travesseiros, lençóis e cobertores. Um exagero. A tevê também não poderia estar mais bem localizada, na opinião de Ana. Pedro

ficou satisfeito por sua amada gostar do seu quarto. Contou que o quarto havia sido projetado por ele, quando ainda morava na cidade, antes de ir para Paris. Mas todo o resto era obra de Ricardo, seu irmão. Ana ficou curiosa, tanto a respeito da ida dele para Paris quanto da morte de Ricardo. Conteve-se. Mas Pedro estava disposto a contar para ela toda a sua vida, e contou.

Ainda antes de se formar em Medicina, Pedro entrou em crise existencial e profissional. Depois de tantos anos se dedicando ao curso, plantões e residência, começou a desconfiar que não queria ser médico.

– Mas, assim...? Depois de quase cinco anos?

– É, para você ver a gravidade da crise.

Certamente por ter entrado para a universidade muito cedo, e a exemplo do pai, quando chegou numa certa idade, ou maturidade, sentiu um desânimo por aquilo que tinha optado. Mas o que fazer? Largar tudo? Foi quando conheceu uma menina e se apaixonou completamente. Ela era exatamente tudo aquilo que os seus pais mais deploravam: revoltada, irônica e depressiva. Os ingredientes perfeitos para encantar o entediado Pedro. A moça era poetisa e, por causa disso, Pedro resolveu fazer Literatura. Os pais, diante de tal “calamidade”, prometeram um apartamento para o rapaz, caso ele não largasse a Medicina.

– Então, ela fez muito bem a você.

– Não muito, acredite.

Pedro se mudou para o apartamento, assim que o quarto ficou pronto. E era só isso: cama e uma geladeira. A garota, com o tempo, foi morar com ele. E daí foi só inferno: ela vigiava cada detalhe da sua vida, com um ciúme enlouquecedor. O curso de Letras era uma porcaria e os plantões tomavam-lhe quase todas as noites.

– Ela me acusava de mentiroso, que eu não ia para o hospital e, sim, me encontrar com outras mulheres. Coitada, ela era doente.

Até que um dia a garota cometeu uma loucura, para chamar a atenção de Pedro. Ele estava no hospital e ela tomou quarenta e

três calmantes. Antes, pediu uma ambulância, para que a levassem até o hospital público em que Pedro trabalhava.

– Foi uma imagem terrível. Nunca vou esquecer: ela com os lábios roxos e a pele gelada. Pensei que estava morta. Mas não, ela sobreviveu depois de uma lavagem estomacal.

Depois disso, era claro que Pedro não podia mais ficar com ela. Aguentou outros dois meses, até que ela se recuperasse. Pagou um terapeuta e, com delicadeza, tentou convencê-la de que era preciso que se separassem. Escolheu um dia, levou a moça até um restaurante numa praia distante e conversou com ela. Mostrou com clareza seus pontos de vista, enquanto ela apenas ficava olhando para a sua cara. Aí, ela se levantou e andou até a praia. Depois, se agachou e começou a comer areia, compulsivamente. Só parou quando foi carregada dali, nos braços de Pedro.

Ana ficou pensando a respeito do que levaria uma mulher a se agachar e comer areia. E quase entendeu a sensação de dor e abandono, que ela deve ter sentido e tentado apagar com algo pior. Quantas e quantas vezes, Ana tinha pedido para ter infecção de ouvido, ou coisa semelhante, apenas para tapear outra dor maior. Comer areia deve ter sido a mesma solução, adaptada às preferências da namorada de Pedro.

Enfim, depois de ter que recorrer à família da menina, Pedro conseguiu que ela saísse de sua casa. Mas não de sua vida. Três meses depois, ela apareceu dizendo estar grávida, e realmente estava. Pedro, influenciado pela família, não acreditou que fosse dele. E não teve a menor culpa, na época, em levá-la a um médico e pagar um aborto. Hoje, Pedro não tem tanta certeza se agiu de forma certa. Mas, anos atrás, assim pareceu mais adequado.

Foi aí que ficou resolvido que ele iria fazer pós-graduação na França. Era melhor para todos que Pedro não visse mais a namorada. E ele aceitou. O irmão mais novo foi morar no apartamento, pois era mais conveniente levar a sua vida longe dos pais. Ricardo era gay. Decorou o apartamento e quatro anos depois morreu de Aids.

## 21

É momento de decidir. Chato, não? É momento de Ana se levantar e ir até a faculdade, avaliar os estragos que fez. Bastante chato. Faz calor e ficar deitada ainda é a coisa mais fresca a se fazer. Mas não pode mais ficar ali, tem que tomar alguma atitude a respeito da sua vida. É isso que está tentando, tomar uma atitude, jogada na cama, desde que acordou. “Preciso tomar tenência. Que merda!” Se ao menos conseguisse um emprego. Mas só a ideia de ter que lidar com pessoas, falar, pedir, sorrir, e a vontade de trabalhar se derrete em sua mente feito gelo em cima da pia. “Preferia carregar sacos o dia inteiro, a ter que falar com alguém.” O que fazer, então? “Posso trabalhar como faxineira. Não vejo nenhum problema.”

Levanta, Ana! Ana está levantando. Passa pela porta aberta de um armário e se vê no espelho. Está bonita, mais magra, e esse novo cabelo caiu realmente bem, apesar de ela ter a cabeça um pouco pequena. Vai para o banheiro, tira a camiseta e a calcinha. Olha-se no espelho mais uma vez, agora com calma e má vontade. “Estou ficando velha.” Sim, está. Todos estão. Uns, melhor do que outros. Ana, apesar de todo o cansaço, se encaminha para um amadurecimento gentil à sua aparência. Ela entra no boxe. A água cai sobre o seu corpo, morna e amiga, como um lençol líquido. O desânimo vai sumindo, dando espaço a um certo alento. Foi bom ter revisto a mãe. Helena, percebendo as dificuldades da filha, deixou um cheque em cima da mesa da cozinha. Ana não o tinha visto e, quando encontrou, pensou em rasgá-lo, mas percebeu que seria tolice. Realmente as coisas não andam fáceis. Enquanto morava com Jaime, não tinha quase gasto algum. Ou até mesmo antes, pois morava num lugar menos agradável porém mais acessível. Agora, com a pendência da bolsa, não era hora de ter orgulho. Aquele cheque caiu como uma luva na situação. Ana termina o banho e se enxuga com animação. O telefone toca, é Jaime.

– Oi.

– Oi.

– Eu só estou ligando para avisar que chegou uma carta pra você, da faculdade.

– Merda!

– Quer que eu leia?

– Sim.

– “Ana para-parará-para...”

– O que é “Ana parará-parará”?

– Seu nome inteiro, número de matrícula, essas coisas. Quer que eu leia tudo?

– Não.

– Bom, aqui diz que sua situação foi regularizada e que sua licença acaba segunda-feira.

– Não! Não acredito! Eu tava indo pra lá agora, imaginando o pior.

– O que significa “situação regularizada”?

– Sei lá, e nem quero saber.

– Alguém deve ter te ajudado, Ana. Pelo que eu saiba, você estava fodida.

– É, deve ter sido um anjo. Foi você?

– Não.

– Sei lá, então. Como você está?

– Bem.

– Quer sair para almoçar?

– Não posso.

– Que pena.

– Ana... Eu estou namorando uma pessoa...

– Legal.

– Você não conhece...

– Então tá, Jaime. Era isso?

– Sim.

– Então um beijo. Tchau.

– Tchau.

Ana desligou o aparelho e se sentou no sofá. Duas notícias: conseguiu manter a sua bolsa e Jaime estava namorando. “Outro dia estava aqui, gemendo em cima de mim e chorando. Agora já está namorando. É deprimente.” Levanta e vai para o quarto. Ainda está nua, apenas enrolada na toalha. Deixa a toalha cair

no chão e para diante do espelho do armário. Olha para o seu corpo. Vira de costas e olha as nádegas, redondas e roliças. Vira de novo de frente, toca em seu púbis. Quase se excita, mas sente preguiça de se masturbar. “Eu queria ser uma puta devassa e dar para o primeiro homem que aparecesse na rua.” Tem sentido falta de sexo. Mas logo esquece isso. Veste outra camiseta velha e deita de novo na cama. “Hoje ainda é quinta. Tenho três dias antes de voltar às aulas. Foram umas férias e tanto.”

Pedro e Ana dormiram. Ela sonhou que era obrigada a ir para Seul. Numa viagem estranha, cheia de mistérios, que Ana não poderia negar de jeito nenhum. Acordou aborrecida. Não queria ir para Seul. Demorou mais alguns minutos, até que se tocasse que não teria que viajar. Tudo havia sido apenas um sonho. E, uma vez acordada, não tinha nada a fazer além de se vingar de Pedro. Passou a observá-lo. Não havia sofrido a mesma invasão? Então, sentou-se na beira da cama e ficou olhando o corpo e o rosto do homem dormindo. Ana não o achava bonito. Quer dizer, não realmente bonito. Talvez fosse o nariz. O nariz de Pedro é um pouco grande, com muita personalidade. E Ana acha que um nariz deve ser apenas um nariz. Se for belo, melhor, mas, senão, o ideal é que ele não represente nada. O rosto de Pedro, na opinião de Ana, não precisava daquele narigão. Lembrava um pouco o Steve Martin, com um nariz de plástico, interpretando Cyrano de Bergerac. Era isso: aquele nariz a impedia de desejar beijá-lo. Não sabia como desviar daquele “monumento”. “É muito viril. Um pau na cara. Fico assustada em imaginar o seu verdadeiro pênis.” Mas, fora o nariz, que atrapalhava todo o resto, Pedro era um homem atraente. Ou poderia ser, “caso sofresse uma pequena intervenção cirúrgica”. “Nossa, por que estou sendo tão má com ele? O cara está louco por mim. Custa eu ser mais generosa? Não seria a primeira vez em que eu daria, por pena.” Mas não era isso que desejava sentir por Pedro, pena. Não, não gostaria de guardá-lo na memória como um orgasmo simulado. Seria fácil demais e ele merecia mais. Merecia amor. E enquanto ele dormia, Ana – tentando não olhar para o nariz – se concentrava na ideia de amá-lo. Precisava de ajuda, e isso podia ser um grande impulso para o seu coração. Guiar o coração a fazer a coisa certa. Ana olhou para a boca de Pedro. Essa, sim, era bonita. Discreta, macia e viva. Podia beijá-la, meter a língua dentro dela e, se gostasse, talvez o amor viesse junto. Ana se preparou para cometer essa ousadia,

tão esperada por Pedro. Mas ele perdeu a oportunidade, acordando antes que Ana se aproximasse.

Era tarde. A cama estava mais aconchegante naquela altura, quando os corpos, mesmo descansados, estavam ressentidos. Ana deu a ideia de tomarem leite batido com chocolate. Pedro disse que não tinha nem uma coisa nem outra, na casa. Ana animou o ambiente, informando ter comprado, quando foi ao supermercado. A alegria foi real. Pedro teve vontade de gritar. Ana disse que deveria gritar. Pedro gritou. Ana gritou. Depois tomaram o leite batido e voltaram para a cama. Viram tevê até de madrugada. Quando acordaram, no dia seguinte, a tevê ainda estava acesa. E, então, era hora de Ana partir.

– Você me liga?

– Ligo. Quando você volta pra França?

– Depende. Minha vida também está em mudanças.

– É difícil, não é?

– Muito.

Despediram-se. Pedro queria que ela ficasse e Ana não queria ir, nem ficar.



Tocou a campainha da porta. Nada. Tocou novamente. Nada. Apertou a campainha e manteve o dedo alguns segundos, fazendo com que um barulho estridente soasse por todo o andar. Jaime abriu a porta, estava com uma péssima aparência.

– Por que demorou tanto?

– Estava dormindo.

– Você nunca teve o sono pesado.

– Eu tomei um sonífero, que Sérgio me deu.

– Que Sérgio?

– O que odeia teatro e foi casado com uma atriz.

Aquela conversa tinha um tom meio *nonsense*. Lá estava um casal, no meio de uma decisiva crise conjugal, falando com uma certa naturalidade, que parecia forçada, mas não era. Quando Jaime abriu a porta e Ana viu o seu rosto, depois o seu corpo e, por fim, o apartamento, sentiu-se em casa. Poderia esquecer tudo o que aconteceu e ir tomar um banho e depois fazer o

almoço. Ambos conseguiriam, tomados por uma certa esquizoidia, fingir estar tudo em seu lugar. “Tudo está em seu lugar, graças a Deus, graças a Deus.” O apartamento estava arrumado. Nada denunciava a festa que havia acontecido.

– Quem arrumou a casa?

– Antoine pagou uma faxineira, antes de partir.

– Até que ele não é tão ruim assim.

Os dois riram.

– Ele deixou um bilhete pra você. Está em cima da sua escrivaninha.

Ana foi até o quarto, Jaime a seguiu.

– Você não prefere conversar, antes de fazer qualquer coisa?

– Nós estamos conversando.

– Não sobre nós.

– Tudo bem. O que você quer saber?

– O que está passando por sua cabeça.

– Nada.

– Eu te conheço. Sei que você deve estar me odiando...

– Agora, menos.

– Eu não tenho o que dizer.

– Nem eu.

– Você ainda não quer conversar comigo?

– Não.

Ana se trancou no banheiro com o bilhete. E leu tudo, rápida e com interesse.

“Ana, uma pena a maneira que nos despedimos. Sei que você não gostou muito de mim. – De quem você gosta, afinal? – Venha me visitar um dia. Vou colocar na minha vitrola 1999 para você dançar. Um abraço. Antoine.”

Ana terminou de ler e começou a chorar. Compreendeu – não exatamente por causa do bilhete – que tinha que sair daquele apartamento. Tinha que acabar com aquela mentira toda, que partia mais dela, e por que ela sabia ser a responsável, mesmo tendo que acusar Jaime para conseguir ir embora. Saiu do banheiro e foi direto até o armário, buscar suas malas.

– O que é isso?

– Preciso ir embora daqui, Jaime.

- Não! Nós não podemos nos separar assim.
- Podemos... Eu posso.
- Você tem pra onde ir?
- Não... Vou para um hotel. Sei lá!
- Ana, pelo amor de Deus, me escuta: eu estava bêbado. Eu nunca tinha te traído antes.
- Todo mundo nunca traiu antes, até trair.

Jaime começou a chorar. E isso fez com que Ana ficasse com mais antipatia ainda por ele. Estava automática em sua rapidez, jogando as roupas dentro da mala de forma aleatória. Não poderia levar tudo e não tinha condições de escolher o que levar. Jaime olhava para a atitude da esposa e era invadido por um desespero sem fim.

- Eu não vou aguentar, Ana! Não faça isso comigo.
- Não piore as coisas... Eu não quero te magoar. Nem a você, nem a mim. Vamos deixar as coisas se acalmarem um pouco.
- Você vai pra onde?
- Eu já disse que não sei!

Ana largou as roupas e se sentou na cama. Começou a chorar. Não tinha para onde ir. Não naquela cidade estranha.

- Deixa eu ir embora, por favor.
- Implorou, aos prantos.
- Você vai para a casa do Pedro?
  - Esquece esse babaca, porra! Eu estou aqui, sofrendo... Eu só quero ficar longe! Por favor, me ajuda...

Diante da dor de Ana, Jaime acalmou a dele. Ficou realmente penalizado por ver o desespero da mulher. Queria ajudá-la. Notou que, de certa forma, ela estava pior do que ele. Ele poderia amar de novo, não que o desejasse naquele momento, mas sabia em seu íntimo que a vida dele era mais fácil.

- Você quer que eu saia?
- Não! Tudo aqui me faz mal.
- Quer ir para um hotel?
- Eu não tenho dinheiro...

Este fato, naquele instante, como em tantos outros, magoou Ana profundamente. Lembrou-se de sua família, que nunca havia feito nada para aliviar suas dores. Nem que fosse de forma

material. Naquele momento, a última preocupação que Ana poderia ter – no caso, não ter – era dinheiro. É como perder um irmão e, além da dor, não ter dinheiro para enterrar.

– Eu te dou o suficiente para você ficar num hotel, até você se sentir melhor e voltar.

Ele não estava entendendo. Ana queria ir embora, definitivamente. Para sempre. *Forever*. Assim como quase acreditou num amor para sempre. Era para sempre que queria estar longe dali. Todo aquele lugar remetia Ana ao seu fracasso. Ao romance que não escreveu. Ao tempo que gastou, imaginando a história. Agora, era hora de partir.

– Não sei...

– Não se preocupe... Você volta quando quiser... Você vai voltar, não vai?

Como aceitar o dinheiro e dizer que não voltaria nunca mais?

– Não sei, já disse que não sei... Não quero o seu dinheiro.

Não queria, mas precisava. E Ana sabia que, em tal situação, não poderia medir certo e errado. Mesmo porque, ela achava que Jaime não merecia toda essa consideração.

– Não tem problema. Eu te espero...

– Então eu aceito. Mas eu não garanto que...

– Não se preocupe, meu amor.

Ainda não era a hora de mais uma vez recolher todas as suas coisas, dentro de sacolas, bolsas, envelopes... Naquele dia, Ana saiu do apartamento de Jaime com apenas duas pequenas malas. Cheias de coisas que nem sabia quais eram. Teve somente o cuidado de apanhar três pastas de papel. Elas continham toda a sua obra. Seus poemas, suas anotações, rascunhos, pequenos contos e ensaios. Jaime não assistiu a essa cena. Deu o dinheiro para ela, chamou um táxi e saiu de casa. Fez o melhor que podia. Essa poderia ser a qualificação de sua performance como marido de Ana: “fez o melhor que podia”.



Para poder alugar um apartamento, Ana teve que recorrer mais uma vez à mãe. Não era coisa fácil de fazer, preferia jamais precisar novamente de Helena, mas não tinha outro jeito. Helena,

depois de escutar em silêncio a filha explicando que havia se separado, disse que ia depositar um dinheiro na conta dela. Quando desligou o telefone, Ana se sentiu um caco. Estava há quatro dias no hotel e não poderia mais manter as esperanças de Jaime. Nem sentia vontade de vê-lo. A cena que presenciou, a maneira que ele segurava a cabeça da mulher, enquanto ela beijava o seu pênis, deixou um certo nojo em sua boca. Que, na verdade, sempre inicialmente sente, quando faz sexo oral em algum homem. Pensa naquele pau como algo sujo de outras vaginas. Mas acaba por engolir essa fatalidade, pois não tem nenhuma pretensão de beijar pênis de crianças virgens e, fora isso, gosta desta ação.

Era o quarto dia que passava naquele hotel e o momento de acelerar sua retirada. Sentiu-se realmente muito mal depois do telefonema. Não somente por ter que pedir dinheiro à mãe, uma vez que fazia isso muito raramente, mas também por ter que pedir ajuda à faculdade. Era inevitável que tivesse que explicar os motivos de seu pedido. Não teria outra maneira de alugar um apartamento, sem que a Fundação assinasse como fiadora. E dentre todas as dificuldades práticas que teve que enfrentar com a sua separação, essa foi a pior. Prestar contas do seu casamento fracassado, ter suas provas vasculhadas, as listas de presença recontadas, tudo para que pudesse sair dali e ver alguns apartamentos simples, para morar. Era isso: queria simplesmente um lugar para deitar e dormir. Onde pudesse colocar as suas coisinhas. Sem ambições, sem ideais, sem nada. Entraria no apartamento, carregando consigo apenas as suas coisas e uma vontade enorme de descansar.



Depois de receber uma carta de Ana e um cheque, devolvendo o dinheiro do hotel, Jaime teve que assumir que ela havia ido embora. Para isso, precisou ler e reler a carta. E, enfim, tomou consciência de que a tinha perdido. Mas não que devia desistir de reconquistá-la.

Uma das coisas mais difíceis, para o Homem, é ele se dar conta de que não é mais amado. Um tipo estranho de amor-

próprio o estimula a crer que tudo aquilo não passa de um grande mal-entendido. “Ela vai cair na real e ver que esse ódio vai passar. Porque ela ainda me ama. É só a poeira assentar. Ela não pode viver sem mim.” Quando o tempo vai passando, ele começa a perceber que, sim, ela pode viver sem ele. Ela quer viver sem ele. Ela não o ama mais. Esse é um processo comum, entre homens e mulheres, fazendo os dois, num rápido momento, alcançarem um tipo de igualdade qualquer. Todo mundo já passou por decepções amorosas. E de nada adianta saber disso, enquanto se está sofrendo. A dor sentida parece ser a única no Universo. E a dor vai se transformando em ódio, e em vontade de vingança, mas, a qualquer deslize, poderá voltar a ser simplesmente amor. Novamente amor, nada mais que amor. Amor. Amor. Amor. Amor. Amor...

## 23

Estar sentada, outra vez, naquela carteira, é ao mesmo tempo reconfortante e terrível. Ana está de novo “atenta” ao professor. No caderno, ela rabisca algumas coisas e anota outras. Ter comprado um caderno e uma caneta novos, essa foi uma boa coisa que fez. Não há nada mais gostoso que voltar às aulas com apetrechos inteiramente novos. Estimula. Depois, quando as folhas do caderno vão sendo tomadas, e a capa vai ficando encardida e rabiscada, o estímulo é desafiado pelas forças da desistência. Mas Ana ainda não se encontra nesse estágio. Ainda não. E irá concluir esse curso. Transportada num difícil percurso, entre novos e velhos cadernos, estímulo e desencanto.

## 24

Jaime releu a carta. E no dia que se seguiu, mais uma vez releu. Encontrou tanta beleza naquelas palavras, que não se assemelhavam a uma carta e, sim, a uma página de um livro lindo, que Ana deveria ter escrito ou um dia irá escrever. Obra de uma escritora que poderá, ou não, vir a descobrir sua verdade.



“10 de fevereiro de 1995

Jaime,

Sou uma pessoa solitária. Mesmo acompanhada, sinto-me só. É minha natureza, não sei que espírito ruim me possui, ou quais os males que estou pagando, só sei que não consigo viver feliz. E nem mais quero, pois sinto-me totalmente despreparada e sem talento para a paz. O que tenho é tédio, tédio de tudo e tudo mais. Quero dormir, mas não consigo. Quero levantar-me e andar léguas, mas um sono incontrolável se apodera de mim. Sou assim. Uma pessoa que, por algum motivo misterioso, aprendeu a sofrer e, gostando ou não, viverá sempre assim: sofrendo. Nenhum motivo mais será necessário, nenhuma dor, nenhuma perda. Apenas o dormir ou não dormir, o acordar e o nada a fazer, além de ficar na cama pensando sobre os meus pés e os pés de toda a humanidade. Eu, que nenhum talento possuo, que passarei pela vida sem ter cometido uma grande obra. Sem ser herói ou assassino. Passarei pelo mundo como os milhões que já passaram, os bilhões, trilhões de desconhecidos que não tiveram nada para deixar pro futuro. Milhares de rostos na sombra, no limbo. Cada qual dependendo de filhos, netos, bisnetos e tudo o mais, para serem lembrados. Porém a memória da vida de um homem médio não dura mais que três ou quatro gerações. Algumas pessoas são imediatamente esquecidas quando partem.

Partem para onde? Para onde eu irei quando morrer? Os que têm filhos vão para os porta-retratos. Viram mártires, porque os mortos são santos. Os mortos que têm família tornam-se flores num jarro. Retratos pintados à mão. Tornam-se algumas histórias

engraçadas ou comoventes. Os mortos são Dia de Finados, dia de aniversário, Natal e nada mais. Mas já é alguma coisa. Mesmo que isso seja tudo o que uma pessoa ganha por ter vivido setenta anos ou mais, é alguma coisa. E para mim, o que sobrar de minha existência quando ela não mais existir? Isso! Não mais existirá. Nada. Nenhum filho ingrato a curar suas culpas, indo colocar flores no jarro sobre a minha lápide. Nenhum amor sofrendo, pela lembrança de minha juventude. Nem amigos contando histórias sobre porres inesquecíveis. Nada. Um dia encontrarão algumas fotos e cartões-postais numa caixa de madeira velha. Encontrarão restos de mim, em papel e anotações. Talvez um corretor imobiliário encontre minhas lembranças todas, dentro de uma caixa velha de papelão. Um dia, talvez uma jovem curiosa, mexendo em papéis velhos numa feira de antiguidades, encontre fotos minhas. Eu, com minha prepotência e alma de escritor. Que nunca escrevi uma só linha que prestasse. Ali, na caixa de madeira ou papelão. Fotos de uma mulher que nunca quis ter filhos e não os teve. Fotos de uma mulher que não cultivou amigos, nem amantes eternos.

Rasgarei todas as minhas fotos quando sentir a morte chegar. Peço a algum Deus, caso exista e esteja me escutando: avise-me quando a morte estiver em meu encalço! Não serei eterna como aqueles que fizeram algo estrondoso. Não sou Proust, não sou Hitler, não sou nem mesmo o papagaio do Pirata da Perna de Pau. Sou Ana Delfina Amaral. Uma mulher que tem o nome nobre e talvez a alma também. Não tive pai para amar, tive mãe para odiar e algumas paixões. Sou Ana e pretendo rasgar as minhas fotos antes de morrer.

Desculpa,  
Ana.”



FERNANDA YOUNG é escritora, poeta, roteirista e apresentadora de televisão. Tem vários livros publicados, entre eles *Dores do amor romântico*, de poesia, e os romances *Vergonha dos pés*, *O efeito Urano*, *Aritmética*, *Cartas para alguém bem perto* e *O pau*. Escreveu e atuou no monólogo *A ideia*. Como roteirista de televisão, escreveu os seriados *Os Normais*, adaptado para o cinema, *Os Aspones* e *Separação*, entre outros. Apresentou os programas *Saia Justa* e *Irritando Fernanda Young*, marcos na TV por assinatura.

# Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[A Autora](#)